

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS**

DARLA GONÇALVES MONTEIRO DA SILVA

**O AMOR EM LUCRÉCIO E VIRGÍLIO:**  
UM ESTUDO COMPARADO ENTRE O INÍCIO DO LIVRO I E  
TRECHOS DO LIVRO IV DO *DE RERUM NATURA* E AS *GEÓRGICAS*

III

Belo Horizonte

2016

Darla Gonçalves Monteiro da Silva

**O AMOR EM LUCRÉCIO E VIRGÍLIO:** Um estudo comparado entre o início do Livro I e trechos do Livro IV do *De Rerum Natura* e as *Geórgicas III*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (Estudos Clássicos) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários (Estudos Clássicos).

Orientador: Prof. Doutor Matheus Trevizam

Belo Horizonte

2016

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

L942d.Ys-a Silva, Darla Gonçalves Monteiro da .  
O amor em Lucrécio e Virgílio [manuscrito] : um estudo comparado entre o início do Livro I e trechos do Livro IV do *De Rerum Natura* e as *Geórgicas* III / Darla Gonçalves Monteiro da. – 2016.  
182 f., enc.

Orientador: Matheus Trevizam.

Área de concentração: Literaturas Clássicas e Medievais.

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 176 -182.

1. Lucrécio. – *De Rerum Natura* – Crítica e interpretação – Teses. 2. Virgílio. – *Geórgicas* – Crítica e interpretação – Teses. 3. Poesia didática – Teses. 4. Amor na literatura – Teses. Trevizam, Mateus. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 871.1



Dissertação intitulada *O amor em Lucrecio e Virgílio: um estudo comparado entre o início do Livro I e trechos do Livro IV do "De Rerum Natura" e as "Geórgicas" III*, de autoria da Mestranda DARLA GONÇALVES MONTEIRO DA SILVA, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

**Área de Concentração:** Literaturas Clássicas e Medievais/Mestrado

**Linha de Pesquisa:** Literatura, História e Memória Cultural

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Matheus Trevizam - FALE/UFMG - Orientador

Profa. Dra. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa - FALE/UFMG

Profa. Dra. Heloísa Maria Moraes Moreira Penna - FALE/UFMG

Prof. Dra. Graciela Inés Ravetti de Gómez  
Diretora da Faculdade de Letras da UFMG

Prof.ª Graciela Inés Ravetti de Gómez  
Diretora da Faculdade de Letras/UFMG  
Portaria n.º 2172 de 15/04/2014

Belo Horizonte, 22 de janeiro de 2016.

# DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação aos meus pais e irmãos.

Dedico aos meus (poucos) amigos interessados no assunto, e aos desinteressados também.

Dedico ao meu paciente orientador, Prof. Matheus Trevizam.

Dedico à Yasmin.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que contribuíram para a realização deste trabalho: aos meus irmãos e à minha mãe, que sempre tiveram mais fé em mim do que eu mesma; ao prof. Matheus, pelas aulas, pela orientação criteriosa, pela disponibilidade e, principalmente, pela compreensão implícita com meus atrasos infundáveis; à Marina, pela ajuda com o grego; ao Rafael, pelo livro de ouro da biblioteca alemã; ao meu chefe Aguinaldo, por não se importar (muito) com minhas leituras durante o expediente; aos professores de Latim da graduação – Antônio, Heloísa, Mônica e Sandra –, que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que eu chegasse até aqui; à Yasmin, pelo amor, pelo apoio, pela paciência e, especialmente, pela *gleba*.

## RESUMO

Este trabalho propõe demonstrar o tratamento do *amor* em duas obras agrupadas sob a tipologia da poesia didática, o *De Rerum Natura* de Lucrecio e as *Geórgicas* III de Virgílio. Especificamente, os objetos de estudo são o Livro IV do *De Rerum Natura* (notadamente os versos 1030-1287) e o Livro III das *Geórgicas* (notadamente os versos 209-283). O trabalho também aponta menções relevantes a trechos dos outros livros do *De Rerum Natura* e das *Geórgicas*, a fim de expor uma visão mais abrangente, ainda que breve, do tema *amor* na obra completa de Lucrecio e em todo o livro de Virgílio. Além disso, este estudo apresenta uma tradução do Livro IV do *De Rerum Natura*.

## ABSTRACT

This work aims to demonstrate the treatment of *amor* in two works grouped by a typology of the didactic poetry, Lucretius' *De Rerum Natura* and Virgil's *Georgics III*. Specifically, the objects of study are the *De Rerum Natura*'s Book IV (notably verses 1030-1287) and the *Georgics*' Book III (notably verses 209-283). The work also indicates relevant mentions of stretches of *De Rerum Natura*'s and *Georgics*' other books, in order to expose a more embracing vision, though brief, of the *amor* theme in the whole work of Lucretius and in the entire Virgil's book. Furthermore, this study presents a translation of *De Rerum Natura*'s Book IV.

# SUMÁRIO

<b>I - CONSIDERAÇÕES INICIAIS: A POESIA DIDÁTICA, O <i>DE RERUM NATURA</i> E AS <i>GEÓRGICAS</i></b> .....	9
I. 1. Considerações Gerais .....	9
I. 2. A Poesia Didática .....	10
I. 3. <i>De Rerum Natura</i> e as <i>Geórgicas</i> : Mais Aspectos Comuns.....	25
<b>II - HINO A VÊNUS: ELOGIO AO AMOR?</b> .....	30
II.1. Hino a Vênus e o Livro IV .....	39
<b>III - O AMOR DESTRUTIVO EM LUCRÉCIO E VIRGÍLIO</b> .....	47
III. 1. Lucrécio e Epicuro .....	47
III. 2. O Amor no Livro IV do <i>De Rerum Natura</i> .....	54
III. 3. As <i>Geórgicas</i> e o <i>De Rerum Natura</i> .....	71
<b>IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	87
<b>V. TRADUÇÃO DO LIVRO IV DO <i>DE RERUM NATURA</i></b> .....	89
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	176

## I - CONSIDERAÇÕES INICIAIS: A POESIA DIDÁTICA, O *DE RERUM NATURA* E AS *GEÓRGICAS*

### I. 1. Considerações Gerais

Estudar uma obra pertencente à literatura da época clássica inevitavelmente conduz a uma busca por aquilo que os “críticos” antigos pudessem ter dito sobre ela, o que nos leva à verificação da existência de tratados e de comentários que abordem as características do texto. No entanto, quando as obras sobre as quais estudamos classificam-se como poesia didática – falamos aqui do *De Rerum Natura* de Lucrecio e das *Geórgicas* de Virgílio –, descobrimos que os mais renomados literatos antigos sequer mencionam o didatismo, ainda que, de fato, tenham dedicado seus esforços à busca de uma definição para poesia. Assim sendo, antes que possamos trabalhar os textos comparativamente, buscando recolher evidências que comprovem a presença de aspectos da obra lucreciana na composição de Virgílio, torna-se essencial corroborar a inclusão de ambas as obras em um grupo análogo: a poesia didática. Para tanto, inicialmente apresentaremos um breve apanhado do que nos diz a crítica antiga sobre a poesia, recolhendo, em seguida, nas fontes modernas, o que nos foi delimitado pela crítica clássica. Com essas fontes, elucidaremos o que cremos ser poesia e definiremos o que é um texto didático, demonstrando experimentalmente como as supracitadas obras de Lucrecio e de Virgílio se encaixam nessa tipologia ao traçar as principais características do didatismo a partir de exemplos retirados de ambas. Em seguida, abordaremos outros aspectos que ressaltam as semelhanças que os textos possuem entre si. Faremos isso no primeiro capítulo e prosseguiremos, no Capítulo II, com o estudo do “Hino a Vênus” – Livro I do *DRN* –, a fim de expor como a deusa aparece no início da obra de Lucrecio e como o poeta a apresenta nos livros seguintes, tentando evidenciar o caráter amoroso desencadeado por ela. O Capítulo III, por sua vez, tratará da comparação entre a ideia do *amor* exposta especificamente em *DRN* IV, 1030-1287 e em *Geórgicas* III, 209-283, abordando suas semelhanças e diferenças, até chegarmos às nossas conclusões, matéria do Capítulo final.

Ao final do trabalho, apresentaremos nossa proposta de tradução para o Livro IV do *De Rerum Natura*. Apesar de trabalharmos também com um trecho do Livro I – o “Hino a Vênus” – e com uma parte das *Geórgicas* III, não consideramos necessárias suas traduções sistemáticas, privilegiando o Livro IV por ser um texto de difícil acesso e

compreensão e por possuir apenas uma tradução integral para o português, publicada em 1973.<sup>1</sup> Assim, julgamos que uma nova tradução de Lucrecio em português brasileiro seja indispensável para o desenvolvimento de uma pesquisa atual sobre o tema, tendo em vista que a tradução de Agostinho da Silva já possui mais de quatro décadas e, portanto, não pôde valer-se de contribuições filológicas – comentários, compêndios e teses de renomados especialistas<sup>2</sup> – às quais agora temos acesso. Além disso, como nos propomos a traduzir o Livro IV do *De Rerum Natura* em versos livres<sup>3</sup> que procurem, na medida do possível, conter as “mesmas” características lucrecianas, tanto sintáticas quanto imagéticas e vocabulares, propiciaremos ao público interessado a apreensão de uma parte considerável dos recursos de escrita presentes no original, além da contínua oportunidade, para os leitores lusófonos do latim, de cotejar verso a verso com o poema latino nossas próprias soluções tradutórias. Dessa forma, traços da formalização do original romano, tais como a presença de expressões repetidas ou enfáticas, a manutenção de imagens metafóricas, algo da sintaxe e do arranjo vocabular empregado pelo poeta, também encontrarão, esperamos, paralelos em nosso trabalho tradutório, contribuindo, então, para intensificar a aproximação do leitor moderno diante do texto antigo.<sup>4</sup> Ainda que o “Hino a Vênus” também contenha as mesmas características poéticas, preferimos não apresentar uma completa versão nossa, a fim de manter a unidade e coerência do trabalho. Servir-nos-emos apenas dos versos específicos, tanto desse Livro I de Lucrecio quanto do Livro III da obra de Virgílio, cujo tema seja imprescindível para ilustrar nossa pesquisa.

## I. 2. A Poesia Didática

---

<sup>1</sup> Tradução de Agostinho da Silva, publicada pela Abril Cultural no volume V de sua coleção “*Os Pensadores*”, em 1973, juntamente com textos traduzidos de Epicuro, Cícero, Sêneca e Marco Aurélio.

<sup>2</sup> Destacamos como exemplo a especialidade profunda do comentário de BROWN, 1987, abundante e erudito, ainda que apenas concentrado em uma parte menor do Livro IV, e que servirá de base ao desenvolvimento de nosso trabalho; ainda, as obras de Monica Gale – algumas das quais citadas na bibliografia –, especificamente voltadas, com riqueza bibliográfica, para a análise de Lucrecio, ou de Lucrecio e Virgílio *juntos*.

<sup>3</sup> Consideramos para “versos livres” a definição dada por GOLDSTEIN, 1995, p. 36-37: “Os versos livres não obedecem a nenhuma regra preestabelecida quanto ao metro, à posição das sílabas fortes, nem à presença ou regularidade de rimas”.

<sup>4</sup> Sobre a importância da transposição de aspectos formais quando se traduz, veja-se, entre outros teóricos possíveis, Paulo Henriques Britto, que afirma: “No poema, como já observei, todos os aspectos [da linguagem] são potencialmente de igual importância, e a poeticidade do texto muitas vezes depende mais de aspectos formais do que do sentido das palavras” (BRITTO, 2012, p. 122). Ressaltamos, porém, que não nos proporemos a fazer um trabalho de verdadeira tradução poética ao verter Lucrecio para o português pois isso fugiria aos limites e interesses centrais da atual pesquisa.

Provavelmente escrito no século IV a.C., *A Poética* de Aristóteles<sup>5</sup> é o primeiro livro conhecido que busca especificamente analisar o funcionamento da literatura, tendo sido extensamente utilizada no Renascimento para difundir uma espécie de “doutrina aristotélica”<sup>6</sup> sobre a produção literária, devido à sua importância crítica. Diante disso, debruçando-nos sobre *A Poética*, vemos que a poesia é definida por obras escritas em versos que apresentam imitação – mimesis – “de pessoas em ação”.<sup>7</sup> Nesse grupo, incluem-se, entre outros, Homero, que se utilizou da narrativa e do discurso direto ao expressar a imitação de ações de homens elevados, e também o tragediógrafo Sófocles e o comediógrafo Aristófanes, que mostraram a mimesis através da própria ação dos personagens. Ora, a poesia didática, *grosso modo*, não se encaixa na definição acima, tendo em vista que sua principal meta – instruir seu leitor – não se utiliza, em princípio, de mimesis para ser atingida; logo, suas características não poderiam ter sido contempladas pelo filósofo grego. De fato, Aristóteles afirma que, além do metro utilizado, nada há de semelhante entre Homero e Empédocles,<sup>8</sup> nomeando poeta aquele e este, naturalista.<sup>9</sup>

Abordamos, em seguida, a *Epístola aos Pisões*, de Horácio<sup>10</sup> também conhecida como *Arte Poética*. Nessa obra, diferentemente da interpretação da poesia como imitação, o autor romano diz que “os poetas querem ou deleitar ou ser úteis”.<sup>11</sup> Ora, nessa passagem, o didatismo poderia, efetivamente, firmar-se como poesia através de sua intenção instrutiva. Lucrécio, por exemplo, demonstra a utilidade de sua obra ao explicar como os homens podem atingir a *ataraxia*, a tranquilidade do espírito, quando se veem livres dos temores à morte e aos deuses.<sup>12</sup> Com os ensinamentos transmitidos pelo poeta, os homens tomariam conhecimento da natureza material do mundo, da alma

<sup>5</sup> Filósofo grego, aluno de Platão. (384 a.C. - 322 a.C.)

<sup>6</sup> Cf. BRANDÃO (*apud* ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO, 2005, p. 2).

<sup>7</sup> ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO, 2005, p. 20. Todas as traduções dessa obra são de Jaime Bruna. Cf. ARISTOTLE; LONGINUS; DEMETRIUS, 1995, p. 32: *ἐπεὶ δὲ μιμοῦνται οἱ μιμούμενοι πράττοντας.*

<sup>8</sup> Empédocles (490 a. C – 430 a.C) foi um filósofo grego e, tendo sido muito elogiado por Lucrécio, teria sido um modelo para ele na composição do *De Rerum Natura*. Cf. DRN I, 716-733.

<sup>9</sup> ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO, 2005, p. 20. Cf. ARISTOTLE; LONGINUS; DEMETRIUS, 1995, p. 30-32: *οὐδὲν δὲ κοινόν ἐστιν Ὀμήρω καὶ Ἐμπεδοκλεῖ πλὴν τὸ μέτρον, διὸ τὸν μὲν ποιητὴν δίκαιον καλεῖν, τὸν δὲ φυσιολόγον μᾶλλον ἢ ποιητὴν.*

<sup>10</sup> Quinto Horácio Flaco (65 a.C. - 8 a.C.), poeta romano.

<sup>11</sup> *Epistula ad Pisones*, 333: *aut prodesset uolunt aut delectare poetae,*

<sup>12</sup> Em seu *De Rerum Natura*, Lucrécio dissemina a principal proposta epicurista: a busca pelo prazer como o ápice da felicidade humana, prazer esse que “é ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma”, a *aponia* e *ataraxia*, respectivamente. Cf. EPICURO, 2002, p. 42-43: *ἀλλὰ τὸ μήτε ἀλγεῖν κατὰ σῶμα μήτε ταράττεσθαι κατὰ ψυχὴν.* Todas as traduções dessa obra são de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore.

e dos fenômenos celestes e terrestres, possibilitando-lhes, assim, que vivessem sem receios de punições divinas durante a vida e mesmo após a morte.

Na obra de Quintiliano,<sup>13</sup> a *Institutio oratoria*, a definição do gênero ao qual a poesia pertence é feita por meio do metro utilizado na composição da obra.<sup>14</sup> Assim, os poetas que empregaram o verso heroico (o hexâmetro datílico)<sup>15</sup> são chamados pelo mestre de oratória de épicos,<sup>16</sup> independentemente do tema tratado. Dessa forma, Homero aparece no mesmo grupo<sup>17</sup> que Hesíodo,<sup>18</sup> Arato<sup>19</sup> e Nicandro,<sup>20</sup> por exemplo. Mais adiante, Quintiliano trata dos autores romanos e insere Lucrécio no mesmo grupo<sup>21</sup> que Virgílio e Ênio, os dois grandes poetas épicos romanos.

Tal como os dois “críticos” apresentados anteriormente, Aristóteles e Horácio, Quintiliano não analisa as demais características dos gêneros poéticos – fato compreensível, já que a intenção de sua obra não é esta. É interessante notar, também, que todos eles consideravam três aspectos principais em suas tentativas de definição de gêneros: o primeiro, e mais importante, é o metro utilizado. O segundo, o assunto tratado pelo poeta. O terceiro, por fim, é a presença de um fundador do gênero, em cuja obra os dois traços anteriores se encontrariam.<sup>22</sup>

<sup>13</sup> Marco Fábio Quintiliano (35 d.C. – 95 d.C.), autor da *Institutio oratoria*, uma obra sobre retórica composta de doze volumes.

<sup>14</sup> Quintiliano apresenta os poetas gregos e romanos, respectivamente, na seguinte ordem: épicos, elegíacos, líricos e dramáticos. Cf. *Institutio oratoria* X, 1, 46-72 e 85-100.

<sup>15</sup> O hexâmetro datílico é formado de seis pés dátilos (– ∪ ∪) que podem ser substituídos por seus equivalentes espondeus (– –), exceto no quinto pé.

<sup>16</sup> Cf. *Institutio oratoria*, X, 1, 51.

<sup>17</sup> Cf. *Institutio oratoria*, X, 1, 46-56.

<sup>18</sup> Hesíodo (séc VIII a.C.), autor de *Teogonia* e *Trabalhos e Dias*, e considerado o fundador do didatismo devido a essa última obra.

<sup>19</sup> Arato (fim do séc. IV - início do séc. III a.C.), autor de um poema didático sobre astronomia, *Fenômenos*.

<sup>20</sup> Nicandro de Cólofon (séc. II a.C.), autor dos poemas didáticos *Theriaca* e *Alexipharmaka*.

<sup>21</sup> Cf. *Institutio oratoria*, X, 1, 85-88.

<sup>22</sup> Segundo Aristóteles, “de nenhum autor anterior a Homero podemos citar uma obra desse gênero” (uma obra mimética, de representação das ações dos homens, tanto nobres quanto simples). ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO, 2005, p. 22. Cf. ARISTÓTELES; LONGINUS; DEMETRIUS, 1995, p. 38: τῶν μὲν οὖν πρὸ Ὁμήρου οὐδενὸς ἔχομεν εἰπεῖν τοιοῦτον ποίημα; Homero utilizou “pela primeira vez e cabalmente” (Cf. ARISTÓTELES; LONGINUS; DEMETRIUS, 1995, p. 118: Ὁμηρος κέχρηται καὶ πρῶτος καὶ ἰκανῶς) os componentes da epopeia – “ela requer, com efeito, peripécias, reconhecimentos e desgraças” (Cf. ARISTÓTELES; LONGINUS; DEMETRIUS, 1995, p. 118: καὶ γὰρ περιπετειῶν δεῖ καὶ ἀναγνωρίσεων καὶ παθημάτων) –; foi Homero “quem ensinou aos outros poetas a maneira certa de iludir” (Cf. ARISTÓTELES; LONGINUS; DEMETRIUS, 1995, p. 122: δεδίδαχεν δὲ μάλιστα Ὁμηρος καὶ τοὺς ἄλλους ψευδῆ λέγειν ὡς δεῖ.). (Cf. ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO, 2005, p. 46-47.) (Trad. Jaime Bruna). Horácio, por sua vez, afirma que Homero “mostrou em qual metro os feitos dos reis e dos generais poderiam ser escritos” (Cf. *Res gestae regumque ducumque et tristia bella / quo scribi possent numero, monstravit Homerus. Epistola ad Pisones*, 73-74. Trad. nossa). Quintiliano aparenta ser menos sucinto que Horácio: na *Institutio oratoria*, X, 46, ele afirma que deve começar por Homero sua explanação quanto aos autores que devem ser lidos, ressaltando que “ele próprio como que deu origem e serviu de exemplo a todas as partes da eloquência”. Nos trechos 47 e 49 do mesmo livro, Quintiliano cita

Autores menos estudados, por sua vez, trataram a poesia de modo mais abrangente. É o caso do *Tractatus Coislinianus*, obra de data incerta e de autoria indefinida,<sup>23</sup> que divide a poesia não mimética entre narrativa e didática – a qual, por sua vez, ramifica-se em instrutiva e teórica –, porém não traz exemplos de poesia didática.<sup>24</sup> Há, ainda, a obra *Ars Grammatica*, de Diomedes (séc. IV d.C.), em que ele se utiliza da divisão tripartida do modo narrativo de Platão, distinguindo três gêneros de poesia de acordo com a forma adotada pelo poeta.<sup>25</sup> De acordo com Diomedes, a poesia pode ser mista, abrangendo a épica e a lírica; mimética, sem nenhuma interferência do autor – nesse grupo, estão a tragédia, a comédia e o mimo, por exemplo –; e a narrativa, em que predomina o discurso indireto, com a fala do autor e sem interferência das personagens. Esse último tipo, por sua vez, divide-se em três subgrupos: *angelitice*, ou poesia gnômica, sentenciosa, *historice*, uma história escrita em versos, e *didascalice*, a tipologia didática, descrita como aquela em que se encontram a filosofia de Empédocles e Lucrécio, assim como a astronomia presente nos *Phaenomena* de Arato, e também as *Geórgicas* de Virgílio.<sup>26</sup>

Tendo alocado, por conseguinte, o didatismo no rol poético, de acordo com Horácio, Quintiliano, Diomedes e o escritor do *Tractatus Coislinianus*, resta apresentar os demais traços que o definem, o que será feito, como já mencionamos, através da crítica moderna. Elencamos três críticos – Katharina Volk, Peter Toohey e Monica Gale – que propuseram diferentes características do texto didático e, assim, nomearam distintamente a tipologia na qual ele se encaixa: Volk defende a existência de um gênero didático, Toohey e Gale, por sua vez, parecem acreditar que se trata apenas de uma espécie do gênero épico.

Primeiramente, consideremos as observações feitas por Katharina Volk,<sup>27</sup> que expõe quatro propriedades para o didatismo: 1) uma explícita intenção didática, um texto com finalidade instrutiva, que pode ser mais ou menos proeminente; 2) constelação professor-aluno, uma relação entre o instrutor e o receptor dos

---

os temas tratados por Homero na *Ilíada*, identificando, assim, o assunto épico. Por fim, no trecho 51, há a menção ao gênero literário no qual Homero se insere, a épica: “Com certeza ele deixou todos para trás, indubitavelmente longe de si em todo gênero de eloquência, principalmente os poetas épicos, já que é só dureza a comparação, considerando-se que trataram de matéria semelhante”. Cf. REZENDE, 2010, p. 200-202.

<sup>23</sup> Segundo Volk (2002, p. 32), o *Tractatus Coislinianus* é usualmente visto como um tratado peripatético da era helenística, cujo autor poderia ter sido Teofrasto (séc. IV a.C.) ou Andronico de Rodas (séc. I a.C.).

<sup>24</sup> GALE, 1994, p. 100.

<sup>25</sup> VOLK, 2002, p. 31.

<sup>26</sup> VOLK, 2002, p. 31-32.

<sup>27</sup> VOLK, 2002, p. 36-39.

ensinamentos; 3) autoconsciência poética, um texto que enfatiza sua condição de poesia através de sua própria construção; e 4) simultaneidade poética, uma ilusão de que o poema está sendo construído no momento da leitura (ou escuta). Através dessas características, Volk propôs chamar esse “gênero” de *poesia didática*.

Peter Toohey,<sup>28</sup> por sua vez, apresenta cinco traços distintivos do que ele chama de *épica didática*: 1) uma única e reconhecível voz do instrutor do tópico apresentado;<sup>29</sup> 2) a presença, ainda que implícita, do aluno; 3) a instrução de uma teoria “científica”, um ensinamento moral, religioso ou filosófico, técnicas agrícolas, enfim, conhecimentos dos quais a voz do instrutor se apresenta detentor; 4) a presença de “painéis ilustrativos”, contos geralmente mitológicos, que servem como uma história explanatória ou instrutiva; e 5) a presença do metro hexâmetro.

Notamos, primeiramente, a semelhança de alguns traços apresentados por ambos: o primeiro tópico de Volk e o terceiro de Toohey – isto é, a explícita intenção didática e a instrução de uma teoria “científica” – podem conjugar-se devido ao ponto comum da intenção de instruir. Expomos, abaixo, trechos do *De Rerum Natura* e das *Geórgicas*, a fim de melhor evidenciar o que aqui propomos:

a) Vou começar a **expor-te** a essência do céu e dos deuses, e **revelar-te-ei** os princípios das coisas, donde as cria a natureza e as faz crescer e as alimenta, e para onde de novo as leva a mesma natureza, já exaustas; a estes princípios, na exposição da doutrina, damos nós habitualmente o nome de matéria, de corpos geradores e de sementes das coisas; e até lhes chamamos corpos primordiais, porque deles, como princípio, tudo surge. (*De Rerum Natura*, Livro I, Coleção *Os Pensadores*. Grifo nosso.)<sup>30</sup>

b) Mas, como já **ensinei** que os elementos da matéria são plenos e voam invictos através do tempo eterno, **vamos** agora **verificar** se tem ou não limite a sua soma; e **veremos** também se o vazio que descobrimos, isto é,

<sup>28</sup> TOOHEY, 1996, p. 4.

<sup>29</sup> A presença de apenas uma única voz é imprescindível, pois é o que distingue a poesia didática de outros gêneros que habitualmente contêm várias vozes – o diálogo, por exemplo.

<sup>30</sup> *DRN I, 54-61: Nam tibi de summa caeli ratione deumque / disserere incipiam et rerum primordia pandam, / unde omnis natura creet res auctet alatque, / quoue eadem rursum natura perempta resoluat, / quae nos materiem et genitalia corpora rebus / reddunda in ratione uocare, et semina rerum / appellare suemus, et haec eadem usurpare / corpora prima, quod ex illis sunt omnia primis.* (As traduções do livro IV do *De Rerum Natura* apresentadas aqui são nossas. As traduções dos demais livros do *De Rerum Natura* são de Agostinho da Silva; as dos livros III e IV das *Geórgicas*, de Raul José Sozim.)

o lugar, o espaço, em que tudo se passa, aparece como um todo limitado ou se abre, profundo, imenso, vasto. (*De Rerum Natura*, Livro I, Coleção *Os Pensadores*. Grifo nosso.)<sup>31</sup>

c) O que torna as searas alegres, por qual astro volver a terra, Mecenas, (...) agora começarei a cantar. (...)<sup>32</sup>

d) Aqui as searas, lá as uvas crescem mais fecundas, em outro lugar os frutos arbóreos e as relvas espontâneas verdejam.<sup>33</sup>

Vemos a explícita intenção didática, proposta por Volk, através dos verbos destacados em negrito – “expor”, “revelar”, “ensinar”, “verificar”, “ver”.<sup>34</sup> Já a instrução dos conhecimentos que o mestre detém, ponto apresentado por Toohey, pode ser vista na própria matéria filosófica e na técnica agrícola dos ensinamentos lucreciano e virgiliano, respectivamente.

Igualmente, o segundo tópico daquela crítica e o primeiro e segundo tópicos de Toohey – a saber, constelação professor-aluno; e uma única e reconhecível voz do instrutor e a presença do aluno – relacionam-se, agora, por tratarem da existência e interação entre o mestre instrutor e o aluno receptor dos ensinamentos. Tais características, apesar de também presentes em alguns trechos anteriormente trabalhados,<sup>35</sup> podem ser vistas abaixo:

e) (...) dirige, ó Mecenas, teus olhos também para esta parte.<sup>36</sup>

<sup>31</sup> DRN I, 951-957: *Sed quoniam docui solidissima materiai / corpora perpetuo uolitare inuicta per aeuom, / nunc age, summai quaedam sit finis eorum / necne sit, euoluamus; item quod inane repertumst / seu locus ac spatium, res in quo quaeque gerantur, / peruideamus utrum finitum funditus omne / constet, an immensum pateat uasteque profundum.*

<sup>32</sup> Cf. *Geórgicas* I, 1-2: *Quid faciat laetas segetes, quo sidere terram / uertere, Maecenas, (...); Geórgicas* I, 5: *hinc canere incipiam.* (...) – Trad. nossa.

<sup>33</sup> Cf. *Geórgicas*, I, 54-56. *Hic segetes, illic ueniunt felicius uuae, / arborei fetus alibi atque iniussa uirescunt / gramina* (Trad. nossa).

<sup>34</sup> Respectivamente, verbos *disserere*, *pandere*, *docere*, *euoluere* e *peruidere*.

<sup>35</sup> O trecho a) e c) apresentam um pronome de segunda pessoa e um vocativo que “provam” a existência de um receptor da mensagem.

<sup>36</sup> Cf. *Geórgicas*, IV, 2: (...) *hanc etiam, Maecenas, adspice partem* (Trad. Raul José Sozim).

f) É possível que tu próprio, um dia, vencido pelas terríveis palavras dos poetas sagrados, procures separar-te de nós. (*De Rerum Natura*, Livro I, Coleção *Os Pensadores*)<sup>37</sup>

g) Mas se fores preguiçoso e te desviares, por menos que seja, do nosso objetivo, eis o que desde já, Mêmio, te posso dizer: (*De Rerum Natura*, Livro I, Coleção *Os Pensadores*)<sup>38</sup>

Os trechos e), f) e g) ilustram a existência, ainda que subentendida, de um mestre e de um aluno, características propostas pelos dois críticos. A presença da forma verbal de segunda pessoa e dos pronomes pessoais nos excertos, além do próprio nome do destinatário do *De Rerum Natura*,<sup>39</sup> revela que há um receptor para os ensinamentos, apesar de ele não estar sempre explícito e de não ser determinado. Considerando a obra de Lucrécio, por exemplo, vemos pouquíssimas menções explícitas ao seu destinatário – Mêmio.<sup>40</sup> Temos, por conseguinte, a impressão de que o poeta fala conosco, com os leitores de seu poema – reiterando a afirmação de Toohey de que, no didatismo, o destinatário pode ser ou nomeado ou mais geral<sup>41</sup> ou a de Sharrock (1994), que alega que o costumeiro destinatário didático permite ao leitor tanto se identificar com o discípulo quanto se distanciar dele.<sup>42</sup>

A despeito de ser incontestável a presença de um mestre e de seu aluno, a forma como cada poeta os apresenta não é a mesma. Como Volk (2002, p. 123) notou, na construção das *Geórgicas*, com o uso constante de imperativos,<sup>43</sup> gerúndios e gerundivos,<sup>44</sup> o mestre não fornece conselhos, mas dá ordens a um “agricultor”,<sup>45</sup> que pode ser considerado o destinatário interno do poema didático. No entanto, as *Geórgicas* trazem dois destinatários distintos: os “agricultores” e Mecenas. Enquanto aqueles exercem o papel de alunos, Mecenas, a quem o poema se dirige diretamente por

<sup>37</sup> DRN I, 102-103: *Tutemet a nobis iam quouis tempore uatum / terriloquis uictus dictis desciscere quaeres.*

<sup>38</sup> DRN I, 410-411: *Quod si pigraris paulumue recesseris ab re, / hoc tibi de plano possum promittere, Memmi:*

<sup>39</sup> Cf. verbo *adspice* na nota 36, o pronome pessoal *tute* reforçado pela partícula *-met*, na nota 37, o pronome *tibi* e o vocativo *Memmi*, na nota 38.

<sup>40</sup> Caio Mêmio, pretor da Bitínia em 57 a.C e a quem Lucrécio dedica sua obra.

<sup>41</sup> TOOHEY, 1996, p. 2.

<sup>42</sup> SHARROCK, 1994, p. 7.

<sup>43</sup> *Geórgicas*, I, 100: *Vmida solstitia atque hiemes orate serenas, (...)*

<sup>44</sup> *Geórgicas*, I, 204-205: *Praeterea tam sunt Arcturi sidera nobis / Haedorumque dies seruandi et lucidus Anguis.*

<sup>45</sup> O “agricultor” é o aluno das *Geórgicas*, evocado pelos nomes *agricolae* (*Geórgicas* I, 101) e *pastor* (*Geórgicas* III, 420), por exemplo.

quatro vezes em toda a sua extensão,<sup>46</sup> parece possuir diversas atribuições: no Livro I, ele se mostra como um simples ouvinte; no II, é invocado para que auxilie o poeta em sua empresa, tal como um poeta épico evocaria as Musas, por exemplo; no Livro III, Mecenas surge como a razão para que o poeta construa sua obra e, no livro IV, Mecenas aparece como se, de fato, fosse a única audiência de Virgílio. Volk sugere que, enquanto os “agricultores” estão sendo instruídos pelo poeta, esse fala a Mecenas, de modo autoconsciente, sobre o trabalho que está construindo.<sup>47</sup> Sharrock (1994), por outro lado, apresenta os conceitos de *Reader* (“Leitor”) – o destinatário textual do texto, evocado diretamente pelo poeta com o uso de verbos e pronomes específicos – e *reader* (“leitor”) – um público mais amplo da obra, uma “audiência externa”<sup>48</sup> – ao discutir o tema dos destinatários dos textos didáticos. Nessas circunstâncias, Mecenas seria um “agricultor”, sob a nomenclatura de “Leitor”, a utilizar-se dos ensinamentos do mestre didático e os aristocratas Romanos/público coevo são os “leitores”.<sup>49</sup>

O preceptor do *De Rerum Natura*, por sua vez, recorrentemente enfatiza seus ensinamentos,<sup>50</sup> como se desejasse fixá-los na mente do seu leitor. O mestre continuamente solicita a atenção de seu aluno,<sup>51</sup> utiliza-se de verbos e pronomes na primeira pessoa do plural, indicando que ele e seu aluno estão percorrendo juntos o caminho até a *ataraxia* de Epicuro.<sup>52</sup> Ademais, Lucrécio cria um tipo de diálogo com

<sup>46</sup> Cf. *Geórgicas* I, 2; II, 41; III, 41; IV, 2.

<sup>47</sup> Não é nosso foco aqui explicar como os “agricultores” e Mecenas podem ser os destinatários de uma única obra. Para esclarecimentos sobre o tema, cf. VOLK, 2002, p. 122-139.

<sup>48</sup> SHARROCK, 1994, p. 8.

<sup>49</sup> SHARROCK, 1994, p. 14. Quanto às considerações de Sharrock (1994) a respeito do destinatário do *De Rerum Natura*, cf. p. 12-13.

<sup>50</sup> É notável a repetição de idênticos sete versos nos livros II, 55-61, III, 87-93 e VI, 35-41: *Nam ueluti pueri trepidant atque omnia caecis / in tenebris metuunt, sic nos in luce timemus / interdum nihilo quae sunt metuenda magis quam / quae pueri in tenebris pauitant finguntque futura. / Hunc igitur terrorem animi tenebrasque necessesit / non radii solis neque lucida tela diei / discutiant, sed naturae species ratioque*, além da reiteração dos três últimos versos do trecho acima em I, 146-148. (De fato, assim como os meninos ficam sobressaltados e tudo temem nas trevas, assim nós à luz do dia receamos aquilo que não é mais temeroso do que as coisas de que os meninos, no escuro, têm pavor, julgando que vão acontecer. E é necessário que a este terror, a estas trevas do espírito, dissipem, não os raios do Sol nem os dardos luminosos do dia, mas a contemplação da natureza e suas leis.) Os versos nada mais enfatizam que a necessidade de se ter em mente que é por meio do estudo da natureza que os homens ver-se-ão livres dos terrores do espírito, premissa básica do *De Rerum Natura*.

<sup>51</sup> Cf. *DRN* I, 49-50: *Quod superest, uacuas auris <animumque sagacem> / semotum a curis adhibe ueram ad rationem* (Além de tudo, dedica à verdadeira doutrina ouvidos livres e espírito sagaz, afastado de todos os cuidados.); *DRN* II, 66: *Tu te dictis praebere memento*. (E tu, não te esqueças de atender ao que eu disser.); *DRN* III, 421-424: *Tu fac utrumque uno sub iungas nomine eorum, / atque animam uerbi causa cum dicere pergam, / mortalem esse docens, animum quoque dicere credas, / quatenus est unum inter se coniunctaque res est*. (Tu, faz de maneira que juntes sob um só nome a substância de um e de outro e que entendas, quando falar de alma e ensinar que ela é mortal, que também me refiro ao espírito, visto que são um só todo, uma coisa conjunta.)

<sup>52</sup> Cf. *DRN* III, 510-512: *Et quoniam mentem sanari, corpus ut aegrum, / cernimus et flecti medicina posse uidemus, / id quoque praesagit mortalem uiuere mentem*. (Também, como vemos que o espírito se

seu aluno, por meio de perguntas retóricas iniciadas pela expressão “*nonne uides?*”,<sup>53</sup> antecipando algumas reações do estudante.<sup>54</sup> Diante disso, pode-se perceber que o mestre do poema lucreciano é um professor sério, completamente convencido da importância de sua missão, prosseguindo na conversão de Mêmio com afinco.<sup>55</sup>

Assim, notamos que a relação professor-aluno no texto didático pode e provavelmente vai variar de acordo com o aspecto de sua obra que o poeta pretende ressaltar – nos casos vistos aqui, um mais instrutivo e centrado em conselhos, como o *De Rerum Natura*, ou um cuja característica mais marcante é a prescrição por meio de “ordens” ao ouvinte, como nas *Geórgicas*.

Analisaremos, agora, os demais traços apontados pelos críticos. Como dissemos acima, a autoconsciência poética e a simultaneidade poética, ambas anunciadas por Volk, caracterizam-se, respectivamente, pela presença de termos na composição que enfatizem a sua condição de poesia e pela ilusão de que o texto está sendo construído no exato momento do contato do público, ou leitor, consigo.<sup>56</sup> Os excertos h), i) e j), que seguem abaixo, manifestam a autoconsciência poética através da presença dos termos “poema”, “compor”, “versos” e “verso” do trecho, de acordo com a tradução proposta

cura, tal como o corpo doente, e pode ser modificado pela medicina, há aqui indicação de que o espírito vive vida mortal.); *DRN I*, 127-128, 132-135: *Quapropter bene cum superis de rebus habenda / nobis est ratio [...] et quae res nobis uigilantibus obuia mentes / terrificet morbo adfectis somnoque sepultis, / cernere uti uideamur eos audireque coram / morte obita quorum tellus amplectitur ossa.* (É por tudo isto que devemos não só tratar dos fenômenos celestes [...] e quais são essas coisas que, vindo ao encontro da gente acordada, mas abalada pela doença ou mergulhada no sono, aterrorizam os espíritos, dando-nos a ilusão de que estão diante de nós, e os podemos ouvir, aqueles cujos ossos tocados pela morte se encontram recobertos de terra).

<sup>53</sup> Cf. *DRN II*, 196-197: *Nonne uides etiam quanta ui tigna trabesque / respuat umor aquae?* (Não vês também com quanta força vigas e traves são repelidas pela água?); *DRN II*, 206-208: *Nocturnasque faces caeli sublime uolantis / nonne uides longos flammaram ducere tractus, / in quascumque dedit partis natura meatum?* (E não vêes que os fogos noturnos que voam pelo alto dos céus levam atrás de si longas caudas de chamas, qualquer que seja a direção que a natureza tenha dado à sua marcha?)

<sup>54</sup> Cf. *DRN I*, 265-270: *Nunc age, res quoniam docui non posse creari / de nilo, neque item genitas ad nil reuocari, / nequa forte tamen coeptes diffidere dictis, / quod nequeunt oculis rerum primordia cerni, / accipe praeterea quae corpora tute necessest / confiteare esse in rebus nec posse uideri.* (Mas agora, visto que te ensinei que nada pode surgir do nada, nem os seres criados podem volver ao nada, e para que não principies a duvidar do que se disse, pelo fato de que não se podem distinguir com a vista os elementos das coisas, escuta exemplos de corpos cuja existência é segura na natureza e que, no entanto, não se podem ver.); *DRN I*, 398-399: *Quapropter, quamuis causando multa moreris, / esse in rebus inane tamen fateare necessest.* (Por isso, e apesar da grande demora causada pelas tuas objeções, terás de confessar que há vazio nas coisas.)

<sup>55</sup> Segundo BOYANCÉ (1963, p.29), quem lesse as correspondências trocadas entre Cícero e Mêmio veria que o último não era epicurista. Dessa forma, Lucrécio poderia dedicar-lhe seu poema, na esperança de convertê-lo. Para uma discussão mais abrangente, cf. BOYANCÉ, 1963, p. 29-32.

<sup>56</sup> A simultaneidade poética é um *fato* na poesia oral, não apenas um *topos*, como ocorre nas obras de que tratamos neste trabalho. A partir do momento em que a poesia deixa de ser oral, a simultaneidade poética, juntamente com suas principais características – tal como a invocação às Musas nos poemas homéricos – torna-se uma convenção literária. Cf. VOLK, 2002, p. 16-17.

por Agostinho da Silva.<sup>57</sup> Quanto aos excertos k) e l), destacamos a presença das formas verbais *cano* e *canemus*, traduzidas por nós e por Sozim (2004) como “canto” e “cantar-te-emos”, evidenciando a proposta de Volk de que o poeta explicita que sua obra é poesia:

- h) Visto que sozinha vais governando a natureza e que, sem ti, nada surge nas divinas margens da luz e nada se faz de amável e alegre, eu te procuro, ó deusa, para que me ajudes a escrever **o poema** que, sobre a natureza das coisas, tento **compor** para o nosso Mêmio, a quem tu, ó deusa, sempre quiseste conceder todas as qualidades, para que excedesse aos outros. (*De Rerum Natura*, Livro I, Coleção *Os Pensadores*.)<sup>58</sup>
- i) É o que se passa nestes meus **versos**: vão neles muitos elementos comuns a muitas palavras: e, no entanto, tem de se reconhecer que versos e palavras diferem muito entre si, não só pelo sentido como também pelo som com que soam. (*De Rerum Natura*, Livro I, Coleção *Os Pensadores*.)<sup>59</sup>
- j) Mas o teu valor e o prazer que espero tirar da tua doce amizade levam-me a suportar qualquer trabalho e induzem-me a passar em claro as noites tranquilas, procurando em que termos e em que **verso** poderei levar ao teu espírito claras luzes com que possas penetrar profundamente os fatos e fenômenos ocultos. (*De Rerum Natura*, Livro I, Coleção *Os Pensadores*.)<sup>60</sup>

<sup>57</sup> Traduções para as palavras latinas *uersibus*, *pangere*, *uersibus* e *carmine*. Cf. *De Rerum Natura* I, v. 24, 25, 823 e 143.

<sup>58</sup> Cf. *DRN* I, 21-27: *Quae quoniam rerum naturam sola gubernas, / nec sine te quicquam dias in luminis oras / exoritur, neque fit laetum neque amabile quicquam, / te sociam studeo scribendis uersibus esse / quos ego de rerum natura pangere conor / Memmiadae nostro, quem tu, dea, tempore in omni / omnibus ornatum uoluisti excellere rebus.*

<sup>59</sup> Cf. *DRN* I, 823-836: *Quin etiam passim nostris in uersibus ipsis / multa elementa uides multis communia uerbis, / cum tamen inter se uersus ac uerba necessesit / confiteare et re et sonitu distare sonanti.*

<sup>60</sup> Cf. *DRN* I, 140-145: *Sed tua me uirtus tamen et sperata uoluptas / suavis amicitiae quemuis efferre laborem / suadet, et inducit noctes uigilare serenas, / quaerentem dictis quibus et quo carmine demum / clara tuae possim praepandere lumina menti / res quibus occultas penitus conuisere possis.*

k) E vós, Faunos, divindades favoráveis aos camponeses, vinde juntamente Faunos e moças Dríades: **canto** as vossas dádivas.<sup>61</sup>

l) **Cantar-te-emos** também, ó grande Pales, e a ti, memorável pastor do Anfriso; (...)<sup>62</sup>

A simultaneidade poética, por sua vez, além de estar presente nos trechos k) e l) acima, por meio dos verbos “canto” e “cantar-te-emos”, expressa-se nos excertos a seguir por meio da ideia de que o poeta compõe seu texto paulatinamente, enquanto o apresenta a seu aluno. Os trechos m) e n) abaixo evidenciam essa característica através do uso de expressões que, de uma forma ou de outra, dizem: “depois te der ensinado *x*, mostrarei *y*”.<sup>63</sup> Com o trecho o), por sua vez, o autor parece transmitir a sensação de que se desviou demais de seu assunto principal, devendo, portanto, retomá-lo rapidamente para prosseguir sua instrução:

m) E agora, Mêmio, em poucas palavras poderás saber que movimento foi dado aos elementos da matéria. (*De Rerum Natura*, Livro II, Coleção *Os Pensadores*.)<sup>64</sup>

n) Ora, depois de te ter ensinado quais são os princípios de todas as coisas e como, tão diferentes pela variedade de formas, espontaneamente voam, tomados num eterno movimento, e de que modo se podem gerar, a partir deles, todas as coisas, parece que a seguir devo pôr claro nestes meus versos a natureza do espírito e da alma, expulsando, derrubando aquele medo do Aqueronte que perturba desde os fundamentos, intimamente, a vida humana, tudo penetra da cor da morte e não deixa prazer algum límpido e puro. (*De Rerum Natura*, Livro III, Coleção *Os Pensadores*)<sup>65</sup>

<sup>61</sup> Cf. *Geórgicas* I, 10-12: *Et uos, agrestum praesentia numina, Fauni, / ferte simul Faunique pedem Dryadesque puellae: / munera uestra cano* (Trad. nossa).

<sup>62</sup> Cf. *Geórgicas* III, 1-2: *Te quoque, magna Pales, et te, memorande, canemus, / pastor ab Amphryso, (...)* – Trad. Raul José Sozim.

<sup>63</sup> VOLK, 2002, p. 40. Volk ainda destaca que, apesar de tais “fórmulas” serem consideradas por alguns como passagens de transição, acredita que essas expressões na verdade criam a estrutura de um poema didático.

<sup>64</sup> Cf. *DRN* II, 142-143: *Nunc quae mobilitas sit reddita materiai / corporibus, paucis licet hinc cognoscere, Memmi.*

<sup>65</sup> Cf. *DRN* III, 31-40: *Et quoniam docui, cunctarum exordia rerum / qualia sint et quam uariis distantia formis, / sponte sua uolitent aeterno percita motu, / quoue modo possint res ex his quaeque creari, / hasce secundum res animi natura uidetur / atque animae claranda meis iam uersibus esse, / et metus ille foras*

- o) Mas foge, durante esse tempo, foge o tempo irreparável, enquanto, tomados pelo amor, expomos em pormenor. Isso é bastante para os gados de trabalho: resta a outra parte da obra, tratar dos rebanhos lanígeros e das hirtas cabras.<sup>66</sup>

Ainda que a simultaneidade e a autoconsciência poéticas sejam duas características distintas, é perceptível sua inter-relação. A partir do momento em que “finge” compor o texto ao prosseguir com seus ensinamentos ao aluno, o *magister* didático sabe que realiza a tarefa de um poeta. O trecho n) acima deixa essa inter-relação clara: o poeta, após ter ensinado alguns aspectos básicos dos átomos, afirma que “a seguir devo pôr claro nestes **meus versos** a natureza do espírito e da alma” (grifo nosso).

Os dois últimos pontos que, quase sempre, caracterizam a épica didática do ponto de vista de Toohey, como visto acima, são a presença de “painéis ilustrativos”, ou seja, pausas na transmissão explícita do conhecimento para narrar uma fábula ou descrever algo, e o uso do metro hexâmetro datílico. Este último dispensa exemplificações, visto que todos os livros das *Geórgicas* e do *De Rerum Natura* foram compostos com o hexâmetros,<sup>67</sup> além, obviamente, dos *Trabalhos e dias* de Hesíodo, o “fundador” da tipologia didática, como já mencionado anteriormente. Quanto aos painéis ilustrativos, os trechos p), q) e r) podem exemplificá-los: há uma mudança na forma discursiva de que o poeta se utiliza ao ensinar – não mais é a preceituação direta, mas uma preceituação transmitida via narração:

- p) Foi assim que em Áulida os melhores chefes gregos, escol de varões, macularam vergonhosamente com o sangue de Ifianassa o altar da virginal Trívia. Quando a faixa enrolada à volta da virgínea cabeleira caiu por igual de um lado e outro do rosto; quando viu o triste pai, de pé

---

*praeceps Acheruntis agendus, / funditus humanam qui uitam turbat ab imo, / omnia suffundens mortis nigrore, neque ullam / esse uoluptatem liquidam puramque relinquit.*

<sup>66</sup> Cf. *Geórgicas* III, 284-287: *Sed fugit interea, fugit irreparabile tempus, / singula dum capti circumuectamur amore. / Hoc satis armentis: superat pars altera curae, / lanigeros agitare greges hirtasque capellas* (Trad. nossa).

<sup>67</sup> Há, porém, algumas diferenças entre as duas obras. Segundo Toohey, a extensão média inicial de composição da épica didática seria de 800 versos (cf. TOOHEY, 1996, p. 4). No entanto, o *De Rerum Natura* constitui-se de seis livros, todos compostos com mais de mil versos hexâmetros datílicos (o Livro I possui 1117 versos; o II, 1174; o III, 1094; o IV, 1287; o V, 1457 e o VI, 1286). Já os quatro livros das *Geórgicas*, por sua vez, possuem uma menor quantidade de versos (o Livro I possui 514 versos; o II, 542; e os dois últimos, 566 versos cada).

diante do altar, e junto dele os sacerdotes que dissimulavam o ferro, e os cidadãos que, ao contemplá-la, rompiam em choros — então, emudecendo de horror, vergou os joelhos e deixou-se cair por terra. E em nada podia valer à infeliz, em tal momento, ter sido a primeira a dar ao rei o nome de pai. Foi levantada pelas mãos dos homens e arrastada para os altares, toda a tremer, não para que pudesse, cumpridos os ritos sagrados, ser acompanhada por claro himeneu, mas para, criminosamente virgem, no tempo em que deveria casar-se, sucumbir, triste vítima imolada pelo pai, a fim de garantir à frota uma largada feliz e fausta. A tão grandes males pode a religião persuadir. (*De Rerum Natura*, Livro I, Coleção *Os Pensadores*)<sup>68</sup>

q) A ela cantaram os doutos poetas gregos (*Lacuna*) saindo do templo e incitando os dois leões atrelados ao carro; queriam dizer com isto que a grande Terra está suspensa no espaço e que não há terra em que a Terra se possa apoiar. Juntaram-lhe as feras porque toda a descendência, por mais brava que seja, se deve abrandar vencida pelos benefícios dos pais. Cingiram-lhe a cabeça com uma coroa de muralhas porque ela sustenta e defende as cidades em lugares escolhidos. E é ainda com estas insígnias que a imagem da mãe divina é levada pelas terras, no meio de um respeitoso temor. (*De Rerum Natura*, Livro II, Coleção *Os Pensadores*)<sup>69</sup>

---

<sup>68</sup> Cf. *DRN* I, 84-100: *Aulide quo pacto Triuia uirginis aram / Iphianassai turparunt sanguine foede / ductores Danaum delecti, prima uirorum. / Cui simul infula uirgineos circumdata comptus / ex utraque pari malarum parte profusast, / et maestum simul ante aras adstare parentem / sensit, et hunc propter ferrum celare ministros, / aspectuque suo lacrimas effundere ciuis, / muta metu terram genibus summissa petebat. / Nec miserae prodesse in tali tempore quibat / quod patrio princeps donarat nomine regem. / Nam sublata uirum manibus tremebundaque ad aras / deductast, non ut sollemni more sacrorum / perfecto posset claro comitari Hymenaeo / sed casta inceste, nubendi tempore in ipso, / hostia conideret mactatu maesta parentis, / exitus ut classi felix faustusque daretur. / Tantum religio potuit suadere malorum!*

<sup>69</sup> Cf. *DRN* II, 600-609: *Hanc ueteres Graium docti cecinere poetae / sedibus in curru biiugos agitare leones, / aeris in spatio magnam pendere docentes / tellurem, neque posse in terra sistere terram. / Adiunxere feras, quia quamuis effera proles / officiis debet molliri uicta parentum; / muralique caput summum cinxere corona, / eximiis munita locis quia sustinet urbes. / Quo nunc insigni per magnas praedita terras / horrifíce fertur diuinae matris imago.* A exposição sobre a Terra adorada pelos homens prossegue até o verso 643.

- q) De fato, lembro-me de ter visto das torres da alta Ebália, onde o negro Galeso banha as aloiradas culturas, um velho corício que possuía poucas geiras de terra abandonada.<sup>70</sup>

Considerando o trecho em p), pode-se notar que Lucrécio desaprova o costume de realizar sacrifícios para que os deuses se tornem favoráveis a determinadas causas, e essa censura explícita é apenas mais um ensinamento do mestre em forma narrativa. O trecho mostrado em q), por sua vez, encontra-se no meio do Livro II e as mudanças no tipo discursivo são bem marcadas: do discurso direto, Lucrécio passa a uma breve narrativa cujo tema principal é a adoração, pelos homens, da deusa Terra. Ainda que não seja de caráter mitológico, o excerto possui os aspectos instrutivos próprios aos painéis. Em r), temos o início da digressão do Velho corício (*Geórgicas* IV, 125-148), cuja promissora imagem do “cultivo do próprio jardim” pode ter sido utilizada pelo poeta para mostrar a seu destinatário uma forma de atingir a felicidade.<sup>71</sup> Ademais, ao final do Livro IV das *Geórgicas*, no trecho dos versos 315-558, observamos um painel ilustrativo por excelência – nele, o poeta não mais trata diretamente dos ensinamentos agrícolas, mas narra a fábula de Aristeu, que perdeu seus enxames de abelhas após ter causado a morte de Eurídice, esposa de Orfeu.

Finalmente, apresentamos a teórica Monica Gale, que, através da obra *Myth and poetry in Lucretius*, de 1994, tenta mostrar como o poeta didático pode, utilizando-se de recursos literários, fazer-nos ver algumas características da épica presentes em sua própria composição e, dessa forma, inserir-se no rol de poetas épicos. Para tanto, é preciso conceber um único gênero épico que comporta espécies como as da épica mitológica e histórica, caracteristicamente narrativas, e a da poesia didática.

Tomando como base a definição de poesia épica dada por Aristóteles – poesia épica é a representação, em forma de narrativa e utilizando o metro hexâmetro datílico, de assuntos sérios ou heroicos, devendo ser construída em torno de uma única ação completa em si mesma e que tenha início, meio e fim<sup>72</sup> –, a autora tenta demonstrar como Lucrécio se inclui no rol dos épicos ao fazer referência a dois dos maiores poetas

<sup>70</sup> Cf. *Geórgicas* IV, 125-128: *Namque sub Oebaliae memini me turribus arcis, / qua niger umectat flauentia culta Galaesus, / Corycium uidisse senem, cui pauca relictis / iugera ruris erant, (...)* – Trad. Raul José Sozim. A exposição sobre o Velho corício prossegue até o verso 146.

<sup>71</sup> TREVIZAM, 2009, p. 93.

<sup>72</sup> GALE, 1994, p. 104.

do gênero – Homero e Ênio – logo no seu primeiro livro,<sup>73</sup> enquanto há mínima menção aos didáticos. Segundo Gale, a intenção de Lucrécio é indicar aos leitores que ele deseja ser visto como pertencente à tradição épica<sup>74</sup> e que seu dever é “corrigir” os falsos ensinamentos passados por seus predecessores<sup>75</sup> – a Guerra de Troia abordada por Homero, por exemplo, não decorreria de vontade divina, mas seria apenas um acidente cósmico resultante da matéria que forma os corpos e do lugar e do tempo em que tudo ocorre;<sup>76</sup> e Ênio, por sua vez, teria transmitido aos seus leitores a falsa ideia da existência do Aqueronte.<sup>77</sup>

Com tal objetivo em mente, Lucrécio, então, se utiliza como que das propriedades definidas por Aristóteles para a composição de sua obra. Nesse sentido, o *De Rerum Natura* apresentaria, então, as conquistas de Epicuro<sup>78</sup> e do leitor ideal da obra, capaz de passar por todas as provações a fim de atingir a *ataraxia* proposta pelo epicurismo; segundo Gale, se, ao final do Livro VI, o leitor puder compreender que a praga de Atenas não foi uma punição divina, não temerá os deuses e, portanto, ter-se-á aproximado do estado de espírito ideal dessa filosofia. Assim, a autora apresenta o leitor como uma figura de Odisseu em uma jornada até sua verdadeira casa.<sup>79</sup> Ademais, o *De Rerum Natura* apresenta a narrativa da criação do cosmos através dos *primordia* vistos metaforicamente como personagens ativos, já que “como se fosse em eterna luta, combatem, dão batalhas, por grupos certos se guerreiam e não há pausa, agitados como estão pelos encontros e pelas separações frequentes”.<sup>80</sup> Aqui, Gale destaca que Lucrécio personificou tão bem os átomos que foi necessário reafirmar esse caráter metafórico,

<sup>73</sup> DRN I, 120-126: *Etsi praeterea tamen esse Acherusia templa / Ennius aeternis exponit uersibus edens, / quo neque permaneant animae neque corpora nostra, / sed quaedam simulacra modis pallentia miris; / unde sibi exortam semper florentis Homeri / commemorat speciem lacrimas effundere salsas / coepisse, et rerum naturam expandere dictis.* (No entanto, Ênio também claramente expõe, em versos eternos, ‘que há lugares certos do Aqueronte onde ficam, não as nossas almas e os nossos corpos, mas umas como sombras de estranha palidez’ e diz que de lá lhe falou da natureza das coisas, depois de haver derramado lágrimas amargas, o sempre glorioso Homero.)

<sup>74</sup> GALE, 1994, p. 107.

<sup>75</sup> GALE, 1994, p. 109.

<sup>76</sup> DRN I, 471-477: *Denique materies si rerum nulla fuisset, / nec locus ac spatium, res in quo quaeque geruntur, / numquam Tyndaridis forma conflatus amoris / ignis, Alexandri Phrygio sub pectore gliscens, / clara accendisset saeui certamina belli, / nec clam durateus Troiiianis Pergama partu / inflammasset equos nocturno Graiiugenarum;* (Finalmente, sem a matéria, que forma os corpos, e sem o lugar e o espaço, em que tudo se dá, jamais a chama de amor levantada pela beleza da filha de Tíndaro no peito de Alexandre teria inflamado os célebres combates desta guerra terrível ou incendiado Pérgamo quando o cavalo de madeira, sem que os troianos o soubessem, teve de noite o seu parto de gregos).

<sup>77</sup> Cf. nota 73 acima.

<sup>78</sup> Cf. DRN III, 1-30, em que o poeta mostra Epicuro quase como um ser divino devido aos seus ensinamentos filosóficos de certa forma libertadores.

<sup>79</sup> Cf. GALE, 1994, p. 125-126.

<sup>80</sup> Cf. DRN II, 118-120: *Et uelut aeterno certamine proelia, pugnas / edere turmatim certantia, nec dare pausam, / conciliis et discidiis exercita crebris;*

especialmente em II, 973-990. Ressaltamos, também, a linguagem militar (*certamen, proelium, pugna, turmatim, certantia*)<sup>81</sup> empregada pelo autor nesse trecho, o que, mais uma vez, poderia alocá-lo no rol dos poetas épicos.

Por fim, e ultrapassando a definição de Aristóteles, Gale traz o conceito de épica proposto por Teofrasto<sup>82</sup> – gênero que envolve assuntos de deuses, heróis e homens –, afirmando que também sob essa perspectiva a obra de Lucrécio se insere no rol épico: o poema tem como objetivo encorajar um correto relacionamento entre deuses e homens e apresenta a figura heroica de Epicuro – que mostrou tanto por exemplos quanto por seus ensinamentos ser possível viver como um deus na terra<sup>83</sup> – como mediador da irrevogável distância entre deuses e homens,<sup>84</sup> demonstrando, assim, que o *De Rerum Natura* contém todos os três “níveis propostos” por Teofrasto.

Após a exposição dos pontos de vista dos três críticos selecionados por nós, isto é, Volk, Toohey e Gale, esperamos ter demonstrado, mesmo que sumariamente, algumas das principais características da poesia didática destacadas por eles. Ainda que tenham dado uma nomenclatura diferente para a tipologia em que as obras aqui discutidas se inserem – poesia didática ou épica didática –, não é objetivo deste trabalho defender uma ou outra. A despeito disso, privilegiaremos os termos de Toohey e, sem nos atar ao conceito proposto por Volk, faremos uso do nome “poesia didática” quando nos referirmos ao *De Rerum Natura*, às *Geórgicas* ou a outras obras de mesmas características.

### I.3. *De Rerum Natura* e as *Geórgicas*: Mais Aspectos Comuns

<sup>81</sup> Cf. nota 80 acima.

<sup>82</sup> Cf. GALE, 1994, p. 106: *One final definition of epic [...] is to be found in the pages of Diomedes Grammaticus, but probably derives from Aristotle's pupil Theophrastus. The definition emphasizes the three levels of action depicted: [...] “epic is a genre which encompasses the affairs of gods, heroes and men”.*

<sup>83</sup> *DRN* III, 322: *Vt nil inpediat dignam dis degere uitam.* (... que nada impede se passe uma vida digna dos deuses.); EPICURO, 2002, p. 50-51: *καὶ οὐδέποτε οὔθ' ὕπαρ οὔτ' ὄναρ διαταραχθήσῃ, ζήσῃ δὲ ὡς θεὸς ἐν ἀνθρώποις.* (... e nunca mais te sentirás perturbado, quer acordado, quer dormindo, mas viverás como um deus entre os homens.)

<sup>84</sup> *DRN* II, 646-51: *Omnis enim per se diuom natura necessesit / inmortalī aeuo summa cum pace fruatur, / semota ab nostris rebu seiunctaque longe. / Nam priuata dolore omni, priuata periclis, / ipsa suis pollens opibus, nihil indiga nostri, / nec bene promeritis capitur neque tangitur ira.* (Efetivamente, é fora de dúvida que os deuses, por sua própria natureza, gozam da eternidade com paz suprema e estão afastados e remotos de tudo o que se passa conosco. Sem dor nenhuma e sem nenhuns perigos, apoiados em seus próprios recursos, nada precisando de nós, não os impressionam os benefícios nem os atinge a ira.)

Ao inserir o *De Rerum Natura* e as *Geórgicas* em um mesmo grupo poético, pressupomos que eles possuem características comuns – e inclusive mostramos algumas no tópico precedente. Uma análise mais detalhada de cada obra, porém, evidencia que ambas possuem semelhanças que ultrapassam aquelas determinadas pela tipologia.

A característica porventura mais perceptível das duas obras relaciona-se com sua forma de estruturação em vários livros – o *De Rerum Natura* compõe-se de seis livros, as *Geórgicas*, de quatro. Segundo Toohey (1996), “Lucrécio pode ter sido o primeiro poeta didático a adotar esse formato [múltiplos livros]”,<sup>85</sup> o que ele considera uma deliberada inovação, tendo em vista que a poesia didática teria sido, originalmente, composta em um único livro.<sup>86</sup> Após Lucrécio, surgiram outros poemas didáticos em múltiplos livros, além das *Geórgicas*. É o caso da *Ars Amatoria* e dos *Fasti* de Ovídio, com três e seis livros, respectivamente, dos *Astronomica* de Manílio, com cinco livros, e dos *Cynegetica* e *Halieutica* de Opiano, com quatro e cinco livros, respectivamente.<sup>87</sup>

As obras de Lucrécio e de Virgílio assemelham-se em um segundo ponto estrutural significativo: a presença de proêmios bem definidos em cada livro, prática que, segundo Gale (2000), parece ter sido mais uma inovação de Lucrécio.<sup>88</sup> Os proêmios das *Geórgicas* delineiam o conteúdo específico dos livros ou, no caso do início do Livro I, o conteúdo de todo o poema, além de invocar um ou mais deuses. Nas *Geórgicas* II e III, o proêmio traz invocações aos deuses apropriados para o tema que será discutido,<sup>89</sup> enquanto no livro I há uma invocação generalizada aos doze deuses do campo e a Otaviano Augusto e, no livro IV, a Apolo como deus da poesia.<sup>90</sup> Os proêmios repletos de imagens de luz, paz e calma do *De Rerum Natura*, por sua vez, caracterizam-se pela presença de elogios a Epicuro e/ou por um convite ao estudo de

---

<sup>85</sup> Cf. TOOHEY, 1996, p. 4: *Lucretius may have been the first didactic poet to adopt this [multi-book] format* (Trad. nossa).

<sup>86</sup> Consideremos algumas obras do gênero compostas de apenas um livro: *Trabalhos e Dias*, de Hesíodo, *Phaenomena*, de Arato, *Theriaca* e *Alexipharmaca*, de Nicandro, *Remedia amoris* e *Medicamina Faciei Femineae*, de Ovídio. Ressalta-se que todas possuem um número regular de versos, possivelmente indicando que os poetas seguem a tradição fundada por Hesíodo. Para demais obras, cf. TOOHEY, 1996, p. 3.

<sup>87</sup> Toohey considera que a extensão das obras desses poetas pode ser um “reflexo de sua ambição, de seu amor-próprio e de seu desejo de adjudicar a totalidade da experiência humana”. Cf. TOOHEY, 1996, p. 4: *The length of Lucretius’ epic and of those of his followers is a reflection of their ambition, their self-regard, and their desire to adjudicate the totality of human experience.*

<sup>88</sup> GALE, 2000, p. 19.

<sup>89</sup> Baco é invocado nas *Geórgicas* I e Pales e Apolo, nas *Geórgicas* III. Cf. GALE, 2000, p. 19.

<sup>90</sup> GALE, 2000, p. 19.

sua filosofia, seguidos por um resumo do conteúdo do livro,<sup>91</sup> sendo o Livro I precedido pelo “Hino a Vênus”, tema de nosso próximo capítulo.

A autora ainda destaca que os finais dos livros de Virgílio são bem delimitados – a ponto de ser possível distinguir entre o argumento de cada livro e seu fim –, diferentemente do que ocorre no *De Rerum Natura*.<sup>92</sup> Ademais, Gale ressalta que há mais uma semelhança entre os livros das *Geórgicas* e do *De Rerum Natura*: os livros ímpares das *Geórgicas* são mais “obscuros” que os pares, considerados mais “luminosos”,<sup>93</sup> formando, assim, um paralelo com os proêmios suaves e finais sombrios de quase todos os livros do *De Rerum Natura*.<sup>94</sup> Segundo Gale, “cada um dos seis livros – com a parcial exceção do livro V – termina com imagens de destruição, decadência e morte”,<sup>95</sup> reforçando, talvez, a ideia de que o poema como um todo se compõe de ciclos contínuos de nascimento e morte.

Debrucemo-nos brevemente sobre as ponderações que faz Gale a respeito dos efeitos causados pelas escolhas estruturais dos dois poetas. A estudiosa apresenta o *De Rerum Natura* como um discurso de certa forma cíclico: os finais de cada livro, possuindo imagens de decadência e morte – exceto o Livro V, em que o poeta primeiro trata da destruição do mundo (v. 235-415) para depois abordar sua origem e seu desenvolvimento (v. 416-508, 783-1457)<sup>96</sup> –, juntamente com os já citados proêmios “luminosos”, formam um ciclo de nascimento e morte, de forma semelhante ao poema como um todo, que se inicia com imagens de nascimento, expostas já no mencionado “Hino a Vênus”, trecho de exaltação do caráter criador da deusa, e termina com a descrição da peste de Atenas. Segundo Gale, a descrição da praga funcionaria como um “teste” ou mesmo incentivo ao leitor. Caso ele tenha aprendido a contento as lições epicuristas fornecidas por Lucrécio, saberá que doença e morte são parte do ciclo de

<sup>91</sup> Gale ainda afirma que os resumos geralmente são acompanhados por uma breve exposição do que o poeta já abordou em livros anteriores, dando mostras do caminho percorrido. Cf. GALE, 2000, p. 20.

<sup>92</sup> Brown afirma que os finais do *DRN* são mais que apenas sumários e conclusões, eles são, de fato, partes dos argumentos de cada livro. Em seguida, propõe uma delimitação dos finais de cada livro do *De Rerum Natura*: I.951-1117, II.1023-1174, III.830-1094, IV.1037-1287, V.1011-1457 e VI.1090-1286. Cf. BROWN, 1987, p. 48-51.

<sup>93</sup> GALE, 2000, p. 18, 23. O livro I das *Geórgicas* termina com uma “corrupção” da agricultura pela guerra, contrastando com o louvor da vida no campo do livro II. No final do livro III, por sua vez, há a narrativa da praga e o mundo agrícola é devastado de novo. Por fim, o final do Livro IV responde a essa praga com a narrativa do *epyllion* de Aristeu, no qual há a presença da morte, mas também o renascimento das abelhas de Aristeu.

<sup>94</sup> GALE, 2000, p. 20.

<sup>95</sup> Cf. GALE, 2000, p. 20: *Each of the six books – with the partial exception of 5 – ends with images of destruction, decay and death* (Trad. nossa).

<sup>96</sup> Cf. GALE, 2000, p. 22.

criação e destruição: “a ‘resposta’ ao final é o proêmio, e o leitor que busca consolação deve retornar à Vênus e ao início do poema”.<sup>97</sup>

Diante disso, a estudiosa afirma que Virgílio responde a esse ciclo proposto por Lucrécio de uma maneira ambígua. Ainda que, de fato, as *Geórgicas* sejam compostas por imagens alternadas de crescimento e decadência, elas não conduziriam à “calma aceitação” dos leitores do *De Rerum Natura* que aprendessem suas lições corretamente. Considerando-se os livros 2 e 3, por exemplo, vemos imagens de magnitude e beleza e de sofrimento e morte, respectivamente. Ora, Virgílio apresenta uma maior separação entre o luminoso e o obscuro que Lucrécio – enquanto na obra desse último se pode encontrar consolo para a destruição que virá, aquele não tenta, de forma alguma, suavizar a parcela negativa de seu ciclo. Virgílio enfatiza o aspecto destrutivo do ciclo no final do Livro III das *Geórgicas*, por exemplo, pintando a morte não como algo que deva ser visto tranquilamente como complemento necessário ao nascimento e ao desenvolvimento dos homens e animais, mas como algo horrível e trágico – para atingir esse objetivo, Virgílio apresenta a peste Nórica e suas consequências de um modo mais subjetivo que Lucrécio, de certa forma “apelando” para nossa simpatia com as vítimas.<sup>98</sup> Por fim, e ainda nesse tema, ressaltamos aqui o final do Livro IV das *Geórgicas*, especificamente o episódio em que Aristeu recobra suas abelhas. É interessante notar que as circunstâncias em que todo o episódio ocorre lançam dúvidas quanto ao seu caráter “luminoso”. Com efeito, ainda que Aristeu tenha conseguido de volta suas abelhas, tal fato se deu à custa do sacrifício de quatro touros e quatro novilhas<sup>99</sup> – os mesmos animais que igualmente morreram no final “pessimista” do Livro III, quando da descrição da Peste Nórica.<sup>100</sup> Ademais, Eurídice e Orfeu, o “duas vezes viúvo”,<sup>101</sup> estão definitivamente mortos no Hades, tendo Eurídice primeiramente tal destino devido

<sup>97</sup> Cf. GALE, 2000, p. 23: (...) *the “answer” to the finale is the proem, and the reader who seeks consolation must turn back again to Venus and the beginning of the poem* (Trad. nossa).

<sup>98</sup> GALE, 2002, p. 41, 46.

<sup>99</sup> *Geórgicas* IV, 538-540: *Quattuor eximios praestanti corpore tauros, / qui tibi nunc uiridis depascunt summa Lycae, / delige et intacta totidem ceruice iuuenas*. (Escolhe quatro excelentes touros de corpo notável que para ti pastam agora no cimo do verdejante Liceu, e outras tantas novilhas de ainda intacta cerviz.) – Trad. Raul José Sozim.

<sup>100</sup> *Geórgicas* III, 494-495: *Hinc laetis uituli uolgo moriuntur in herbis / et dulcis animas plena ad praesaepia reddunt*; (De um lado, os bezerros morrem em grande número nas pastagens amenas e entregam suas doces almas diante das manjedouras cheias); *Geórgicas* III, 515-517: *Ecce autem duro fumans sub uomere taurus / concidit et mixtum spumis uomit ore cruorem / extremosque ciet gemitus*. (Eis porém que, fumegando sob o pesado arado, o touro tomba e vomita pela boca sangue misturado com espuma e solta os derradeiros gemidos.) – Trad. Raul José Sozim.

<sup>101</sup> *Geórgicas* IV, 504: *Quid faceret? quo se rapta bis coniuge ferret?* (Que fazer? Para onde se dirigir após a esposa lhe ter sido arrebatada duas vezes?) – Trad. Raul José Sozim.

a ações do próprio Aristeu.<sup>102</sup> Assim, o “luminoso” final do Livro IV das *Geórgicas* é um tanto quanto ambíguo – há sim novas vidas, mas há, também, uma grande parcela de destruição.

Brown (1987) também interliga brevemente as duas obras utilizando-se dos temas tratados em cada livro. Os livros I e II do *De Rerum Natura* fornecem as características básicas dos átomos e informam como eles funcionam; os livros III e IV, como um par, constituem uma “aplicação dos princípios atomísticos na vida humana e suas funções”; os livros V e VI, por sua vez, analisam o mundo e seus fenômenos, paralelamente à abordagem do poeta quanto à vida humana nos livros III e IV. Dessa forma, o *De Rerum Natura* tem seus livros divididos em três blocos e cada um deles abrange tópicos específicos do conhecimento que o poeta tenta transmitir.<sup>103</sup> As *Geórgicas*, por outro lado, podem ser divididas em dois pares de acordo com os temas: livros I e II, que tratam das colheitas e das árvores, livros III e IV, que tratam dos animais de grande porte e das abelhas, além da alternância entre “luminoso” e obscuro exposta acima.<sup>104</sup>

Após o sucinto apanhado das observações que críticos fizeram ao relacionar os dois poetas, vemos, então, que estão presentes em Virgílio algumas características do *De Rerum Natura* lucreciano que foram modificadas pelo autor das *Geórgicas*, criando, dessa forma, uma obra inteiramente nova – ainda que possua aspectos alusivos à obra de Lucrécio. De fato, um dos aspectos alterados por Virgílio – e que deu origem a essa pesquisa – será visto no Capítulo III, quando abordaremos o objeto principal deste trabalho: como o *amor* é visto nas duas obras.

---

<sup>102</sup> *Geórgicas* IV, 457-459: *Illa quidem, dum te fugeret per flumina praeceps, / immanem ante pedes hydram moritura puella / seruantem ripas alta non uidit in herba.* (A verdade é que, enquanto fugia de ti, precipitando-se ao longo do rio, a jovem já destinada à morte não viu diante de seus pés, em meio à alta vegetação, a enorme serpente d’água, habitante dessas margens.) – Trad. Raul José Sozim.

<sup>103</sup> Trevizam (2014b) observa que os livros do *De Rerum Natura* foram construídos de forma crescente do “muito pequeno para o muito vasto”: inicialmente, Lucrécio trata dos átomos e suas características básicas; em seguida, há uma abordagem dos princípios ensinados no primeiro bloco de livros aplicados ao mundo humano. Por fim, o poeta trata do “muito vasto” – fenômenos atmosféricos e terrestres e suas causas. Cf. TREVIZAM, 2014b, p. 135-140.

<sup>104</sup> BROWN, 1987, p. 10-12.

## II - HINO A VÊNUS: ELOGIO AO AMOR?

Demonstrou-se no capítulo anterior como se dá o início dos livros do *De Rerum Natura* – os proêmios bem definidos, uma breve apresentação do que será tratado em cada livro e a invocação, tanto de deuses quanto de homens, feita pelo poeta. Como iniciador do poema, o proêmio do Livro I encontra-se em uma posição significativa – e é pertinente ao nosso trabalho mostrar o teor desse proêmio e suas possíveis implicações.<sup>1</sup>

O Livro I do *De Rerum Natura* apresenta, nos versos 1-43, o famoso “Hino a Vênus”, a deusa romana do amor, expresso abaixo:

Ó mãe dos Enéadas, prazer dos homens e dos deuses, ó Vênus criadora, que por sob os astros errantes povoas o navegado mar e as terras férteis em searas, por teu intermédio se concebe todo o gênero de seres vivos e, nascendo, contempla a luz do sol: por isso de ti fogem os ventos, ó deusa; de ti, mal tu chegas, se afastam as nuvens do céu; e a ti oferece a terra diligente as suaves flores, para ti sorriem os plainos do mar e o céu em paz resplandece inundado de luz.

Apenas reaparece o aspecto primaveril dos dias e o sopro criador do Favônio, já livre, ganha forças, primeiro te celebram e à tua vinda, ó deusa, as aves do ar, pela tua força abaladas no mais íntimo do peito; depois, os animais bravios e os rebanhos saltam pelos ledos pastos e atravessam a nado as rápidas correntes: todos, possessos do teu encanto e desejo, te seguem, aonde tu os queiras levar. Finalmente, pelos mares e pelos montes e pelos rios impetuosos, e pelos frondosos lares das aves, e pelos campos virentes, a todos incutindo no peito o brando amor, tu consegues que desejem propagar-se no tempo, por meio da geração.

Visto que sozinha vais governando a natureza e que, sem ti, nada surge nas divinas margens da luz e nada se faz de amável e alegre, eu te procuro, ó deusa, para que me ajudes a escrever o poema que, sobre a natureza das

---

<sup>1</sup> Nosso foco aqui são apenas os versos denominados “Hino a Vênus”. Como visto no capítulo anterior, os proêmios geralmente contam com a invocação aos deuses ou a Epicuro e/ou um convite ao estudo de sua doutrina (Livros I, III, V e VI) e, por fim, um pequeno resumo do que será tratado no livro (Livros I a V), com informações do que já foi ensinado pelo poeta (Livros III a VI). No Livro I, o proêmio completo abrange os versos 1-145. Cf. GALE, 2002, p. 24.

coisas, tento compor para o nosso Mêmio, a quem tu, ó deusa, sempre quiseste conceder todas as qualidades, para que excedesse aos outros. Dá pois a meus versos, ó Vênus divina, teu perpétuo encanto.

Faze, entretanto, que, por mares e por terras, tranquilos se aplaquem os ferros trabalhos militares; só tu podes obter para os mortais a branda paz, visto que é Marte, o senhor das armas, quem ordena esses ferros trabalhos de guerra, e é ele quem muitas vezes se reclina em teu seio, vencido pela eterna ferida do amor, e, erguendo os olhos para ti, inclinando para trás a nuca roliça, fica deitado como que suspenso de teus lábios e apascenta de amor seus olhos ávidos. E tu, ó deusa, enquanto ele repousa, enlaça-o com teu corpo sagrado, solta dos lábios tuas doces palavras e pede para os romanos, ó cheia de glória, a plácida paz. Efetivamente, nesta época terrível para a pátria, nem eu posso com serenidade realizar o meu trabalho nem o ilustre descendente dos Mêmios iria, em tais circunstâncias, faltar à salvação comum.<sup>2</sup>

Surge, então, uma importante questão àqueles que se debruçam sobre a obra de Lucrécio: como o maior difusor da filosofia epicurista, que em seu poema afirma que os deuses estão distantes de tudo o que diz respeito aos humanos e que nada precisam de

---

<sup>2</sup> Trad. Agostinho da Silva. Coleção *Os Pensadores*, 1985. DRN I, 1-43: *Aeneadum genetrix, hominum diuomque uoluptas, / alma Venus, caeli subter labentia signa / quae mare nauigerum, quae terras frugiferentis / concelebras, per te quoniam genus omne animantum / concipitur, uisitque exortum lumina solis, / te, dea, te fugiunt uenti, te nubila caeli / aduentumque tuum, tibi suauis daedala tellus / summittit flores, tibi rident aequora ponti, / placatumque nitet diffuso lumine caelum. / Nam simul ac species patefactast uerna diei, / et reserata uiget genitabilis aura fauoni, / aerae primum uolucres te, diua, tuumque / significant initum percussae corda tua ui. / Inde ferae, pecudes persultant pabula laeta, / et rapidos tranant amnis: ita capta lepore / te sequitur cupide quo quamque inducere pergis. / Denique per maria ac montis fluiuosque rapacis, / frondiferasque domos auium camposque uirentis, / omnibus incutiens blandum per pectora amorem, / efficis ut cupide generatim saecula propagent. / Quae quoniam rerum naturam sola gubernas, / nec sine te quicquam dias in luminis oras / exoritur neque fit laetum neque amabile quicquam, / te sociam studeo scribendis uersibus esse / quos ego de rerum natura pangere conor / Memmiadae nostro, quem tu, dea, tempore in omni / omnibus ornatum uoluisti excellere rebus. / Quo magis aeternum da dictis, diua, leporem. / Effice ut interea fera moenera militiai / per maria ac terras omnis sopita quiescant. / Nam tu sola potes tranquilla pace iuuare / mortalis, quoniam belli fera moenera Mauors / armipotens regit, in gremium qui saepe tuum se / reicit, aeterno deuictus uolnere amoris, / atque ita suspiciens tereti ceruice reposta / pascit amore auidos inhians in te, dea, uisus / eque tuo pendet resupini spiritus ore. / Hunc tu, diua, tuo recubantem corpore sancto / circumfusa super, suauis ex ore loquellas / funde petens placidam Romanis, incluta, pacem. / Nam neque nos agere hoc patriai tempore iniquo / possumus aequo animo, nec Memmi clara propago / talibus in rebus communi desse saluti.*

nós,<sup>3</sup> inicia sua grande obra invocando uma deusa, solicitando que o auxilie na composição do seu poema?

A fortuna crítica apresenta algumas possíveis explicações para a presença de Vênus como musa do poeta. Segundo Asmis (2007), as principais são: a) Lucrécio segue a tradição poética da invocação, presente, por exemplo, em Homero<sup>4</sup> e Hesíodo,<sup>5</sup> já abordada no capítulo anterior; b) o poeta confere à sua obra um tom romano ao invocar sua *genetrix*, sua ancestral; c) ele honra Mêmio ao invocar a deusa patrona de sua família; d) faz uma homenagem à Afrodite de Empédocles;<sup>6</sup> e) o poeta vê Vênus como uma representação alegórica de cada força criativa na natureza.<sup>7</sup> Ainda que não seja foco deste trabalho discutir as explicações sugeridas, ou mesmo utilizá-las, algumas observações se fazem necessárias.

Spinelli (2009) afirma que a Vênus de Lucrécio, “antes de ser o deus que tudo cria, (...) é apenas o deus (a deusa) que promove, alimenta ou nutre (...) a fertilização da vida”.<sup>8</sup> Ora, considerando que o *De Rerum Natura* é uma obra que descreve um ciclo de nascimento e morte,<sup>9</sup> afirmando que a natureza nada aniquila inteiramente,<sup>10</sup> mas está

<sup>3</sup> Cf. DRN II, 646-51: *Omnis enim per se diuom natura necessesit / inmortalī aeuo summa cum pace fruatur, / semota ab nostris rebus seiunctaque longe. / Nam priuata dolore omni, priuata periclis, / ipsa suis pollens opibus, nihil indiga nostri, / nec bene promeritis capitur neque tangitur ira.* (Efetivamente, é fora de dúvida que os deuses, por sua própria natureza, gozam da eternidade com paz suprema e estão afastados e remotos de tudo o que se passa conosco. Sem dor nenhuma e sem nenhuns perigos, apoiados em seus próprios recursos, nada precisando de nós, não os impressionam os benefícios nem os atinge a ira.)

<sup>4</sup> Cf. HOMER, 1928, p. 2: *μῆνιν ἄειδε, θεὰ, Πηληϊάδεω Ἀχιλῆος.* (Canta, ó deusa, a cólera de Aquiles, o Pelida.) HOMERO, 2013, p. 109. Cf. HOMER, 1945, p. 2: *ἄνδρα μοι ἔννεπε, μοῦσα, πολύτροπον, ὃς μάλα πολλὰ / πλάγχθη, ἐπεὶ Τροίης ἱερὸν προλίεθρον ἔπερσεν* (Fala-me, Musa, do homem astuto que tanto vagueou, / depois que de Troia destruiu a cidadela sagrada.) HOMERO, 2011, p. 119. Traduções de Frederico Lourenço.

<sup>5</sup> Cf. HESÍODO, 2013a, p. 30-31: *μουσῶων Ἑλικωνιάδων ἀρχώμεθ' αἰεῖδεν, / αἴθ' Ἑλικῶνος ἔχουσιν ὄρος μέγα τε ζῆθεόν τε / καὶ τε περὶ κρήνην ἰοειδέα πόσος' ἀπαλοῖσιν / ὄρχεῦνται καὶ βωμὸν ἐρισθενέος Κρονίωνος.* (Pel as Musas do Hélicon começamos a cantar, / elas que o Hélicon ocupam, monte grande, numinoso, / em volta de fonte violácea com pés macios / dançam, e do altar do mui possante filho de Crono;); Cf. HESÍODO, 2013b, p. 30-31: *μοῦσαι Πιερίηθεν ἀοιδῆσιν κλείουσαι / δεῦτε, Δί' ἐνέπετε, σφέτερον πατέρ' ὑμνείουσαι: / ὄντε διὰ βροτοὶ ἄνδρες ὁμῶς ἀφατοὶ τε φατοὶ τε, / ῥήτοί τ' ἄρρητοὶ τε Διὸς μέγαλοιο ἔκητι.* (Musas, que com cantos glorificam, da Piéria / para cá, narraí de Zeus, vosso pai, celebrando-o: / ele faz homens mortais igualmente soados e ignorados, / conhecidos e desconhecidos devido ao grande Zeus.) Traduções de Christian Werner.

<sup>6</sup> Empédocles identifica Afrodite com o Amor, força responsável por combinar os elementos formadores do universo, da mesma forma que identifica os quatro elementos citados anteriormente com Zeus (fogo), Hera (ar), Aidoneus (terra) e Nestis (água) Cf. SANTOS, 2011, p. 100-101.

<sup>7</sup> ASMIS, 2007, p. 88.

<sup>8</sup> SPINELLI, 2009, p. 271.

<sup>9</sup> Apesar de o assunto ter sido brevemente apresentado no capítulo anterior, ressaltamos aqui que, ao observar os temas de cada livro, percebe-se que o poeta parte do mínimo (os átomos, Livro I) para o máximo (o mundo), passando pelas características básicas dos átomos (Livro II), pela alma (Livro III) e pela percepção e outras funções vitais (Livro IV), chegando ao mundo e a história humana (Livro V) para, finalmente, tratar dos fenômenos celestes e terrestres (Livro VI). O final do Livro VI, por sua vez, contém a descrição da peste de Atenas, um incontestável retrato da morte.

envolta em um processo de constante renovação, não soa estranha a invocação de uma deusa intimamente ligada ao desenvolvimento da vida como um todo. Sob o ponto de vista de Spinelli, então, a *alma* Vênus é a Vênus nutriz,<sup>11</sup> que promove, com a chegada da primavera,<sup>12</sup> “encantos e desejos” em todos os homens e animais, fazendo os ventos fugirem, as nuvens se afastarem do céu e a terra oferecer-lhe flores.<sup>13</sup>

Fabre-Serris (2007), por sua vez, afirma que a deusa é invocada como o princípio do desejo sexual que assegura a reprodução das espécies,<sup>14</sup> tendo em vista que “(...) a todos incutindo no peito o brando amor, tu consegues que desejem propagar-se no tempo, por meio da geração”.<sup>15</sup> Novamente sob essa interpretação, a presença de Vênus no próêmio do Livro I não mais poderia ser vista como deslocada, considerando-se os ideais transmitidos por Lucrécio, mas seria, de fato, apropriada: em uma obra cuja exposição se relaciona com as etapas de desenvolvimento da natureza e dos seres gerados por ela, não há nada mais coerente do que apresentar como “Musa inspiradora” uma deusa ligada ao amor e/ou às relações sexuais necessárias para a manutenção das espécies.

Já segundo Asmis (2007), Lucrécio utilizou-se dos atributos tradicionais de Vênus para lhe conferir uma função criadora,<sup>16</sup> evidenciada nos versos 21-23: “Visto que sozinha vais governando a natureza e que, sem ti, nada surge nas divinas margens da luz e nada se faz de amável e alegre (...)”.<sup>17</sup> Vênus é vista como “única” governante da natureza, como responsável por sua constante renovação, a força pela qual a natureza cria os seres.<sup>18</sup> Vênus é aquela que encanta todos os animais, fazendo-os perseguir seus

<sup>10</sup> Cf. *DRN I*, 215-216: *Huc accedit uti quicque in sua corpora rursum / dissoluat natura, neque ad nihilum interemat res.* (Acrescente-se a isto que a natureza faz voltar todos os corpos aos seus elementos, mas nada aniquila inteiramente.); *DRN I*, 248-249: *Haud igitur redit ad nihilum res ulla, sed omnes / discidio redeunt in corpora materiai.* (Nada, portanto, volta ao nada; tudo volta, pela destruição, aos elementos da matéria)

<sup>11</sup> SPINELLI, 2009, p. 271

<sup>12</sup> Cf. *DRN V*, 737-740: *It uer et Venus, et Veneris praenuntius ante / pennatus graditur, Zephyri uestigia propter / Flora quibus mater praespargens ante uiai / cuncta coloribus egregiis et odoribus opplet.* (Vão juntamente a primavera e Vênus, e logo antes o alado arauto de Vênus, enquanto junto dos passos de Zéfiro, Flora, sua mãe, cobre todos os caminhos de cores egrégias e de perfumes.)

<sup>13</sup> *DRN I*, 6-8: *Te, dea, te fugiunt uenti, te nubila caeli / aduentumque tuum, tibi suavis daedala tellus / summittit flores (...).* (Por isso de ti fogem os ventos, ó deusa; de ti, mal tu chegas, se afastam as nuvens do céu; e a ti oferece a terra diligente as suaves flores).

<sup>14</sup> FABRE-SERRIS, 2007, p. 141.

<sup>15</sup> Cf. *DRN I*, 19-20: *Omnibus incutiens blandum per pectora amorem, / efficis ut cupide generatim saecula propagent.*

<sup>16</sup> ASMIS, 2007, p. 95.

<sup>17</sup> Cf. *DRN I*, 21-23: *Quae quoniam rerum naturam sola gubernas, / nec sine te quicquam dias in luminis oras / exoritur, neque fit laetum neque amabile quicquam,*

<sup>18</sup> Cf. semelhante colocação também em NOVAK, 1989, p. 117.

próprios prazeres, e é também a Musa que ajudará o poeta a compor versos, proporcionando-lhes um “perpétuo encanto”.<sup>19</sup>

O ponto em comum, portanto, na interpretação do “Hino a Vênus” dos três autores mencionados acima é a relação da deusa com sua característica criadora e o fato de o *De Rerum Natura* pautar-se sobre um contínuo ciclo de nascimento e morte. Vênus é apenas uma deidade alegórica que representa o prazer e uma variedade de funções derivadas do prazer.<sup>20</sup> Diante disso, Lucrécio não é incoerente com os ensinamentos filosóficos que pretende propagar em seu poema – tendo em vista, como já dissemos no capítulo anterior,<sup>21</sup> que o epicurismo creditava à obtenção de prazer, isto é, ausência de dor, o ápice da felicidade humana –, mas, utilizando-se de um expediente recorrente na composição poética da época – a evocação a um deus –, confere a seu texto um tom “elevado” ao mesmo tempo em que pode anunciar, já no início, sua intenção de abordar algum aspecto da criação do mundo e dos seres que nele vivem, estando ou não tal criação ligada aos feitos divinos.

Outra interessante observação que fazemos refere-se ao encanto, mencionado anteriormente em Asmis (2007), que a deusa conferiria ao poema. Os seres, sob os efeitos da deusa e que “possessos do teu encanto e desejo, te seguem, aonde tu os queiras levar”,<sup>22</sup> acabam por “propagar-se no tempo, por meio da geração”.<sup>23</sup> Da mesma forma, Lucrécio pede à “Musa” que conceda encanto aos seus versos, quiçá para que seus leitores, também repletos com a “graça” de Vênus, sigam os ensinamentos do poeta.<sup>24</sup> Ainda considerando os atributos da deusa, Novak (1989) observa que Lucrécio transpôs o “poder criador” de Vênus para a arte poética:<sup>25</sup> como a deusa governa a criação, fornecendo meios para que as criaturas sempre se reproduzam, ela também pode “governar” a composição do poema de Lucrécio.<sup>26</sup>

<sup>19</sup> ASMIS, 2007, p. 97-98.

<sup>20</sup> ASMIS, 2007, p. 101.

<sup>21</sup> Cf. nota 12 do Capítulo I, aqui reproduzida: “Em seu *De Rerum Natura*, Lucrécio dissemina a principal proposta epicurista: a busca pelo prazer como o ápice da felicidade humana, prazer esse que “é ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma”, a *aponia* e *ataraxia*, respectivamente. Cf. EPICURO, 2002, 42-43: τὸ μῆτε ἀλγεῖν κατὰ σῶμα μῆτε ταραττεσθαι κατὰ ψυχὴν”.

<sup>22</sup> DRN I, 15-16: *Ita capta lepore / te sequitur cupide quo quamque inducere pergis.*

<sup>23</sup> DRN I, 20: (...) *Generatim saecla propagent.*

<sup>24</sup> Observamos também que o poeta, ao inserir logo no início de sua obra epicurista a constante ideia do encanto que a deusa proporciona nos seres, já introduz em seus leitores a premissa básica da doutrina que pretende ensinar – a busca pela *ataraxia*, a ausência de qualquer tipo de incômodo ou dor –, tendo em vista que, nesse momento, os efeitos de Vênus são todos positivos.

<sup>25</sup> NOVAK, 1989, p. 113.

<sup>26</sup> A premissa é a mesma do encanto da deusa sobre os animais: tal como Vênus encanta os animais, ela fornece encanto aos versos do poeta; tal como Vênus comanda a criação, ela também comanda a criação poética de Lucrécio.

Importante notar que, até o momento, tratamos de interpretações referentes aos versos 1-28, que abordam principalmente o tema da reprodução das espécies. Entre os versos 29-43, por sua vez, o poeta solicita ajuda à deusa não mais para a criação de seus versos, mas para que ela conceda paz aos romanos a fim de que possa “com serenidade realizar o [seu] trabalho”. Nesse ponto, encontramos novamente a deusa – a mesma de quem os ventos fogem, a mesma que faz as nuvens afastarem-se do céu<sup>27</sup> – a “agir” e, por meio de seu encanto, pedir a Marte, aquele que “ordena esses feros trabalhos de guerra” e que “muitas vezes se reclina em teu seio, vencido pela eterna ferida do amor”,<sup>28</sup> que conceda paz aos romanos.<sup>29</sup> Dessa forma, além de ser aquela que rege a criação dos seres e responsável por tudo que é prazeroso, Vênus é também quem traz paz utilizando-se de sua “graça”, persuasão e do desejo que “desperta” em outrem.<sup>30</sup>

Gale (1994), por sua vez, destaca que o papel de Vênus é redefinido no decorrer do poema.<sup>31</sup> No Livro II, v. 167-174, trecho exposto em b) abaixo, a deusa é reduzida a uma metonímia para a relação sexual, além de seu poder sobre as estações<sup>32</sup> e sobre a criação e nascimento,<sup>33</sup> por exemplo, passar a ser dividido entre Natureza e prazer.<sup>34</sup>

<sup>27</sup> DRN I, 6-7: *Te, dea, te fugiunt uenti, te nubila caeli / aduentumque tuum.*

<sup>28</sup> DRN I, 32-34: *Quoniam belli fera moenera Mauors / armipotens regit, in gremium qui saepe tuum se / reiicit, aeterno deuictus uolnere amoris,*

<sup>29</sup> Inevitável questionar também a presença de Marte no poema. Ainda que não seja nosso objetivo neste trabalho abordar todos os deuses mencionados pelo poeta, consideramos que Marte aqui é, tal como Vênus, uma representação alegórica cuja presença pode ser justificada devido ao período histórico da composição do poema – as guerras civis que deram origem ao final da República e instituição do Império.

<sup>30</sup> Novak desenvolve um interessante raciocínio referente à paz. Segundo a estudiosa, a paz, no poema, é uma ideia que se inicia na alegria efêmera dos mortais, atravessa a frágil paz representada pela imagem de Vênus e de Marte e chega, finalmente, à paz absoluta e eterna dos deuses, que são o modelo da paz humana a qual os leitores do *De Rerum Natura* serão capazes de atingir após apreender os ensinamentos do poeta. Cf. NOVAK, 1989, p. 115.

<sup>31</sup> GALE, 1994, p. 212.

<sup>32</sup> DRN I, 6-13: *Te, dea, te fugiunt uenti, te nubila caeli / aduentumque tuum, tibi suavis daedala tellus / summittit flores, tibi rident aequora ponti, / placatumque nitet diffuso lumine caelum. / Nam simul ac species patefactast uerna diei, / et reserata uiget genitabilis aura fauoni, / aerae primum uolucres te, diua, tuumque / significant ininum percussae corda tua ui.* (Por isso de ti fogem os ventos, ó deusa; de ti, mal tu chegas, se afastam as nuvens do céu; e a ti oferece a terra diligente as suaves flores, para ti sorriem os plainos do mar e o céu em paz resplandece inundado de luz. Apenas reaparece o aspecto primaveril dos dias e o sopro criador do Favônio, já livre, ganha forças, primeiro te celebram e à tua vinda, ó deusa, as aves do ar, pela tua força abaladas no mais íntimo do peito)

<sup>33</sup> DRN I, 3-5: *Quae mare nauigerum, quae terras frugiferentis / concelebras, per te quoniam genus omne animantum / concipitur, uisitque exortum lumina solis:* (Que por sob os astros errantes povoa o navegado mar e as terras férteis em searas, por teu intermédio se concebe todo o gênero de seres vivos e, nascendo, contempla a luz do sol); DRN I, 19-23: *Omnibus incutiens blandum per pectora amorem, / efficis ut cupide generatim saecla propagent. / Quae quoniam rerum naturam sola gubernas, / nec sine te quicquam dias in luminis oras / exoritur, neque fit laetum neque amabile quicquam,* (A todos incutindo no peito o brando amor, tu consegues que desejem propagar-se no tempo, por meio da geração. Visto que sozinha vais governando a natureza e que, sem ti, nada surge nas divinas margens da luz e nada se faz de amável e alegre.)

<sup>34</sup> Cf. termos *naturam*, v. 168, e *uoluptas*, v. 172. Cf. GALE, 1994, p. 212.

Ainda segundo Gale, a terra, igualmente no Livro II, assume os epítetos *genetrix*<sup>35</sup> e *alma*,<sup>36</sup> anteriormente atribuídos a Vênus. Logo, o que no próêmio era creditado a Vênus – propagação das espécies animais e vegetais – agora é responsabilidade da natureza, do prazer e da terra juntos.<sup>37</sup> A estudiosa prossegue seu trabalho informando outras interpretações possíveis para a presença da invocação a Vênus e uma que retoma o que apresentamos anteriormente considera o trecho como uma “alegoria” para o início da primavera, tendo em vista que os ventos fogem da deusa e as nuvens se afastam do céu, evidenciando o fim do inverno. Assim, a primavera é estação do encanto e do prazer e pode ser chamada *genetrix*, pois, além de ser a estação que propicia a reprodução das espécies, é aquela em que o mundo começou.<sup>38</sup>

Em resumo, observamos que as explicações mais recorrentes – e mais aceitas – para a presença de Vênus no início do *De Rerum Natura* relacionam-se com o caráter propiciador da vida que a deusa carrega, com o enlevo e o prazer que provoca nos seres, relacionam-se, portanto, com aspectos, de certa forma, sedutores, mas claramente positivos.<sup>39</sup> Diante disso, resta-nos, neste capítulo, mostrar as demais ocorrências de Vênus no decorrer do *De Rerum Natura*.

Após o “Hino a Vênus”, notamos que há um maior número de ocorrências da deusa no Livro IV, notadamente nos versos que abordam o tema do *amor*. Nos demais livros – especificamente nos Livros I, II, III e V –, por outro lado, o nome da deusa surge esporadicamente. Assim sendo, primeiro apresentaremos os trechos dos livros mencionados acima para posteriormente focarmos nas ocorrências do Livro IV:

- a) Se fora certo que o tempo, a tudo quanto faz desaparecer pela idade, consome inteiramente a matéria, como poderia Vênus trazer de novo à

<sup>35</sup> DRN II, 598-599: *Quare magna deum mater, materque ferarum, / et nostri genetrix haec dicta est corporis una.* (Por isso lhe deram ao mesmo tempo o nome de grande mãe dos deuses, de mãe dos animais bravios e de geradora do nosso corpo.)

<sup>36</sup> DRN II, 992: *Denique caelesti sumus omnes semine oriundi; / omnibus ille idem pater est, unde alma liquentis / umoris guttas mater cum terra recepit,* (Realmente todos somos oriundos duma semente celeste; é pai de nós todos aqueles donde a terra nossa mãe criadora recebe as gotas de líquida chuva;)

<sup>37</sup> GALE, 1994, p. 213.

<sup>38</sup> Segundo Gale (1994, p. 217-218), há um paralelo entre as aves celebrarem primeiro a vinda da deusa/primavera no Livro I, 10-13 e terem sido as primeiras a “eclodirem”, no Livro V, 801-804: *Principio genus alituum uariaeque uolucres / oua relinquebant exclusae tempore uerno, / folliculos ut nunc teretis aestate cicadae / lincunt sponte sua uictum uitamque petentes.* (A princípio, as espécies aladas e as várias aves abandonavam os ovos e eclodiam na época primaveril, exatamente como agora as cigarras abandonam no verão espontaneamente os seus redondos envoltórios e procuram o alimento e a vida.)

<sup>39</sup> Como afirmou Trevizam (2015, p. 248), no “Hino a Vênus” há “uma imagem de tonalidades absolutamente luminosas e positivas”.

luz da vida as gerações de animais, e como, depois de eles terem surgido, poderia a terra criadora encontrar com que os sustentar e fazê-los crescer, apresentando-lhes alimento? (*De Rerum Natura*, Livro I, Coleção *Os Pensadores*)<sup>40</sup>

- b) No entanto, contrariamente a isto alguns, ignorantes da matéria, creem que não teria podido a natureza, sem favor dos deuses, acomodar-se tanto aos objetivos humanos, variando as estações do ano, criando as searas e todas as outras coisas a que incita os mortais, pondo-se como guia da vida a própria, divina voluptuosidade, e incitando-se, pelos trabalhos de Vênus, a que se reproduzam as gerações para que não pereça o gênero humano. (*De Rerum Natura*, Livro II, Coleção *Os Pensadores*)<sup>41</sup>
- c) Por fim, o cálido fogo e a gélida geada mordem os nossos sentidos, como a dente, mas de maneira diversa, conforme nos indica o tatear de cada uma. Porque o tato, o tato, ó sagrados, poderosos deuses!, é o sentido do corpo, quando nele se insinua um objeto externo, ou quando o fere uma substância nascida no próprio corpo, ou quando lhe apraz o que sai no gerador ato de Vênus, ou quando, por um choque, se perturbam no próprio corpo os átomos e, batendo uns nos outros, nos confundem os sentidos: o que podes experimentar se bateres com tua própria mão em qualquer parte do corpo. (*De Rerum Natura*, Livro II, Coleção *Os Pensadores*)<sup>42</sup>
- d) Finalmente, parece ridículo que a alma assista aos conúbios de Vênus e aos partos das feras e que, sendo imortais, lutem em número incalculável

---

<sup>40</sup> DRN I, 225-229: *Praeterea quaecumque uetustate amouet aetas, / si penitus peremit consumens materiem omnem, / unde animale genus generatim in lumina uitae / reducit Venus, aut reductum daedala tellus / unde alit atque auget generatim pabula praebens?*

<sup>41</sup> DRN II, 167-174: *At quidam contra haec, ignari materiai, / naturam non posse deum sine numine rentur / tanto opere humanis rationibus admoderate / tempora mutare annorum frugesque creare, / et iam cetera, mortalis quae suadet adire / ipsaque deducit dux uitae dia uoluptas, / et res per Veneris blanditur saecla propagent, / ne genus occidat humanum.*

<sup>42</sup> DRN II, 431-441: *Denique iam calidos ignis gelidamque pruina / dissimili dentata modo conpungere sensus / corporis, indicio nobis est tactus uterque. / Tactus enim, tactus, pro diuum numina sancta, / corporis est sensus, uel cum res exera sese / insinuat, uel cum laedit quae in corpore natast, / aut iuuat egrediens genitalis per Veneris res, / aut ex offensus cum turbant corpore in ipso / semina, confundunt <que> inter se concita sensum; / ut si forte manu quamuis iam corporis ipse / tute tibi partem ferias atque experiare.*

pelos membros mortais e se batam entre si para entrar primeiro e com mais força. (*De Rerum Natura*, Livro III, Coleção *Os Pensadores*)<sup>43</sup>

e) Outros monstros criava e outros portentos, e tudo inútil porque a natureza lhes impediu o crescimento e não puderam alcançar a desejada flor da idade nem encontrar alimento nem unir-se pelo ato de Vênus. (*De Rerum Natura*, Livro V, Coleção *Os Pensadores*)<sup>44</sup>

f) De fato, não florescem a par, nem os corpos lhes tomam vigor ao mesmo tempo, nem simultaneamente os atinge a velhice; também não é igual neles o ardor de Vênus nem têm os mesmos costumes, nem lhes correm pelos membros os mesmos prazeres. (*De Rerum Natura*, Livro V, Coleção *Os Pensadores*)<sup>45</sup>

g) Vênus juntava pelos bosques os corpos dos amantes, quer houvesse efetivamente um desejo mútuo, quer a violenta força do homem e a paixão dominadora, quer uma recompensa, bolotas, bagas ou frutas escolhidas. (*De Rerum Natura*, Livro V, Coleção *Os Pensadores*)<sup>46</sup>

Os sete trechos destacados acima mostram a deusa Vênus e realçam de diferentes formas – com diferentes profundidades, talvez – seu aspecto criador. Nos excertos em a) e em g), por exemplo, notamos, num primeiro momento, a deusa como agente das ações descritas pelo poeta: é ela que traz a vida novamente às gerações animais, é ela que une os corpos dos amantes. Percebemos, no entanto, que a Vênus dos dois trechos é, na verdade, apenas outro nome para a relação sexual que dá início a novas vidas – algo bastante presente no Livro IV, como veremos adiante.

Em seguida, enquanto em f) há uma menção ao ardor de Vênus, às sensações que os animais possuem antes do ato sexual, o que surge nos demais trechos – b) a e) –

<sup>43</sup> DRN III, 776-780: *Denique conubia ad Veneris partusque ferarum / esse animas praesto deridiculum esse uidetur, / expectare immortalis mortalia membra / innumero numero, certareque praeproperanter / inter se quae prima potissimaque insinuetur;*

<sup>44</sup> DRN V, 845-848: *Cetera de genere hoc monstra ac portenta creabat, / nequiquam, quoniam natura absterruit auctum, / nec potuere cupitum aetatis tangere florem, / nec reperire cibum nec iungi per Veneris res.*

<sup>45</sup> DRN V, 895-898: *Quae neque florescunt pariter, nec robora sumunt / corporibus, neque proiciunt aetate senecta, / nec simili Venere ardescunt, nec moribus unis / conueniunt, neque sunt eadem iucunda per artus.*

<sup>46</sup> DRN V, 962-965: *Et Venus in siluis iungebat corpora amantum; / conciliabat enim uel mutua quamque cupido, / uel uiolenta uiri uis atque inpensa libido, / uel pretium, glandes atque arbita uel pira lecta.*

é uma referência aos próprios atos sexuais para a reprodução das espécies. O que nossa demonstração superficial sugere é que a deusa é nomeada nos livros I, II, III e V do poema apenas quando se faz necessário realçar quaisquer aspectos relacionados à geração de vida e manutenção das espécies, corroborando, assim, nossa observação anterior de que a presença de Vênus no poema pode se justificar unicamente pelo seu papel na continuidade da vida.

A deusa é mencionada mais duas vezes no Livro V do *De Rerum Natura*:

- h) Vão juntamente a primavera e Vênus, e logo antes o alado arauto de Vênus, enquanto junto dos passos de Zéfiro, Flora, sua mãe, cobre todos os caminhos de cores egrégias e de perfumes. (*De Rerum Natura*, Livro V, Coleção *Os Pensadores*)<sup>47</sup>
- i) O fogo tornou-lhes os corpos sensíveis ao frio e menos capazes de suportá-lo só com o abrigo do céu; Vênus diminuiu-lhes as forças e os meninos, com suas carícias, facilmente quebraram a dura natureza de seus pais. (*De Rerum Natura*, Livro V, Coleção *Os Pensadores*)<sup>48</sup>

O trecho em h) traz Vênus novamente como propiciadora da criação: juntamente com a primavera, torna possível que os campos e os seres sejam fecundados e, por conseguinte, renovem-se. O último trecho, por outro lado, apresenta um diferente ponto de vista sobre as consequências da reprodução: a deusa, com seu nome tendo sido associado inúmeras vezes às relações sexuais, “abrandou” os homens, permitindo que eventualmente se tornassem mais predispostos a se unir em comunidades e, dessa forma, garantir de modo mais seguro a manutenção de sua raça.<sup>49</sup>

## II.1. Hino a Vênus e o Livro IV

<sup>47</sup> DRN V, 737-749: *It uer et Venus et Veneris praenuntius ante / pennatus graditur, Zephyri uestigia propter / Flora quibus mater praespargens ante uiai / cuncta coloribus egregiis et odoribus opplet.*

<sup>48</sup> DRN V, 1015-1018: *Ignis enim curauit ut alsia corpora frigus / non ita iam possent caeli sub tegmine ferre, / et Venus inminuit uiris, puerique parentum / blanditiis facile ingenium fregere superbum.*

<sup>49</sup> Destacamos aqui o contexto em que o trecho aparece: nesse ponto do Livro V, Lucrécio faz uma breve descrição do desenvolvimento humano, desde seu início mais conturbado e selvagem até sua organização em sociedades. Aparentemente, as relações sexuais e o contínuo surgimento de proles fizeram com que os homens se tornassem mais sociáveis.

Como mencionado acima, as ocorrências do nome da deusa concentram-se, no Livro IV, compreensivelmente, no trecho que aborda o *amor*, entre os versos 1030-1287:

- a) Desse modo, portanto, quem recebe uma ferida pelos dardos de Vênus,  
quer um rapaz de membros femininos os atire,  
quer uma mulher que lança amor do corpo inteiro,  
aspira e anseia por unir-se ao autor da ferida  
e por lançar em um corpo o líquido conduzido de outro;<sup>50</sup>
- b) Isso é Vênus para nós; daqui vem, além disso, o nome do amor;  
daqui, primeiramente, aquela gota da doçura de Vênus pingou  
no coração e seguiu-se um frígido cuidado.<sup>51</sup>
- c) Assim Vênus, no amor, ilude os amantes com simulacros,  
nem os corpos podem saciar, em sua presença, a quem os olha,  
nem podem arrebatrar com as mãos algo dos tenros  
membros, errando incertos por todo o corpo.<sup>52</sup>
- d) E uns amantes riem dos outros e aconselham que acalmem  
Vênus, pois se afligem por um amor vergonhoso,  
e muitas vezes não reconhecem, infelizes, seus enormes males.<sup>53</sup>
- e) Mas, agora, seja o seu rosto de quanta beleza quiseres,  
nela a força de Vênus apareça em todos os membros;<sup>54</sup>

<sup>50</sup> DRN IV, 1052-1056: *Sic igitur Veneris qui telis accipit ictus, / siue puer membris muliebribus hunc iaculatur / seu mulier toto iactans e corpore amorem, / unde feritur, eo tendit gestitque coire / et iacere umorem in corpus de corpore ductum;*

<sup>51</sup> DRN IV, 1058-1060: *Haec Venus est nobis; hinc autemst nomen amoris, / hinc illaec primum Veneris dulcedinis in cor / stillauit gutta, et successit frigida cura.*

<sup>52</sup> DRN IV, 1101-1104: *Sic in amore Venus simulacris ludit amantis, / nec satiare queunt spectando corpora coram, / nec manibus quicquam teneris abradere membris / possunt errantes incerti corpore toto.*

<sup>53</sup> DRN IV, 1157-1159: *Atque alios alii inident Veneremque suädent / ut placent, quoniam foedo adflicentur amore, / nec sua respiciunt miseri mala maxima saepe.*

<sup>54</sup> DRN IV, 1171-1172: *Sed tamen esto iam quantouis oris honore, / cui Veneris membris uis omnibus exoriatur:*

- f) Nem por vontade divina e pelas flechas de Vênus às vezes  
se dá que uma mulherzinha feia seja amada;<sup>55</sup>

Os trechos de a) a f) mostrados acima apresentam a deusa Vênus predominantemente como uma pálida sombra de sua identidade mitológica.<sup>56</sup> Em a), c), d) e f), os dardos e as flechas de Vênus e a ilusão que a deusa provoca nos amantes, bem como a forma como ela resolve puni-los – “e uns amantes riem dos outros e aconselham que acalmem / Vênus, pois se afligem por um amor vergonhoso” –, sugerem-nos uma imagem débil da deusa como encontramos em grande parte dos mitos, uma deusa coberta pelo imaginário e pela superstição dos que a veem como diretamente responsável pelas atrações físicas entre os seres e, conseqüentemente, pelo surgimento do amor.

O trecho em b) traz duas possíveis interpretações para o nome “Vênus”, bastante distintas entre si: em “Isso é Vênus para nós”, o poeta revela que transformamos em uma deusa algo que era natural – o impulso ejaculatório desencadeado pelo desejo. Em “aquela gota da doçura de Vênus pingou”, podemos ver a “doçura de Vênus” como os efeitos de uma antecipação sexual igualmente provocada pelo desejo. Assim, a deusa mostra-se, nesses versos, como intrinsecamente relacionada ao surgimento do desejo sexual. O trecho em e), por fim, enfatiza o caráter físico da deusa – sua imensa beleza – amplamente difundido através da mitologia.

Os próximos quatro excertos apresentam Vênus como patrona da procriação, retomando os versos 1-20 do “Hino a Vênus”:

- g) Enfim, quando, reunidos os membros, desfrutam da  
flor da idade, quando o corpo já pressagia os prazeres  
e Vênus está no ponto em que semeia os campos femininos,  
avidamente juntam os corpos, unem as salivas  
da boca e inspiram, pressionando os lábios com os dentes;<sup>57</sup>

- h) Deles Vênus apresenta figuras com variável êxito

<sup>55</sup> DRN IV, 1278-1279: *Nec diuinitus interdum Venerisque sagittis / deteriore fit ut forma muliercula ametur;*

<sup>56</sup> Cf. BROWN, 1987, p. 95.

<sup>57</sup> DRN IV, 1105-1109: *Denique cum membris conlatis flore fruuntur / aetatis, iam cum praesagit gaudia corpus / atque in eost Venus ut muliebria conserat arua, / adfigunt auide corpus iunguntque saliuas / oris et inspirant pressantes dentibus ora--*

e reproduz rostos, vozes e cabelos dos antepassados,  
visto que tudo se dá de uma semente determinada  
não menos que nossas faces, corpos e membros.<sup>58</sup>

i) E os poderes divinos não afastam a semente geradora  
de alguém, de modo que nunca seja chamado pai pelos  
filhos queridos e atravesse a vida sob uma Vênus estéril;<sup>59</sup>

j) Pois as harmonias de Vênus parecem diferir muito.  
E uns engravidam mais outras, de outros  
umas recebem mais o peso e engravidam.<sup>60</sup>

Os trechos em g) e em h) e j) abordam diferentes aspectos da procriação: o primeiro trata do próprio ato gerador de vida, evocando os versos 1-5 do “Hino a Vênus”,<sup>61</sup> os outros dois tratam do resultado do ato sexual: como os filhos se assemelham aos pais ou outros antepassados ou mesmo da possibilidade da gravidez. O trecho em i), por sua vez, também se relaciona com a procriação, mas de uma outra forma: apresenta um cenário em que não ocorre a gravidez e, então, a deusa não é mais a “Vênus criadora” do “Hino”.

Explicitamos agora um aspecto da deusa que concentra o maior número de ocorrências no Livro IV: a deusa, nos próximos dez trechos, é apenas uma metáfora sexual para o ato de fazer amor:

k) Uma ferida, na verdade, agrava-se e se fortalece com o alimento,  
todos os dias o furor se desenvolve e a inquietação piora,  
se não perturbas as primeiras chagas com novos golpes  
e, errante, cuidas no início das recentes por meio de uma Vênus

<sup>58</sup> DRN IV, 1223-1226: *Inde Venus uaria producit sorte figuras / maiorumque refert uoltus uocesque comasque, / quandoquidem nilo magis haec de semine certo / fiunt quam facies et corpora membraque nobis.*

<sup>59</sup> DRN IV, 1233-1235: *Nec diuina satum genitalem numina cuiquam / absterrent, pater a gnatis ne dulcibus umquam / appelletur et ut sterili Venere exigat aeuom;*

<sup>60</sup> DRN IV, 1248-1250: *Nam multum harmoniae Veneris differre uidentur. / atque alias alii complent magis, ex aliisque / succipiunt aliae pondus magis inque grauescunt.*

<sup>61</sup> “Ó mãe dos Enéadas, prazer dos homens e dos deuses, ó Vênus criadora, que por sob os astros errantes povoa o navegado mar e as terras férteis em searas, por teu intermédio se concebe todo o gênero de seres vivos e, nascendo, contempla a luz do sol”. Cf. nota 2 acima.

inconstante, ou mudas os movimentos do espírito para outra direção.

Nem aquele que evita o amor carece dos frutos de Vênus,  
mas antes toma o que é cômodo sem tormento;<sup>62</sup>

l) Mas Vênus suspende de leve as penas em meio ao amor  
e o agradável prazer, interpondo-se, refreia as mordidas;<sup>63</sup>

m) Na verdade, parecem às vezes querer fazê-lo, e lutar;  
a tal ponto se prendem avidamente nos laços de Vênus,  
enquanto os membros desfalecem abatidos pela força da volúpia.<sup>64</sup>

n) Naturalmente, também grandes esmeraldas de brilho verde  
encerram-se em ouro, a veste verde-mar gasta-se  
com frequência e, agitada, bebe o suor de Vênus;<sup>65</sup>

o) Na verdade, evitar que sejamos atraídos aos limites do amor  
não é tão difícil quanto, capturados pelos mesmos laços,  
sair e quebrar os fortes nós de Vênus.<sup>66</sup>

p) Nem de outro modo as aves, os rebanhos grossos, as feras,  
o gado miúdo e as éguas poderiam submeter-se aos machos,  
se não porque sua própria natureza, transbordando, está no cio  
e se inflama e, com alegria, apropria-se da Vênus dos que cobrem.<sup>67</sup>

q) Pois que, muitas vezes, os cães nas encruzilhadas, desejosos de separar-

<sup>62</sup> DRN IV, 1068-1074: *Vlcus enim uiuescit et inueterascit alendo, / inque dies gliscit furor atque aerumna grauescit, / si non prima nouis conturbes uolnera plagis / uolgiuagaque uagus Venere ante recentia cures / aut alio possis animi traducere motus. / Nec Veneris fructu caret is qui uitat amorem, / sed potius quae sunt sine poena commoda sumit;*

<sup>63</sup> DRN IV, 1084-1085: *Sed leuiter poenas frangit Venus inter amorem, / blandaque refrenat morsus admixta uoluptas;*

<sup>64</sup> DRN IV, 1112-1114: *Nam facere interdum uelle et certare uidentur: / usque adeo cupide in Veneris compagibus haerent, / membra uoluptatis dum ui labefacta liquescunt.*

<sup>65</sup> DRN IV, 1126-1128: *Scilicet et grandes uiridi cum luce zmaragdi / auro includuntur, teriturque thalassina uestis / adsidue et Veneris sudorem exercita potat;*

<sup>66</sup> DRN IV, 1146-1148: *Nam uitare, plagas in amoris ne laciamur, / non ita difficile est quam captum retibus ipsis / exire et ualidos Veneris perrumpere nodos.*

<sup>67</sup> DRN IV, 1197-1200: *Nec ratione alia uolucres armenta feraeque / et pecudes et equae maribus subsidere possent, / si non, ipsa quod illarum subat ardet abundans / natura et Venerem salientum laeta retractat.*

[se,  
dirigem-se empenhados para partes contrárias com a máxima força  
quando, neste ínterim, ficam presos pelos fortes nós de Vênus.<sup>68</sup>

r) (...) Mas os que vêm tendo  
as duas aparências, igualmente misturados os rostos dos pais,  
crescem do corpo paterno e do sangue materno,  
quando as sementes, excitadas pelos estímulos de Vênus e vindo de  
[encontro  
pelos membros, mútuo ardor uniu em concordância  
e nenhuma delas venceu, nem foi vencida.<sup>69</sup>

s) Pois a mulher impede e resiste a que conceba,  
se ela, em seu prazer, traz a si a Vênus do homem com as ancas  
e, com o corpo todo flexível, agita os humores;<sup>70</sup>

t) Assim, no seu próprio interesse, as meretrizes costumaram se mover,  
para não conceberem com frequência e ficarem grávidas  
e, ao mesmo tempo, para que fosse mais agradável aos homens a própria  
[Vênus;<sup>71</sup>

Em cada um dos trechos, o nome da deusa é utilizado para se referir ao ato sexual em diversos níveis: em k), há uma ênfase nas relações sexuais “descomplicadas”, privilegiando o sexo livre, e uma menção aos prazeres adquiridos através do ato; em l), p), s) e t), “Vênus” refere-se, como na ocorrência anterior, ao próprio prazer sexual dos homens, com o adendo de, em p), “Vênus” poder significar até mesmo o órgão sexual dos machos. Os trechos em m) e em o) e q), por sua vez, trazem as expressões “laços de Vênus” e “nós de Vênus”, respectivamente, e o nome da deusa é um sinônimo para

<sup>68</sup> DRN IV, 1203-1205: *In triuuis cum saepe canes, discedere auentes, / diuorsi cupide summis ex uiribu' tendunt, / quom interea ualidis Veneris compagibus haerent.*

<sup>69</sup> DRN IV, 1212-1217: (...) *Sed quos utriusque figurae / esse uides, iuxtim miscentes uulta parentum, / corpore de patrio et materno sanguine crescunt, / semina cum Veneris stimulis excita per artus / obuia confligit conspirans mutuus ardor, / et neque utrum superauit eorum nec superatumst.*

<sup>70</sup> DRN IV, 1269-1271: *Nam mulier prohibet se concipere atque repugnat, / clunibus ipsa uiri Venerem si laeta retractat / atque exossato ciet omni pectore fluctus;*

<sup>71</sup> DRN IV, 1274-1276: *Idque sua causa consuerunt scorta moueri, / ne complerentur crebro grauidaeque iacerent, / et simul ipsa uiris Venus ut concinnior esset;*

“relação sexual”. Em n), o “suor de Vênus” é o próprio suor do ato sexual e, em r), os “estímulos de Vênus” são aqueles desencadeados, novamente, pelo desejo sexual.

O último trecho em que a deusa aparece no Livro IV difere-se muito dos que vimos anteriormente:

u) Nem isso se oculta a nossas Vênus; quanto mais elas próprias, com  
[grande  
dificuldade, escondem todos os bastidores da vida daqueles  
que desejam reter e que estejam atados no amor.<sup>72</sup>

Interpretamos a expressão “nossas Vênus” como “nossas amantes” ou “nossas meretrizes”. O contexto da ocorrência é significativo: o poeta faz um retrato do “amante trancado do lado de fora da porta”, *tópos* muito utilizado na poesia elegíaca,<sup>73</sup> em que as amadas são, geralmente, mulheres livres e independentes. A despeito disso, não há mais nenhuma relação direta com o ato sexual, como a maioria das ocorrências que vimos anteriormente, exceto que as “nossas Vênus” são o objeto de desejo do amante.

Vemos, portanto, a deusa Vênus extensamente associada ao prazer, um prazer que desperta o encantamento nos seres, que instila o amor e o desejo necessários para que todo o mundo esteja sempre em constante renovação, tal como Lucrecio afirma que está. Vemos, também, a presença da deusa como sinônimo dos atos sexuais despreocupados, daqueles atos livres dos desesperos causados pelo *amor*, atos sexuais naturais aos seres. Vemos, portanto, que não há contradição entre as imagens da deusa que o poeta nos mostra no decorrer de sua obra: a deusa simboliza a procriação, e a sexualidade nada mais é do que um instinto automático e natural. Dessa forma, vemos a deusa do “Hino” não modificada, mas reduzida de símbolo de prazer e fertilidade para uma “flexível metáfora” para o ato sexual no Livro IV.<sup>74</sup>

Por fim, algumas considerações sobre a atividade sexual dos homens e dos animais se fazem necessárias. O “Hino a Vênus” mostra um fértil instinto sexual na natureza, sem quaisquer aspectos negativos. O Livro IV, por sua vez, traz o mesmo

<sup>72</sup> DRN IV, 1185-1187: *Nec Veneres nostras hoc fallit; quo magis ipsae / omnia summo opere hos uitae postscania celant / quos retinere uolunt adstrictosque esse in amore-*

<sup>73</sup> Ov. Amores 1.6: *Ianitor — indignum! — dura religate catena, / difficilem moto cardine pande forem! / quod precor, exiguum est — aditu fac ianua paruo / obliquum capiat semiadaperta latas.* (Porteiro, oh, coisa indigna!, acorrentado por cruéis grilhões, / faz mover sobre os gonzos e franqueia-me essa porta teimosas. / O que te peço pouco é: faz com que, por uma fresta estreita, a porta / meio aberta me deixe, de esguelha, passar o corpo.) – Trad. Carlos Ascenso André. Cf. OVID, 1914, p. 334.

<sup>74</sup> Cf. BROWN, 1987, p. 95.

instinto de modo degenerado no nível humano. É inegável que o mesmo instinto é abordado nos dois livros, que são os mesmos fatores que determinam os atos sexuais tanto para os animais quanto para os homens.<sup>75</sup> No entanto, a força criativa, alegre e fértil junto aos animais torna-se estéril, destrutiva e repleta de fracasso entre os homens, fato que é tema de nosso próximo capítulo.

---

<sup>75</sup> Tanto os homens quanto os animais buscam alívio sexual, as mulheres são comparadas às fêmeas dos animais no cio (*DRN IV*, 1192-1208), elas concebem mais facilmente à maneira dos quadrúpedes (*DRN IV*, 1263-1267). Cf. BROWN, 1987, p. 96.

### III - O AMOR DESTRUTIVO EM LUCRÉCIO E VIRGÍLIO

#### III. 1. Lucrécio e Epicuro

Antes de iniciarmos nossa análise dos trechos do Livro IV do *De Rerum Natura* (v. 1030-1287) e do Livro III das *Geórgicas* (v. 209-283), que tratam de nosso objeto de estudo principal, algumas considerações preliminares sobre as fontes de Lucrécio se fazem necessárias.

Primeiramente, apresentamos algumas observações sobre Epicuro, cuja teoria atomística<sup>1</sup> foi trabalhada no decorrer dos seis livros do *De Rerum Natura*. Segundo Diógenes Laércio, Epicuro foi autor de inúmeras obras que atingiram cerca de trezentos volumes,<sup>2</sup> dos quais nos restaram apenas fragmentos e epístolas, alguns deles preservados pelo próprio Diógenes. São de nosso interesse neste trabalho algumas ideias presentes na *Carta a Meneceu*, especificamente aquelas relacionadas ao prazer. Considerado por Epicuro como começo e fim de uma vida feliz,<sup>3</sup> o prazer “é a ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma”,<sup>4</sup> ou *aponia* e *ataraxia*, respectivamente,<sup>5</sup> e não apenas uma excitação sexual, por exemplo. Logo, a busca pelo prazer não é refém dos desejos momentâneos, mas sim uma cuidadosa análise das alternativas que o homem possui e a escolha daquela que lhe fornecerá o maior prazer a

<sup>1</sup> A teoria atomística encontra-se na parte da *Física* da filosofia epicurista, aquela que “abrange toda a teoria da natureza”. A saber, sua filosofia dividia-se em três partes: a física, mencionada acima, a canônica, uma introdução ao sistema doutrinário, e a ética, que aborda as escolhas e rejeições necessárias para uma vida feliz, ou seja, a busca de um prazer estável e equilibrado. Cf. DIÓGENES LAÉRTIOS, 2008, p. 289; HADOT, 2008, p. 173.

<sup>2</sup> DIÓGENES LAÉRTIOS, 1925, p. 554: *γένετο δὲ πολυγραφώτατος ὁ Ἐπίκουρος, πάντας ὑπερβαλλόμενος πλήθει βιβλίων: κύλινδροι μὲν γὰρ πρὸς τοὺς τριακοσίους εἰσί.* (Epicuro foi um polígrafo extraordinário, e superou todos os seus antecessores pelo número de obras, que totalizaram cerca de trezentos volumes.) DIÓGENES LAÉRTIOS, 2008, p. 289. Todas as traduções dessa obra são de Mário da Gama Kury.

<sup>3</sup> EPICURO, 2002, p. 36-37: *καὶ διὰ τοῦτο τὴν ἡδονὴν ἀρχὴν καὶ τέλος λέγομεν εἶναι τοῦ μακαρίως ζῆν. ταύτην γὰρ ἀγαθὸν πρῶτον καὶ συγγενικὸν ἐγνωμεν, καὶ ἀπὸ ταύτης καταρχόμεθα πάσης αἰρέσεως καὶ φυγῆς καὶ ἐπὶ ταύτην κατατῶμεν ὡς κανόνι τῷ πάθει πᾶν ἀγαθὸν κρίνοντες.* (É por essa razão que afirmamos que o prazer é o início e o fim de uma vida feliz. Com efeito, nós o identificamos como o bem primeiro e inerente ao ser humano, em razão dele praticamos toda escolha e toda recusa, e a ele chegamos escolhendo todo bem de acordo com distinção entre prazer e dor.)

<sup>4</sup> EPICURO, 2002, p. 42-43: *Ὅταν οὖν λέγομεν ἡδονὴν τέλος ὑπάρχειν, οὐ τὰς τῶν ἀσώτων ἡδονὰς καὶ τὰς ἐν ἀπολαύσει κειμένας λέγομεν, ὡς τινες ἀγνοοῦντες καὶ οὐχ ὁμολογοῦντες ἢ κακῶς ἐκδεχόμενοι νομίζουσιν, ἀλλὰ τὸ μῆτε ἀλγεῖν κατὰ σῶμα μῆτε ταράττεσθαι κατὰ ψυχὴν.* (Quando então dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, como acreditam certas pessoas que ignoram o nosso pensamento, ou não concordam com ele, ou o interpretam erroneamente, mas ao prazer que é ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma.)

<sup>5</sup> Para maiores considerações sobre o prazer, cf. BROWN, 1987, p. 104; HADOT, 2008, p. 171-174 e WOOLF, 2009, p. 158-178.

longo prazo.<sup>6</sup> Brown (1987, p. 104) apresenta uma dupla divisão dos prazeres e suas diferenças. O prazer catastêmico é obtido quando a mente e o corpo estão livres de distúrbios, sendo que a natureza é a responsável por sua satisfação. O prazer cinético, por sua vez, refere-se aos intensos e mais transitórios prazeres sensoriais do tato, olfato, paladar e, conseqüentemente, das relações sexuais.

Em vista disso, resta-nos agora apresentar a definição que Epicuro traz quanto aos desejos,<sup>7</sup> divididos pelo filósofo entre três tipos: os desejos naturais e necessários, básicos para a felicidade, bem-estar físico ou preservação da própria vida, aqueles desejos que, caso não supridos, causam dor ou morte; os desejos apenas naturais, que abarcam os que de alguma forma influenciam nos sentidos: desejo por sexo ou por comidas abundantes; e os desejos inúteis, que surgem de opiniões vazias e não se relacionam com nenhuma necessidade real do corpo ou da mente. Encontram-se nesse grupo o desejo por “status” ou poder político, além de riquezas e até mesmo a imortalidade.<sup>8</sup>

Podemos dizer, então, que as relações sexuais, para Epicuro, não são indispensáveis. É natural que os homens e animais tenham desejo de copular, tendo em vista que tal desejo advém de causas naturais,<sup>9</sup> mas satisfazê-lo não é imperativo: a cópula pode ser negligenciada sem maiores danos para o corpo. De fato, o filósofo defende haver “ocasiões em que evitamos muitos prazeres, quando deles nos advêm efeitos o mais das vezes desagradáveis”.<sup>10</sup> O homem deve, portanto, conhecer profundamente os desejos a fim de que possa privilegiar a satisfação daqueles que conduzirão à saúde do corpo e do espírito, “visto que esta é a finalidade da vida feliz”.<sup>11</sup> Ou seja, a partir do momento em que as relações sexuais se tornam danosas a nosso corpo ou mente – quando se tornam produtos de “opiniões falsas”,<sup>12</sup> devem ser negadas. Se, no entanto, elas não desencadearem perturbações no espírito ou no corpo, não há razão para que os homens não desfrutem de seu prazer.

<sup>6</sup> Cf. EPICURO, 2002, p. 38-39: *τῆ μέντοι συμμετρήσει καὶ συμφερόντων καὶ ἀσυμφόρων βλέψει ταῦτα πάντα κρίνειν καθήκει.* (Convém, portanto, avaliar todos os prazeres e sofrimentos de acordo com o critério dos benefícios e dos danos.)

<sup>7</sup> Cf. EPICURO, 2002, p. 35.

<sup>8</sup> Cf. HADOT, 2008, p. 174.

<sup>9</sup> Cf. BROWN, 1987, p. 108.

<sup>10</sup> Cf. EPICURO, 2002, p. 37.

<sup>11</sup> Cf. EPICURO, 2002, p. 35.

<sup>12</sup> Segundo Epicuro (2002, p. 45), por causa das opiniões falsas, o espírito é tomado por perturbações, impedindo que o homem atinja o desejável estado da *ataraxia*.

Não se sabe ao certo quanto de Epicuro há na visão do sexo que Lucrécio transmite em seu *De Rerum Natura*, tendo em vista que somente a *Carta a Meneceu*, já citada anteriormente, contém uma pequena referência ao tema.<sup>13</sup> Ainda assim, Lucrécio pode ter sido capaz de apreender tudo de que precisava saber sobre a atitude de Epicuro quanto ao amor/sexo utilizando-se de um trabalho ético ou mesmo de uma coleção de ditos do filósofo.<sup>14</sup> Em todo caso, Brown (1987) afirma que Lucrécio parece atribuir o desejo sexual a uma combinação de influência visual e acúmulo de sêmen.<sup>15</sup> É algo mecânico e impessoal, tendo início em uma idade específica devido às leis básicas da natureza: a maturidade física gera a produção de sêmen por todo o corpo,<sup>16</sup> ocorre o estímulo por parte de uma imagem atraente – o objeto de desejo –, causando movimento da semente pelo corpo<sup>17</sup> e, por conseguinte, uma urgência para ejacular.<sup>18</sup> Em resumo, é a atração física uma resposta exclusivamente automática de um corpo para outro, que inicia o processo sexual.<sup>19</sup> Interessante notar, por fim, que Lucrécio, utilizando-se de termos muitas vezes positivos ao falar desse prazer sexual puro e de como é melhor aproveitado pelos homens do que o prazer “contaminado” pelo *amor*, parece se dirigir a

<sup>13</sup> Cf. BROWN, 1987 p. 101.

<sup>14</sup> BROWN, 1987, p. 102. Este crítico ainda sustenta que tanto o enredo quanto os detalhes do argumento utilizado por Lucrécio são indubitavelmente originais, embora tenha adotado um ponto de vista geral de Epicuro e, claro, pudesse ter mais material com o qual trabalhar do que nos resta agora.

<sup>15</sup> DRN IV, 1037-57. Cf. BROWN, 1987, p. 108.

<sup>16</sup> DRN IV, 1030-1031: *Tum quibus aetatis freta primitus insinuatur / semen, ubi ipsa dies membris matura creauit* (Então, naqueles em que há o ímpeto da juventude, a semente primeiro / se insinua quando o próprio tempo fez amadurecer o corpo); DRN IV, 1037-1038: *Sollicitatur id in nobis, quod diximus ante, / semen, adulta aetas cum primum roborat artus*. (Essa semente, como dissemos antes, é provocada em nós / logo que a idade do vigor fortalece os membros do corpo.) Todas as traduções do livro IV do *De Rerum Natura* presentes neste trabalho são de nossa autoria.

<sup>17</sup> DRN IV, 1032-34: *Conueniunt simulacra foris e corpore quoque, / nuntia praeclari uolus pulchrique coloris, / qui ciet inritans loca turgida semine multo* (Afluem simulacros de fora a partir de um corpo qualquer, / mensageiros de um rosto magnífico e de bela cor, / que excita, irritando, os lugares túrgidos de muito sêmen.); DRN IV, 1039-40: *Namque alias aliud res commouet atque lacessit; / ex homine humanum semen ciet una hominis uis*. (Com efeito, diferentes estímulos despertam e incitam diferentes coisas; / apenas a força de um homem move, dentro de um homem, a semente humana.); DRN IV, 1049-56: *Namque omnes plerumque cadunt in uulnus, et illam / emicat in partem sanguis unde icimur ictu, / et si comminus est, hostem ruber occupat umor. / sic igitur Veneris qui telis accipit ictus, / siue puer membris muliebribus hunc iaculatur / seu mulier toto iactans e corpore amorem, / unde feritur, eo tendit gestitque coire / et iacere umorem in corpus de corpore ductum*. (Com efeito, quase tudo em geral cai em direção à ferida, o sangue / brota naquela parte em que um golpe nos fere / e, se está perto, o líquido rubro atinge o inimigo. / Desse modo, portanto, quem recebe uma ferida pelos dardos de Vênus, / quer um rapaz de membros femininos os atire, / quer uma mulher que lança amor do corpo inteiro, / aspira e anseia por unir-se ao autor da ferida / e por lançar em um corpo o líquido conduzido de outro)

<sup>18</sup> DRN IV, 1041-1048: *Quod simul atque suis eiectum sedibus exit, / per membra atque artus decedit corpore toto / in loca conueniens neruorum certa, cietque / continuo partis genitalis corporis ipsas. / inritata tument loca semine, fitque uoluntas / eicere id quo se contendit dira lubido, / idque petit corpus, mens unde est saucia amore* (Essa, logo que sai, lançada de sua morada, / é tirada do corpo todo pelas partes e membros, / encontrando-se em certos locais dos nervos, e sem demora / excita as próprias partes genitais do corpo. / Incham-se as partes excitadas pela semente, dá-se a vontade / de lançá-la aonde se direciona o duro desejo / e o corpo busca aquilo com que a mente foi ferida de amor)

<sup>19</sup> BROWN, 1987, p. 63.

Vênus em grande parte como uma metonímia para esse prazer sexual livre – fato que será explicitado adiante.<sup>20</sup>

Quanto ao sexo, portanto, podemos dizer que nem Epicuro nem Lucrécio o condenam. Não pregam sua completa abstinência, apenas estabelecem limites que o homem sábio, em sua busca pela tranquilidade de corpo e espírito, não deve ultrapassar: não deve valer-se de opiniões falsas e considerar, por exemplo, que seu objeto de desejo é o único capaz de lhe proporcionar felicidade<sup>21</sup> e “lançar em quaisquer corpos o líquido reunido / e não convém retê-lo, definitivamente transformado pelo amor a um só”.<sup>22</sup> Logo, a atitude de Epicuro e de Lucrécio é ambivalente – por um lado, o instinto sexual é visto como um desejo natural propiciador de intenso prazer; por outro, além de poder ser negado sem nenhuma dificuldade, é capaz de perturbar, quando desfrutado de maneira “incorreta”, a saúde mental e corporal, afetando definitivamente sua apreciação.<sup>23</sup> A distinção entre aqueles que aproveitam os prazeres do sexo de modo “correto” e aqueles que não o fazem é feita em Lucrécio através dos adjetivos *sanis* (v. 1075) e *miseris* (v. 1076).<sup>24</sup>

Outra concepção importante a destacarmos é a do *amor*. Segundo Brown, (1987, p. 112), o *amor* é um termo ambíguo utilizado pelos romanos para uma série de emoções que iam desde a paixão lúbrica até a afeição.<sup>25</sup> No entanto, o que Lucrécio e Epicuro condenam é o tipo de amor que foca seu desejo em apenas uma pessoa, o que chamamos “se apaixonar”.<sup>26</sup> Segundo o fragmento 30 das “Máximas Capitais” (*Kuriai doxai*) de Epicuro,

Os desejos naturais não seguidos de sofrimento, quando não são satisfeitos, embora seus objetos sejam ardentemente perseguidos, devem-se também a uma opinião ilusória; e quando

<sup>20</sup> Cf. DRN IV, 1073-1076: *Nec Veneris fructu caret is qui uitat amorem, / sed potius quae sunt sine poena commoda sumit; / nam certe purast sanis magis inde uoluptas / quam miseris (...)*. (Nem aquele que evita o amor carece dos frutos de Vênus, / mas antes toma o que é cômodo sem tormento; / Pois, certamente, daí vem um prazer mais puro aos sãos / que aos infelizes...)

<sup>21</sup> BROWN, 1987, p. 115.

<sup>22</sup> DRN IV, 1065-1066: *Et iacere umorem conlectum in corpora quaeque, / nec retinere, semel conuersum unius amore.*

<sup>23</sup> BROWN, 1987, p. 66-67; 110-111.

<sup>24</sup> LUCRETIUS, 2008, p. 152.

<sup>25</sup> BROWN, 1987, p. 112.

<sup>26</sup> DOVER, 1974, apud BROWN, 1987, p. 112. Quanto ao “se apaixonar”, há na obra de Diógenes Laércio um resumo da ética de Epicuro feita pelo Diógenes de Tarsos em que o último afirma que “o sábio não se apaixonará, nem se preocupará com sua sepultura”. (*ἐρασθήσασθαι τὸν σοφὸν οὐ δοκεῖ αὐτοῖς: οὐδὲ ταφῆς φροντιεῖν*). Cf. DIÓGENES LAËRTIOS, 2008, p. 310; DIOGENES LAERTIUS, 1925, p. 644.

não nos livramos deles não é por causa de sua própria natureza, mas por causa da opinião ilusória dos homens.<sup>27</sup>

nossas considerações prévias quanto ao sexo podem ser confirmadas: a satisfação dos prazeres cinéticos – como o sexo – não é urgente nem difícil de ser atingida até o momento em que a “opinião falsa” criada na mente do homem intensifica tais desejos e os torna ou impossíveis de serem completamente satisfeitos ou, na pior hipótese, ilimitados como os desejos de poder e de glória. Dessa forma, é inevitável que causem perturbações no homem.<sup>28</sup> Portanto, *amor*, para Epicuro, pode ser visto como um estado de desejo sexual exacerbado pela mente por causa de suas próprias concepções vazias.

Lucrécio, por sua vez, parece ver o *amor* como uma verdadeira ameaça à *ataraxia*,<sup>29</sup> pois o homem, inebriado com a visão do seu objeto de amor, nega sua própria satisfação imediata em quaisquer corpos, trazendo a si sofrimento. O poeta aconselha, então, o amante a evitar os *simulacra*<sup>30</sup> do amado, buscando outros prazeres mentais, ou então a expelir o líquido em qualquer corpo.<sup>31</sup>

Lucrécio, em suas considerações sobre o *amor*, também parece seguir Epicuro e sua proposta de vê-lo sob o ponto de vista de alguma alteração mental. Antes de chegar ao tema *amor*, Lucrécio aborda três tipos de sonhos, todos causados pelos *simulacra*: 1º o sedento que se senta próximo a um rio, 2º as crianças que creem estar em sanitários e esvaziam a bexiga durante o sono e, como transição para o nosso tema de estudo, 3º os jovens que têm sonhos eróticos e expõem o sêmen enquanto dormem.<sup>32</sup> A mente

<sup>27</sup> DIÓGENES LAËRTIOS, 2008, p. 319. Cf. DIOGENES LAERTIUS, 1925, p. 672: Ἐν αἷς τῶν φυσικῶν ἐπιθυμιῶν, μὴ ἐπ’ ἀλγοῦν δὲ ἐπαναγοῦσῶν ἐὰν μὴ συντελεσθῶσιν, ὑπάρχει ἡ σπουδὴ σύντονος, παρὰ κενὴν δόξαν αὐταὶ γίνονται καὶ οὐ παρὰ τὴν ἐαυτῶν φύσιν οὐ διαχέονται ἀλλὰ παρὰ τὴν τοῦ ἀνθρώπου κενοδοξίαν.

<sup>28</sup> BROWN, 1987, p. 114.

<sup>29</sup> BROWN, 1987, p. 71.

<sup>30</sup> Os *simulacra*, segundo Lucrécio, são como membranas que se desprendem das superfícies dos corpos e esvoaçam pelos ares, fazendo com que nós percebamos formas, cores, cheiros, sons etc.

<sup>31</sup> DRN IV, 1063-1072: *Sed fugitare decet simulacra et pabula amoris / absterrere sibi atque alio conuertere mentem / et iacere umorem conlectum in corpora quaeque, / nec retinere, semel conuersum unius amore, / et seruare sibi curam certumque dolorem; / ulcus enim uiuescit et inueterascit alendo, / inque dies gliscit furor atque aerumna grauescit, / si non prima nouis conturbes uolnera plagis / uolgiuagaque uagus Venere ante recentia cures / aut alio possis animi traducere motus.* (Mas convém fugir dos simulacros, desviar de si os / alimentos do amor, voltar a mente a outro, / lançar em quaisquer corpos o líquido reunido / e não convém retê-lo, definitivamente transformado pelo amor a um só, / e reservar a si um cuidado e uma dor certa; / uma ferida, na verdade, agrava-se e se fortalece com o alimento, / todos os dias o furor se desenvolve e a inquietação piora, / se não perturbas as primeiras chagas com novos golpes / e, errante, cuidas no início das recentes por meio de uma Vênus / inconstante, ou mudas os movimentos do espírito para outra direção.)

<sup>32</sup> DRN IV, 1024-1036: *Flumen item sitiens aut fontem propter amoenum / adsidet et totum prope faucibus occupat amnem. / parui saepe lacum propter si ac dolia curta / somno deuincti credunt se extollere uestem, / totius umorem saccatum corpori fundunt, / cum Babylonica magnifico splendore*

ressalta imagens daquilo que aliviaria o desconforto físico (um rio para o sedento, um sanitário para a bexiga cheia e os *simulacra* atraentes para um corpo carregado de sêmen).<sup>33</sup> O poeta sugere, então, que o *amor* é uma ilusão, pois baseia-se em uma resposta mental enganadora.<sup>34</sup> É a mente que é atingida pelo *amor*,<sup>35</sup> é ela que deve ser guiada a outros prazeres para evitá-lo.<sup>36</sup> O *amor* é, então, uma desordem mental causada pela demasiada importância que o amante dá exclusivamente a outro corpo, como se apenas ele fosse capaz de proporcionar alívio sexual, impedindo, assim, que o amante obtenha seu prazer quando necessário e, conseqüentemente, perturbando seu espírito. De fato, o *amor* é a ilusão mais profunda apresentada no Livro IV, pois não desaparece com o despertar,<sup>37</sup> pelo contrário: a fixação erótica do amante pelo amado origina um tipo de “sonho acordado” no qual as imagens do amado ausente e seu nome não param de assombrar sua imaginação,<sup>38</sup> causando, então, uma inquietação e o posterior desarranjo no espírito.<sup>39</sup>

Por último, resta-nos abordar brevemente as concepções de Epicuro e de Lucrécio sobre o casamento. Epicuro desencorajava o casamento e a criação de crianças, mas não se opunha a isso definitivamente, tendo afirmado que “em

---

*rigantur. / tum quibus aetatis freta primitus insinuat / semen, ubi ipsa dies membris matura creavit, / conueniunt simulacra foris e corpore quoque, / nuntia praeclari uoltus pulchrique coloris, / qui ciet irritans loca turgida semine multo, / ut quasi transactis saepe omnibu' rebu' profundant / fluminis ingentis fluctus uestemque cruentent.* (Do mesmo modo, um sedento se senta perto de um rio ou de / uma fonte amena e sorve com a garganta quase todo o rio. / Muitas vezes as crianças, atadas ao sono, acreditam erguer / as roupas junto de uma bacia ou de vasos baixos, / derramam o líquido filtrado de todo o corpo, / quando se molham os tapetes da Babilônia, de magnífico esplendor. / Então, naqueles em que há o ímpeto da juventude, a semente primeiro / se insinua quando o próprio tempo fez amadurecer o corpo, / afluem simulacros de fora a partir de um corpo qualquer, / mensageiros de um rosto magnífico e de bela cor, / que excita, irritando, os lugares túrgidos de muito sêmen, / de modo que, como se consumadas todas as coisas, vertem / ondas ingentes de líquido e mancham a roupa.)

<sup>33</sup> BROWN, 1987, p. 71.

<sup>34</sup> BROWN, 1987, p. 85. Veja trechos do Livro IV do *De Rerum Natura* que tratam das ilusões - DRN IV, 384-386: *Hoc animi demum ratio discernere debet, / nec possunt oculi naturam noscere rerum. / proinde animi uitium hoc oculis adfingere noli.* (Isso, enfim, a razão do espírito deve discernir, / e os olhos não podem conhecer a natureza das coisas. / Portanto, não queiras imputar aos olhos esse vício do espírito.); DRN IV, 464-468: *Nequiquam, quoniam pars horum maxima fallit / propter opinatus animi quos addimus ipsi, / pro uisis ut sint quae non sunt sensibu' uisa. / nam nil aegrius est quam res secernere apertas / ab dubiis, animus quas ab se protinus addit.* (Em vão, pois que a maior parte disso engana / devido às opiniões do espírito que nós próprios acrescentamos, / de modo que, em vez do visto, exista o que não foi visto pelos sentidos. / Na verdade, nada é mais difícil que discernir as coisas óbvias / das dúbias, as quais o espírito, a partir de si, continuamente acrescenta.)

<sup>35</sup> DRN IV, 1048: *Idque petit corpus, mens unde est saucia amore* (e o corpo busca aquilo com que a mente foi ferida de amor).

<sup>36</sup> DRN IV, 1064: *... alio conuertere mentem.* (... voltar a mente a outro.)

<sup>37</sup> BROWN, 1987, p. 87

<sup>38</sup> DRN IV, 1061-1062: *Nam si abest quod ames, praesto simulacra tamen sunt / illius, et nomen dulce obuersatur ad auris.* (Na verdade, se está ausente o que amas, seus simulacros, contudo, / estão presentes, e o doce nome se oferece aos ouvidos.)

<sup>39</sup> Cf. trecho da nota 31 acima.

circunstâncias especiais de sua vida” o sábio se casaria.<sup>40</sup> Apesar de não possuímos escritos sobre as circunstâncias adequadas para o casamento, é provável que tenha sido aconselhado quando, após uma séria análise dos benefícios e prejuízos da união, percebeu-se que o matrimônio traria mais felicidade que o celibato.<sup>41</sup>

Como já dissemos anteriormente, Lucrécio, no Livro IV do *De Rerum Natura*, condena o obsessivo tipo de amor cuja base é as falsas opiniões da mente, o amor devotado a um só corpo que consome as forças do amante e seus bens.<sup>42</sup> Para evitar tal amor, o poeta sugere dois caminhos: o primeiro é ater-se ao sexo livre, evitando amar um só corpo,<sup>43</sup> o segundo é não idealizar seu objeto de desejo ao lhe atribuir qualidades que ele não possui.<sup>44</sup> Na verdade, como ressalta Brown (1987, p. 89), esse segundo caminho é desenvolvido brevemente no final do Livro IV, quando Lucrécio afirma que mesmo uma “mulherzinha feia” pode ser amada.<sup>45</sup> É um tipo de amor que cresce paulatinamente por meio do costume e da convivência, presente, portanto, em uma

<sup>40</sup> DIOGENES LAERTIUS, 1925, p. 644: *καὶ μηδὲ καὶ γαμήσειν καὶ τεκνοποιήσειν τὸν σοφόν, ὡς Ἐπίκουρος ἐν ταῖς Διαπορίαις καὶ ἐν τοῖς Περί φύσεως, κατὰ περίστασιν δὲ ποτε βίου γαμήσειν. καὶ διατραπήσεσθαι τινας.* (O próprio Epicuro afirma nos *Problemas* e nos livros *Da Natureza* que o sábio não se casará nem gerará filhos. Contrairá matrimônio somente em circunstâncias especiais de sua vida, porém outras circunstâncias poderão levá-lo a desistir de seu propósito.) DIÓGENES LAËRTIOS, 2008, p. 310.

<sup>41</sup> BROWN, 1987, p. 118-120.

<sup>42</sup> DRN IV, 1121-1125: *Adde quod absumunt uiris pereuntque labore, / adde quod alterius sub nutu degitur aetas. / languent officia atque aegrotat fama uacillans. / labitur interea res et Babylonia fiunt / unguenta, et pulchra in pedibus Sicyonia rident;* (Acrescenta a isto que consomem suas forças e perecem de sofrimento, / acrescenta que a vida passa sob a anuência de um outro. / Os deveres se negligenciam e a reputação vacilante sofre. / Enquanto isso, os bens oscilam e tornam-se perfumes / da Babilônia, e bonitos calçados de Sícion riem nos pés;)

<sup>43</sup> DRN IV, 1064-1066: *Alio conuertere mentem / et iacere umorem conlectum in corpora quaeque, / nec retinere, semel conuersum unius amore,* (Voltar a mente a outro, / lançar em quaisquer corpos o líquido reunido / e não convém retê-lo, definitivamente transformado pelo amor a um só;); DRN IV, 1071-1072: *Volgiuagaque uagus Venere ante recentia cures / aut alio possis animi traducere motus.* (E, errante, cuidas no início das recentes por meio de uma Vênus / inconstante, ou mudas os movimentos do espírito para outra direção.)

<sup>44</sup> DRN IV, 1149-1154: *Et tamen implicitus quoque possis inque peditus / effugere infestum, nisi tute tibi obuius obstes / et praetermittas animi uitia omnia primum / aut quae corpori' sunt eius, quam praepetis ac uis. / nam faciunt homines plerumque cupidine caeci / et tribuunt ea quae non sunt his commoda uere* (Contudo, enlaçado e preso também poderias / fugir do perigo se tu mesmo, impedindo, não te pusesses obstáculo, / começando por deixar passar todos os vícios do espírito / ou do corpo de quem solicitas e desejas. / Pois geralmente o fazem os homens cegos de desejo / e atribuem às mulheres aquelas qualidades que realmente não têm.) O desenvolvimento desse tópico abrange os versos 1149-1170.

<sup>45</sup> DRN IV, 1278-1287: *Nec diuinitus interdum Venerisque sagittis / deteriore fit ut forma muliercula ametur; / nam facit ipsa suis interdum femina factis / morigerisque modis et munde corpore culto, / ut facile insuescat te secum degere uitam. / quod superest, consuetudo concinnat amorem; / nam leuiter quamuis quod crebro tunditur ictu, / uincitur in longo spatio tamen atque labascit. / nonne uides etiam guttas in saxa cadentis / umoris longo in spatio pertundere saxa?* (Nem por vontade divina e pelas flechas de Vênus às vezes / se dá que uma mulherzinha feia seja amada; / pois às vezes a própria mulher faz, com seus atos, / com os modos dóceis e com o corpo em alinho e limpeza, / que facilmente te acostume a conviver consigo. / Ainda, o hábito produz o amor; / pois o que é atingido repetidas vezes, mesmo de leve, / a longo prazo, contudo, é vencido e deixa-se abater. / Acaso não vês que as gotas de água que caem / nas pedras, a longo prazo, perfuram-nas?)

relação de longo prazo. Apesar de Lucrécio não rotular o amor ao qual se refere nesse caso, Brown sugere que o poeta fez tais considerações pensando exatamente no casamento, mas também reconhecendo que o amor estável pode existir em outras formas sociais.<sup>46</sup>

Após nossas breves considerações sobre as apropriações do ideal epicurista por Lucrécio, a fim de demonstrarmos como o poeta desenvolveu ou mesmo adaptou os conceitos inicialmente propostos por Epicuro, podemos passar ao estudo dos trechos que são objeto de estudo principal em nosso trabalho: os versos 1030-1287 do Livro IV do *De Rerum Natura* e os versos 209-283 do Livro III das *Geórgicas*.

### III. 2. O Amor no Livro IV do *De Rerum Natura*

Primeiramente, observamos que os versos 1030-1036 do Livro IV do *De Rerum Natura* são uma espécie de transição do tópico anteriormente abordado pelo poeta, uma discussão mais abrangente sobre os sonhos,<sup>47</sup> para o que aqui nos interessa, a discussão sobre o sexo e o amor. Na verdade, como vimos, Lucrécio faz essa transição através de três sonhos,<sup>48</sup> entre os versos 1024-1036, que atenuam determinados incômodos fisiológicos. O primeiro deles retrata uma pessoa sedenta saciando sua sede junto a um rio ou a uma fonte,<sup>49</sup> o segundo traz uma criança que acredita estar no sanitário e, assim, urina enquanto dorme.<sup>50</sup> O terceiro, por fim, é o exposto abaixo, caracterizado pelo alívio sexual:

Então, naqueles em que há o ímpeto da juventude, a semente primeiro  
se insinua quando o próprio tempo fez amadurecer o corpo,  
afluem simulacros de fora a partir de um corpo qualquer,

<sup>46</sup> BROWN, 1987, p. 89-91.

<sup>47</sup> Lucrécio trata dos sonhos nos versos 926-1036. Seguindo os passos de Epicuro, o poeta atribui o ato de sonhar à percepção da mente quanto aos *simulacra* surgidos pelas experiências vividas durante o dia e por certas condições psicológicas e fisiológicas. Cf. BROWN, 1987, p. 171.

<sup>48</sup> Cf. BROWN, 1987, p. 171.

<sup>49</sup> DRN IV, 1024-1025: *Flumen item sitiens aut fontem propter amoenum / adsidet et totum prope faucibus occupat amnem.* (Do mesmo modo, um sedento se senta perto de um rio ou de / uma fonte amena e sorve com a garganta quase todo o rio.)

<sup>50</sup> DRN IV, 1026-1029: *Parui saepe lacum propter si ac dolia curta / somno deuincti credunt se extollere uestem, / totius umorem saccatum corpori' fundunt, / cum Babylonica magnifico splendore rigantur.* (Muitas vezes as crianças, atadas ao sono, acreditam erguer / as roupas junto de uma bacia ou de vasos baixos, / derramam o líquido filtrado de todo o corpo, / quando se molham os tapetes da Babilônia, de magnífico esplendor.)

mensageiros de um rosto magnífico e de bela cor,  
 que excita, irritando, os lugares túrgidos de muito sêmen,  
 de modo que, como se consumadas todas as coisas, vertem  
 ondas ingentes de líquido e mancham a roupa.<sup>51</sup>

Nesses versos, o poeta nos mostra que, na idade apropriada (v. 1030-1031), simulacros de belos corpos atingem um jovem corpo já repleto de sêmen, (v. 1032-1034) originando, dessa forma, os sonhos eróticos que desencadeiam um alívio sexual (v. 1035-1036). Nos próximos versos, 1037-1048, Lucrecio aborda a origem física do desejo sexual, enfatizando a aglomeração de sêmen nos genitais e a consequente necessidade de ejacular:

Essa semente, como dissemos antes, é provocada em nós  
 logo que a idade do vigor fortalece os membros do corpo.  
 Com efeito, diferentes estímulos despertam e incitam diferentes coisas;  
 apenas a força de um homem move, dentro de um homem, a semente  
 [humana.

Essa, logo que sai, lançada de sua morada,  
 é tirada do corpo todo pelas partes e membros,  
 encontrando-se em certos locais dos nervos, e sem demora  
 excita as próprias partes genitais do corpo.  
 Incham-se as partes excitadas pela semente, dá-se a vontade  
 de lançá-la aonde se direciona o duro desejo  
 e o corpo busca aquilo com que a mente foi ferida de amor;<sup>52</sup>

Assim, o poeta nos diz que o desejo sexual nada mais é do que uma junção entre estímulo visual (v. 1039-1040), mesmo que apenas em sonhos, e acúmulo de sêmen (v.

<sup>51</sup> DRN IV, 1030-1036: *Tum quibus aetatis freta primitus insinuatur / semen, ubi ipsa dies membris matura creauit, / conueniunt simulacra foris e corpore quoque, / nuntia praeclari uoltus pulchrique coloris, / qui ciet inritans loca turgida semine multo, / ut quasi transactis saepe omnibu' rebu' profundant / fluminis ingentis fluctus uestemque cruentent.*

<sup>52</sup> DRN IV, 1037-1048: *Sollicitatur id in nobis, quod diximus ante, / semen, adulta aetas cum primum roborat artus. / namque alias aliud res commouet atque lacessit; / ex homine humanum semen ciet una hominis uis. / quod simul atque suis eiectum sedibus exit, / per membra atque artus decedit corpore toto / in loca conueniens neruorum certa, cietque / continuo partis genitalis corporis ipsas. / inritata tument loca semine, fitque uoluntas / eicere id quo se contendit dira libido, / idque petit corpus, mens unde est saucia amore;*

1041-1044),<sup>53</sup> gerando a necessidade de ejacular (v.1045-1048) – um fenômeno natural e também necessário.<sup>54</sup> Os próximos nove versos (1049-1057) trazem uma comparação entre as feridas militares (v. 1049-1051)<sup>55</sup> e aquelas causadas pelo desejo sexual (v. 1052-1057):

Com efeito, quase tudo em geral cai em direção à ferida, o sangue  
brota naquela parte em que um golpe nos fere  
e, se está perto, o líquido rubro atinge o inimigo.  
Desse modo, portanto, quem recebe uma ferida pelos dardos de Vênus,  
quer um rapaz de membros femininos os atire,  
quer uma mulher que lança amor do corpo inteiro,  
aspira e anseia por unir-se ao autor da ferida  
e por lançar em um corpo o líquido conduzido de outro;  
de fato, o desejo mudo pressagia a volúpia.<sup>56</sup>

Notamos, até este momento, que Lucrécio faz uma abordagem um tanto quanto crua do sexo. Vemos que apenas a atração física é necessária para se iniciar o processo sexual e que o poeta sequer menciona o nome da deusa Vênus nesses primeiros versos, indicando a seus leitores que esse desejo nada mais é que um “reflexo psicofísico”.<sup>57</sup> Na verdade, é logo em seguida (v. 1058-1060) que o poeta nos revela a verdadeira natureza de Vênus:<sup>58</sup> um impulso ejaculatório, um efeito estimulador que um corpo tem sobre outro.<sup>59</sup> E é também desse impulso que surge o nome do amor e a “doçura de Vênus”, ou a antecipação sexual que eventualmente originará dor. De fato, a dor tem início

<sup>53</sup> Cf. considerações de Brown (1987, p. 108, p. 182-183) e de Godwin (*apud* LUCRETIUS, 2008, p. 153) sobre o assunto.

<sup>54</sup> Cf. LUCRETIUS, 2008, p. 153.

<sup>55</sup> Destacamos aqui os termos militares *comminus* (perto, de perto) e *hostem... occupat* (atinge o inimigo), além do mais genérico *uulnus* (ferida).

<sup>56</sup> DRN IV, 1049-1057: *Namque omnes plerumque cadunt in uulnus, et illam / emicat in partem sanguis unde icimur ictu, / et si comminus est, hostem ruber occupat umor. / sic igitur Veneris qui telis accipit ictus, / siue puer membris muliebribus hunc iaculatur / seu mulier toto iactans e corpore amorem, / unde feritur, eo tendit gestitque coire / et iacere umorem in corpus de corpore ductum; / namque uoluptatem praesagit muta cupido.*

<sup>57</sup> Cf. BROWN, 1987, p. 64: ... *sexual desire is merely a psychophysical reflex...*

<sup>58</sup> DRN IV, 1058-1060: *Haec Venus est nobis; hinc autemst nomen amoris, / hinc illaec primum Veneris dulcedinis in cor / stillauit gutta, et successit frigida cura.* (Isso é Vênus para nós; daqui vem, além disso, o nome do amor; / daqui, primeiramente, aquela gota da doçura de Vênus pingou / no coração e seguiu-se um frígido cuidado.)

<sup>59</sup> Nas palavras de Novak (1989, p. 117), “Vênus é a força através da qual a natureza cria os seres vivos”, “é o *modus operandi* [da natureza]: desperta nos seres vivos o desejo do prazer sexual”.

quando o amante desenvolve tal obsessão pelo amado que, mesmo se ele estiver indisponível, suas formas físicas e seu nome continuem na mente de quem o deseja:

Na verdade, se está ausente o que amas, seus simulacros, contudo,  
estão presentes, e o doce nome se oferece aos ouvidos.<sup>60</sup>

É então que o poeta fornece conselhos para evitar o crescimento do amor:

Mas convém fugir dos simulacros, desviar de si os  
alimentos do amor, voltar a mente a outro,  
lançar em quaisquer corpos o líquido reunido  
e não convém retê-lo, definitivamente transformado pelo amor a um só,  
e reservar a si um cuidado e uma dor certa;  
uma ferida, na verdade, agrava-se e se fortalece com o alimento,  
todos os dias o furor se desenvolve e a inquietação piora,  
se não perturbas as primeiras chagas com novos golpes  
e, errante, cuidas no início das recentes por meio de uma Vênus  
inconstante, ou mudas os movimentos do espírito para outra direção.<sup>61</sup>

O amante, portanto, não deve se tornar obcecado por um objeto de desejo específico, mas deve sempre levar sua mente a outros assuntos (v. 1063-1064) e aliviar seus ímpetos sexuais em quaisquer corpos disponíveis (v. 1065-1067) a fim de não alimentar as “feridas” causadas por seu objeto de desejo inicial. Com efeito, o amante deve eliminar as primeiras “chagas” o mais rápido possível por meio de relações sexuais casuais (v. 1068-1072). Já aqui podemos ver que o alvo de crítica do poeta não é o sexo, tendo em vista que as recomendações principais tratam de sua efetiva consumação, mas o sentimento gerado pela obsessão por um só corpo, como se apenas ele fosse capaz de

<sup>60</sup> DRN IV, 1061-1062: *Nam si abest quod ames, praesto simulacra tamen sunt / illius, et nomen dulce obuersatur ad auris.*

<sup>61</sup> DRN IV, 1063-1072: *Sed fugitare decet simulacra et pabula amoris / absterrere sibi atque alio conuertere mentem / et iacere umorem conlectum in corpora quaeque, / nec retinere, semel conuersum unius amore, / et seruare sibi curam certumque dolorem; / ulcus enim uiuescit et inueterascit alendo, / inque dies gliscit furor atque aerumna grauescit, / si non prima nouis conturbes uolnera plagis / uolgiuagaque uagus Venere ante recentia cures / aut alio possis animi traducere motus.*

abrandar os impulsos sexuais do amante. Tal obsessão causa uma retenção não natural e desnecessária do esperma.<sup>62</sup>

Nos versos 1073-1120, Lucrécio apresenta o centro de seu ataque direto ao *amor*, enfatizando o fracasso do amante em alcançar a satisfação sexual quando esse sentimento está envolvido, pois acredita que o prazer é mais puro – menos incômodo, digamos – entre aqueles que não amam, como pode ser visto nos versos 1073-1076 abaixo:

Nem aquele que evita o amor carece dos frutos de Vênus,  
mas antes toma o que é cômodo sem tormento;  
Pois, certamente, daí vem um prazer mais puro aos sãos  
que aos infelizes. (...) <sup>63</sup>

Os versos seguintes trazem uma descrição bem vívida da frustração sexual experimentada por aqueles que amam: eles são tomados por um frenesi que os leva a atos violentos em busca da fonte de sua paixão<sup>64</sup> e, apesar de Vênus<sup>65</sup> diminuir a força dos estímulos do *amor*, permitindo que os amantes alcancem um agradável prazer, essa satisfação é apenas ilusória,<sup>66</sup> como vemos nos versos 1086-1104 abaixo:

Com efeito, aqui, no que é a origem do ardor, há a esperança  
de que também possa a chama ser extinta pelo mesmo corpo:  
mas a natureza rejeita, ao contrário, que isso se dê por inteiro.  
Esta é a única coisa que, quanto mais temos,  
tanto mais o peito se inflama com um selvagem desejo.

<sup>62</sup> Cf. LUCRETIUS, 2008, p. 153.

<sup>63</sup> DRN IV, 1073-1076: *Nec Veneris fructu caret is qui uitat amorem, / sed potius quae sunt sine poena commoda sumit; / nam certe purast sanis magis inde uoluptas / quam miseris (...).*

<sup>64</sup> DRN IV, 1076-1083: *Etenim potiundi tempore in ipso / fluctuat incertis erroribus ardor amantum, / nec constat quid primum oculis manibusque fruuntur. / quod petiere, premunt arte faciuntque dolorem / corporis, et dentes inlidunt saepe labellis / osculaque adfligunt, quia non est pura uoluptas / et stimuli subsunt qui instigant laedere id ipsum, / quodcumque est, rabies unde illaec germina surgunt.* (Na verdade, no próprio momento da posse / o ardor dos amantes oscila em desvarios incertos, / nem é certo do que usufruam primeiro com os olhos e com as mãos. / O que desejaram, apertam estreitamente e causam dor / física, muitas vezes cravam os dentes nos lábios / e beijam com violência, porque não é puro o prazer, / e se ocultam ferões que instigam a ferir aquilo mesmo, / o que quer que seja, de que nascem tais germes de frenesi.)

<sup>65</sup> Consideramos Vênus aqui como o clímax do prazer sexual, associada à *blanda uoluptas*, ao agradável prazer, em contraposição ao frenesi causado pelo *amor*.

<sup>66</sup> DRN, 1084-1085: *Sed leuiter poenas frangit Venus inter amorem, / blandaque refrenat morsus admixta uoluptas;* (Mas Vênus suspende de leve as penas em meio ao amor / e o agradável prazer, interpondo-se, refreia as mordidas;)

Pois o alimento e a bebida são tomados no interior pelos membros;  
e, porque podem ocupar partes determinadas,  
o desejo de água e grãos facilmente é satisfeito.  
Mas nada da face do homem e de uma bonita cor  
é oferecido ao corpo para usufruir, exceto tênues  
simulacros; essa esperança infeliz muitas vezes foi levada pelo vento.  
Como quando, em sonhos, um sedento busca beber e não se dá  
bebida que possa extinguir o ardor dos membros,  
mas busca simulacros de líquidos, em vão se esforça  
e, bebendo no meio de um rio impetuoso, tem sede,  
assim Vênus, no amor, ilude os amantes com simulacros,  
nem os corpos podem saciar, em sua presença, a quem os olha,  
nem podem arrebatam com as mãos algo dos tenros  
membros, errando incertos por todo o corpo.<sup>67</sup>

Nesses versos, o poeta apresenta uma comparação entre a impossibilidade de se saciar os desejos sexuais (v. 1086-1090) e a perfeita saciedade da fome e da sede (v. 1091-1093). Por um lado, temos a comida e a bebida, que removem a dor causada pelo desejo ao preencher “partes determinadas” do corpo de onde manaram *simulacra* devido ao suor, locomoção, respiração etc.<sup>68</sup> Por outro, nada penetra no corpo do amante, vindo

---

<sup>67</sup> DNR IV, 1086-1104: *Namque in eo spes est, unde est ardoris origo, / restingui quoque posse ab eodem corpore flammam. / quod fieri contra totum natura repugnat: / unaque res haec est, cuius quam plurima habemus, / tam magis ardescit dira cuppedine pectus. / nam cibus atque umor membris adsumitur intus; / quae quoniam certas possunt obsidere partis, / hoc facile expletur laticum frugumque cupido. / ex hominis uero facie pulchroque colore / nil datur in corpus praeter simulacra fruendum / tenuia; quae uento spes raptast saepe misella. / ut bibere in somnis sitiens quom quaerit, et umor / non datur, ardorem qui membris stingere possit, / sed laticum simulacra petit frustra que laborat / in medioque sitiit torrenti flumine potans, / sic in amore Venus simulacris ludit amanti, / nec satiare queunt spectando corpora coram, / nec manibus quicquam teneris abraderere membris / possunt errantes incerti corpore toto.*

<sup>68</sup> Lucrécio aborda o tema do apetite no Livro IV, versos 860-876: *Quippe etenim fluere atque recedere corpora rebus / multa modis multis docui, sed plurima debent / ex animalibu'. quae quia sunt exercita motu, / multa que per sudorem ex alto pressa feruntur, / multa per os exhalantur, cum languida anhelant, / his igitur rebus rarescit corpus et omnis / subruitur natura; dolor quam consequitur rem. / propterea capitur cibus, ut suffulciat artus / et recreet uires interdatus, atque patentem / per membra ac uenas ut amorem obturet edendi. / umor item discedit in omnia quae loca cumque / poscunt umorem; glomerata que multa uaporis / corpora, quae stomacho praebent incendia nostro, / dissipat adueniens liquor ac restinguit ut ignem, / urere ne possit calor amplius aridus artus. / sic igitur tibi anhela sitis de corpore nostro / abluatur, sic expletur ieiuna cupido.* (Com efeito, ensinei que muitos corpos fluem e se retiram dos / objetos de muitos modos, mas devem manar bem numerosos / dos animais. Esses corpos, como foram agitados pelo movimento, / em grande quantidade são trazidos do fundo pressionados pelo suor, / em grande quantidade são exalados pela boca, quando, fatigados, arquejam, / então o corpo se torna rarefeito por tal motivo e toda / a natureza se arruína; o sofrimento segue-se a tal estado. / Por causa disso, toma-se o alimento para que sustente os membros / do corpo e restabeleça as forças nos interstícios,

de seu amado, que seja capaz de findar seu apetite sexual (v. 1094-1096). De fato, os ténues simulacros de que ele pode usufruir são capazes apenas de excitar seu corpo de novo e de novo, propiciando reiterados acúmulos de sêmen e, conseqüentemente, uma repetida necessidade de se aliviar. É essa a principal diferença apontada por Brown (1987, p. 75) entre o amante e o amante insano, ou seja, o amante que alivia seu desejo sexual sem a interferência do *amor* e o amante que, ao alimentar uma obsessão por apenas um objeto de desejo, desenvolve o *amor*. O amante sabe que o objetivo a ser alcançado pelo sexo e o limite do prazer sexual é a ejaculação, a fim de que supra uma necessidade natural<sup>69</sup> do corpo. O amante insano, por sua vez, enreda-se mais e mais na enganosa teia do *amor*, fixando sua atenção em apenas um corpo, nutrindo sua luxúria por algo que é, sem dúvida, fantasioso.

Nos versos 1097-1104, o poeta faz uma comparação entre o amante frustrado e o sonhador sedento.<sup>70</sup> A luxúria, tal como a sede, é um fogo que igualmente precisa ser extinto,<sup>71</sup> mas nem os sonhos nem o sexo são capazes de proporcionar o alívio buscado. Eles somente são respostas a um estímulo – nesse caso, a sede e o desejo sexual – transformadas em algo completamente ilusório.<sup>72</sup> Os versos 1105-1114<sup>73</sup> retratam a violência, o frenesi e o desespero dos amantes durante o ato sexual, tudo inútil, pois nunca estão completamente satisfeitos por não conseguirem efetivamente saciar os

e mate, pelos / membros e veias, o aberto desejo de comer. / O líquido também passa para todos os locais, quaisquer que / reclamem o líquido; e os muitos elementos aglomerados / de calor, que em nosso estômago causam um braseiro, / o líquido que chega dispersa e extingue como um fogo, / para que o árido ardor não possa queimar por mais tempo os membros. / Assim, então, tua arquejante sede é estancada do / corpo, assim se acaba o desejo esfomeado.)

<sup>69</sup> Relembramos aqui que o sexo, no epicurismo, é um desejo natural dos homens, apesar de não ser necessário para a felicidade.

<sup>70</sup> Segundo BROWN, 1987, p. 65, essa comparação é muito provavelmente influenciada pela divisão dos desejos por Epicuro: o natural, mas desnecessário desejo por sexo fica abaixo dos desejos do tipo da fome e da sede, ambos naturais e necessários. Cf. também LUCRETIUS, 2008, p. 152.

<sup>71</sup> Destaque para as palavras *ardoris* (1086), *restingui... flammam* (1087), *ardorem... stinguere* (1098).

<sup>72</sup> Cf. BROWN, 1987, p. 84.

<sup>73</sup> DRN IV, 1105-1114: *Denique cum membris conlatis flore fruuntur / aetatis, iam cum praesagit gaudia corpus / atque in east Venus ut muliebria conserat arua, / adfigunt auide corpus iunguntque saliuas / oris et inspirant pressantes dentibus ora-- / nequiquam, quoniam nihil inde abradere possunt / nec penetrare et abire in corpus corpore toto; / nam facere interdum uelle et certare uidentur: / usque adeo cupide in Veneris compagibus haerent, / membra uoluptatis dum ui labefacta liquescunt.* (Enfim, quando, reunidos os membros, desfrutam da / flor da idade, quando o corpo já pressagia os prazeres / e Vênus está no ponto em que semeia os campos femininos, / avidamente juntam os corpos, unem as salivas / da boca e inspiram, pressionando os lábios com os dentes; / inutilmente, pois com isso nada podem arrebatar, / nem penetrar e desaparecer de corpo inteiro no outro corpo; / na verdade, parecem às vezes querer fazê-lo, e lutar; / a tal ponto se prendem avidamente nos laços de Vênus, / enquanto os membros desfalecem abatidos pela força da volúpia.)

desejos um do outro. Como bem notou Godwin em seu comentário ao Livro IV do *De Rerum Natura*, o amante quer não apenas satisfazer-se, mas possuir o amado.<sup>74</sup>

Os próximos seis versos, 1115-1120, reiteram a ideia da frustração e até mesmo do sofrimento que acomete os amantes:

Finalmente, quando o desejo reunido dos nervos irrompeu,  
dá-se uma pequena pausa, momentaneamente, no violento ardor.  
Daí a mesma raiva volta e aquele furor revisita  
quando eles mesmos buscam tocar o que desejam para si,  
e não podem descobrir que artifício vença aquele mal,  
a tal ponto se consomem, incertos, com uma ferida cega.<sup>75</sup>

O conjunto dos dois últimos trechos, versos 1105-1120, resume, de forma um tanto intensificada, o ato sexual até alcançar o clímax e, após uma pausa (v. 1115-1116), o ciclo de busca por satisfação sexual recomeça com o mesmo frenesi (v. 1117-1120).

Nesse ponto, alcançamos o fim da primeira metade da diatribe<sup>76</sup> sobre o amor, em que este é abordado por Lucrécio sob um ponto de visto psicológico e também físico. Nos versos 1121-1191, o poeta traz o tema do amor sob uma perspectiva social e psicológica.<sup>77</sup> Primeiramente, os versos 1121-1140 apresentam alguns efeitos perniciosos do amor: ele acaba com as forças do amante, causa-lhe sofrimento, destrói sua reputação e finda sua fortuna.<sup>78</sup> Tudo isso, porém, é inútil, pois eventualmente

<sup>74</sup> Cf. LUCRETIUS, 2008, p. 158. O crítico ainda afirma que Lucrécio representa essa vontade de possuir o outro através da imagem dos amantes removendo partes do outro corpo, ou tentando desaparecer dentro do corpo de seu amado. Cf. nota 73 acima.

<sup>75</sup> DRN IV, 1115-1120: *Tandem ubi se erupit neruis conlecta cupido, / parua fit ardoris uiolenti pausa parumper. / inde redit rabies eadem et furor ille reuisit, / cum sibi quod cupiant ipsi contingere quaerunt, / nec reperire malum id possunt quae machina uincat: / usque adeo incerti tabescunt uolnere caeco.*

<sup>76</sup> O termo “diatribe” utilizado neste trabalho retoma a forma literária de mesmo nome, cuja origem provável foi Bion de Borístenes (335-245 a.C.), e que se caracteriza por ser um “monólogo argumentativo com interlocutores imaginários”. Cf. GOULET-CAZÉ; BRANHAM, 2007, p. 22.

<sup>77</sup> BROWN, 1987, p. 62.

<sup>78</sup> DRN IV, 1121-1132: *Adde quod absumunt uiris pereuntque labore, / adde quod alterius sub nutu degitur aetas. / languent officia atque aegrotat fama uacillans. / labitur interea res et Babylonia fiunt / unguenta, et pulchra in pedibus Sicyonia rident; / scilicet et grandes uiridi cum luce zmaragdi / auro includuntur, teriturque thalassina uestis / adsidue et Veneris sudorem exercita potat; / et bene parta patrum fiunt anademata, mitrae, / interdum in pallam atque Alidensia Ciaque uertunt; / eximia ueste et uictu conuiuia, ludi, / pocula crebra, unguenta, coronae, sarta parantur - (Acrescenta a isto que consomem suas forças e perecem de sofrimento, / acrescenta que a vida passa sob a anuência de um outro. / Os deveres se negligenciam e a reputação vacilante sofre. / Enquanto isso, os bens oscilam e tornam-se perfumes / da Babilônia, e bonitos calçados de Sícion riem nos pés; / naturalmente, também grandes esmeraldas de brilho verde / encerram-se em ouro, a veste verde-mar gasta-se / com frequência e, agitada, bebe o suor de Vênus; / os bens honestamente adquiridos dos pais tornam-se faixas, mitras, / por*

surgirá algo desapontador que colocará fim ao desfrute do prazer sensual.<sup>79</sup> Por fim, nos versos 1141-1191, concluindo a diatribe, o poeta primeiro nos informa que há males incontáveis nos amores infelizes<sup>80</sup> e depois reforça o conselho já dado anteriormente de evitar as armadilhas do amor, ainda que haja possibilidade de escapar de suas amarras se alguém for realista quanto às características do amado:

(...) de modo que é melhor vigiar antes,  
 como ensinei, e cuidar para que não sejas pego em armadilhas.  
 Na verdade, evitar que sejamos atraídos aos limites do amor  
 não é tão difícil quanto, capturados pelos mesmos laços,  
 sair e quebrar os fortes nós de Vênus.  
 Contudo, enlaçado e preso também poderias  
 fugir do perigo se tu mesmo, impedindo, não te pusesses obstáculo,  
 começando por deixar passar todos os vícios do espírito  
 ou do corpo de quem solicitas e desejas.<sup>81</sup>

Em seguida, Lucrécio apresenta a famosa lista de apelidos<sup>82</sup> que os homens dão às suas amadas, enganando a si mesmos enquanto alimentam a ilusão de que seu objeto de desejo é perfeito:

---

vezes se mudam em mantos de Alinda e de Ceos; / preparam-se banquetes com magníficos panos e alimentos, / jogos, bebidas abundantes, perfumes, coroas, grinaldas;)

<sup>79</sup> DRN IV, 1133-1140: *Nequiquam, quoniam medio de fonte leporum / surgit amari aliquid quod in ipsis floribus angat, / aut cum conscius ipse animus se forte remordet / desidiose agere aetatem lustrisque perire, / aut quod in ambiguo uerbum iaculata reliquit / quod cupido adfixum cordi uiuescit ut ignis, / aut nimium iactare oculos aliumue tueri / quod putat, in uoluptate uidet uestigia risus.* (Inutilmente, pois que do meio da fonte dos encantos / surge algo de amargo que aflige nas próprias flores, / ou quando o próprio espírito consciente por acaso se atormenta / de passar a vida ociosamente e arruinar-se em orgias, / ou porque, tendo lançado uma palavra ambígua, deixou para trás / o que se aviva como fogo, preso a cúpido coração, / ou porque julga que atrai olhares em demasia ou observa / outro, e vê no rosto dela vestígios de riso.)

<sup>80</sup> DRN IV, 1141-1144: *Atque in amore mala haec proprio summeque secundo / inueniuntur; in aduerso uero atque inopi sunt, / prendere quae possis oculorum lumine aperto, / innumerabilia;* (E esses males se encontram no amor estável e no mais / feliz; mas, no infeliz e desafortunado, são / inumeráveis os males que possas surpreender de olhos / fechados; (...))

<sup>81</sup> DRN IV, 1144-1152: *Vt melius uigilare sit ante, / qua docui ratione, cauereque ne inliciaris. / nam uitare, plagas in amoris ne laciamur, / non ita difficile est quam captum retibus ipsis / exire et ualidos Veneris perrumpere nodos. / et tamen implicitus quoque possis inque peditus / effugere infestum, nisi tute tibi obuius obstes / et praetermittas animi uitia omnia primum / aut quae corpori sunt eius, quam praepetis ac uis.*

<sup>82</sup> Segundo Brown (1987, p. 78) a passagem dos apelidos é inspirada num trecho da *República* de Platão (474d-e). Lembramos também que Ovídio utilizou-se de semelhante expediente no livro II da *Ars amatoria*, v. 641-662, ao mostrar a seus alunos/leitores formas de como conservar o amor já conquistado. Cf. OVIDE, 1951, p. 55-56.

Pois geralmente o fazem os homens cegos de desejo  
 e atribuem às mulheres aquelas qualidades que realmente não têm.  
 Assim, as de muitos modos defeituosas e feias vemos  
 serem objeto de amor e prosperarem com a maior honra,  
 e uns amantes riem dos outros e aconselham que acalmem  
 Vênus, pois se afligem por um amor vergonhoso,  
 e muitas vezes não reconhecem, infelizes, seus enormes males.  
 A negra é cor de mel, uma imunda e fétida, sem vaidade;  
 a de olhos verdes, uma pequena Palas, a seca e descarnada, uma gazela;  
 a anãzinha, uma das Graças, um puro grão de sal;  
 uma grande e imensa, um estupor e cheia de dignidade;  
 a gaga, que não pode falar, murmura; a muda é pudica;  
 mas a ardente, desagradável e faladora torna-se um vulcãozinho;  
 a que não pode viver por causa de sua magreza torna-se, então,  
 um delicado amorzinho; é realmente delicada a já morta pela tosse,  
 mas a cheia, a de grandes mamas é a própria Ceres de Baco;  
 a de nariz chato, é Silena, uma sátira; a de grandes lábios, um beijo;  
 se tentasse continuar toda essa lista, eu me estenderia.<sup>83</sup>

Lucrécio atribui esse comportamento dos amantes à cegueira típica da paixão (v. 1153-1154). Todo o trecho é um longo conselho do poeta ao amante a fim de que ele não se enrede nas tramas do amor. É uma passagem que relembra as recomendações presentes no início da diatribe (versos 1058-1072), mas com uma diferença. Os primeiros conselhos dados pelo poeta eram de ordem prática: o amante deve evitar os simulacros do seu objeto de desejo, deve privilegiar o sexo casual e aliviar sempre que necessário, em quaisquer corpos, suas vontades.<sup>84</sup> Agora, Lucrécio ataca a valorização excessiva do amante quanto à beleza física e reforça que é preciso que ele veja sua

<sup>83</sup> DRN IV, 1153-1170: *Nam faciunt homines plerumque cupidine caeci / et tribuunt ea quae non sunt his commoda uere. / multimodis igitur prauas turpisque uidemus / esse in deliciis summoque in honore uigere. / atque alios alii inrident Veneremque suident / ut placent, quoniam foedo adflitentur amore, / nec sua respiciunt miseri mala maxima saepe. / nigra "melichrus" est, imunda et fetida "acosmos", / caesia "Palladium", neruosa et lignea "dorcus", / paruula pumilio, "chariton mia", "tota merum sal", / magna atque inmanis "cataplexis plenaque honoris" / balba loqui non quit- "traulizi"; muta "pudens" est; / at flagrans odiosa loquacula "lampadium" fit; / "ischnon eromenion" tum fit, cum uiuere non quit / prae macie; "rhadine" uerost iam mortua tussi; / at tumida et mammosa "Ceres" est "ipsa ab Iaccho", / simula "Silena ac saturast", labeosa "philema". / cetera de genere hoc longum est si dicere coner.*

<sup>84</sup> Cf. versos 1063-1072, já citados na nota 61.

amada de modo bem realista, sem negligenciar seus defeitos físicos ou quaisquer outras falhas que ela eventualmente possa ter (v. 1153-1170). Para finalizar, o poeta afirma, nos versos 1171-1191 expressos abaixo, que o amante não deve tratar sua amada como se ela fosse algo além de humana:

Mas, agora, seja o seu rosto de quanta beleza quiseres,  
 nela a força de Vênus apareça em todos os membros;  
 decerto também há outras, decerto vivemos antes sem ela;  
 decerto faz – e sabemos que faz – tudo igual à feia,  
 e ela mesma se imbui, infeliz, de odores horríveis,  
 dela as criadas fogem, distantes, e furtivamente riem.  
 Mas o amante excluído, chorando, cobre muitas vezes as soleiras  
 com flores e grinaldas, unge os soberbos umbrais  
 com perfume de manjerona e, infeliz, dá beijos à porta;  
 se a ele que viesse, já admitido na casa, apenas atingisse uma  
 única lufada, buscaria honestos motivos para ir-se embora,  
 e a queixa preparada por muito tempo e sentida no fundo decairia,  
 e então se condenaria pela loucura, porque parece ter  
 atribuído a ela mais do que é justo conceder a uma mortal.  
 Nem isso se oculta a nossas Vênus; quanto mais elas próprias, com  
 [grande  
 dificuldade, escondem todos os bastidores da vida daqueles  
 que desejam reter e que estejam atados no amor.  
 Inutilmente, pois tu com o espírito tudo poderias  
 trazer à luz e buscar descobrir a causa de todas as gozações;  
 e, se ela tem um belo espírito e não é odiosa, poderias,  
 por seu turno, esquecer e perdoar as falhas humanas.<sup>85</sup>

<sup>85</sup> DRN IV, 1171-1191: *Sed tamen esto iam quantouis oris honore, / cui Veneris membris uis omnibus exoriatur: / nempe aliae quoque sunt; nempe hac sine uiximus ante; / nempe eadem facit - et scimus facere - omnia turpi, / et miseram taetris se suffit odoribus ipsa, / quam famulae longe fugitant furtimque cachinnant. / at lacrimans exclusus amator limina saepe / floribus et sertis operit postisque superbos / unguis amaracino et foribus miser oscula figit; / quem si, iam ammissum, uenientem offenderit aura / una modo, causas abeundi quaerat honestas, / et meditata diu cadat alte sumpta querella, / stultitiaque ibi se damnet, tribuisse quod illi / plus uideat quam mortali concedere par est. / nec Veneres nostras hoc fallit; quo magis ipsae / omnia summo opere hos uitae postcaenia celant / quos retinere uolunt adstrictosque esse in amore- / nequiquam, quoniam tu animo tamen omnia possis / protrahere in lucem atque omnis inquirere risus, / et, si bello animos et non odiosa, uicissim / praetermittere et humanis concedere rebus.*

Os versos 1171-1176 apresentam uma maneira de o amante não desenvolver o amor por uma mulher bela – não importa quão bela ela seja – baseando-se no conhecimento geral de que “há outras, decerto vivemos sem ela antes”. E reafirma que não há diferença entre as mulheres, pois todas elas estão sujeitas às mesmas doenças e se tratam da mesma forma.<sup>86</sup> Logo, alimentar a ilusão de que há apenas um objeto de desejo que supra as vontades sexuais do amante, que esse objeto de desejo não possui defeitos e possui beleza quicá sobrenatural, por exemplo, apenas deixa o amante cego e ainda mais distante da *ataraxia* epicurista, apenas causa mais prejuízos, tanto sociais quanto estritamente pessoais àquele que ama.

Os próximos versos, 1177-1184, complementam o raciocínio iniciado no trecho anterior via expediente muito conhecido na elegia erótica romana<sup>87</sup> – o amante que fica trancado do lado de fora da porta de sua amada. De certo modo, é uma maneira de exemplificar o ridículo excesso da idealização romântica – muito presente na elegia: Lucrécio parece pintar um retrato satírico desse amante que, do lado de fora, lamenta-se, deixa flores para a amada, beija as portas (v. 1177-1179), enquanto a amada, dentro da habitação, “perfuma-se” com fortes odores<sup>88</sup> que o espantariam imediatamente se ele os sentisse, fazendo com que finalmente percebesse que sua amada nada mais é que uma mulher como qualquer outra (v. 1180-1184).

Por fim, nos versos 1185-1191, o poeta parece querer mostrar a seus leitores que, a despeito de as mulheres se esforçarem por esconder suas imperfeições daqueles cuja atenção e amor desejam manter, tentando surgir perante eles sempre impecáveis (v. 1185-1187), tais amantes podem racionalmente perceber que suas amadas nada mais são que humanas. Dessa forma, reconhecem seus defeitos e, se elas possuírem beleza além da física – ou seja, se não forem odiosas (v. 1190), por exemplo – o amante pode relevar suas falhas físicas e, assim, passar a vê-la de modo mais racional, fugindo dos enganos proporcionados pelas ilusões que o amor provoca (v. 1188-1191). A partir desse momento, ele é capaz de manter um relacionamento são e realístico, não mais baseado

---

<sup>86</sup> Os versos 1175-1176 referem-se a um tipo de tratamento ginecológico da época, baseado na aplicação de fumos em determinados locais do corpo. Cf. BROWN, 1987, p. 296-297.

<sup>87</sup> Ov. *Amores* 1.6: *Ianitor — indignum! — dura religate catena, / difficilem moto cardine pande forem! / quod precor, exiguum est — aditu fac ianua paruo / obliquum capiat semiadaperta latas.* (Porteiro, oh, coisa indigna!, acorrentado por cruéis grilhões, / faz mover sobre os gonzos e franqueia-me essa porta teimosa. / O que te peço pouco é: faz com que, por uma fresta estreita, a porta / meio aberta me deixe, de esguelha, passar o corpo.) – Trad. Carlos Ascenso André. Cf. OVID, 1914, p. 334.

<sup>88</sup> Cf. versos 1175-1176 mostrados acima.

na beleza superficial de sua amada – seja tal beleza real ou exagerada pela cegueira do amor –, mas sim na personalidade agradável que ela tenha.<sup>89</sup>

Destarte, ecoando Brown (1987, p. 77), podemos dizer que, no decorrer da diatribe, o tema geral é de que o amor consiste em uma obsessão com imagens cuja natureza se altera com a evolução do assunto tratado por Lucrécio. Em um primeiro momento, a obsessão do amor refere-se ao apego do amante a um só corpo, confiante de que apenas esse corpo é capaz de lhe satisfazer os desejos sexuais. Depois, a obsessão está na própria imagem da amada, na crença de que ela é perfeita – nesse ponto, o amante lhe dá apelidos que amenizam suas características negativas e não consegue ver todas as artimanhas utilizadas por ela para manter a farsa de sua perfeição.

Prosseguindo nossa análise, chegamos ao ponto da diatribe que serve como uma transição para considerações fisiológicas do poeta quanto à hereditariedade e infertilidade: uma breve discussão sobre a paixão feminina. Até o momento, vimos que o poeta dedicou sua atenção apenas aos efeitos do amor sobre homens, apresentando-os tomados por um frenesi e com atitudes violentas durante o ato sexual (v. 1076-1083). Nos versos 1192-1208, o tópico abordado é o prazer sexual feminino, demonstrado por Lucrécio com exemplos do mundo animal, aspecto que, possivelmente, aproxima da natureza a obtenção do prazer feminino:

Nem sempre com um amor fingido suspira a mulher  
que, abraçada a um corpo viril, une corpo a corpo  
e segura, umedecendo as bocas com os lábios sugadores;  
pois, muitas vezes, ela o faz de coração e, procurando  
alegrias comuns, leva-o a percorrer a carreira do amor.  
Nem de outro modo as aves, os rebanhos grossos, as feras,  
o gado miúdo e as éguas poderiam submeter-se aos machos,  
se não porque sua própria natureza, transbordando, está no cio  
e se inflama e, com alegria, apropria-se da Vênus dos que cobrem.  
Acaso não vês, ainda, como muitas vezes os que a mútua  
volúpia uniu se atormentam nos laços comuns?

---

<sup>89</sup> A partir desse momento, a beleza da amada volta a ser apenas um meio para a consumação da cópula – seus *simulacra* incentivam o acúmulo de sêmen no corpo do amante, aumentando o desejo sexual – e não mais algo considerado essencial para a felicidade do amante. Cf. BROWN, 1987, p. 81.

Pois que, muitas vezes, os cães nas encruzilhadas, desejosos de separar-  
 [se,  
 dirigem-se empenhados para partes contrárias com a máxima força  
 quando, neste ínterim, ficam presos pelos fortes nós de Vênus.  
 Pois nunca o fariam se não experimentassem prazeres mútuos  
 que pudessem atrair ao laço e manter unidos.  
 Por isso, continuamente, como digo, é comum o prazer.<sup>90</sup>

Os versos 1192-1196 evidenciam a diferença entre a descrição do ato sexual de um homem e do de uma mulher. Esse último se mostra mais suave, quase mais “saudável”, e menos obsessivo que o primeiro. Parece ser um ato mais carinhoso que tem por resultado a satisfação mútua (v. 1195-1196), um ato guiado sobretudo pela necessidade primária de alívio dos desejos sexuais. Em contraste com essa nova imagem, o retrato do sexo praticado pelo homem se mostra unilateral e desesperado, tomado pelo furor da paixão. Por outro lado, ao dizer que a mulher também é capaz de sentir prazer e desejo como os homens, que elas também estão sujeitas aos incômodos causados pelo surgimento do desejo sexual, Lucrécio reafirma, de certa forma, que as mulheres são seres humanos normais e não as distantes deusas da imaginação do amado.<sup>91</sup> Os próximos versos, 1197-1208, por sua vez, trazem dois argumentos que provam sua ideia: o primeiro, em 1197-1207, apresenta como o prazer é mútuo no mundo animal, devendo ser igualmente mútuo para os homens; o segundo, no verso 1208, é uma forte conclusão que não deixa dúvidas: o prazer é o mesmo para homens, mulheres, animais.

Após as considerações sobre como as mulheres agem durante suas relações sexuais, o poeta adentra um ramo novamente fisiológico de sua exposição e trata de tópicos concernentes à hereditariedade e à infertilidade, dedicando a esses temas os versos 1209-1232 e 1233-1277, respectivamente.

---

<sup>90</sup> DRN IV, 1192-1208: *Nec mulier semper ficto suspirat amore / quae complexa uiri corpus cum corpore iungit / et tenet adsuctis umectans oscula labris; / nam facit ex animo saepe et, communia quaerens / gaudia, sollicitat spatium decurrere amoris. / nec ratione alia uolucres armenta feraeque / et pecudes et equae maribus subsidere possent, / si non, ipsa quod illarum subat ardet abundans / natura et Venerem salientum laeta retractat. / nonne uides etiam quos mutua saepe uoluptas / uinxit, ut in uinclis communibus excrucientur? / in triuuis cum saepe canes, discedere auentes, / diuorsi cupide summis ex uiribu' tendunt, / quom interea ualidis Veneris compagibus haerent. / quod facerent numquam, nisi mutua gaudia nossent, / quae lacere in fraudem possent uinctosque tenere. / quare etiam atque etiam, ut dico, est communi' uoluptas.*

<sup>91</sup> Cf. BROWN, 1987, p. 65-66, 307.

Nos versos 1209-1217, o poeta apresenta a ideia de que a semelhança que uma criança terá com seu pai ou com sua mãe, ou mesmo com ambos, deve-se à mistura das sementes de seus genitores. Lucrécio defende que tanto o homem quanto a mulher produzem sementes que, durante o ato sexual, podem se unir de forma igual e, assim, originar um filho que seja semelhante a ambos.<sup>92</sup> Pode ocorrer também que a semente da mãe prevaleça sobre a do pai, e então as características do filho serão maternas, ou a semente do pai prevaleça, privilegiando, então, os traços paternos.<sup>93</sup>

Prosseguindo com o tema da hereditariedade, Lucrécio aborda a semelhança com antepassados nos versos 1218-1226: segundo o poeta, é possível que uma criança se pareça com seus avós ou bisavós porque os elementos mais básicos que constituem os seres – os átomos – possuem em si as características familiares e, sendo passados de pai para filho por gerações, eventualmente propiciam que algum integrante da família exiba traços dos antepassados.<sup>94</sup>

Por fim, nos versos 1227-1232,<sup>95</sup> o poeta afirma que uma criança do sexo feminino pode nascer da semente paterna, ou seja, mais parecida com o pai, e vice-versa, pois o processo gerador de uma criança envolve sementes do pai e da mãe. Segundo Lucrécio, se um filho é mais parecido com o pai do que com a mãe é porque possui em si mais sementes do pai que da mãe, e o contrário também é válido.

---

<sup>92</sup> DRN IV, 1212-1217: *Sed quos utriusque figurae / esse uides, iuxtim miscentes uulta parentum, / corpore de patrio et materno sanguine crescunt, / semina cum Veneris stimulis excita per artus / obuia confligit conspirans mutuus ardor, / et neque utrum superauit eorum nec superatumst.* (Mas os que vêm tendo / as duas aparências, igualmente misturados os rostos dos pais, / crescem do corpo paterno e do sangue materno, / quando as sementes, excitadas pelos estímulos de Vênus e vindo de encontro / pelos membros, mútuo ardor uniu em concordância / e nenhuma delas venceu, nem foi vencida.)

<sup>93</sup> DRN IV, 1209-1212: *Et commiscendo quom semine forte uirilem / femina uim uicit subita ui corripuitque, / tum similes matrum materno semine fiunt, / ut patribus patrio.* (E, misturando-se a semente, quando por acaso a mulher / venceu a força viril com súbita influência e dela se apoderou, / então semelhantes às mães se fazem pela semente materna; / como os pais, pela paterna.)

<sup>94</sup> DRN IV, 1218-1226: *Fit quoque ut interdum similes existere auorum / possint et referant proauorum saepe figuras, / propterea quia multa modis primordia multiS / mixta suo celant in corpore saepe parentes, / quae patribus patres tradunt a stirpe profecta; / inde Venus uaria producit sorte figuras / maiorumque refert uoltus uocesque comasque, / Quandoquidem nilo magis haec de semine certo / fiunt quam facies et corpora membraque nobis.* (Dá-se também que algumas vezes possam ser semelhantes / aos avós e reproduzam, muitas vezes, as feições dos bisavós, / porque os elementos iniciais, em grande número e de muitas formas / misturados, ocultam em seu corpo muitas vezes os pais, / e esses elementos pais a filhos transmitem advindos da linhagem; / deles Vênus apresenta figuras com variável êxito / e reproduz rostos, vozes e cabelos dos antepassados, / visto que tudo se dá de uma semente determinada / não menos que nossas faces, corpos e membros.)

<sup>95</sup> DRN IV, 1227-1232: *Et muliebre oritur patrio de semine saeclum, / maternoque mares existunt corpore creti; / semper enim partus duplici de semine constat, / atque utri similest magis id quodcumque creatur, / eius habet plus parte aequa; quod cernere possis, / siue uirum suboles siuest muliebris origo.* (Também o sexo feminino nasce da semente paterna, / e surgem homens gerados do corpo materno; / pois sempre o nascimento consiste em dupla semente / e qualquer filho que é gerado mais semelhante a um dos dois / tem desse mais que a metade; o que podes ver / quer seja a criança menino, quer menina.)

Passando para a infertilidade, o outro tema fisiológico abordado pelo poeta (v. 1233-1277), vemos que ela não é produto de algum ato divino – logo, os sacrifícios feitos aos deuses para que propiciem gravidez são inúteis.<sup>96</sup> De fato, a infertilidade se dá ou devido aos tipos de sementes envolvidas no processo (v. 1240-1262) ou ao tipo de sexo que se faz (v. 1263-1277), e não existem forças ocultas na natureza que não sejam a dos átomos.<sup>97</sup>

Segundo o poeta, se a semente for muito espessa ou muito tênue, não pode completar todo o processo para gerar uma vida. Se a semente é muito tênue, não é capaz de se fixar plenamente no corpo da mulher e provoca um aborto. Se é muito espessa, pode igualmente não penetrar no corpo ou, se penetrar, pode não se misturar satisfatoriamente com a semente feminina.<sup>98</sup> Portanto, é de extrema importância que os pais possuam sementes compatíveis entre si, espessas e tênues, tênues e espessas, e que se alimentem de modo adequado, a fim de que as mesmas sementes se desenvolvam apropriadamente.<sup>99</sup>

---

<sup>96</sup> DRN IV, 1233-1239: *Nec diuina satum genitalem numina cuiquam / absterrent, pater a gnatis ne dulcibus umquam / appelletur et ut sterili Venere exigat aeuom; / quod plerumque putant, et multo sanguine maesti / conspergunt aras adolentque altaria donis, / ut grauidas reddant uxores semine largo. / nequiquam diuom numen sortisque fatigant;* (E os poderes divinos não afastam a semente geradora / de alguém, de modo que nunca seja chamado pai pelos / filhos queridos e atravesse a vida sob uma Vênus estéril; / em geral acreditam nisso e, tristes, molham as aras / com muito sangue e carregam os altares de oferendas, / para que, com abundante semente, engravidem as esposas. / Em vão fatigam o poder dos deuses e da sorte;)

<sup>97</sup> BROWN, 1987, p. 92.

<sup>98</sup> DRN IV, 1240-1247: *Nam steriles nimium crasso sunt semine partim, / et liquido praeter iustum tenuique uicissim. / tenue locis quia non potis est adfigere adhaesum, / liquitur extemplo et reuocatum cedit abortu. / crassius hinc porro quoniam concretius aequo / mittitur, aut non tam prolixo prouolat ictu / aut penetrare locos aequae nequit aut penetratum / aegre admiscetur muliebri semine semen.* (Pois em parte são estéreis pela semente demasiadamente espessa / e, por seu turno, por uma fluida e tênue em excesso. / A tênue, porque não pode fixar-se fortemente nos lugares, / logo se esvai e volta atrás com um aborto. / Além disso, a mais espessa, porque é lançada deles mais condensada / do que o conveniente, ou não voa com um jato tão longo / ou não pode bem penetrar nos lugares ou, tendo penetrado, / dificilmente se mistura a semente com a semente feminina.)

<sup>99</sup> DRN IV, 1248-1262: *Nam multum harmoniae Veneris differre uidentur. / atque alias alii complent magis, ex aliisque / succipiunt aliae pondus magis inque grauescunt. / et multae steriles Hymenaeis ante fuerunt / pluribus, et nactae post sunt tamen unde puellus / suscipere et partu possent ditescere dulci. / et quibus ante domi fecundae saepe nequissent / uxoris parere, inuentast illis quoque compar / natura, ut possent gnatis munire senectam. / usque adeo magni refert, ut semina possint / seminibus commisceri genitaliter apta, / crassaque conueniant liquidis et liquida crassis. atque in eo refert quo uictu uita colatur; / namque aliis rebus concresecunt semina membris / atque aliis extenuantur tabentque uicissim.* (Pois as harmonias de Vênus parecem diferir muito. / E uns engravidam mais outras, de outros / umas recebem mais o peso e engravidam. / E muitas antes foram estéreis por muitos / Himeneus, e depois, contudo, encontraram de quem / gerar filhos e poder se enriquecer com doce prole. / E, para aqueles cujas esposas férteis não puderam, muitas vezes, / conceber em casa, uma companheira natural para ele também foi / encontrada, de modo que pudessem proteger com filhos a velhice. / A tal ponto muito importa que sementes apropriadas / possam misturar-se a sementes por via fértil, / e as espessas se combinem às fluidas e as fluidas às espessas. / E neste ponto importa com que alimento a vida se mantém; / pois com uns alimentos crescem as sementes pelos membros / e com outros se enfraquecem e, por sua vez, consomem-se.)

Por último, ao tratar do tipo de sexo praticado pelos seres humanos, o poeta recomenda que privilegiem as relações à maneira dos animais quadrúpedes, pois, assim, a semente do homem alcança mais facilmente os locais adequados para a concepção.<sup>100</sup> E adverte seus leitores contra movimentos lascivos das mulheres – porque tais movimentos impedem a concepção e, por isso, são os preferidos pelas prostitutas, que também garantem, dessa forma, maior prazer aos homens.<sup>101</sup>

Em suma, o “tratado sexual” de Lucrecio termina com a discussão de dois problemas fisiológicos, enfatizando ainda mais o modo racional com que o poeta aborda o tema. Não há interferência divina, não há excesso de sentimentos. De fato, ao se referir favoravelmente à prática sexual dos animais, o poeta reafirma que o sexo é um fenômeno universal natural. Ademais, essa referência ao sexo animal feita pelo poeta parece transmitir aos leitores o quadro de uma cópula extremamente diferente das precedentes descrições do amor apaixonado. Assim, o poeta parece ressaltar a distinção que faz do sexo e do amor: o amor é prejudicial à gratificação sexual, posições diferentes daquelas praticadas pelos animais ou mesmo o movimento sexual são prejudiciais à concepção.<sup>102</sup>

Ao finalizar o Livro IV do *De Rerum Natura*, Lucrecio insere novamente o tema do amor nos versos 1278-1287, com a imagem de um relacionamento duradouro:<sup>103</sup>

Nem por vontade divina e pelas flechas de Vênus às vezes  
se dá que uma mulherzinha feia seja amada;

<sup>100</sup> DRN IV, 1263-1267: *Et quibus ipsa modis tractetur blanda uoluptas, / id quoque permagni refert; nam more ferarum / uadrupedumque magis ritu plerumque putantur / concipere uxores, quia sic loca sumere possunt, / pectoribus positis, sublati semina lumbis.* (E por qual modo o próprio e agradável prazer é obtido / também muitíssimo importa; pois, à maneira das feras / e dos quadrúpedes, pela posição, em geral se julga que as esposas / concebem mais porque assim as sementes podem apropriar-se / dos lugares, estando os peitos inclinados e os lombos elevados.)

<sup>101</sup> DRN IV, 1268-1277: *Nec molles opu' sunt motus uxoribus hilum; / nam mulier prohibet se concipere atque repugnat, / clunibus ipsa uiri Venerem si laeta retractat / atque exossato ciet omni pectore fluctus; / eicit enim sulcum recta regione uiaque / uomeris atque locis auertit seminis ictum. / idque sua causa consuerunt scorta moueri, / ne complerentur crebro grauidaeque iacerent, / et simul ipsa uiris Venus ut concinnior esset; / coniugibus quod nil nostris opus esse uidetur.* (E as esposas não têm necessidade de movimentos lascivos; / pois a mulher impede e resiste a que conceba, / se ela, em seu prazer, traz a si a Vênus do homem com as ancas / e, com o corpo todo flexível, agita os humores; / com efeito, lança fora o sulco do lugar certo e da via / do arado e afasta dos lugares o golpe da semente. / Assim, no seu próprio interesse, as meretrizes costumaram se mover, / para não conceberem com frequência e ficarem grávidas / e ao mesmo tempo para que fosse mais agradável aos homens a própria Vênus; / nada que pareça ser necessário a nossas esposas.)

<sup>102</sup> BROWN, 1987, p. 67-68.

<sup>103</sup> BROWN, 1987, p. 60-61. Segundo Brown (1987, p. 69), o fato de Lucrecio abordar novamente o amor nos mostra que esse é um tópico de grande importância. Já Godwin (*apud* LUCRETIUS, 2008, p. 169) vê o final do livro como um elogio ao casamento como amizade honesta, em contraste com a paixão iludida do amante.

pois às vezes a própria mulher faz, com seus atos,  
 com os modos dóceis e com o corpo em alinhado e limpeza,  
 que facilmente te acostume a conviver consigo.  
 Ainda, o hábito produz o amor;  
 pois o que é atingido repetidas vezes, mesmo de leve,  
 a longo prazo, contudo, é vencido e deixa-se abater.  
 Acaso não vês que as gotas de água que caem  
 nas pedras, a longo prazo, perfuram-nas?<sup>104</sup>

Vemos, nos versos acima, que o amor de que Lucrécio fala nesse ponto de seu poema é um amor não passional, um amor que não consome os amantes com o frenesi já conhecido por nós. Afinal, mesmo uma mulher sem atributos físicos pode ser amada através de seu caráter e do cuidado com o próprio corpo (v. 1278-1282). E, por último, o hábito e a convivência são capazes de fazer surgir o amor (v. 1283-1287).<sup>105</sup> Dessa forma, o poeta nos mostra que um amor cujas bases não sejam a beleza física e que não seja tomado pela ilusão pode ser alcançado. Um amor que, para surgir, precisa de uma mulher de caráter agradável e de um homem tolerante.<sup>106</sup>

O final do Livro IV do *De Rerum Natura*, portanto, apresenta tópicos arranjados em uma sequência: há, primeiro, as urgências da adolescência, depois, o desejo e o amor passional, em seguida, problemas relacionados à reprodução. Por fim, no parágrafo final, há a imagem de um relacionamento doméstico de longo prazo, trazendo à discussão um final apropriado e esperançoso:<sup>107</sup> a possibilidade de um amor que não seja destrutivo é real.

### III. 3. As *Geórgicas* e o *De Rerum Natura*

Antes de iniciarmos nossas considerações sobre o *amor* presente nas *Geórgicas* III, alguns esclarecimentos relativos à “influência” de Lucrécio sobre Virgílio para a

<sup>104</sup> DRN IV, 1278-1287: *Nec diuinitus interdum Venerisque sagittis / deteriore fit ut forma muliercula ametur; / nam facit ipsa suis interdum femina factis / morigerisque modis et munde corpore culto, / ut facile insuescat te secum degere uitam. / quod superest, consuetudo concinnat amorem; / nam leuiter quamuis quod crebro tunditur ictu, / uincitur in longo spatio tamen atque labascit. / nonne uides etiam guttas in saxa cadentis / umoris longo in spatio pertundere saxa?*

<sup>105</sup> Como notou Godwin em seu comentário ao Livro IV do *De Rerum Natura*, o amor gerado pelo hábito assemelha-se muito à amizade epicurista. Cf. LUCRETIUS, 2008, p. 152.

<sup>106</sup> Cf. BROWN, 1987, p. 88.

<sup>107</sup> Cf. BROWN, 1987, p. 60-61.

composição do trecho se fazem necessários. Segundo Gale (2000, p. 2-3), dois grandes críticos da obra de Virgílio – Wilkinson e Thomas –, baseando-se no conceito de “influência”,<sup>108</sup> apresentam posições diferentes relativas ao significado de tal “influência” nas *Geórgicas*. Wilkinson sugere que o impacto de Lucrecio em Virgílio foi tal que determinou não só a forma do poema, mas também os temas tratados, mesmo que as ideias de Virgílio pareçam uma reação contra Lucrecio.<sup>109</sup> Thomas, por sua vez, afirma que Virgílio emprega ecos de Lucrecio e Hesíodo para validar seu “status” de poeta didático, preocupando-se mais com definir sua posição na literatura do que com dialogar com os predecessores.<sup>110</sup> Obviamente, a preferência de interpretação dos dois críticos está intimamente relacionada com a mudança na forma como os textos são estudados, forma essa que se desenvolveu com o tempo e passou de um tipo de leitura biográfica, por exemplo, para uma que vê alusões a outras obras.<sup>111</sup>

A própria Gale, em contrapartida, prefere uma leitura que, seguindo tendências críticas correntes, se esforça por ler as *Geórgicas* não como uma obra totalmente unificada, mas como um poema caracterizado por contradições não resolvidas. Dessa forma, através de uma visão que considera a intertextualidade entre o objeto de estudo e obras anteriores e coevas, não há como ver Lucrecio estritamente como “influenciador” de Virgílio ou as *Geórgicas* como uma resposta à obra de Lucrecio – na verdade, não se pode negar a importância do *De Rerum Natura* nas *Geórgicas*, tendo em vista que é o texto mais frequentemente evocado por Virgílio,<sup>112</sup> mas o poema não se resume a

---

<sup>108</sup> Gale (2000, p. 3) afirma que interpretações que consideram a “influência” de um poeta sobre o outro são, no mínimo, problemáticas, tendo em vista que há uma certa dificuldade de distinguir “verdadeiras” alusões de eventuais semelhanças de expressões, estrutura ou técnicas que podem se relacionar, de fato, apenas à cultura que os poetas compartilham. A própria estudiosa prefere o termo “intertextualidade” como cunhado por Kristeva, em que o texto constitui-se por seu relacionamento com obras anteriores e contemporâneas. Dessa forma, continua, identificar alusões a um poeta anterior é parte de um processo mais amplo de interpretação intertextual. Cf. GALE, 2000, p. 4-5.

<sup>109</sup> Cf. WILKINSON, 1969, p. 63, citando SELLAR (1908, p. 199): *The influence, direct and indirect, exercised by Lucretius on the thought, composition, and even the diction of the Georgics was perhaps stronger than that ever exercised, before or since, by one great poet on the work of another.* Ver também WILKINSON, 1982, p. 18-19: *Lucretius could show Virgil, more clearly than Aratus, how a poem expounding scientific matter could, by sheer accumulation of picturesque detail, acquire the qualities of a descriptive one, and how it could also be charged with relevant moral and philosophic fervour. (...) Indeed his poem has been described as a submerged dialogue with Lucretius.*

<sup>110</sup> Cf. THOMAS, 1988, p. 4: *As for Lucretius, his linguistic influence upon the Georgics is pervasive, but it is chiefly so in a particular way: Virgil draws from him to create a didactic appearance for his poem. (...) the debt of Virgil to Lucretius in the Georgics is predominantly formal, consisting of the borrowing of phrases, or occasionally the rearranging of an appealing image.*

<sup>111</sup> Para uma análise mais completa, cf. GALE, 2000, p. 2.

<sup>112</sup> Cf. GALE, 2000, p. 17

isso.<sup>113</sup> Como não é nosso foco neste trabalho debater a influência de Lucrecio em Virgílio, apenas nos limitaremos a, também, utilizar o termo “intertextualidade” quando necessário.

Isto posto, podemos iniciar nossas observações sobre os significados de “Vênus” em todo o poema e, principalmente, no Livro III, onde há o maior número de ocorrências. Abordaremos brevemente, também, a visão dos deuses, em geral, que Virgílio constrói em sua obra.

Primeiramente, analisemos o uso de “Vênus” no decorrer das *Geórgicas*. Enquanto o Livro I das *Geórgicas* não traz o nome da deusa, o Livro II possui apenas uma ocorrência, que parece enfatizar o aspecto da deusa relacionado ao surgimento do desejo sexual e posterior procriação:

- a) Matagais inacessíveis então ressoam com os cantos das aves e os gados voltam a procurar Vênus em dias certos.<sup>114</sup>

O Livro III, por sua vez, traz cinco ocorrências do nome da deusa:

---

<sup>113</sup> Segundo Farrell (*apud* MARTINDALE, 2006, p. 222), Virgílio alude constantemente a uma ampla gama de autores: no próêmio das *Geórgicas* III, por exemplo, o poeta afirma sua hegemonia sobre seus antepassados poéticos quando diz que levará as Musas da Grécia para Mântua – quase como um general conquistador, como Putnam (1979, p. 167) notou – e construirá um templo para César nas margens do Míncio. Segundo Farrell, essa “fantasia” não é original e deve muito à poesia de Píndaro e Calímaco. Cf. MARTINDALE, 2006, p. 222, 232. Fleischer (*apud* Wilkinson, 2008, p. 183) afirma que Píndaro comparou um poema com um templo (*Ol.* 6.1-5), tal como Virgílio fez nos versos 12-14, ao se referir à épica que comporia para César: *Primus Idumaeas referam tibi, Mantua, palmas; / et uiridi in campo templum de marmore ponam / propter aquam.* (Em seguida, entregar-te-ei, ó Mântua, as palmas Iduméias. E na verde planície edificarei um templo de mármore junto às águas. – Trad. Raul José Sozim); o próprio Wilkinson (2008, p. 185-187) afirma que reminiscências verbais a Píndaro nas *Geórgicas* sugerem que Virgílio tinha em mente a obra desse poeta – tal como nas *Geórgicas* III, 16-18; 21-22: *In medio mihi Caesar erit templumque tenebit. / Illi uictor ego et Tyrio conspectus in ostro / centum quadriugos agitabo ad flumina currus. (...) Ipse caput tonsae foliis ornatus oliuae / dona feram* (No meio colocarei César que ali terá um templo. Para ele, eu, notável e reconhecido sob a púrpura tíria, farei galopar cem quadrigas junto aos rios. (...) Eu mesmo, tendo a cabeça ornada com ramos de ceifada oliveira, trarei os prêmios. – Trad. Raul José Sozim). Também Píndaro teria falado a governantes como a iguais, aconselhando e alertando, por exemplo. Quanto a Calímaco, Wilkinson (2008, p. 187-188) afirma que a Inveja personificada presente nas *Geórgicas* III, 37-39: *Inuidia infelix Furias amnemque seuerum / Cocyti metuet tortosque Ixionis anguis / immanemque rotam et non exsuperabile saxum.* (A Infeliz Inveja temerá as Fúrias, as águas terríveis do Cocito, as sinuosas serpentes de Ixião desumana roda, e a não superável rocha. – Trad. Raul José Sozim) ocorre tanto no prólogo de sua obra *Aitia* quanto em mais duas outras obras (*Hymn* 2.105; *Epigr.* 21.4), além de ocorrer inúmeras vezes também em Píndaro. Para mais exemplos, cf. WILKINSON, 2008, p. 184-188.

<sup>114</sup> Cf. *Geórgicas* II, 328-329: *Auia tum resonant auibus uirgulta canoris / et Venerem certis repetunt armenta diebus* (Trad. nossa).

- b) Durante este tempo, enquanto passa junto ao rebanho a alegre juventude, libera os machos; envia os rebanhos primeiro aos prazeres de Vênus e assegura, assim, a geração de uma nova prole.<sup>115</sup>
- c) Mais velho, e insensível aos prazeres de Vênus, prolonga inutilmente o ingrato esforço;<sup>116</sup>
- d) Façam isto para que, pela excessiva gordura, não seja diminuído o campo genital e obstrua, assim fechadas, as passagens, mas que, sedenta, se sacie de Vênus e seja penetrada mais profundamente.<sup>117</sup>
- e) Mas nenhum cuidado firma mais as forças seja dos bois seja dos cavalos, aos quais o costume é mais agradável, do que afastar Vênus e os estímulos ao amor cego.<sup>118</sup>
- f) A própria Vênus deu-lhes este ardor, quando as éguas Potníades dilaceraram com suas queixadas os membros de Glauco.<sup>119</sup>

O último trecho parece mostrar a própria deusa Vênus como ente poderoso que instila nas éguas de Glauco, como vingança por não ter permitido que seus animais procriassem, um furor que as faz devorá-lo.

Os trechos em b), c), d) e em e), por sua vez, trazem o nome da deusa como metáfora não só para as relações sexuais que proporcionam a procriação, mas também para o desejo sexual que antecederia tais relações.

Por fim, apresentamos as ocorrências de “Vênus” no Livro IV das *Geórgicas*:

<sup>115</sup> Cf. *Geórgicas* III, 63-65: *Interea, superat gregibus dum laeta inuentas, / solue mares; mitte in Venerem pecuaria primus / atque aliam ex alia generando suffice prolem* (Trad. Raul José Sozim).

<sup>116</sup> Cf. *Geórgicas* III, 97-98: *Frigidus in Venerem senior frustra que laborem / ingratum trahit (...)* – Trad. Raul José Sozim

<sup>117</sup> Cf. *Geórgicas* III, 135-137: *Hoc faciunt nimio ne luxu obtunsior usus / sit genitali aruo et sulcos oblimet inertis, / sed rapiat sitiens Venerem interiusque recondat* (Trad. Raul José Sozim).

<sup>118</sup> Cf. *Geórgicas* III, 209-211: *Sed non ulla magis uiris industria firmat / quam Venerem et caeci stimulos auertere amoris, / siue boum siue est cui gratior usus equorum* (Trad. Raul José Sozim).

<sup>119</sup> Cf. *Geórgicas* III, 267-268: *Et mentem Venus ipsa dedit, quo tempore Glauci / Potniades malis membra absumpsere quadrigae* (Trad. Raul José Sozim).

g) Entre os costumes caros às abelhas este é verdadeiramente o mais agradável: elas não se entregam ao acasalamento nem afastam, indolentes, os corpos ao serviço de Vênus, e nem dão à luz aos filhotes com as dores do parto. Na verdade, elas próprias, com a boca, recolhem os nascidos das folhagens e das macias ervas, elas próprias substituem a rainha e os pequenos cidadãos e refazem a corte e os reinos de cera.<sup>120</sup>

h) Nenhuma paixão, nenhum himeneu comoveram seu espírito.<sup>121</sup>

Os trechos em g) e em h) trazem a deusa novamente como metáfora para as relações e o desejo sexual das criaturas, aspecto bem perceptível na proposta de tradução do último trecho que mostramos aqui, tendo em vista que o tradutor se absteve de utilizar o nome “Vênus”. Em suma, podemos ver que Virgílio parece privilegiar o uso de “Vênus” como metáfora para tudo de positivo ou negativo que a deusa pode desencadear, utilizando-se irrisoriamente da própria imagem da deusa. Como vimos anteriormente, Lucrécio faz uso do mesmo recurso ao tratar da deusa em seu *De Rerum Natura*: “Vênus” é apenas mais um nome para relações e/ou desejos sexuais.

Quanto ao tratamento dado por Virgílio aos deuses no decorrer de sua obra, consideremos, em primeiro lugar, as observações feitas por Gale (2000, p. 58ss) sugerindo que as ambiguidades e tensões encontradas na forma como o poeta apresenta o relacionamento entre deuses, humanos e o seu entorno relacionam-se com o modo como o próprio poeta lida com seus modelos didáticos – Hesíodo, Arato e Lucrécio.<sup>122</sup> Assim, como esses três poetas apresentam visões de mundo diferentes,<sup>123</sup> Virgílio, conseqüentemente, traz concepções ambíguas quanto ao papel dos deuses e o efeito de suas ações no mundo, por exemplo.

<sup>120</sup> Cf. *Geórgicas* IV, 197-202: *Illum adeo placuisse apibus mirabere morem, / quod nec concubitu indulgent nec corpora segnes / in Venerem soluont aut fetus nixibus edunt; / uerum ipsae e foliis natos et suauibus herbis / ore legunt, ipsae regem paruosque Quirites / sufficiunt aulasque et cerea regna refingunt* (Trad. Raul José Sozim).

<sup>121</sup> Cf. *Geórgicas* IV, 516: *Nulla Venus, non ulli animum flexere hymenaei* (Trad. Raul José Sozim).

<sup>122</sup> Cf. GALE, 2000, p. 58: ... *I will suggest that the ambiguities and tensions inherent in Virgil's handling of the relationships between gods, human beings and their natural environment are closely related to his handling of his didactic models.*

<sup>123</sup> Ainda em GALE (2000, p. 58), Hesíodo parece defender a ideia de que louvar os deuses pode ser benéfico, mas não é suficiente: o homem deve aliar o trabalho duro aos louvores para obter sucesso em suas empreitadas. Arato, por sua vez, traz a imagem de Zeus como um pai gentil, criador de um mundo propício para a vida agradável dos homens. Lucrécio, por fim, apresenta a imperfeição do mundo – violentos fenômenos naturais, extensos lugares impróprios para a vida humana, por exemplo – como prova de que os deuses não o criaram, e menos ainda em benefício aos homens.

Um trecho exemplar dessa ambiguidade encontra-se no Livro I das *Geórgicas*, em todo o trecho denominado “etiologia do *labor*”. Segundo muito bem demonstrado por Gale (2000, p. 59-67), a explanação de Virgílio sobre a origem da necessidade do trabalho por parte do homem perpassa as visões de mundo de Hesíodo, Arato e Lucrécio. As duas explicações fornecidas por Hesíodo para a origem do trabalho humano – a “decadência” da humanidade mostrada no Mito das Idades<sup>124</sup> e a punição de Zeus pelo roubo do fogo por parte de Prometeu<sup>125</sup> – foram reunidas por Virgílio nas *Geórgicas* I: o poeta utiliza-se de uma referência ao início da história do roubo do fogo por Prometeu<sup>126</sup> para introduzir seu relato de como era a vida dos homens antes de Júpiter,<sup>127</sup> o que, por sua vez, relembra a Idade do Ouro de Hesíodo. Ao mesclar as explicações de Hesíodo, Virgílio acaba por modificá-las: Júpiter põe fim à Idade Áurea para acabar com a inércia dos homens. Assim, se por um lado Virgílio pinta uma imagem saudosista referente à Idade Áurea, por outro, mostra Júpiter como “benfeitor” da humanidade por proporcionar-lhe a possibilidade de “evolução”.<sup>128</sup> Em outras palavras, temos um contexto hesiódico unido a um deus zeloso típico de Arato.

Ainda no mesmo trecho, Virgílio parece combinar a descrição que Lucrécio faz do gradual desenvolvimento da civilização humana – surgimento da agricultura, descoberta do fogo, navegação e astronomia, por exemplo<sup>129</sup> –, caracterizado pela necessidade, com a imagem de Júpiter colocando fim à Idade Áurea e inspirando os homens para que aprimorassem seus conhecimentos. Mais uma vez, temos visões de

<sup>124</sup> *Trabalhos e Dias*, 111-115: οἱ μὲν ἐπὶ Κρόνου ἦσαν, ὅτ’ οὐρανῶ ἐμβασίλευεν: / ὥστε θεοὶ δ’ ἔζων ἀκηδέα θυμὸν ἔχοντες / νόσφιν ἄτερ τε πόνων καὶ οἰζύος: οὐδέ τι δειλὸν / γῆρας ἐπῆν, αἰεὶ δὲ πόδας καὶ χεῖρας ὁμοῖοι / τέρποντ’ ἐν θαλίῃσι κακῶν ἔκτοσθεν ἀπάντων: (Existiram na época de Crono, quando reinava no céu: / como deuses viviam com ânimo sem aflição, / afastados de labor, longe de agonia. Nem a infeliz / velhice havia, e, sempre iguais nos pés e mãos, / apraziam-se em festejos, além de todos os males;) Cf. HESÍODO, 2013b, p. 36-37 (Trad. Christian Werner).

<sup>125</sup> *Trabalhos e Dias*, 42: κρύψαντες γὰρ ἔχουσι θεοὶ βίον ἀνθρώποισιν. (Pois deuses ocultaram e seguram o sustento dos homens.); *Trabalhos e Dias*, 49-50: τοῦνεκ’ ἄρ’ ἀνθρώποισιν ἐμήσατο κήδεα λυγρά. / κρύψε δὲ πῆρ. (Por isso para os homens armou agruras funestas, / e ocultou o fogo;) Cf. HESÍODO, 2013b, p. 32-33 (Trad. Christian Werner).

<sup>126</sup> Cf. *Geórgicas* I, 121-124: *Pater ipsi colendi / haud facilem esse uiam uoluit primusque per artem / mouit agros, curis acuens mortalia corda, / nec torpere graui passus sua regna ueterno.* (O próprio Pai desejou que o caminho do cultivo não fosse fácil, e primeiro moveu os campos pela habilidade, despertando os corações mortais com inquietações, e não admitiu que seus reinos estivessem entorpecidos por uma apatia pesada.) – Trad. nossa.

<sup>127</sup> Cf. *Geórgicas* I, 125-128: *Ante Iouem nulli subigebant arua coloni; / ne signare quidem aut partiri limite campum / fas erat: in medium quaerebant; ipsaque tellus / omnia liberius, nullo poscente, ferebat.* (Antes de Júpiter colonos nenhuns subjugavam os campos, nem sequer era permitido marcar ou dividir um campo com um limite; buscavam para o bem comum, e a própria terra tudo livremente produzia, sem ninguém pedir.) – Trad. nossa.

<sup>128</sup> Cf. GALE, 2000, p. 61-62 para uma explicação mais detalhada.

<sup>129</sup> Lucrécio trata de todos esses temas no Livro V: agricultura (1361-78), fogo (1091-1104), navegação e astronomia (1436-42), ferramentas (1266-1268). Virgílio, também, aborda, no Livro I, a agricultura (147-159), a navegação e astronomia (137-138), ferramentas (143-146). Cf. GALE, 2000, p. 63.

mundo opostas sendo mescladas por Virgílio: como para Lucrécio os deuses em nada interferem na vida humana, a “evolução” dos homens não pode ter ocorrido devido a uma ação de Júpiter, mas foi, de fato, resultado da necessidade humana.<sup>130</sup> O poeta das *Geórgicas*, então, utiliza-se da intertextualidade com os textos de Lucrécio e de Hesíodo para criar algo novo.<sup>131</sup>

Nelson (1998), por outro lado, apresenta a ideia de que Júpiter tornou árdua a tarefa do cultivo para despertar a inteligência humana. No entanto, o que ocorre é o despertar da Idade do Ferro. Assim, o deus de Virgílio impôs à humanidade a necessidade do trabalho para o próprio desenvolvimento intelectual e acabou por torná-la violenta, hostil e cheia de sofrimento.<sup>132</sup>

Para finalizar nossas observações sobre esse tópico, ressaltamos o fato de que nas *Geórgicas* III, nosso livro principal de interesse, quase não há referências a ações diretas dos deuses. Há, como veremos a seguir, o relato de uma fúria instigada por Vênus, por vingança, sobre as éguas de Glauco (v. 266-268). O final do livro, por sua vez, apesar de apresentar a exposição dos efeitos da Peste Nórica, não esclarece se sua causa é divina ou apenas uma ocorrência natural. Em suma, a miscelânea de conceitos utilizados por Virgílio no decorrer de sua obra e propiciada pela intertextualidade com os autores anteriores – Hesíodo, Arato e Lucrécio –, a nosso ver, consegue enriquecer as *Geórgicas* e, ao mesmo tempo, torná-las de difícil interpretação.

Assim sendo, iniciamos nossas considerações sobre o *amor* nas *Geórgicas*, analisando especificamente os versos 209-283 do Livro III, centro da argumentação de Virgílio quanto ao tema. Todo o tratamento de Lucrécio sobre o *amor* junto aos homens ocupou, no livro IV de *De rerum natura*, um número considerável de versos – 1030 a 1287, a saber – e abordou aspectos fisiológicos e também psicológicos, como já vimos anteriormente. Virgílio dedicou parte do Livro III das *Geórgicas*, v. 209-283, para discutir o amor entre os animais, especificamente os touros e os cavalos, e, mais para o

<sup>130</sup> Cf. *DRN* V, 1452-1457: *Vsus et impigrae simul experientia mentis / paulatim docuit pedetemptim progredientis. / sic unum quicquid paulatim protrahit aetas / in medium ratioque in luminis erigit oras; / namque alid ex alio clarescere corde uidebant, / artibus ad summum donec uenere cacumen.* (... foi o uso e foi ao mesmo tempo a experiência de um espírito diligente que a pouco e pouco deram o ensino e, lentamente, realizaram o progresso. Assim, lentamente, o tempo apresenta cada uma das coisas e a razão as traz às regiões da luz. E viam os homens em seu espírito que uma idéia esclarecia outra idéia, até que, valendo-se de tais artes, chegaram até o cimo dos cimos.)

<sup>131</sup> Quanto ao assunto da intertextualidade, a nosso ver, Trevizam (2014c), em sua análise das descrições da Peste de Atenas no Livro VI do *De Rerum Natura* e da Peste Nórica no final do Livro III das *Geórgicas*, propõe que o “o poeta das *Geórgicas*, sem deixar passar despercebido seu inegável débito para com Lucrécio, adapta, inverte ou dramatiza/ dota de mais emotiva expressividade o que retoma do predecessor”. Cf. TREVIZAM 2014c, p. 187.

<sup>132</sup> Cf. NELSON, 1998, p. 111-112.

final, também junto aos homens. O poeta já aconselha nos primeiros versos que seu leitor mantenha os animais afastados do *amor*, tendo em vista que a simples visão da fêmea já os perturba:

Mas nenhum cuidado firma mais as forças seja dos bois seja dos cavalos, aos quais o costume é mais agradável, do que afastar Vênus e os estímulos ao amor cego. Por isso confinem os touros, distante, em pastagens solitárias, atrás de uma interposta montanha e além de um largo rio, ou conservem enclausurados dentro de fartos estábulos. Ao ver a fêmea, consome, pois, paulatinamente as forças e se exaure, e nem suporta lembrar-se dos bosques e nem sequer da erva com seus doces atrativos, e, muitas vezes, ela mesma força os soberbos amantes a combaterem entre si a golpes de chifres.<sup>133</sup>

De fato, segundo o poeta, a visão das fêmeas<sup>134</sup> consome as forças dos machos e os incita a lutarem entre si. Logo, é necessário mantê-los afastados delas, a fim de que sejam satisfatórios no trabalho tanto do campo agrícola quanto dos campos bélicos:<sup>135</sup> a melhor forma de manter o animal forte é mantê-lo na abstinência.<sup>136</sup> Interessante notar o uso do nome da deusa Vênus no trecho acima juntamente ao *caeci... amoris*, sugerindo que, para Virgílio, não há diferença alguma entre os efeitos da deusa e o próprio *amor*: diferentemente de Lucrécio, a Vênus de Virgílio não instila apenas o desejo que

<sup>133</sup> Cf. *Geórgicas* III, 209-218: *Sed non ulla magis uiris industria firmat / quam Venerem et caeci stimulos auertere amoris, / siue boum siue est cui gratior usus equorum. / Atque ideo tauros procul atque in sola relegant / pascua post montem oppositum et trans flumina lata, / aut intus clausos satura ad praesepia seruant. / Carpit enim uiris paulatim uritque uidendo / femina nec nemorum patitur meminisse nec herbae / dulcibus illa quidem illecebris et saepe superbos / cornibus inter se subigit decernere amantis* (Trad. Raul José Sozim).

<sup>134</sup> Atentar para a antropomorfização através da palavra *femina* (v. 216) – utilizada em um contexto animal, segundo Putnam (1979, p. 191), pela primeira vez sem a presença de um substantivo que explicitamente mostre que se trata, na verdade, da fêmea de algum animal – e do verbo *relegant* (v. 212) – verbo que, segundo Grilli (1979, p. 103), representa uma punição dada a homens forçados a ficar longe de Roma por obrigação legal. Há também, no próximo trecho, o uso das palavras *exsulat* (v. 225) e *ignominiam* (v. 226), por exemplo, cujo uso esperado é em um contexto humano. Notamos um outro indício de antropomorfização no início do poema, com a presença da deusa Lucina e do “justo himeneu” no v. 60: *Aetas Lucinam iustosque pati hymenaeos / desinit ante decem, post quattuor incipit annos*; (A idade para ela suportar Lucina e um justo himeneu cessa antes dos dez anos e começa após os quatro; – Trad. Raul José Sozim), relembando, segundo Grilli (1982, p. 102), um legítimo matrimônio romano.

<sup>135</sup> O tópico abordado anteriormente por Virgílio era a criação do jovem gado para os trabalhos no campo (v. 157-178) e a criação do jovem cavalo especificamente para a guerra e para os jogos (v. 179-208) Cf. THOMAS, 1988, p. 70, 74.

<sup>136</sup> MARTINDALE, 2006, p. 301.

propicia a reprodução dos seres, mas se iguala ao *amor* que causa frenesi nos homens do Livro IV do *De Rerum Natura*.

Em seguida, o poeta apresenta a batalha dos touros e um retrato do macho derrotado preparando-se para a vingança:

Pasta no grande maciço de Sila a formosa novilha: aqueles, alternando os assaltos, travam, com muita violência, combates com abundantes ferimentos; um sangue escuro inunda os corpos, e os chifres voltados contra os adversários persistem com grande mugido: ressoam as selvas e o distante Olimpo. Não é costume os beligerantes partilharem juntamente do mesmo estábulo; assim, aquele vencido afasta-se e se exila para regiões desconhecidas, gemendo por longo tempo a ignomínia e os golpes do soberbo vencedor, e os amores que, sem poder se vingar, perdeu: e volvendo o olhar para os estábulos, afasta-se dos reinos ancestrais. E então exercita as forças com todo o zelo, e, entre os ásperos rochedos, jaz obstinado sobre a terra nua, nutrindo-se de espinhosas folhagens e de picantes ervas, e, colocando a si mesmo à prova, aprende a concentrar sua ira nos chifres contra um tronco de árvore; açoita os ventos com golpes e se adestra preliminarmente para o combate, espalhando areia com as patas. Depois, adquirido o vigor e refeitas as forças, desfralda as insígnias e, impetuoso, lança-se contra o inimigo já dele esquecido; assim como a onda começa de muito longe a espumar no meio do oceano, e do alto mar acorre sinuosamente e, abatendo-se sobre a terra, ressoa fragorosamente por entre os rochedos; e, precipitando-se não menor que o próprio monte, em sua profundidade se agita em redemoinhos, arremessando para o alto uma negra areia.<sup>137</sup>

<sup>137</sup> Cf. *Geórgicas* III, 219-241: *Pascitur in magna Sila formosa iuuenca: / illi alternantes multa ui proelia miscent / uolneribus crebris; lauit ater corpora sanguis, / uersaque in obnixos urgentur cornua uasto / cum gemitu: reboant siluaeque et longus Olympus. / Nec mos bellantis una stabulare; sedalter / uictus abit longeque ignotis exsulat oris / multa gemens ignominiam plagasque superbi / uictoris, tum quos amisit inultus amores: / et stabula adspectans regnis excessit auitis. / Ergo omni cura uiris exercet et inter / dura iacet pernix instrato saxa cubili / frondibus hirsutis et carice pastus acuta, / et temptat sese atque irasci in cornua discit / arboris obnixus trunco, uentosque lacessit / ictibus et sparsa ad pugnam proludit harena. / Post, ubi collectum robur uiresque refectae, / signa mouet praecepsque oblitum fertur in hostem; / fluctus uti, medio coepit cum albescere ponto / longius ex altoque sinum trahit, utque uolutus / ad terras immane sonat per saxa neque ipso / monte minor procumbit, at ima exaestuat unda / uerticibus nigramque alte subiectat harenam* (Trad. Raul José Sozim).

Podemos perceber que a batalha dos touros aparece descrita de forma bastante antropomórfica – por exemplo, *amores*, no verso 227, que retoma a linguagem da elegia e da poesia e, portanto, o mundo humano; *sparsa... harena*, no verso 234, e *in hostem*, no verso 236, sugerindo novamente o mundo humano.<sup>138</sup> Putnam (1979, p. 193) igualmente vê a preparação do touro para a batalha como algo que lembra um soldado treinando para os rigores do combate. E os próximos versos resumem a proposição de Virgílio quanto ao *amor*:

Na verdade, toda a espécie terrestre, seja dos homens seja das feras, e a espécie marinha, os animais domésticos e os pássaros multicoloridos lançam-se nestes delírios e neste ardor: o amor é o mesmo para todos.<sup>139</sup>

Nesse ponto, nota-se a principal diferença do tratamento amoroso entre Lucrécio e Virgílio. Como vimos no capítulo II, Lucrécio vê as relações sexuais entre os animais como algo inerente aos seres: o desejo que Vênus instila possibilita que o ato sexual se realize e permite a propagação das espécies. Não há aspectos negativos na abordagem do tema entre os animais, ao contrário do que ocorre entre os homens: os animais agem simplesmente como espelhos da natureza, intocados pelas falsas crenças e pelos desejos desnecessários que a sociedade incute nos seres humanos.<sup>140</sup> Para Lucrécio, como vimos acima, os homens se iludem e tornam-se obcecados por um único corpo – na crença de que apenas esse corpo pode lhes proporcionar alívio sexual – e, assim, trazem a si próprios os sofrimentos oriundos do surgimento da paixão: possessividade, agressividade, impossibilidade de satisfazer seus desejos sexuais.

A visão de Virgílio, porém, é outra. Para o poeta, a reprodução não é um processo mecânico e natural, já que os animais também estão sujeitos aos sofrimentos experimentados pelo amante humano do *De Rerum Natura*: todos os animais – e homens – sentem o mesmo *amor*, todos se comportam violentamente quando submetidos a ele.<sup>141</sup> Na verdade, o *blandus amor* do “Hino a Vênus” de Lucrécio, o

---

<sup>138</sup> Segundo THOMAS, 1988, p. 85, a parte final da narrativa tornou-se um tipo de batalha humana. Como bem observado também por GRILLI, 1979, p. 104, destacamos algumas expressões bélicas: *proelia miscet* (v. 220), *uolneribus crebris* (v. 221), *uasto cum gemitu* (v. 222-223) e *ad pugnam proludit* (v. 234).

<sup>139</sup> Cf. *Geórgicas* III, 242-244: *Omne adeo genus in terris hominumque ferarumque / et genus aequoreum, pecudes pictaeque uolucres / in furias ignemque ruont: amor omnibus idem* (Trad. Raul José Sozim).

<sup>140</sup> Cf. GALE, 2000, p. 90.

<sup>141</sup> GALE, 2000, p. 176.

amor reservado aos animais, torna-se, nas *Geórgicas*, o mesmo fogo que consome os seres humanos no Livro IV do *De Rerum Natura*. É esse tipo de sofrimento que os animais de Virgílio sentem. Para Virgílio, então, o *amor* é uma força universal e irresistível, intrinsecamente traiçoeira, comum aos homens e aos animais.<sup>142</sup> Os próximos versos, de fato, ilustram toda essa perversidade:

Em nenhuma outra época a leoa, esquecida de seus filhotes, costuma vagar mais cruel pelos campos, nem os disformes ursos causam indistintamente pelas florestas tanta morte e destruição; então o javali é feroz, e a tigresa mais cruel. Ah! É, então, perigoso vagar pelos solitários campos da Líbia. Acaso não vês tu como um tremor invade inteiramente os corpos dos cavalos, quando as brisas trazem o conhecido odor? Já, então, nem os detêm as rédeas dos homens, nem os cruéis açoites, nem os rochedos e os profundos despenhadeiros, nem mesmo as barreiras dos rios que arrancam e fazem rolar as rochas. O próprio javali sabélico se enfurece, afia os dentes, cava a terra com a pata e fricciona as costas contra uma árvore e, de um e de outro lado, fortalece as espáduas para os ferimentos.<sup>143</sup>

No primeiro quadro, o poeta apresenta um comportamento invertido das leoas: sua dedicação aos filhotes é quase proverbial, é no cuidado com eles que as leoas se tornam absolutamente selvagens.<sup>144</sup> No entanto, a força do *amor* é tal que a leoa, “esquecida de seus filhotes”, “costuma vagar mais cruel pelos campos”. Os ursos provocam mortes e ruínas, o javali e a tigresa tornam-se terríveis. Os cavalos, por sua vez, desenvolvem uma energia tão destrutiva ao perceberem no ar os odores conhecidos das éguas que nem homens, nem flagelos, nem mesmo rios os detêm. Até mesmo o javali “se enfurece” e potencializa seu comportamento selvagem.

---

<sup>142</sup> GALE, 1991, p. 420.

<sup>143</sup> Cf. *Geórgicas* III, 245-257: *Tempore non alio catulorum oblita leaena / saeuior errauit campis nec funera uolgo / tam multa informes ursi stragemque dedere / per siluas; tum saeuos aper, Tum pessima tigris: / heu! male tum Libyae solis erratur in agris. / Nonne uides ut tota tremor pertemptet equorum / corpora, si tantum notas odor attulit auras? / Ac neque eos iam frena uirum neque uerbera saeua, / non scopuli rupesque cauae atque obiecta retardant / flumina correptosque unda torquentia montis. / Ipse ruit dentesque Sabellicus exacuit sus / et pede prosubigit terram, fricat arbore costas, / atque hinc atque illinc umeros ad uolnera durat* (Trad. Raul José Sozim).

<sup>144</sup> GALE, 2000, p. 222.

Os próximos versos aproximam o comportamento dos animais e dos homens através do mito de Leandro e Hero:

Que dizer, pois, do jovem a quem o implacável amor atíça até o âmago um grande fogo? Certamente, na escura noite, já tardo, ele nada através das ondas revoltas para as furiosas procelas; acima dele ressoa a imensa porta do céu, e as ondas, quebrando-se sobre os recifes, clamam sua volta; no entanto, nem a lembrança dos infelizes genitores podem fazê-lo retornar, nem a jovem que, após ele, morrerá de uma morte cruel.<sup>145</sup>

Apesar de o poeta não nomear as personagens do mito acima, fazendo uso dos nomes *iuuenis* e *uirgo*, sabemos que se refere a Leandro e Hero, e o fato de não identificá-los pode sugerir uma experiência universal, aplicável à raça humana como um todo.<sup>146</sup> O “implacável amor”<sup>147</sup> enlouquece os animais, alterando seu comportamento, e queima os homens “até o âmago”.<sup>148</sup> Aqui, vemos se apossar dos animais e dos homens nas *Geórgicas* III o mesmo fogo que inflama os homens consumidos pela paixão no Livro IV do *De Rerum Natura* e os prende num ciclo que sempre busca o alívio sexual em um único corpo, mas que nunca obtém a satisfação real. Dessa forma, a ideia proposta por Lucrécio no “Hino a Vênus”, de que o comportamento animal é um “espelho da natureza” e que, assim entendemos, poderia servir como um paradigma da vida que os homens deveriam viver, não serve às *Geórgicas*, tal como a visão aristotélica de que os homens se distinguem dos animais por possuírem razão/pensamento também não pode ser aplicada ao livro de Virgílio.<sup>149</sup>

<sup>145</sup> Cf. *Geórgicas* III, 258-263: *Quid iuuenis, magnum cui uersat in ossibus ignem / durus amor? Nempe abruptis turbata procellis / nocte natat caeca serus freta; quem super ingens / porta tonat caeli, et scopulis inlisa reclamant / aequora; nec miseri possunt reuocare parentes / nec moritura super crudeli funere uirgo* (Trad. Raul José Sozim).

<sup>146</sup> WILKINSON, 1982, p. 96.

<sup>147</sup> *Geórgicas* III, 259: *durus amor*.

<sup>148</sup> *Geórgicas* III, 258: *in ossibus*.

<sup>149</sup> Cf. GALE, 2000, p. 96. No Livro III do *De Rerum Natura*, por outro lado, Lucrécio defende a ideia de que os animais e os homens são compostos pelos mesmos elementos. O que difere um do outro é que o homem possui razão e pode moldar essas características a fim de passar uma vida “digna dos deuses”. Nesse ponto, então, o poeta parece aproximar os homens dos animais. Cf. *DRN* III, 296-322: *Quo genere in primis uis est uiolenta leonum, / pectora qui fremitu rumpunt plerumque gementes / nec capere irarum fluctus in pectore possunt. / at uentosa magis ceruorum frigida mens est / et gelidas citius per uiscera concitat auras, / quae tremulum faciunt membris existere motum. / at natura bouum placido magis aëre uiuit / nec nimis irai fax unquam subdita percit / fumida, suffundens caecae caliginis umbra, / nec gelidis torpet telis perfixa pauoris; / interutrasque sitast ceruos saeuosque leones. / sic hominum genus est: quamuis doctrina politos / constituat pariter quosdam, tamen illa relinquit / naturae cuiusque animi uestigia prima. / nec radicitus euelli mala posse putandumst, / quin procliuius hic iras decurrat ad acris, /*

Consequentemente, nas *Geórgicas* III, o homem não é visto como superior aos animais. A passagem acima sugere que os homens não são aptos a se controlar, apesar de deterem razão.<sup>150</sup> Na verdade, eles são intrinsecamente animais e compartilham o comportamento violento e o instinto dos animais, que é mais uma vez ilustrado no episódio das éguas de Glauco, situado no meio do trecho que nos propusemos a analisar:

Que direi dos mosqueados lince de Baco e da espécie violenta dos lobos e dos cães? Que direi dos combates que travam os pacíficos cervos? Sem dúvida, é notável toda esta volúpia entre as éguas; a própria Vênus deu-lhes este ardor, quando as éguas Potníades dilaceraram com suas queixadas os membros de Glauco. O amor as conduz para além dos Gárgaros, para além do sonante Ascânio; ultrapassam montanhas e a nado atravessam rios; e assim que a chama latejante invade o íntimo insaciável (principalmente na primavera, pois na primavera o calor chega até os ossos), elas permanecem todas nos altos rochedos voltadas em direção ao Zéfiro e impregnam-se de ligeiras brisas e, muitas vezes, sem qualquer cônjuge – ó maravilha de ser dito! – são fecundadas pelo vento, e dispersam-se pelos rochosos penedos e pelos vales escarpados, não em direção a ti, ó Euro, nem àquela do sol nascente, mas ao Bóreas e ao Cauro ou donde nasce o nigérrimo Austro que contrista o céu com o

---

*ille metu citius paulo temptetur, at ille / tertius accipiat quaedam clementius aequo. / inque aliis rebus multis differre necessesit / naturas hominum uarias moresque sequacis; / quorum ego nunc nequeo caecas exponere causas / nec reperire figurarum tot nomina quot sunt / principiis, unde haec oritur uariantia rerum. / illud in his rebus uideo firmare potesse, / usque adeo naturarum uestigia linqui / paruola, quae nequeat ratio depellere nobis, / ut nihil impediat dignam dis degere uitam.* (Neste gênero vem em primeiro lugar a violenta força dos leões que muitas vezes, rugindo, rasgam o peito com o abalo e não podem conter no peito as ondas de cólera. É mais de sopro o frígido espírito dos veados e mais depressa lhes lança pelos órgãos gélidas auras que fazem aparecer nos membros um trêmulo movimento. A natureza dos bois vive mais de plácido ar; jamais os fachos da cólera a exasperam, jamais fumegam rodeando-a com as sombras da negra escuridão; também nunca fica entorpecida pelos gélidos dardos do pavor: está colocada a meio, entre os veados e os terríveis leões. O mesmo acontece com a raça dos homens: embora a educação dê a alguns uma uniforme polidez, todavia lhes deixa os antigos vestígios do caráter que tinha cada um; e não se deve supor que se pode arrancar o mal pela raiz; um corre mais facilmente para as iras furiosas, outro é atingido mais cedo pelo temor, um terceiro aceita as coisas com mais paciência do que devia. É de necessidade que nos outros apareçam ainda muitas diferenças e que sejam vários os caracteres dos homens e os costumes que se lhes seguem; mas não posso agora expor as suas causas ocultas nem encontrar os nomes bastantes para todos os princípios de formas de que provém esta diferença das coisas: o que vejo poder afirmar-se neste ponto é serem tão pequenos os vestígios de caráter que se deixam, e que a razão não pode afastar de nós, que nada impede se passe uma vida digna dos deuses.)

<sup>150</sup> GALE, 2000, p. 97.

pluvioso frio. Então, finalmente, da virilha destila um viscoso veneno, queos pastores chamam apropriadamente “hipomane”, o qual, muitas vezes, as perigosas madrastas recolheram e misturaram às ervas em seus maléficis oráculos.<sup>151</sup>

Notamos, em primeiro lugar, que Vênus aparece novamente nesse trecho do Livro III das *Geórgicas* e, mais uma vez, sob um ponto de vista negativo. Glauco, por ter mantido suas éguas afastadas dos machos para que guardassem suas forças para a corrida, incorreu na ira de Vênus, que instilou nas fêmeas um *furor* ingente a ponto de fazê-las devorar o próprio dono.<sup>152</sup> Assim, a deusa mostrada por Virgílio não é a mesma mostrada por Lucrécio no “Hino a Vênus”: esta, como já dissemos, instila um desejo natural nos corações dos animais, que obedecem entusiasticamente e proporcionam a continuidade de suas espécies; aquela, tal como a Vênus do Livro IV do *De Rerum Natura*, é uma tirana que enlouquece os seres.<sup>153</sup> Por fim, o poeta apresenta a ideia, adotada de Aristóteles,<sup>154</sup> de éguas ibéricas que são fecundadas pelo vento e expõem uma substância a possuir o mesmo nome daquilo que as tomou – *hippomanes*, uma loucura equina<sup>155</sup> –, sendo muito procurada para o fabrico de poções e drogas.<sup>156</sup>

Virgílio, então, aproxima homem e animal utilizando para o último certos termos que Lucrécio reserva para o amante humano. Destarte, a atitude de Virgílio quanto ao sexo revela ser mais consciente dos perigos que ele acarreta do que das alegrias que pode proporcionar: o sexo parece, então, ser algo que tende prioritariamente para a degradação, debilitação e destruição dos seres.<sup>157</sup> E mais, o Livro III, de fato, termina com mais imagens de debilitação e destruição com a narrativa da Peste Nórica, ressaltando o aspecto obscuro do Livro, como já mencionado no capítulo I. O final da

<sup>151</sup> Cf. *Geórgicas* III, 264-283: *Quid lynces Bacchi uariae et genus acre luporum / Atque canum? Quid quae imbelles dant proelia cerui? / Scilicet ante omnis furor est insignis equarum / et mentem Venus ipsa dedit, quo tempore Glauci / Potniades malis membra absumpsere quadrigae. / Illas ducit amor trans Gargara transque sonantem / Ascanium; superant montis et flumina tranant; / continuoque, auidis ubi subdita flamma medullis / (uere magis, quia uere calor redit ossibus), illae / ore omnes uersae in Zephyrum stant rupibus altis / exceptantque leuis auras et saepe sine ullis / coniugiis uento grauidae (mirabile dictu) / saxa per et scopulos et depressas conuallis / diffugiunt, non, Eure, tuos neque solis ad ortus, / in Borean Caurumque aut unde nigerrimus Auster / nascitur et pluuius contristat frigore caelum. / Hic demum, hippomanes uero quod nomine dicunt / pastores, lentum destillat ab inguine uirus, / hippomanes, quod saepe malae legere nouercae / miscueruntque herbas et non innoxia uerba* (Trad. Raul José Sozim).

<sup>152</sup> Cf. THOMAS, 1988, p. 92.

<sup>153</sup> GALE, 2000, p. 91-92.

<sup>154</sup> Aristóteles, *História dos Animais* VI. 18, 572a. Cf. PUTNAM, 1979, p. 200.

<sup>155</sup> Cf. PUTNAM, 1979, p. 200.

<sup>156</sup> Cf. PECK, 1970, p. 299 *apud* PAPAVERO; VIARO, 2014, p. 11.

<sup>157</sup> WILKINSON, 1982, p. 96.

primeira metade do Livro III, então, une-se ao final da segunda metade e cria um “todo negativo” que se oporá ao Livro IV das *Geórgicas*, mais “luminoso”.

Aproveitamos o ensejo para tecer alguns comentários sobre aspectos do Livro IV das *Geórgicas* relevantes para nosso trabalho. O primeiro ponto refere-se às mortes de Eurídice. Ora, o apicultor Aristeu, tomado de *desejo*, persegue Eurídice que, durante a fuga, pisa em uma serpente na relva, é picada e morre.<sup>158</sup> A segunda morte é causada por seu próprio esposo, Orfeu, quando este desce aos Infernos e, igualmente tomado de desejo, não obedece à recomendação de Perséfone, acabando por olhar para Eurídice antes do tempo.<sup>159</sup> Com efeito, a própria Eurídice ressalta o desejo excessivo de Orfeu: “Ela, então: ‘Qual’, diz, ‘qual grande insensatez perdeu não só a mim, infeliz, como a ti, Orfeu?’”<sup>160</sup> Algum tempo depois, o próprio Orfeu é morto pelas Bacantes devido ao seu desdém para com elas.<sup>161</sup>

O segundo aspecto que aqui nos interessa é o suposto “fato” de um tipo de reprodução das abelhas caracterizada por ser desprovida de sexo e desfrutada com alegria por elas.<sup>162</sup> Dessa forma, as abelhas evitam o “mal” desencadeado pelo *amor*.<sup>163</sup> Assim, podemos dizer que Virgílio aborda o *amor* negativamente, enfatizando sua “rejeição”, tanto no Livro III como no Livro IV, em diversos graus de profundidade.

<sup>158</sup> *Geórgicas* IV, 457-459: *Illa quidem, dum te fugeret per flumina praeceps, / immanem ante pedes hydrum moritura puella / seruantem ripas alta non uidit in herba.* (A verdade é que, enquanto fugia de ti, precipitando-se ao longo do rio, a jovem já destinada à morte não viu diante de seus pés, em meio à alta vegetação, a enorme serpente d’água, habitante dessas margens.) – Trad. Raul José Sozim.

<sup>159</sup> *Geórgicas* IV, 485-491: *Iamque pedem referens casus euaserat omnis / redditaque Eurydice superas ueniebat ad auras / pone sequens (namque hanc dederat Proserpina legem), / cum subita incautum dementia cepit amantem, / ignoscenda quidem, scirent si ignoscere Manes: / restitit Eurydicenque suam iam luce sub ipsa / immemor heu! uictusque animi respexit.* (E já retornando, havia Orfeu superado todos os perigos, e a resgatada Eurídice vinha para os ares superiores seguindo atrás (pois Prosérpina havia estabelecido tal condição), quando uma súbita insensatez tomou conta do incauto amante, perdoável no entanto – se os Manes sabem perdoar! Parou e, no momento em que atingiam a luz, esquecido de tudo, ah! vencido pela paixão, voltou o olhar para a sua Eurídice.) – Trad. Raul José Sozim.

<sup>160</sup> Cf. *Geórgicas* IV, 494-495: *Illa: “Quis et me” inquit “miseram et te perdidit, Opheu, / quis tantus furor? (...)”* – Trad. Raul José Sozim. Ainda nesse ponto, CONTE (1996, p. 134) comenta: *He is a lover and has something of the fickle quality of the love that possesses him.* Cf. igualmente CONTE (1983, p. XXV).

<sup>161</sup> *Geórgicas* IV, 520-522: *... spretae Ciconum quo munere matres / inter sacra deum nocturnique orgia Bacchi / discernptum latos iuuenem sparsere per agros.* (As mulheres dos Cícones, sentindo-se desprezadas por tal devoção, durante as sagradas cerimônias e as orgias noturnas a Baco dilaceraram o jovem e espalharam seus membros pela vasta planície.) – Trad. Raul José Sozim.

<sup>162</sup> *Geórgicas* IV, 197-202: *Illum adeo placuisse apibus mirabere morem, / quod nec concubitu indulgent nec corpora segnes / in Venerem soluont aut fetus nixibus edunt; / uerum ipsae e foliis natos et suauiibus herbis / ore legunt, ipsae regem paruosque Quirites / sufficiunt aulasque et cerea regna refingunt.* (Entre os costumes caros às abelhas este é verdadeiramente o mais agradável: elas não se entregam ao acasalamento nem afastam, indolentes, os corpos ao serviço de Vênus, e nem dão à luz aos filhotes com as dores do parto. Na verdade, elas próprias, com a boca, recolhem os nascidos das folhagens e das macias ervas, elas próprias substituem a rainha e os pequenos cidadãos e refazem a corte e os reinos de cera.) – Trad. Raul José Sozim.

<sup>163</sup> TREVIZAM, 2014a, p. 217.

Por fim, outro ponto que queremos ressaltar relaciona-se com a proposição lucreciana de que o homem, utilizando-se da razão, pode ser capaz de libertar-se das amarras do *amor*. Segundo Lucrécio, o homem é capaz de curar a loucura desencadeada pelo *amor* através da razão e seguindo a forma “descomplicada” dos instintos sexuais dos animais. Virgílio, por outro lado, parece sugerir que a razão pode falhar diante desses mesmos instintos, tal a força que eles possuem, devendo, portanto, ser suprimidos a quaisquer custos.<sup>164</sup> Segundo Gale (2000, p. 100), Virgílio parece desafiar incessantemente tanto a crença de Lucrécio no poder da razão quanto a noção epicurista de que a vida natural é a mais desejável, tão negativa é a imagem que ele nos passa do amor junto ao reino animal (e humano). As *Geórgicas*, portanto, parecem não distinguir sexo, *amor* e reprodução: nem no reino animal nem no humano um seria possível sem o outro.<sup>165</sup>

---

<sup>164</sup> GALE, 2000, p. 97.

<sup>165</sup> GALE, 2000, p. 176.

#### IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Gale (2007, p. 4-15), há vários estudos sobre a retórica de Lucrécio e sua forma de argumentação, incluindo a linguagem e as metáforas utilizadas pelo poeta; há estudos enfatizando as qualidades poéticas das partes mais expositivas do poema; há debates sobre se a visão do poeta é pessimista ou otimista; há estudos sobre o relacionamento entre Lucrécio e autores coevos ou anteriores, especialmente Empédocles, Homero e Ênio; há estudos sobre o próprio gênero ao qual a obra poderia pertencer. Quanto às *Geórgicas*, William Batstone (MARTINDALE, 2006, p. 125) afirma que, apesar dos inumeráveis trabalhos de vários críticos, essa permanece uma das obras mais “intratáveis” da literatura antiga.<sup>1</sup> Assim, são textos sobre os quais os críticos se debruçam há tempos, alcançando ou não resultados satisfatórios em suas pesquisas. À vista disso, consideramos que um estudo cujo objeto seja o cotejo de aspectos específicos do *De Rerum Natura* e das *Geórgicas*, dada a complexidade de ambas as obras, não poderia ser menos que desafiador.

Nosso objetivo com este trabalho foi tentar evidenciar as semelhanças existentes no tratamento ao amor dado por Virgílio e por Lucrécio nas *Geórgicas* III e no Livro IV do *De Rerum Natura*. Em primeiro lugar, consideramos as ocorrências de Vênus em toda a única obra de Lucrécio, a fim de que visualizássemos de que modo o poeta abordou a deusa no decorrer da obra. Vimos que o poeta associa a deusa ao prazer que instila desejo nos seres e proporciona sua correta reprodução, mas também a vê como metáfora para relações sexuais despreocupadas e isentas de *amor*.

Depois, apresentamos os trechos do livro lucreciano, essenciais ao nosso estudo, em que o poeta enfatiza a necessidade de se evitar o desenvolvimento do amor – seja não pensando no(a) amado(a) e, assim, alimentando o desejo específico por ele(a), seja privilegiando as relações sexuais que permitem o alívio buscado –, a fim de que o amante se furte aos sofrimentos e prejuízos desencadeados por tal sentimento. Caso ele acabe por se enredar nas teias do amor, Lucrécio ainda oferece maneiras de libertação: evitar a ilusão de que o amado não possui defeitos físicos ou morais.

Em suma, vimos que o *amor* é intensamente condenado em Lucrécio, tendo em vista que suscita incômodos impeditivos de uma vida de *ataraxia*, mas as relações sexuais não o

---

<sup>1</sup> *Despite the innumerable labours of many critics, Virgil's Georgics remains one of the most fundamentally intractable works of ancient literature.*

são. Na verdade, o poeta recomenda o sexo livre do *amor*, aquele que propicia a satisfação imediata de suas necessidades e, claro, a reprodução das espécies.

Prosseguindo nosso estudo e abordando, em seguida, as *Geórgicas*, apresentamos as ocorrências de Vênus nessa obra. Tal como Lucrécio, Virgílio parece privilegiar o uso de “Vênus” como metáfora para o que a deusa pode vir a desencadear – ou seja, relações sexuais, o desejo excessivo, o *furor*, a paixão avassaladora que tanta destruição provoca. Apesar de tal semelhança, o tratamento dado ao *amor* não é o mesmo.

Nas *Geórgicas* o poeta parece desaprovar, de modo mais forte, os envolvimento sexuais, tendo em vista que a simples visão da fêmea incita os machos, consumindo suas forças e fazendo com que lutem entre si. Para Virgílio, a reprodução não é um fato natural e mecânico, desprovido de incômodos: todos estão sujeitos aos sofrimentos que Lucrécio afirma serem próprios aos homens tomados pelo *amor*. E o autor das *Geórgicas* explicita sua ideia no verso 244 do Livro III – *amor omnibus idem*. O *amor* é igual para todos os homens e todos os animais. Num limite, a Vênus de Virgílio não instila um desejo “saudável” – como ocorre no “Hino à Vênus” do *De Rerum Natura* –, mas causa um *furor* tão incontrolável nos homens e nos animais que faz, por exemplo, com que um jovem tomado de paixão atravesse a nado o mar agitado por uma tempestade para estar com sua amada (v. 258-263), ou incita as éguas de Glauco a devorarem-no por tê-las privado dos prazeres sexuais (v. 264-267).

Dessa forma, podemos ver que há, de fato, semelhanças no tratamento dado ao *amor* pelos dois poetas, mas Virgílio vai além de simplesmente se “apropriar” do negativismo que Lucrécio identifica apenas com o sentimento alimentado pelos homens. O autor das *Geórgicas* amplia o alcance desse negativismo aos animais. Para Virgílio, nem homens nem animais podem usufruir dos prazeres sexuais em sua completude porque *amor* os torna, a todos, violentos. Assim, algo de intertextual com o *De Rerum Natura* pode ser vislumbrado nas *Geórgicas*, mas também há muito do próprio Virgílio.

Considerando nossos dizeres no início desta conclusão, esperamos, com este trabalho, contribuir minimamente para os estudos das obras de Virgílio e de Lucrécio, sejam eles privilegiando um ou outro autor (ou ambos). A seguir, apresentamos nossa proposta de tradução para o Livro IV do *De Rerum Natura*, com algumas notas que, pretendemos, possam auxiliar na compreensão do texto.

**V. TRADUÇÃO DO LIVRO IV DO *DE RERUM NATURA***

Tradução por:

Darla Gonçalves Monteiro da Silva

Auia Pieridum peragro loca nullius ante  
 trita solo. iuuat integros accedere fontis  
 atque haurire, iuuatque novos decerpere flores  
 insignemque meo capiti petere inde coronam,  
 unde prius nulli uelarent tempora Musae: 5  
 primum quod magnis doceo de rebus et artis  
 religionum animum nodis exsoluere pergo,  
 deinde quod obscura de re tam lucida pango  
 carmina, musaeo contingens cuncta lepore.  
 id quoque enim non ab nulla ratione uidetur; 10  
 nam ueluti pueris absinthia taetra medentes  
 cum dare conantur, prius oras pocula circum  
 contingunt mellis dulci flauoque liquore,  
 ut puerorum aetas inprouida ludificetur  
 laborum tenus, interea perpotet amarum 15  
 absinthii laticem deceptaque non capiatur,  
 sed potius tali pacto recreata ualescat,  
 sic ego nunc, quoniam haec ratio plerumque uidetur  
 tristior esse quibus non est tractata, retroque  
 uolgens abhorret ab hac, uolui tibi suauiloquenti 20  
 carmine Pierio rationem exponere nostram  
 et quasi musaeo dulci contingere melle,  
 si tibi forte animum tali ratione tenere  
 uersibus in nostris possem, dum percipis omnem  
 naturam rerum ac persentis utilitatem. 25

Percorro os caminhos intransitáveis das Piérides,<sup>1</sup> locais anteriormente calcados  
 pelos pés de ninguém. Agrada aproximar-me de fontes puras  
 e beber, e agrada colher flores novas  
 e daí buscar para a minha cabeça uma notável coroa,  
 com a qual as musas outrora cingiram as frentes de ninguém.<sup>2</sup> 5  
 Primeiramente porque ensino grandes assuntos e continuo a  
 desatar o espírito dos estreitos nós da superstição,  
 depois porque componho versos tão claros sobre assunto tão obscuro,  
 a todos eles tocando com a elegância das Musas.  
 Isso também parece ter algum propósito. 10  
 Pois, assim como os médicos, quando tentam dar odiosos absintos<sup>3</sup>  
 às crianças, primeiramente tocam as bordas em torno das taças  
 com a doce e dourada fluidez do mel,<sup>4</sup>  
 a fim de que a idade imprevidente das crianças se engane  
 até os lábios, enquanto isso, sorva o líquido amargo 15  
 do absinto e, ludibriada, não padeça,  
 mas antes, desse modo restabelecida, torne-se forte,  
 assim eu agora, porque esta doutrina parece quase sempre  
 um tanto severa a quem dela não tem experiência, e  
 o povo afasta-se dela com horror, quis expor a ti nossa doutrina 20  
 por meio de um harmonioso poema Piério  
 e, por assim dizer, tocar com o doce mel das Musas,  
 se acaso eu puder reter-te o espírito com tal doutrina  
 em nossos versos, enquanto aprendes toda  
 a natureza das coisas e percebes profundamente a utilidade.<sup>5</sup> 25

<sup>1</sup> Segundo Ovídio, as Piérides eram as nove filhas de Pierus, um rico homem de Péla, que entraram em uma disputa com as Musas, foram derrotadas e, tendo ofendido as Musas, foram transformadas em pássaros. (Ovídio, *Metamorfoses* V, 300-678).

<sup>2</sup> A ideia de ser coroado pelas Musas relembra a tradição do simbólico presentear iniciado com Hesíodo na *Teogonia*, 30-31: *καί μοι σκήπτρον ἔδον δάφνης ἐριθιλέος ὄζον / δρέψασαι, θηητόν*. (E me deram o cetro, galho vicejante de louro, / após o colher, admirável;) – Trad. Christian Werner. Cf. KENNEY, 1970, *apud* LUCRETIUS, 2008, p. 85.

<sup>3</sup> O *absinthium* era uma substância usada no tratamento para inflamações de garganta e doenças do estômago e conhecida por ser benéfica, mas desagradável. Cf. LUCRETIUS, 2008, p. 88.

<sup>4</sup> Tal como o mel torna agradável a ingestão de um amargo remédio, o uso do verso por Lucrécio transforma a sua preceituação em algo mais palatável ao leitor. Cf. FLORIO, 1997, p. 24.

<sup>5</sup> Os versos 926-950 do Livro I foram reproduzidos nos versos 1-25 do Livro IV em quase sua totalidade (a exceção é uma variação presente nos últimos versos dos intervalos mencionados acima: temos *naturam rerum, qua constet compta figura* em DRN I, 950 e *naturam rerum ac persentis utilitatem* em DRN IV, 25).

Atque animi quoniam docui natura quid esset  
 et quibus e rebus cum corpore compta uigeret  
 quouo modo distracta rediret in ordia prima,  
 nunc agere incipiam tibi, quod uehementer ad has res  
 attinet, esse ea quae rerum simulacra uocamus; 30  
 quae quasi membranae summo de corpore rerum  
 dereptae, uolitant ultroque citroque per auras,  
 atque eadem nobis uigilantibus obuia mentes  
 terrificant atque in somnis, cum saepe figuras  
 contuimur miras simulacraque luce carentum, 35  
 quae nos horrifice languentis saepe sopore  
 excierunt; ne forte animas Acherunte reamur  
 effugere aut umbras inter uiuos uolitare  
 neue aliquid nostri post mortem posse relinqui,  
 cum corpus simul atque animi natura perempta 40  
 in sua discessum dederint primordia quaeque.  
 dico igitur rerum effigias tenuisque figuras  
 mittier ab rebus summo de corpore eorum;  
 id licet hinc quamuis hebeti cognoscere corde.

[Sed quoniam docui cunctarum exordia rerum 45  
 qualia sint et quam uariis distantia formis  
 sponte sua uolitent aeterno percita motu  
 quoque modo possit res ex his quaeque creari,  
 nunc agere incipiam tibi, quod uehementer ad has res  
 attinet, esse ea quae rerum simulacra uocamus, 50  
 quae quasi membranae uel cortex nominitandast,  
 quod speciem ac formam similem gerit eius imago  
 cuiuscumque cluet de corpore fusa uagari.]

Principio quoniam mittunt in rebus apertis  
 corpora res multae, partim diffusa solute, 55  
 robora ceu fumum mittunt ignesque uaporem,

E como ensinei qual é a natureza do espírito<sup>6</sup>  
e por quais constituintes ela tem vigor unida ao corpo  
ou de que modo, separando-se, volta às primeiras origens,  
agora começarei a levar a ti o que veementemente diz respeito  
a esses assuntos: existir aquilo a que chamamos simulacros dos objetos 30  
que, como membranas arrancadas da superfície do corpo  
das coisas, esvoaçam de um lado e de outro pelos ares  
e ao mesmo tempo vão ao nosso encontro quando em vigília e  
aterrorizam o espírito, assim como em sonhos, quando frequentemente  
observamos figuras admiráveis e simulacros dos carentes de luz, 35  
que muitas vezes nos acordaram, enlanguescidos pelo sono,  
com horror; não pensemos, por acaso, que as almas escapam  
do Aqueronte ou que espectros esvoaçam entre os vivos,  
nem que algo de nós possa ser deixado após a morte  
quando, ao mesmo tempo, o corpo e a natureza destruída do espírito 40  
permitiram separar-se cada qual em seus elementos primeiros.  
Digo, pois, que são emitidas efígies dos objetos e tênues  
figuras da mais externa superfície de seus corpos.  
É lícito sabê-lo agora até por uma mente obtusa.  
Mas, como ensinei quais são os inícios de todas<sup>7</sup> 45  
as coisas e quão diferentes, com variadas formas,  
esvoaçam por si, agitados por eterno movimento,  
e de que modo pode cada objeto ser criado a partir desses inícios,  
agora começarei a levar a ti o que veementemente diz respeito  
a esses assuntos: existir aquilo a que chamamos simulacros dos objetos, 50  
que como membranas ou invólucros devem ser chamados,  
porque uma imagem traz consigo aspecto e forma semelhante àquilo,  
seja o que for, de cujo corpo tem a fama de vagar em liberdade.  
Primeiramente,<sup>8</sup> porque muitos corpos emitem partículas  
entre as coisas visíveis, em parte livremente dispersas, 55  
como a lenha emite a fumaça e as chamas o vapor,

<sup>6</sup> Lucrécio abordou a natureza do espírito no Livro III.

<sup>7</sup> Objetos de estudo dos Livros I e II do *De Rerum Natura*.

<sup>8</sup> A partir daqui, o poeta inicia uma básica exposição da teoria dos simulacros, abordando características como sua fina composição, a possibilidade de se formarem espontaneamente e sua velocidade.

et partim contexta magis condensaque, ut olim  
 cum teretis ponunt tunicas aestate cicadae,  
 et uituli cum membranas de corpore summo  
 nascentes mittunt, et item cum lubrica serpens 60  
 exuit in spinis uestem (nam saepe uidemus  
 illorum spoliis uepres uolitantibus auctas)-  
 quae quoniam fiunt, tenuis quoque debet imago  
 ab rebus mitti summo de corpore rerum.  
 nam cur illa cadant magis ab rebusque recedant 65  
 quam quae tenuia sunt, hiscendist nulla potestas,  
 praesertim cum sint in summis corpora rebus  
 multa minuta, iaci quae possint ordine eodem  
 quo fuerint et formai seruare figuram,  
 et multo citius, quanto minus indupediri 70  
 pauca queunt et quae sunt prima fronte locata.  
 nam certe iacere ac largiri multa uidemus,  
 non solum ex alto penitusque, ut diximus ante,  
 uerum de summis ipsum quoque saepe colorem.  
 et uolgo faciunt id lutea russaque uela 75  
 et ferrugina, cum magnis intenta theatri  
 per malos uolgata trabesque trementia flutant;  
 namque ibi consessum caueai supter et omnem  
 scaenai speciem †patrum matrumque deorum†  
 inficiunt coguntque suo fluitare colore. 80  
 et quanto circum mage sunt inclusa theatri  
 moenia, tam magis haec intus perfusa lepore  
 omnia conrident correpta luce diei.  
 ergo lintea de summo cum corpore fucum  
 mittunt, effigias quoque debent mittere tenuis 85  
 res quaeque, ex summo quoniam iaculantur utraque.  
 sunt igitur iam formarum uestigia certa  
 quae uolgo uolitant subtili praedita filo,

e em parte mais entrelaçadas e densas, como, às vezes,  
quando as cigarras abandonam as delicadas túnicas no verão  
e quando os vitelos, ao nascer, soltam as membranas da superfície  
do corpo, e igualmente quando a serpente escorregadia despoja 60  
a veste nos espinheiros (pois, muitas vezes, vemos  
os espinheiros providos de seus despojos flutuantes).  
Já que isso acontece, também uma tênue imagem deve  
ser emitida dos objetos, da superfície do corpo dos objetos.  
Na verdade, por que tais coisas se desprendem e se afastam de seus corpos 65  
mais do que as que são tênues é de todo impossível dizer,  
sobretudo por existirem na superfície dos objetos muitos  
corpos diminutos, que logram ser lançados na mesma ordem  
em que existiram e manter a aparência da forma,  
sendo lançados muito mais rápido, quão menos podem ser barrados 70  
por sua pouca quantidade e estando postos logo à frente.  
Pois, decerto, vemos muitas coisas espalharem e prodigalizarem  
partículas não apenas do fundo e interiormente, como dissemos antes,  
mas da superfície, amiúde até a própria cor.  
E isso as lonas amarelas, encarnadas e cor de ferrugem fazem 75  
em toda parte, quando, estendidas nos grandes teatros,  
ondulam à solta e vibrantes pelos mastros e traves.  
Pois, nesse lugar, a plateia abaixo, nos degraus, e todo  
tipo de cena †dos pais e das mães dos deuses†  
as lonas tingem e impelem a flutuar com sua cor. 80  
E, quanto mais se cerraram em volta os muros do teatro,  
tanto mais tudo isso, banhado interiormente  
pelo encanto, ri, arrebatada a luz do dia.<sup>9</sup>  
Portanto, como as lonas emitem uma cor da superfície,  
também cada objeto deve emitir tênues efígies, 85  
pois uma e outra coisa se projetam da parte de cima.  
Já existem, então, vestígios determinados das formas  
que voam em todo lado, dotados de uma trama sutil,

<sup>9</sup> O poeta procura transmitir a imagem das lonas dos teatros “tingindo” com suas cores tudo o que se encontra dentro de seus “muros”.

nec singillatim possunt secreta uideri.

Praeterea omnis odor fumus uapor atque aliae res  
 consimiles ideo diffusae e rebus abundant,  
 ex alto quia dum ueniunt extrinsecus ortae,  
 scinduntur per iter flexum, nec recta uiarum  
 ostia sunt qua contendant exire coortae.

at contra tenuis summi membrana coloris  
 cum iacitur, nihil est quod eam discernere possit,  
 in promptu quoniam est in prima fronte locata.

Postremo speculis in aqua splendoreque in omni  
 quaecumque apparent nobis simulacra, necessest,  
 quandoquidem simili specie sunt praedita rerum,  
 ex ea imaginibus missis consistere eorum.  
 sunt igitur tenues formae rerum similesque  
 effigiae, singillatim quas cernere nemo  
 cum possit, tamen adsiduo crebroque repulsu  
 reiectae reddunt speculorum ex aequore uisum,  
 nec ratione alia seruari posse uidentur,  
 tanto opere ut similes reddantur cuique figurae.

Nunc age quam tenui natura constet imago  
 percipe. et in primis, quoniam primordia tantum  
 sunt infra nostros sensus tantoque minora  
 quam quae primum oculi coeptant non posse tueri,  
 nunc tamen id quoque uti confirmem, exordia rerum  
 cunctarum quam sint subtilia percipe paucis.

Primum animalia sunt iam partim tantula, quorum  
 tertia pars nulla possit ratione uideri.  
 horum intestinum quoduis quale esse putandumst?  
 quid cordis globus aut oculi? quid membra? quid artus?  
 quantula sunt? quid praeterea primordia quaeque  
 unde anima atque animi constet natura necessumst?

e, individualmente, não podem ser vistos à parte.

Além disso, todo odor, fumaça, vapor e outros itens 90  
semelhantes abundam dispersos das coisas por esta razão:  
porque, enquanto vêm do fundo, originando-se do interior,  
dividem-se por um caminho sinuoso e não há aberturas  
diretas das vias por onde, surgidos juntamente, lutem por sair.

Mas, ao contrário, quando uma tênue membrana 95  
da superfície da cor se lança, nada existe que a possa dispersar,  
pois que logo à frente da vista está posta.

Finalmente, nos espelhos, na água e em toda a superfície brilhante,  
quaisquer simulacros que se mostrem a nós, visto que são  
dotados de uma forma semelhante à das coisas, é necessário 100  
que consistam em imagens lançadas delas. 101

Existem, então, tênues formas das coisas e semelhantes 104  
efígies que, embora ninguém possa discernir separadamente, 105  
mas lançadas por contínuo e frequente reflexo,  
repercutem uma visão da superfície dos espelhos,  
e não de outra maneira parecem poder ser conservadas,  
de modo que se repercutam figuras semelhantes a cada qual.<sup>10</sup>

Agora eia, aprende de quão tênue natureza a imagem 110  
é composta. E, de início, como os elementos primordiais<sup>11</sup>  
estão tão abaixo de nossos sentidos e são tão menores  
que aquilo que primeiro os olhos começam a não poder examinar,  
agora, porém, para que eu confirme até mesmo isso, aprende  
em poucas palavras quanto são sutis os inícios de todas as coisas. 115

Primeiro, em parte, já há animais tão pequenos que sua  
terça parte de modo algum pode ser vista.

De que natureza se deve considerar uma víscera qualquer deles?  
O que o globo do coração ou do olho? O que os membros? O que as articulações?  
Quão pequenos são? O que, além disso, é cada um dos elementos iniciais 120  
em que é preciso que a alma e a natureza do espírito consista?

<sup>10</sup> Segundo Godwin em seu comentário ao Livro IV do *De Rerum Natura*, o reflexo de objetos colocados diante do espelho é uma clássica prova epicurista da existência dos *simulacra*. Cf. LUCRETIUS, 2008, p. 98.

<sup>11</sup> O poeta se utilizou de nomes diversos para expressar a noção de átomo: *primordia*, *exordia*, *ordia prima*, *semina rerum*, *corpora prima*, *principia*, *corpus*, *corpuscula*, *genitalia corpora*, *elementa*.

nonne uides quam sint subtilia quamque minuta?

Praeterea quaecumque suo de corpore odorem  
 expirant acrem, panaces absinthia taetra  
 habrotonique graues et tristia centaurea,  
 quorum unum quiduis leuiter si forte duobus

125

\* \* \*

quin potius noscas rerum simulacra uagari  
 multa modis multis nulla ui cassaque sensu?

Sed ne forte putes ea demum sola uagari,  
 quaecumque ab rebus rerum simulacra recedunt,

130

sunt etiam quae sponte sua gignuntur et ipsa  
 constituuntur in hoc caelo qui dicitur aer,  
 quae multis formata modis sublime feruntur;  
 ut nubes facile inter dum concreescere in alto  
 cernimus et mundi speciem uiolare serenam,

135

aera mulcentes motu; nam saepe Gigantum  
 ora uolare uidentur et umbram ducere late,  
 interdum magni montes auolsaque saxa  
 montibus anteire et solem succedere praeter,  
 inde alios trahere atque inducere belua nimbos.

140

nec speciem mutare suam liquentia cessant  
 et cuiusque modi formarum uertere in oras.

Nunc ea quam facili et celeri ratione genantur  
 perpetuoque fluant ab rebus lapsaque cedant

\* \* \*

semper enim summum quicquid de rebus abundat  
 quod iaculentur. et hoc alias cum peruenit in res,  
 transit, ut in primis uitrum; sed ubi aspera saxa  
 aut in materiam ligni peruenit, ibi iam

145

Acaso não vês quão sutis e quão diminutos são?  
 Além disso, tudo aquilo que exala de seu corpo um  
 odor penetrante, a panaceia, o amargo absinto  
 e os fortes abrótanos e as austeras centáureas,<sup>12</sup> 125  
 se acaso levemente, qualquer um deles, com os dois

\* \* \*

e que antes reconheças que simulacros dos objetos vagam abundantes  
 e de inúmeros modos, sem essência alguma e desprovidos de sensação?<sup>13</sup>  
 Mas, por isso, para que por acaso não julgues que somente vagam  
 quaisquer simulacros das coisas que se afastam delas, 130

há também os que espontaneamente são criados e os próprios  
 se formam naquele céu que se diz ar,  
 eles que, formados por muitos modos, impelem-se nas alturas;  
 como, por vezes, vemos que as nuvens se condensam  
 facilmente no alto e violam a serena aparência do céu, 135

acariciando os ares com o movimento; pois, frequentemente,  
 faces de Gigantes parecem voar e estender largamente sua sombra,  
 e, por vezes, os grandes montes e as pedras, arrancadas dos montes,  
 parecem avançar e passar em frente ao sol,  
 depois, um animal parece prolongar e introduzir outras nuvens. 140

E os fluidos não cessam de mudar sua aparência, fundindo-se,  
 e de assumir os contornos das formas de todo tipo.

Agora, por quão fácil e rápido modo isto se gera  
 e continuamente emana das coisas e, soltando-se, sai

\* \* \*

sempre, de fato, abunda dos corpos seja o que for que está à superfície 145  
 e que lançam. E, quando isto chega a outros elementos,  
 atravessa, tal como atravessa, especialmente, o vidro. Mas quando chega  
 às pedras ásperas ou à madeira, lá já

<sup>12</sup> *Panaces* é o nome dado a várias plantas de propriedades medicinais. Os abrótanos são plantas odoríferas. Já as centáureas são plantas medicinais da Tessália. Cf. GLARE, 1968.

<sup>13</sup> Nesse momento, Lucrécio parece querer convencer seu leitor da racionalidade de se acreditar em coisas que não podem ser vistas, fornecendo, para isso, exemplos do mundo físico mais facilmente perceptíveis. Cf. LUCRETIUS, 2008, p. 99

scinditur, ut nullum simulacrum reddere possit.  
 at cum splendida quae constant opposta fuerunt 150  
 densaque, ut in primis speculum est, nihil accidit horum;  
 nam neque, uti uitrum, possunt transire, neque autem  
 scindi; quam meminit leuor praestare salutem.  
 quapropter fit ut hinc nobis simulacra redundant.  
 et quamuis subito quouis in tempore quamque 155  
 rem contra speculum ponas, apparet imago;  
 perpetuo fluere ut noscas e corpore summo  
 texturas rerum tenuis tenuisque figuras.  
 ergo multa breui spatio simulacra genuntur,  
 ut merito celer his rebus dicatur origo. 160  
 et quasi multa breui spatio summittere debet  
 lumina sol ut perpetuo sint omnia plena,  
 sic ab rebus item simili ratione necessest  
 temporis in puncto rerum simulacra ferantur  
 multa modis multis in cunctas undique partis, 165  
 quandoquidem speculum quocumque obuertimus oris,  
 res ibi respondent simili forma atque colore.  
 Praeterea modo cum fuerit liquidissima caeli  
 tempestas, perquam subito fit turbida foede,  
 undique uti tenebras omnis Acherunta rearis 170  
 liquisse et magnas caeli complesse cauernas:  
 usque adeo taetra nimborum nocte coorta  
 inpendent atrae formidinis ora superne;  
 quorum quantula pars sit imago dicere nemo  
 qui possit neque eam rationem reddere dictis. 175  
 Nunc age, quam celeri motu simulacra ferantur  
 et quae mobilitas ollis tranantibus auras  
 reddita sit, longo spatio ut breuis hora teratur,  
 in quem quaeque locum diuerso numine tendunt,  
 suauidicis potius quam multis uersibus edam; 180  
 paruus ut est cycni melior canor, ille gruum quam

se fende, de tal forma que possa repercutir nenhum simulacro.

Mas quando o que foi oposto é brilhante e denso 150

como, principalmente, é um espelho, nada disto acontece;  
pois nem podem atravessar, como no vidro, nem, porém,  
fender-se; lembra-se o polimento de garantir esse bom estado.

É por isso que acontece que daí nos devolvam os simulacros.

E, ainda que coloques de repente, em qualquer momento, qualquer 155

objeto contra um espelho, uma imagem aparece;  
para que saibas que tênues contexturas e tênues figuras das coisas  
continuamente se derramam da superfície dos objetos.

Portanto, muitos simulacros são produzidos em pouco tempo,

de tal forma que, com razão, seja dita rápida a origem dessas coisas. 160

E da mesma forma que o sol deve oferecer, em pouco tempo,  
muitos raios para que tudo esteja continuamente cheio,

assim também, por motivo semelhante, é necessário que sejam  
levados desses corpos, num instante, muitos simulacros deles

de muitos modos, de todas as partes e para todos os lados, 165

visto que, para qualquer parte que viremos o espelho aos contornos,  
aí se refletem as coisas com forma e cor semelhantes.

Além disso, ainda que há pouco o tempo do céu tenha sido

muito limpo, com incrível rapidez ele se torna horripilantemente turbulento,

de tal maneira que pensarias todas as trevas, por todos os lados, terem 170

deixado o Aqueronte e preenchido as grandes cavidades do céu:

a tal ponto faces de funesto pavor nascidas

da noite odiosa das nuvens ameaçam de cima;

quão pequena parte delas seja a imagem, ninguém há

que possa dizer, nem oferecer com palavras essa estimativa. 175

Agora eia, com quão rápido movimento os simulacros são levados

e que mobilidade lhes foi conferida, atravessando os ares,

de modo que se gaste pouco tempo para longa distância,

para qualquer lugar a que eles se dirijam, com tendência diversa,

mostrarei em versos mais harmoniosos que abundantes; 180

tal como o breve canto do cisne é melhor que aquele ruído

clamor in aetheriis dispersus nubibus austri.

Principio persaepe leuis res atque minutis  
corporibus factas celeris licet esse uidere.

in quo iam genere est solis lux et uapor eius, 185

propterea quia sunt e primis facta minutis,  
quae quasi cuduntur perque aeris interuallum  
non dubitant transire sequenti concita plaga;  
suppeditatur enim confestim lumine lumen,  
et quasi protelo stimulat fulgere fulgur. 190

quapropter simulacra pari ratione necesse est  
inmemorable per spatium transcurrere posse  
temporis in puncto, primum quod paruola causa  
est procul a tergo quae prouehat atque propellat,  
quod superest, ubi tam uolucris leuitate ferantur, 195  
deinde quod usque adeo textura praedita rara  
mittuntur, facile ut quasuis penetrare queant res  
et quasi permanere per aeris interuallum.

Praeterea si quae penitus corpuscula rerum  
ex altoque foras mittuntur, solis uti lux 200

ac uapor, haec puncto cernuntur lapsa diei  
per totum caeli spatium diffundere sese  
perque uolare mare ac terras caelumque rigare,  
quid quae sunt igitur iam prima fronte parata,  
cum iaciuntur et emissum res nulla moratur? 205

quone uides citius debere et longius ire  
multiplexque loci spatium transcurrere eodem  
tempore quo solis peruolgant lumina caelum?

Hoc etiam in primis specimen uerum esse uidetur  
quam celeri motu rerum simulacra ferantur, 210

quod simul ac primum sub diu splendor aquai  
ponitur, extemplo caelo stellante serena  
sidera respondent in aqua radiantia mundi.

iamne uides igitur quam puncto tempore imago

dos grous, disperso nas etéreas nuvens do sul.

Primeiramente, muitas vezes é permitido ver que  
os objetos leves e feitos de diminutos corpos são rápidos.

Nesse tipo, agora, está a luz do sol e o seu calor, 185

porque são coisas feitas de elementos diminutos  
que, por assim dizer, são atingidos e não hesitam em passar  
pelo intervalo do ar, impelidos pelo golpe do que os segue;  
a luz, pois, é imediatamente fornecida pela luz,  
e o fulgor, como que seguidamente, é estimulado pelo fulgor. 190

Por isso é necessário que os simulacros, por igual motivo,  
possam passar pelo espaço indizível  
em um instante, primeiro porque há um pequenino impulso  
muito atrás, que os impele e faz avançar,  
também porque com tão rápida leveza são levados, 195  
depois porque se emitem tendo uma contextura a tal ponto  
rarefeita que podem facilmente penetrar em quaisquer objetos  
e, por assim dizer, fluir através do intervalo do ar.

Além disso, se os corpúsculos dos objetos que interiormente  
e do fundo são emitidos para fora, como a luz do sol 200  
e seu calor, num lapso de tempo são vistos espalhar-se,  
soltos, por todo o espaço do céu,

voar pelo mar e pelas terras e banhar o céu,  
o que, então, dizer dos que já estão prontos logo à frente  
quando se lançam e nada lhes detém a emissão? 205

Acaso vêes quanto mais rápido e mais longe devem ir  
e atravessar abundante espaço no mesmo tempo  
em que os raios do sol percorrem o céu?

Isto, sobretudo, também parece ser um indício verdadeiro  
de com quão rápido movimento os simulacros dos objetos são levados: 210

logo que o brilho da água se põe ao ar livre, imediatamente,  
estando o céu estrelado, os serenos astros  
do firmamento se refletem radiantes na água.

Agora vêes, então, em quão pequeno tempo a imagem

aetheris ex oris in terrarum accidat oras? 215

quare etiam atque etiam mira fateare necessest

\*\*\*

corpora quae feriant oculos uisumque lacessant.

perpetuoque fluunt certis ab rebus odores;

frigus ut a fluuiis, calor ab sole, aestus ab undis

aequoris exesor moerorum litora circum; 220

nec uariae cessant uoces uolitare per auras;

denique in os salsi uenit umor saepe saporis,

cum mare uersamur propter, dilutaque contra

cum tuimur misceri absinthia, tangit amaror.

usque adeo omnibus ab rebus res quaeque fluenter 225

fertur et in cunctas dimittitur undique partis,

nec mora nec requies interdatur ulla fluendi,

perpetuo quoniam sentimus, et omnia semper

cernere odorari licet et sentire sonare.

Praeterea quoniam manibus tractata figura 230

in tenebris quaedam cognoscitur esse eadem quae

cernitur in luce et claro candore, necessest

consimili causa tactum uisumque moueri.

nunc igitur si quadratum temptamus et id nos

commouet in tenebris, in luci quae poterit res 235

accidere ad speciem quadrata, nisi eius imago?

esse in imaginibus qua propter causa uidetur

cernendi neque posse sine his res ulla uideri.

Nunc ea quae dico rerum simulacra feruntur

undique et in cunctas iaciuntur didita partis; 240

uerum nos oculis quia solis cernere quimus,

propterea fit uti, speciem quo uertimus, omnes

cai das bordas do éter para as bordas das terras?<sup>14</sup> 215

Por isso, repetidas vezes, é necessário que reconheças que com espantosa  
 \*\*\*  
 os corpos que atingem os olhos e provocam a visão.  
 E perpetuamente emanam, de certos objetos, odores;  
 como o frescor dos rios, o calor do sol, das ondas do mar  
 a agitação que rói os muros em torno dos litorais; 220  
 e as várias vozes não cessam de voejar pelos ares;  
 finalmente, uma umidade de gosto salgado muitas vezes vem à boca,  
 quando passeamos ao longo do mar, e um amargor nos toca  
 quando vemos, frente a frente, serem misturados absintos diluídos.  
 De tal modo de todas as coisas cada emanção 225  
 flui e se dispersa de todas as partes para todos os lados,  
 nem demora nem repouso algum do fluxo se concede em intervalos,  
 pois que perpetuamente o sentimos, e sempre  
 é permitido tudo ver, cheirar e sentir soar.  
 Além disso,<sup>15</sup> como uma certa forma, tocada pelas 230  
 mãos nas trevas, é conhecida como a mesma que  
 se vê na luz e sob claro brilho, é necessário  
 que por causa semelhante o tato e a visão sejam provocados.  
 Agora, então, se tateamos um quadrado e ele nos  
 impressiona nas trevas, o que de quadrado poderá chegar 235  
 à nossa visão, na luz, a não ser sua imagem?  
 Por isso, parece estar nas imagens o motivo  
 de ver, e não poder sem elas coisa alguma ser vista.  
 Agora, esses que digo simulacros das coisas são levados  
 de todas as partes e são lançados em dispersão para todos os lados; 240  
 mas, como podemos ver apenas com os olhos,  
 por essa razão resulta que, para onde voltamos o olhar, todas

<sup>14</sup> Até o momento, o poeta forneceu ao seu leitor a teoria das imagens e das efluências necessária para compreensão dos mecanismos da percepção. Cf. LUCRETIUS, 2008, p. 106

<sup>15</sup> A partir daqui, Lucrecio trata dos sentidos. O primeiro a ser abordado é a visão: como se dá que possamos ver os objetos e que vejamos os seus reflexos, que imagens ilusórias alcançam nossa vista etc.

res ibi eam contra feriant forma atque colore.

Et quantum quaeque ab nobis res absit, imago  
efficit ut uideamus et internoscere curat; 245

nam cum mittitur, extemplo protrudit agitque  
aera qui inter se cumque est oculosque locatus,  
isque ita per nostras acies perlabitur omnis  
et quasi perterget pupillas atque ita transit.

propterea fit uti uideamus quam procul absit 250  
res quaeque: et quanto plus aeris ante agitur  
et nostros oculos perterget longior aura,  
tam procul esse magis res quaeque remota uidetur.

scilicet haec summe celeri ratione geruntur,  
quale sit ut uideamus et una quam procul absit. 255

Illud in his rebus minime mirabile habendumst,  
cur, ea quae feriant oculos simulacra uideri  
singula cum nequeant, res ipsae perspiciantur.  
uentus enim quoque paulatim cum uerberat et cum  
acre fluit frigus, non priuam quamque solemus 260  
particulam uenti sentire et frigoris eius,  
sed magis unorsum, fierique perinde uidemus  
corpore tum plagas in nostro tam quam aliquae res  
uerberet atque sui det sensum corporis extra.

praeterea lapidem digito cum tundimus, ipsum 265  
tangimus extremum saxi summumque colorem,  
nec sentimus eum tactu, uerum magis ipsam  
duritiem penitus saxi sentimus in alto.

Nunc age, cur ultra speculum uideatur imago  
percipe: nam certe penitus remmota uidetur. 270  
quod genus illa foris quae uere transpiciuntur,  
ianua cum per se transpectum praebet apertum,

as coisas ali o atinjam, em frente, com a forma e a cor.<sup>16</sup>  
 E quanto cada objeto dista de nós, a imagem  
 faz com que vejamos e cuida de que reconheçamos. 245  
 Pois quando é emitida, logo empurra e impele  
 o ar que se situa, em todos os casos, entre ela e os olhos,  
 e ele, assim, inteiro desliza através dos nossos olhos  
 e, por assim dizer, atravessa as pupilas e, desse modo, passa.  
 Por essa razão se dá que vejamos quão longe cada 250  
 objeto dista; e quanto mais ar se agita diante  
 e um sopro mais longo atravessa nossos olhos,  
 tanto mais longe cada objeto parece estar apartado.  
 Naturalmente, isto se dá do modo mais rápido possível,  
 de forma que vejamos o que é e, ao mesmo tempo, quão longe está.<sup>17</sup> 255  
 Nesses assuntos, isto não se deve de modo algum admirar:  
 o motivo de, embora esses simulacros que atingem os olhos  
 não possam ser vistos um a um, os próprios objetos se distinguirem.  
 Pois, também quando o vento fustiga aos poucos e quando  
 flui o frio cortante, não costumamos sentir cada 260  
 partícula individual do vento e do seu frio,  
 mas antes o todo, e então igualmente vemos ocorrerem  
 golpes em nosso corpo, como se um objeto o atingisse  
 e fizesse sentir seu próprio corpo exteriormente.  
 Além disso, quando batemos com o dedo em uma pedra, 265  
 tocamos a própria extremidade da pedra e a cor da superfície,  
 e não a sentimos pelo tato, antes, porém, sentimos  
 completamente a própria dureza da pedra, no fundo.  
 Agora eia, aprende por que além do espelho aparece  
 uma imagem; pois decerto parece apartada bem no fundo. 270  
 Assim é aquilo que verdadeiramente se vê fora, através de uma abertura,  
 quando a porta oferece através de si uma vista descoberta

<sup>16</sup> Ou seja, só podemos ver os objetos quando suas efluências atingem nossos olhos.

<sup>17</sup> Podemos discernir a distância de um objeto porque os *simulacra* liberados por ele impulsionam uma camada de ar através dos nossos olhos até os próprios *simulacra* conseguirem alcançá-los. Cf. LUCRETIUS, 2008, p. 108.

multa facitque foris ex aedibus ut uideantur;  
 is quoque enim duplici geminoque fit aere uisus.  
 primus enim citra postes tum cernitur aer, 275  
 inde fores ipsae dextra laeuaque sequuntur,  
 post extraria lux oculos perterget et aer  
 alter et illa foris quae uere transpiciuntur.  
 sic ubi se primum speculi proiecit imago,  
 dum uenit ad nostras acies, protrudit agitque 280  
 aera qui inter se cumquest oculosque locatus,  
 et facit ut prius hunc omnem sentire queamus  
 quam speculum; sed ubi speculum quoque sensimus ipsum,  
 continuo a nobis illuc quae fertur imago  
 peruenit, et nostros oculos reiecta reuisit 285  
 atque alium prae se propellens aera uoluit,  
 et facit ut prius hunc quam se uideamus, eoque  
 distare ab speculo tantum semota uidetur.  
 quare etiam atque etiam minime mirarier est par,  
 \* \* \*  
 illis quae reddunt speculorum ex aequore uisum, 290  
 aeribus binis quoniam res confit utraque.  
 Nunc ea quae nobis membrorum dextera pars est  
 in speculis fit ut in laeua uideatur eo quod,  
 planitiem ad speculi ueniens cum offendit imago,  
 non conuertitur incolumis, sed recta retrorsum 295  
 sic eliditur, ut siquis, prius arida quam sit  
 cretea persona, adlidat pilaeue trabiue,  
 atque ea continuo rectam si fronte figuram  
 seruet et elisam retro sese exprimat ipsa:  
 fiet ut, ante oculus fuerit qui dexter, ut idem 300

e faz com que muitos objetos, de dentro da casa, sejam vistos fora.  
 Essa visão, com efeito, também se dá por uma camada de ar dupla e dobrada:  
 pois primeiro, então, vê-se o ar aquém dos umbrais,<sup>18</sup> 275  
 depois, as próprias aberturas se seguem à direita e à esquerda;  
 e em seguida, a luz externa atravessa os olhos, outro  
 ar e aquilo que verdadeiramente se vê fora, através de uma abertura.  
 Desse modo, logo que a imagem do espelho se projetou,  
 enquanto vem até nossos olhos, empurra e impele 280  
 o ar que se situa, em todos os casos, entre ela e os olhos,  
 e faz com que possamos sentir isso tudo antes que  
 o espelho; mas quando sentimos também o próprio espelho,  
 imediatamente, a imagem que é levada de nós para lá  
 o alcança; refletida, torna a vir a nossos olhos, 285  
 e, impelindo à sua frente outro ar, rola-o  
 e faz com que vejamos antes a ele do que a si, e por isso  
 parece distar a tal ponto afastada do espelho.  
 Por isso, repetidas vezes, de modo algum é justo admirar,  
 \* \* \*  
 àquelas coisas que repercutem uma visão da superfície dos espelhos, 290  
 porque o todo é feito por duas camadas de ar.  
 Agora, aquilo que para nós é a parte direita dos membros  
 dá-se que, nos espelhos, seja visto na esquerda por isto:  
 quando a imagem que vem bate contra a superfície do espelho,  
 não se vira intacta, mas assim é refletida direto 295  
 para trás, como se alguém, antes que uma máscara de argila  
 estivesse seca, batesse contra um pilar ou uma viga,  
 e ela, na frente, imediatamente mantivesse o aspecto  
 intacto, a si própria reproduzindo, esmagada, atrás.  
 Acontecerá que o olho que antes era o direito agora seja 300

<sup>18</sup> As portas romanas, usualmente, eram portas duplas. Cf. LUCRETIUS, 2008, p. 110.

nunc sit laeuus, et e laeuo sit mutua dexter.

Fit quoque de speculo in speculum ut tradatur imago,

quinque etiam aut sex ut fieri simulacra suerint.

nam quaecumque retro parte interiore latebunt,

inde tamen, quamuis torte penitusque remota, 305

omnia per flexos aditus educta licebit

pluribus haec speculis uideantur in aedibus esse:

usque adeo speculo in speculum translucet imago,

et cum laeua data est, fit rursum ut dextera fiat,

inde retro rursum redit et conuertit eodem. 310

Quin etiam quaecumque latuscula sunt speculorum

adsimili lateris flexura praedita nostri,

dextera ea propter nobis simulacra remittunt,

aut quia de speculo in speculum transfertur imago,

inde ad nos elisa bis aduolat, aut etiam quod 315

circum agitur, cum uenit, imago propterea quod

flexa figura docet speculi conuertier ad nos.

Indugredi porro pariter simulacra pedemque

ponere nobiscum credas gestumque imitari

propterea quia, de speculi qua parte recedas, 320

continuo nequeunt illinc simulacra reuerti,

omnia quandoquidem cogit natura referri

ac resilire ab rebus ad aequos reddita flexus.

Splendida porro oculi fugitant uitantque tueri.

sol etiam caecat, contra si tendere pergas,

propterea quia uis magnast ipsius et alte

aera per purum grauiter simulacra feruntur

325

ele mesmo o esquerdo e, mutuamente, o direito exista a partir do esquerdo.<sup>19</sup>  
 Sucede também que a imagem seja transmitida de espelho para espelho,  
 de modo que mesmo cinco ou seis simulacros costumaram produzir-se.  
 Com efeito, todas aquelas coisas que se ocultarão por detrás, na parte interior,  
 ainda que de viés e interiormente distantes, 305  
 assim será permitido que, sem exceção, levadas para fora por tortuosos acessos  
 através de muitos espelhos, vejamos existirem na casa:  
 a tal ponto a imagem se reflete de espelho para espelho,  
 e quando se apresentou à esquerda, novamente sucede que se torne direita,  
 depois, novamente, volta para trás e se vira à mesma posição.<sup>20</sup> 310  
 Além disso, quaisquer espelhos que têm pequenos lados  
 com curvas semelhantes à de nosso flanco  
 por conseguinte refletem para nós os simulacros sem virar:  
 ou porque a imagem é transferida de espelho a espelho  
 e depois voa até nós refletida duas vezes, ou também porque 315  
 a imagem é girada em todos os sentidos ao vir, pois  
 a forma curva do espelho a ensina a voltar-se para nós.  
 Julgarias, além disso, que os simulacros igualmente caminham,  
 colocam o pé conosco e imitam nossos gestos  
 porque, da parte do espelho de onde te afastas, 320  
 imediatamente dali os simulacros não podem voltar,  
 visto que a natureza obriga tudo a ser refletido  
 e a retornar das coisas devolvido aos ângulos iguais.  
 Além disso, os olhos fogem do brilho e evitam olhá-lo.  
 O sol, também, cega, se continuas a fitá-lo, 325  
 porque a força dele mesmo é grande e, do alto,  
 pelo ar puro, os simulacros são trazidos impetuosamente

<sup>19</sup> A explicação do poeta para a forma como os objetos se refletem nos espelhos é feita de um modo um tanto confuso. Segundo Godwin (LUCRETIUS, 2008, p. 109), como os *simulacra* percorrem o dobro da distância entre nós e o espelho (eles atingem o espelho e retornam para nossos olhos), eles impelem uma dupla quantidade de ar até nós, o que nos faz supor que nossa imagem refletida encontra-se duas vezes mais distante do que realmente está. Godwin (LUCRETIUS, 2008, p. 111) ainda ressalta o efeito de espelhamento na ordem das palavras no latim: *dexter... sit; laeuus...laeuo; sit...dexter* (v. 300-301). Uma tradução que mantenha o efeito poderia ser: “Acontecerá que o olho que antes era o *direito* agora *seja* ele mesmo o *esquerdo* e, mutuamente, a partir do *esquerdo* exista o *direito*”.

<sup>20</sup> Godwin vê a frase como deliberadamente confusa a fim de sugerir a inversão instantânea da esquerda para a direita e de volta. Cf. LUCRETIUS, 2008, p. 112.

et feriunt oculos turbantia composituras.

praeterea splendor quicumque est acer adurit

saepe oculos ideo quod semina possidet ignis 330

multa, dolorem oculis quae gignunt insinuando.

Lurida praeterea fiunt quaecumque tuentur

arquati, quia luroris de corpore eorum

semina multa fluunt simulacris obuia rerum,

multaque sunt oculis in eorum denique mixta, 335

quae contage sua palloribus omnia pingunt.

E tenebris autem quae sunt in luce tuemur

propterea quia, cum propior caliginis aer

ater init oculos prior et possedit apertos,

insequitur candens confestim lucidus aer, 340

qui quasi purgat eos ac nigras discutit umbras

aeris illius; nam multis partibus hic est

mobilior multisque minutior et mage pollens.

qui simul atque uias oculorum luce repleuit

atque patefecit, quas ante obsederat aer 345

ater, continuo rerum simulacra sequuntur,

quae sita sunt in luce, lacessuntque ut uideamus.

quod contra facere in tenebris e luce nequimus

propterea quia posterior caliginis aer

crassior insequitur, qui cuncta foramina complet 350

obsiditque uias oculorum, ne simulacra

possint ullarum rerum coniecta mouere.

Quadratasque procul turris cum cernimus urbis,

propterea fit uti uideantur saepe rutundae,

angulus obtusus quia longe cernitur omnis, 355

siue etiam potius non cernitur ac perit eius

plaga nec ad nostras acies perlabitur ictus,

aera per multum quia dum simulacra feruntur,

cogit hebescere eum crebris offensibus aer.

hoc ubi suffugit sensum simul angulus omnis, 360

e ferem os olhos, perturbando-lhes as ligações.  
 Além disso, todo aquele brilho que é ardente queima  
 frequentemente os olhos porque possui muitas 330  
 sementes ígneas, que produzem dor ao penetrar nos olhos.  
 Além disso, amareladas se tornam todas as coisas que  
 os afetados de icterícia observam, porque muitas sementes de palidez  
 emanam do corpo deles, indo de encontro aos simulacros dos objetos,  
 e em seus olhos foram, por fim, misturadas muitas coisas, 335  
 que, por seu contato, tingem todos os objetos de amarelo.  
 Das trevas, porém, observamos as coisas que estão sob a luz  
 porque, quando um ar obscuro, mais próximo do nevoeiro,  
 primeiro penetra nos olhos abertos e os ocupa,  
 segue-se, imediatamente, um ar brilhante, ardendo, 340  
 que como que os limpa e dissipa as negras sombras  
 daquele ar; de fato, este é bem mais móvel em muitas  
 partes e em muitas coisas bem mais sutil e mais poderoso.  
 Logo que ele encheu de luz os caminhos dos olhos  
 e abriu os que antes o ar obscuro bloqueara, 345  
 imediatamente se seguem os simulacros das coisas  
 que estão situados sob a luz, e incitam a que vejamos.  
 Ao contrário, não podemos fazê-lo da luz para as trevas,  
 porque o ar mais denso do nevoeiro se segue  
 atrás, o qual enche todos os orifícios 350  
 e ocupa os caminhos dos olhos, a fim de que os simulacros  
 lançados de coisa alguma possam movê-los.  
 Quando ao longe são vistas as torres quadradas de uma cidade,  
 por isto se dá que frequentemente pareçam redondas:  
 porque de longe todo ângulo é percebido embotado, 355  
 ou, ainda, antes não se vê, desaparece seu espaço e  
 o estímulo não chega até nossos olhos,  
 pois, enquanto os simulacros são levados pelo ar abundante,  
 o ar, através de frequentes choques, força-o a enfraquecer-se.  
 Por isso, quando cada ângulo escapou, ao mesmo tempo, a nossos sentidos, 360

fit quasi ut ad tornum saxorum structa terantur-  
non tamen ut coram quae sunt uereque rutunda,  
sed quasi adumbratim paulum simulata uidentur.

Vmbra uidetur item nobis in sole moueri  
et uestigia nostra sequi gestumque imitari, 365

(aera si credis priuatum lumine posse  
indugredi, motus hominum gestumque sequentem;  
nam nil esse potest aliud nisi lumine cassus  
aer id quod nos umbram perhibere suemus);  
nimirum quia terra locis ex ordine certis 370

lumine priuatur solis quacumque meantes  
officimus, repletur item quod liquimus eius,  
propterea fit uti uideatur, quae fuit umbra  
corporis, e regione eadem nos usque secuta.

semper enim noua se radiorum lumina fundunt 375  
primaque dispereunt, quasi in ignem lana trahatur.  
propterea facile et spoliatur lumine terra  
et repletur item nigrasque sibi abluit umbras.

Nec tamen hic oculos falli concedimus hilum.  
nam quocumque loco sit lux atque umbra tueri 380

illorum est; eadem uero sint lumina necne,  
umbraque quae fuit hic eadem nunc transeat illuc,  
an potius fiat paulo quod diximus ante,  
hoc animi demum ratio discernere debet,  
nec possunt oculi naturam noscere rerum. 385

proinde animi uitium hoc oculis adfingere noli.

Qua uehimur nauis, fertur, cum stare uidetur;  
quae manet in statione, ea praeter creditur ire.  
et fugere ad puppim colles campique uidentur  
quos agimus praeter nauem uelisque uolamus. 390

Sidera cessare aetheriis adfixa cauernis  
cuncta uidentur, et adsiduo sunt omnia motu,  
quandoquidem longos obitus exorta reuisunt,

dá-se como se as estruturas de pedra se desgastassem em um torno –  
contudo, não como as coisas que, em nossa presença, são verdadeiramente redondas,  
mas parecem ligeiramente representadas, por assim dizer, com contornos imprecisos.  
Do mesmo modo, nossa sombra parece mover-se ao sol,  
seguir nossas pegadas e imitar-nos os gestos 365  
(se acreditas que o ar privado de luz pode caminhar,  
seguindo os movimentos e gestos dos homens;  
com efeito, nada mais pode ser, exceto o ar privado de  
luz, aquilo a que nos acostumamos chamar “sombra”);  
seguramente porque a terra, em determinados locais, continuamente 370  
é privada de luz do sol por onde quer que, passando,  
a impedimos, assim como se enchem dela os locais que abandonamos:  
por isso se dá que pareça que o que foi a sombra  
do corpo, sem mudar, sempre nos seguiu em linha reta.  
Sempre, com efeito, novos raios de luz se derramam 375  
e os primeiros desaparecem, como se a lâ fosse arrastada para o fogo.  
Por isso, a terra facilmente é despojada da luz  
e de novo se enche e se limpa das negras sombras.  
Todavia, de modo algum aqui consentimos que os olhos sejam enganados.  
Pois é deles descobrir onde quer que haja a luz e 380  
a sombra; mas, se são as mesmas luzes ou não,  
e se a mesma sombra que esteve aqui agora passa para lá,  
ou antes acontece o que dissemos pouco acima,  
isso, enfim, a razão do espírito deve discernir,  
e os olhos não podem conhecer a natureza das coisas. 385  
Portanto, não queiras imputar aos olhos esse vício do espírito.  
Enquanto parece estar imóvel, o navio em que navegamos segue;  
o que permanece na imobilidade, além disso, julga-se ir.  
E parecem correr até a popa as colinas e campos,  
junto aos quais passamos de navio e com velas ultrapassamos. 390  
Todos os astros parecem estar em repouso, imóveis nas  
cavidades celestes, e todos estão em constante movimento,  
pois que, nascidos, de novo revisitam os distantes poentes,

cum permensa suo sunt caelum corpore claro.  
 solque pari ratione manere et luna uidetur 395  
 in statione, ea quae ferri res indicat ipsa.

Exstantisque procul medio de gurgite montis  
 classibus inter quos liber patet exitus ingens,  
 insula coniunctis tamen ex his una uidetur.

Atria uersari et circumcursare columnae 400  
 usque adeo fit uti pueris uideantur, ubi ipsi  
 desierunt uerti, uix ut iam credere possint  
 non supra sese ruere omnia tecta minari.

Iamque rubrum tremulis iubar ignibus erigere alte  
 cum coeptat natura supraque extollere montes, 405  
 quos tibi tum supra sol montis esse uidetur  
 comminus ipse suo contingens feruidus igni,  
 uix absunt nobis missus bis mille sagittae,  
 uix etiam cursus quingentos saepe ueruti;  
 inter eos solemque iacent immania ponti 410  
 aequora substrata aetheriis ingentibus oris,  
 interiectaque sunt terrarum milia multa  
 quae uariae retinent gentes et saecla ferarum.

At conlectus aquae digitum non altior unum,  
 qui lapides inter sistit per strata uiarum, 415  
 despectum praebet sub terras impete tanto,  
 a terris quantum caeli patet altus hiatus,  
 nubila despiciere et caelum ut uideare et aperta,  
 corpora mirande sub terras abdita cernas.

Denique ubi in medio nobis equus acer obhaesit 420  
 flumine et in rapidas amnis despeximus undas,  
 stantis equi corpus transuersum ferre uidetur  
 uis et in aduersum flumen contrudere raptim,  
 et, quocumque oculos traiecimus, omnia ferri  
 et fluere adsimili nobis ratione uidentur. 425

quando percorreram o céu com seu corpo brilhante.  
 E o sol e a lua por igual motivo parecem permanecer 395  
 na imobilidade, aqueles corpos que a própria evidência indica mover-se.  
 E há montes que longe se erguem do meio do mar,  
 entre os quais se abre um enorme caminho livre para os navios:  
 uma única ilha, porém, vê-se de sua união.  
 Dá-se, aos meninos, que os átrios pareçam girar e as colunas 400  
 pareçam rodopiar a tal ponto, quando eles próprios  
 cessaram de rodar, que agora dificilmente podem crer  
 que toda a habitação não ameaça desabar sobre eles.  
 E agora, quando a natureza começa a elevar ao alto  
 um brilho rubro de trêmulos raios e a erguê-lo sobre os montes, 405  
 montes sobre os quais o sol, então, parece estar –  
 ele mesmo tocando de perto, ardente com seu calor –,  
 a custo os montes distam, de nós, dois mil tiros de flecha,  
 a custo também, muitas vezes, quinhentos lances de dardo;  
 mas, entre eles e o sol, encontram-se as enormes planícies 410  
 do mar, estendidas sob as imensas regiões celestes,  
 e se interpuseram muitos milhares de terras,  
 que variados povos e a raça das feras habitam.  
 Mas uma poça d'água não mais funda que um só dedo,  
 que subsiste entre as pedras pelos pavimentos das vias, 415  
 apresenta uma vista sob as terras de tão grande alcance  
 quanto se manifesta a alta abertura do céu a partir das terras,  
 de modo que parecerias ver, de cima abaixo, as nuvens e o céu,  
 e distinguirias claros corpos maravilhosamente ocultos sob as terras.<sup>21</sup>  
 Por fim, quando nosso impetuoso cavalo parou no meio 420  
 de um rio e olhamos para as rápidas ondas da torrente,  
 uma força parece levar obliquamente o corpo do cavalo que está parado,  
 impelir com violência para uma corrente contrária  
 e, para qualquer lugar que lancemos o olhar, todas as coisas  
 nos parecem ser levadas e fluir de um modo igual. 425

<sup>21</sup> Segundo Godwin em seu comentário à tradução do Livro IV, os versos 414-19 pretendem demonstrar o óbvio disparate das chamadas ilusões de ótica. Cf. LUCRETIUS, 2008, p. 117, para uma análise completa.

Porticus aequali quamuis est denique ductu  
 stansque in perpetuum paribus suffulta columnis,  
 longa tamen parte ab summa cum tota uidetur,  
 paulatim trahit angusti fastigia coni,  
 tecta solo iungens atque omnia dextera laeuis, 430  
 donec in obscurum coni conduxit acumen.

In pelago nautis ex undis ortus in undis  
 sol fit uti uideatur obire et condere lumen,  
 quippe ubi nil aliud nisi aquam caelumque tuentur;  
 ne leuiter credas labefactari undique sensus. 435

At maris ignaris in portu clauda uidentur  
 nauigia aplustris fractis obnitier undis.  
 nam quaecumque supra rorem salis edita pars est  
 remorum, recta est, et recta superne gubernata;  
 quae demersa liquore obeunt, refracta uidentur 440  
 omnia conuerti sursumque supina reuerti  
 et reflexa prope in summo fluitare liquore.

Raraque per caelum cum uenti nubila portant  
 tempore nocturno, tum splendida signa uidentur  
 labier aduersum nimbos atque ire superne 445  
 longe aliam in partem ac uera ratione feruntur.

At si forte oculo manus uni subdita subter  
 pressit eum, quodam sensu fit uti uideantur  
 omnia quae tuimur fieri tum bina tuendo,  
 bina lucernarum florentia lumina flammis 450  
 binaque per totas aedis geminare supellex  
 et duplicis hominum facies et corpora bina.

Denique cum suaui deuinxit membra sopore  
 somnus, et in summa corpus iacet omne quiete,  
 tum uigilare tamen nobis et membra mouere 455  
 nostra uidemur, et in noctis caligine caeca  
 cernere censemus solem lumenque diurnum,

Por fim, embora um pórtico tenha um traçado uniforme  
 e se erga sem cessar sustentado por colunas iguais,  
 quando   visto inteiro a partir do fim, se comprido,  
 aos poucos ganha a perspectiva de um cone pontiagudo,  
 juntando o telhado ao solo e tudo da direita às da esquerda, 430  
 até ter levado   obscura ponta de um cone.

No mar, ocorre aos marinheiros que o sol, nascido  
 das ondas, nas ondas pareça morrer e esconder sua luz,  
 pois nada mais veem a não ser a água e o céu;  
 não creias facilmente que, em todos os lugares, seus sentidos estejam abalados. 435

Mas, aos que não têm conhecimento do mar, os navios alquebrados no porto  
 parecem lutar contra as ondas com os aplustres<sup>22</sup> rompidos.  
 Na verdade, toda parte dos remos que se elevou acima  
 da água do mar está direita, e direitos os lemes na superfície;  
 todos os objetos que estão mergulhados na água parecem 440  
 quebrados e, inclinados, parecem virar-se, voltar-se para cima  
 e, retorcidos, quase flutuar   superfície d' gua.

E quando os ventos levam as nuvens rarefeitas,   noite,  
 pelo céu, então se veem esplêndidas constelações deslizarem  
 ao encontro das nuvens e irem, acima, para uma parte 445  
 muito diferente do que   o seu verdadeiro curso.

Mas se, por acaso, a mão colocada sob um único olho  
 comprimiu-o por baixo, por uma certa sensação se dá que pareçam  
 todos os objetos que vemos, assim, resultarem duplos ao olharmos:  
 duplas as luzes das candeias, que florescem com as chamas, 450  
 e duplas mb lias serem duas por toda a casa  
 e duas as faces dos homens, e duplos os corpos.

Por fim, quando o sono enlaou os membros com um suave  
 torpor, e o corpo todo se prostra no mais profundo repouso,  
 então, todavia, parecemos a nós estar acordados e mover 455  
 nossos membros, e nas cegas trevas da noite,  
 julgamos enxergar o sol e a luz diurna,

---

<sup>22</sup> Aplustres eram ornatos das popas dos navios.

conclusoque loco caelum mare flumina montis  
mutare et campos pedibus transire uidemur,  
et sonitus audire, seuera silentia noctis 460  
undique cum constant, et reddere dicta tacentes.

Cetera de genere hoc mirande multa uidemus,  
quae uiolare fidem quasi sensibus omnia quaerunt-  
nequiquam, quoniam pars horum maxima fallit  
propter opinatus animi quos addimus ipsi, 465  
pro uisis ut sint quae non sunt sensibu' uisa.  
nam nil aegrius est quam res discernere apertas  
ab dubiis, animus quas ab se protinus addit.

Denique nil sciri siquis putat, id quoque nescit  
an sciri possit, quoniam nil scire fatetur. 470  
hunc igitur contra mittam contendere causam,  
qui capite ipse sua in statuit uestigia sese.  
et tamen hoc quoque uti concedam scire, at id ipsum  
quaeram, cum in rebus ueri nil uiderit ante,  
unde sciat quid sit scire et nescire uicissim, 475  
notitiam ueri quae res falsique crearit,  
et dubium certo quae res differre probarit.

Inuenies primis ab sensibus esse creatam  
notitiam ueri neque sensus posse refelli.  
nam maiore fide debet reperiri illud, 480  
sponte sua ueris quod possit uincere falsa.  
quid maiore fide porro quam sensus haberi  
debet? an ab sensu falso ratio orta ualebit  
dicere eos contra, quae tota ab sensibus orta est?  
qui nisi sunt ueri, ratio quoque falsa fit omnis. 485  
an poterunt oculos aures reprehendere, an aures  
tactus? an hunc porro tactum sapor arguet oris,  
an confutabunt nares oculiue reuincant?  
non, ut opinor, ita est. nam seorsum cuique potestas

e trocar um lugar fechado pelo céu, mar, rios e montes,  
 e parecemos atravessar os campos com os pés  
 e ouvir sons – ainda que haja, de todos os lados, 460  
 os severos silêncios da noite –, e, calados, pronunciar palavras.  
 Vemos, de modo admirável, muitas outras coisas desse gênero,  
 que procuram como que abalar a credibilidade dos sentidos –  
 em vão, pois que a maior parte disso engana  
 devido às opiniões do espírito que nós próprios acrescentamos, 465  
 de modo que, em vez do visto, exista o que não foi visto pelos sentidos.  
 Na verdade, nada é mais difícil que discernir as coisas óbvias  
 das dúbias, as quais o espírito, a partir de si, continuamente acrescenta.  
 Por fim, se alguém julga nada ser conhecido, mesmo isso ignora  
 se pode ser conhecido, pois que confessa nada saber. 470  
 Portanto, cessarei de discutir um ponto contra aquele  
 que, ele próprio, colocou a cabeça em suas pegadas.<sup>23</sup>  
 E ainda que eu conceda que ele o saiba, isto mesmo ao menos  
 perguntarei: como nada de verdadeiro viu antes nos objetos,  
 donde conhece o que é saber e, por sua vez, não saber? 475  
 Que evidência produziu a noção do verdadeiro e do falso,  
 e que evidência provou diferir o duvidoso do certo?  
 Descobrirás que primeiramente pelos sentidos foi criada  
 a noção do verdadeiro e que os sentidos não podem ser desmentidos.  
 Na verdade, deve-se encontrar um fator de maior credibilidade que, 480  
 espontaneamente, possa vencer o falso com o verdadeiro.  
 Além disso, o que deve ser considerado mais confiável  
 que os sentidos? Acaso um raciocínio, nascido de falsos sentidos, conseguirá  
 posicionar-se contra eles, ele que nasceu inteiramente dos sentidos?  
 Se eles não são verdadeiros, o raciocínio se torna, também, inteiramente falso. 485  
 Acaso os ouvidos poderão refutar os olhos, ou o tato  
 aos ouvidos? Além disso, acaso o paladar refutará esse tato,  
 ou o nariz o confundirá, ou os olhos desacreditarão por inteiro?  
 Não é assim, como penso. Na verdade, para cada um sua capacidade foi distribuída

<sup>23</sup> A imagem de um contorcionismo acrobático teria sido utilizada por Lucrécio para atacar os cétricos e sua crença de que nenhuma certeza poderia ser alcançada. Cf. LUCRETIUS, 2008, p. 122.

diuisast, sua uis cuiquest, ideoque necesse est 490  
 et quod molle sit et gelidum feruensue seorsum  
 et seorsum uarios rerum sentire colores  
 et quaecumque coloribu' sint coniuncta uidere.  
 seorsus item sapor oris habet uim, seorsus odores  
 nascuntur, sorsum sonitus. ideoque necesse est 495  
 non possint alios alii conuincere sensus.  
 nec porro poterunt ipsi reprehendere sese,  
 aequa fides quoniam debebit semper haberi.  
 proinde quod in quoquest his uisum tempore, uerumst.

Et si non poterit ratio dissoluere causam, 500  
 cur ea quae fuerint iuxtim quadrata, procul sint  
 uisa rutunda, tamen praestat rationis egentem  
 reddere mendose causas utriusque figurae,  
 quam manibus manifesta suis emittere quoquam  
 et uiolare fidem primam et conuellere tota 505  
 fundamenta quibus nixatur uita salusque.  
 non modo enim ratio ruat omnis, uita quoque ipsa  
 concidat extemplo, nisi credere sensibus ausis  
 praecipitisque locos uitare et cetera quae sint  
 in genere hoc fugienda, sequi contraria quae sint. 510  
 illa tibi est igitur uerborum copia cassa  
 omnis, quae contra sensus instructa paratast.

Denique ut in fabrica, si prauast regula prima,  
 normaue si fallax rectis regionibus exit,  
 et libella aliqua si ex parti claudicat hilum, 515  
 omnia mendose fieri atque obstipa necesse est  
 praua cubantia prona supina atque absona tecta,  
 iam ruere ut quaedam uideantur uelle, ruantque,  
 prodita iudiciis fallacibus omnia primis,  
 sic igitur ratio tibi rerum praua necessest 520  
 falsaue sit, falsis quaecumque ab sensibus ortast.

separadamente, e cada um tem seu poder, e por isso é necessário notar 490  
tanto o que é mole, quanto, separadamente, gélido ou fervente  
e, separadamente, as várias cores dos objetos,  
e ver tudo aquilo que se entrelaça com as cores.  
Do mesmo modo, o paladar tem, separadamente, poder, os odores  
nascem separadamente, separadamente os sons. E por isso é necessário 495  
que uns sentidos não possam refutar outros.  
Além disso, nem poderão eles próprios contradizer-se,  
pois que uma mesma credibilidade sempre se deverá ter.  
Assim, é verdadeiro o que a cada vez lhes pareceu verdadeiro.  
E se o raciocínio não puder explicar o motivo 500  
pelo qual aquelas coisas que, de perto, foram quadradas, de longe  
parecerem redondas, todavia vale mais o desprovido da razão  
falsamente alegar os motivos de uma e outra figura  
do que, de suas mãos, deixar escapar para qualquer parte o óbvio,  
violar a fé mais básica e esfacelar todos os 505  
fundamentos em que a vida e a conservação se firmam.  
Não apenas, de fato, todo o raciocínio desabaria, mas também a própria  
vida imediatamente sucumbiria se não ousasses acreditar nos sentidos,  
evitar os abismos e tudo o mais de que, similarmente,  
deve-se fugir, seguindo o que é contrário. 510  
Portanto, é inútil a ti toda aquela abundância de palavras,  
que foi ordenada e preparada contra os sentidos.  
Enfim, como em uma construção, se a primeira régua é torta,  
se o esquadro enganador se afasta de uma linha reta  
e se em alguma parte um pouco se desvia o prumo, 515  
é forçoso que a casa inteira se faça com erro e inclinada,  
torta, pendente, em declive, em ladeira e desarmoniosa,  
de modo que algumas partes pareçam querer desabar, e desabem,  
todas denunciadas pelos juízos falaciosos do início,  
assim, portanto, é necessário que seja torto e falso teu raciocínio 520  
sobre as coisas, qualquer que tenha surgido de falsas sensações.

Nunc alii sensus quo pacto quisque suam rem  
sentiat, haudquaquam ratio scruposa relictæ est.

Principio auditur sonus et uox omnis, in auris  
insinuata suo pepulere ubi corpore sensum. 525

corpoream quoque enim uocem constare fatendumst  
et sonitum, quoniam possunt inpellere sensus.

Praeterea radit uox fauces saepe, facitque  
asperiora foras gradiens arteria clamor,  
quippe per angustum turba maiore coorta 530  
ire foras ubi coeperunt primordia uocum,  
scilicet expletis quoque ianua raditur oris.

haud igitur dubiumst quin uoces uerbaque constant  
corporeis e principiis, ut laedere possint.

Nec te fallit item quid corporis auferat et quid 535  
detrahat ex hominum neruis ac uiribus ipsis  
perpetuus sermo nigrae noctis ad umbram  
aurorae perductus ab exoriente nitore,  
praesertim si cum summost clamore profusus.

ergo corpoream uocem constare necessest, 540  
multa loquens quoniam amittit de corpore partem.

Asperitas autem uocis fit ab asperitate  
principiorum, et item leuor leuore creatur.  
nec simili penetrant auris primordia forma,  
cum tuba depresso grauiter sub murmure mugit 545  
et reboat raucum retro cita barbita bombum,  
et †cycni tortis conuallibus† ex Heliconis  
cum liquidam tollunt lugubri uoce querellam.

Hasce igitur penitus uoces cum corpore nostro  
exprimimus rectoque foras emittimus ore, 550  
mobilis articulat neruorum daedala lingua  
formaturaque labrorum pro parte figurat.

Agora, um raciocínio de modo algum difícil nos restou:<sup>24</sup> de que modo cada um dos diferentes sentidos experimenta seus objetos.

Em primeiro lugar, todo som e voz se ouvem quando, penetrando nos ouvidos, atingiram com seu corpo os sentidos. 525

De fato, deve-se admitir que também a voz e o som sejam corpóreos, pois que podem incitar os sentidos.

Além disso, a voz muitas vezes raspa a garganta e um grito, ao pôr-se para fora, torna mais ásperas as vias respiratórias: pois, quando os elementos das vozes, surgindo em maior quantidade, começaram a sair por um espaço estreito, do mesmo modo, naturalmente, a abertura da boca é raspada ao encher-se. 530

Portanto, não é duvidoso que as vozes e as palavras, para poder ferir, consistam em elementos corpóreos.

E não te escapa ainda quanto do corpo arrebatada e quanto tira do próprio vigor e forças dos homens um discurso contínuo, proferido do brilho nascente da aurora até a sombra da negra noite, sobretudo caso se tenha exprimido com grande clamor. 535

É necessário, pois, que a voz seja corpórea porque, falando muito, perde-se parte do corpo. 540

A aspereza da voz, além disso, dá-se a partir da aspereza dos elementos, e igualmente da lisura vem a lisura.

E os elementos não penetram nos ouvidos de forma semelhante quando a tuba bárbara retumba gravemente um murmúrio profundo e, movida, reboia com eco um estrondo rouco, e quando †os cisnes dos tempestuosos vales† do Hélicon<sup>25</sup> alçam suas límpidas queixas com lúgubre voz. 545

Portanto, quando pronunciamos das profundezas do corpo esses sons e os emitimos diretamente para fora com a boca, a flexível língua, artífice de palavras, articula-os e molda formadora, com a participação dos lábios. 550

<sup>24</sup> A partir daqui, Lucrécio trata de outras percepções: audição, paladar e olfato.

<sup>25</sup> O trecho é extremamente corrompido. Outras opções são: *et ualidis necti tortis (OQ)*; *et conuallibu' cyni intortis (M.F. Smith)* Cf. LUCRÉCIO, 1937, p. 328.

hoc ubi non longum spatiumst unde illa profecta  
 perueniat uox quaeque, necessest uerba quoque ipsa  
 plane exaudiri discernique articulatim; 555

seruat enim formaturam seruatque figuram.  
 at si interpositum spatium sit longius aequo,  
 aera per multum confundi uerba necessest  
 et conturbari uocem, dum transuolat auras.

ergo fit sonitum ut possis sentire neque illam 560  
 internoscere, uerborum sententia quae sit:  
 usque adeo confusa uenit uox inque pedita.

Praeterea uerbum saepe unum perciet auris  
 omnibus in populo, missum praeconis ab ore.  
 in multas igitur uoces uox una repente 565

diffugit, in priuas quoniam se diuidit auris,  
 obsignans formam uerbis clarumque sonorem.  
 at quae pars uocum non auris incidit ipsas,  
 praeterlata perit frustra diffusa per auras;  
 pars, solidis adlisa locis reiecta sonorem 570  
 reddit et interdum frustratur imagine uerbi.

Quae bene cum uideas, rationem reddere possis  
 tute tibi atque aliis, quo pacto per loca sola  
 saxa paris formas uerborum ex ordine reddant,  
 palantis comites com montis inter opacos 575  
 quaerimus et magna dispersos uoce ciemus.

sex etiam aut septem loca uidi reddere uoces,  
 unam cum iaceres: ita colles collibus ipsi  
 uerba repulsantes iterabant dicta referri.

Haec loca capripedes satyros nymphasque tenere 580  
 finitimi fingunt, et faunos esse loquuntur,  
 quorum noctiuago strepitu ludoque iocanti

adfirmant uolgo taciturna silentia rumpi,  
 chordarumque sonos fieri dulcisque querellas,  
 tibia quas fundit digitis pulsata canentum, 585

Quando não há este longo espaço de onde, partindo,  
 chegue cada voz, é necessário que também as próprias palavras  
 claramente sejam ouvidas e discernidas por partes; 555  
 de fato, a voz mantém a conformação e mantém a forma.  
 Mas, se o espaço interposto é mais longo que o conveniente,  
 é inevitável que as palavras se misturem através da grande quantidade de ar  
 e que a voz seja perturbada, enquanto voa pelos ares.

Então, dá-se que possas perceber o som e não 560  
 discernir aquilo que é o sentido das palavras:  
 a tal ponto a voz chega confusa e embaraçada.  
 Além disso, muitas vezes uma única palavra abala os ouvidos  
 de todos na multidão, emitida pela boca de um arauto.

Por conseguinte, uma única voz subitamente se dissipa 565  
 em muitas vozes, pois que se divide entre ouvidos distintos,  
 imprimindo uma forma e um claro som nas palavras.  
 Mas a parte das vozes que não chega aos próprios ouvidos  
 perece, passando adiante e em vão espalhada pelos ares;

outra parte, arremessada contra locais sólidos e repelida, faz tornar 570  
 o som e algumas vezes ilude com a aparência de uma palavra.  
 Observando bem essas coisas, tu mesmo poderias dar um motivo  
 a ti e aos outros de como, nos locais desertos,  
 as pedras fazem voltar ordenadamente as formas iguais das palavras,  
 quando buscamos os companheiros perdidos entre copados 575  
 montes e, dispersos, invocamos aos gritos.

Vi também lugares retornarem as vozes seis ou sete vezes,  
 lançando tu uma única: assim as próprias colinas, repelindo às colinas,  
 repetiam palavras preparadas para serem devolvidas.

Os povos vizinhos supõem que caprípedes sátiros 580  
 e ninfas morem nesses locais, e dizem existir faunos,  
 por cujo barulho noturno e irreverente brincadeira afirmam  
 que os taciturnos silêncios são quebrados em toda parte;  
 e que se fazem sons de cordas e doces queixas,  
 que a flauta, tocada pelos dedos dos músicos, espalha, 585

et genus agricolum late sentiscere, quom Pan,  
 pinea semiferi capitis uelamina quassans,  
 unco saepe labro calamos percurrit hiantis,  
 fistula siluestrem ne cesset fundere musam.  
 cetera de genere hoc monstra ac portenta loquuntur,  
 ne loca deserta ab diuis quoque forte putentur  
 sola tenere. ideo iactant miracula dictis  
 aut aliqua ratione alia ducuntur, ut omne  
 humanum genus est auidum nimis auricularum.

590

Quod superest, non est mirandum qua ratione,  
 per loca quae nequeunt oculi res cernere apertas,  
 haec loca per uoces ueniant aurisque lacessant,  
 conloquium clausis foribus quoque saepe uidemus,  
 nimirum quia uox per flexa foramina rerum  
 incolumis transire potest, simulacra renutant;  
 perscinduntur enim, nisi recta foramina tranant,  
 qualia sunt uitri, species qua trauolat omnis.

595

600

Praeterea partis in cunctas diuiditur uox,  
 ex aliis aliae quoniam gignuntur, ubi una  
 dissuluit semel in multas exorta, quasi ignis  
 saepe solet scintilla suos se spargere in ignis.  
 ergo replentur loca uocibus abdita retro,  
 omnia quae circum feruunt sonituque cientur.

605

at simulacra uiis directis omnia tendunt,  
 ut sunt missa semel; qua propter cernere nemo  
 saepe supra potis est, at uoces accipere extra.  
 et tamen ipsa quoque haec, dum transit clausa domorum  
 uox obtunditur atque auris confusa penetrat  
 et sonitum potius quam uerba audire uidemur.

610

Nec, qui sentimus sucum, lingua atque palatum  
 plusculum habent in se rationis plus operaeue.

615

Principio sucum sentimus in ore, cibum cum

e que o povo rústico começa a ouvir largamente quando Pã,<sup>26</sup>  
agitando a coroa de pinho da cabeça meio-humana,  
muitas vezes percorre, arredondando os lábios, os cálamos abertos,  
para que a flauta não pare de derramar a musa pastoril.  
Contam-se outras maravilhas e prodígios deste gênero, 590  
para que acaso não se julgue que habitam locais isolados,  
abandonados pelos deuses. Por isso contam prodígios com palavras  
ou são levados por alguma outra razão, porque todo gênero  
humano é de ouvidos demasiadamente ávidos.  
Quanto ao resto, não se deve admirar o motivo pelo qual, 595  
por onde os olhos não podem discernir objetos manifestos,  
por aí as vozes venham e firam os ouvidos.  
Frequentemente notamos uma conversação mesmo a portas fechadas,  
sem dúvida porque a voz pode passar, incólume, pelos poros  
curvos dos corpos, mas os simulacros recusam; 600  
de fato, rompem-se se não atravessam poros retos,  
quais são os de vidro, por onde todo espectro atravessa voando.  
Além disso, a voz se distribui por todas as partes,  
pois que umas vozes nascem de outras, quando uma única, tendo surgido  
uma só vez, fendeu-se em muitas, como uma fagulha do fogo 605  
muitas vezes costuma dispersar-se em seus fogos.  
Então, locais bem escondidos se enchem de sons,  
todos os que fervilham em volta e se agitam com sons.  
Mas todos os simulacros se dirigem por retas vias  
quando, uma só vez, desprendem-se; por isso ninguém pode, 610  
muitas vezes, ver acima, mas pode ouvir vozes no exterior.  
Todavia, até esta mesma voz, enquanto atravessa partes fechadas  
das casas, é enfraquecida e penetra confusa nos ouvidos,  
e parecemos ouvir um som mais do que palavras.  
Nem a língua e o palato, com que sentimos o gosto, 615  
demandam em si um pouco mais de raciocínio ou mais cuidado.  
Primeiro, sentimos o gosto na boca, quando comprimimos

<sup>26</sup> O deus Pã não possui uma forma física completamente humana, mas tem os cornos, orelhas e pernas de bode. Pode ser filho de Hermes ou Apolo e é deus dos pastores e músico. Cf. MORFORD; LENARDON, 2003, p. 297.

mandendo exprimimus, ceu plenam spongiam aquai  
 siquis forte manu premere ac siccare coëpit.  
 inde quod exprimimus per caulas omne palati 620  
 diditur et rarae per flexa foramina linguae.  
 hoc ubi leuia sunt manantis corpora suci,  
 suauiter attingunt et suauiter omnia tractant  
 umida linguae circum sudantia templa.  
 at contra pungunt sensum lacerantque coorta, 625  
 quanto quaeque magis sunt asperitate repleta.  
 Deinde uoluptas est e suco fine palati;  
 cum uero deorsum per fauces praecipitauit,  
 nulla uoluptas est, dum diditur omnis in artus;  
 nec refert quicquam quo uictu corpus alatur, 630  
 dummodo quod capias concoctum didere possis  
 artibus et stomachi ualidum seruare tenorem.  
 Nunc aliis alius qui sit cibus ut uideamus  
 expediam, quareue, aliis quod triste et amarumst,  
 hoc tamen esse aliis possit perdulce uideri, 635  
 tantaque in his rebus distantia differitasque est  
 ut quod aliis cibus est aliis fuit acre uenenum.  
 est itaque ut serpens, hominis quae tacta saliuis  
 disperit ac sese mandendo conficit ipsa.  
 praeterea nobis ueratrum est acre uenenum, 640  
 at capris adipos et cocturnicibus auget.  
 Id quibus ut fiat rebus cognoscere possis,  
 principio meminisse decet quae diximus ante,  
 semina multimodis in rebus mixta teneri.  
 porro omnes quaecumque cibum capiunt animantes, 645  
 ut sunt dissimiles extrinsecus et generatim  
 extrema membrorum circumcaesura coercet,  
 proinde et seminibus constant uariante figura.  
 semina cum porro distent, differre necessest

o alimento ao mastigar, tal como se alguém começasse por acaso a apertar com a mão e a secar uma esponja cheia d'água.

Depois, o que comprimimos se distribui todo pelas cavidades do palato e pelos poros curvos da língua esponjosa. 620

Por isso, quando os elementos do suco que mana são leves, atingem suavemente e suavemente tocam todas as regiões úmidas da língua, que em volta se umedecem.

Mas, pelo contrário, quanto mais cada qual está cheio de aspereza, fere o sentido e o dilacera ao surgir. 625

Em seguida, o prazer que se tira do suco existe até o palato; quando, porém, precipitou-se abaixo pela garganta, nenhum prazer há, enquanto todo se distribui pelos membros do corpo.

Nem importa com qual alimento um corpo qualquer é nutrido, contanto que possas, digerindo, distribuir aos membros do corpo o que comeres e conservar o saudável funcionamento do estômago. 630

Agora farei que vejamos como o alimento é diferente para diferentes seres, ou porque o que é desagradável e amargo a uns pode, entretanto, parecer ser a outros muito doce. 635

E nesses assuntos há tamanha distância e diferença que o que para um é alimento para outros é um terrível veneno.

E é assim, também, a serpente que, tocada pela saliva do homem, perece e ela mesma se mata, devorando.

Além disso, para nós o heléboro<sup>27</sup> é um terrível veneno, mas faz engordar os bodes e as codornizes. 640

Para que possas saber por quais motivos isso acontece, primeiro é conveniente lembrar o que dissemos antes, que de muitos modos os elementos misturados são mantidos nos corpos.

Além disso, todo ser animado que toma o alimento, como são diferentes no exterior e o contorno externo dos membros os delimita por espécies, assim, também, consistem em elementos de forma variada. 645

Além disso, como os elementos são diferentes, é necessário que os

---

<sup>27</sup> Um gênero de plantas que possui muitas espécies tóxicas.

interualla uiasque, foramina quae perhibemus, 650  
omnibus in membris et in ore ipsoque palato.

esse minora igitur quaedam maioraque debent,  
esse triquetra aliis, aliis quadrata necessest,  
multa rutunda, modis multis multangula quaedam.

namque figurarum ratio ut motusque repossunt, 655  
proinde foraminibus debent differe figurae,  
et uariare uiae proinde ac textura coercescet.

hoc ubi quod suaue est aliis aliis fit amarum,  
illi, cui suaue est, leuissima corpora debent  
contractabiliter caulas intrare palati, 660

at contra quibus est eadem res intus acerba,  
aspera nimirum penetrant hamataque fauces.

Nunc facile est ex his rebus cognoscere quaeque.

quippe ubi cui febris bili superante coorta est  
aut alia ratione aliquast uis excita morbi, 665  
perturbatur ibi iam totum corpus et omnes  
commutantur ibi positurae principiorum;

fit prius ad sensum ut quae corpora conueniebant  
nunc non conueniant, et cetera sint magis apta,  
quae penetrata queunt sensum progignere acerbum; 670  
utraque enim sunt in mellis commixta sapore-  
id quod iam supera tibi saepe ostendimus ante.

Nunc age, quo pacto naris adiectus odoris  
tangat agam. primum res multas esse necessest  
unde fluens uoluat uarius se fluctus odorum, 675  
et fluere et mitti uolgo spargique putandumst;

uerum aliis alius magis est animantibus aptus,  
dissimilis propter formas. ideoque per auras  
mellis apes quamuis longe ducuntur odore,

uolturiique cadaueribus. tum fissa ferarum 680  
ungula quo tulerit gressum promissa canum uis  
ducit, et humanum longe praesentit odorem

intervalos e as vias, que chamamos poros, sejam diferentes 650  
em todos os membros, na boca e no próprio palato.

Uns, pois, devem ser menores, uns maiores;  
é necessário que uns tenham triângulos, outros, quadrados,  
muitos círculos, uns tenham muitos ângulos de muitas maneiras.  
E, com efeito, como a espécie e o movimento das formas pedem, 655  
assim as formas dos poros devem diferir,

e assim os caminhos devem variar como a contextura obriga.  
Por isto, quando o que é agradável a uns se torna amargo a outros,  
os corpos mais doces devem, àquele a quem é agradável,  
entrar maciamente nas cavidades do palato, 660

mas, contrariamente, aos quais o mesmo corpo, dentro, se faz amargo,  
elementos espinhosos e ásperos penetram, por certo, na garganta.  
Agora é fácil por tais coisas conhecer todas as outras.

Pois quando a alguém uma febre surgiu por bile excessiva  
ou, por outra razão, alguma força mórbida foi despertada, 665  
então já todo o corpo se perturba, e todas as disposições  
dos elementos iniciais aí são trocadas.

Dá-se que os corpos que antes convinham aos sentidos  
agora não convenham, e outros sejam mais apropriados,  
os quais, entrando, podem produzir um sentido amargo; 670  
na verdade, ambos estão misturados no sabor do mel –  
o que já te explicamos, acima, muitas vezes antes.

Agora eia, tratarei de que modo as aproximações do cheiro  
tocam as narinas. É necessário, primeiro, que existam muitos corpos  
donde, fluindo, o variado fluxo dos odores se revolva, 675

e deve-se considerar que flui e se espalha por toda a parte e se dissemina;  
Na verdade, um odor diferente é mais apropriado a diferentes seres vivos  
por causa das formas diversas. E por isso as abelhas, ainda que  
de longe, são atraídas através do ar pelo odor do mel,  
e os abutres aos cadáveres. Além disso, para onde o casco 680  
fendido das feras levou o andar, um bando de cães,  
tocado adiante, conduz, e o branco ganso, salvador da cidadela

Romulidarum arcis seruator, candidus anser.

sic aliis alius nidor datus ad sua quemque

pabula ducit et a taetro resilire ueneno

685

cogit, eoque modo seruantur saecula ferarum.

Hic odor ipse igitur, naris quicumque lacessit,

est alio ut possit permitti longius alter;

sed tamen haud quisquam tam longe fertur eorum

quam sonitus, quam uox, mitto iam dicere quam res

690

quae feriunt oculorum acies uisumque lacessunt.

errabundus enim tarde uenit ac perit ante,

paulatim facilis distractus in aeris auras;

ex alto primum quia uix emittitur ex re

(nam penitus fluere atque recedere rebus odores

695

significat quod fracta magis redolere uidentur

omnia, quod contrita, quod igni conlabefacta);

deinde uidere licet maioribus esse creatum

principiis quam uox, quoniam per saxea saepta

non penetrat, qua uox uolgo sonitusque feruntur.

700

quare etiam quod olet non tam facile esse uidebis

inuestigare in qua sit regione locatum;

refrigescit enim cunctando plaga per auras,

nec calida ad sensum decurrunt nuntia rerum.

errant saepe canes itaque et uestigia quaerunt.

705

Nec tamen hoc solis in odoribus atque saporum

in generest, sed item species rerum atque colores

non ita conueniunt ad sensus omnibus omnes,

ut non sint aliis quaedam magis acria uisu.

quin etiam gallum, noctem explaudentibus alis

710

auroram clara consuetum uoce uocare,

noenu queunt rapidi contra constare leones

inque tueri: ita continuo meminere fugai,

nimirum quia sunt gallorum in corpore quaedam

semina, quae cum sunt oculis inmissa leonum,

715

dos Romanos, ao longe pressente o odor dos homens.  
 Assim, um cheiro diferente dado a diferentes seres leva cada qual aos  
 seus alimentos e o obriga a se esquivar de um horrível 685  
 veneno, e desse modo se conservam as gerações das feras.  
 Então, esse mesmo odor, qualquer que tenha incitado as narinas,  
 é tal que um possa projetar-se mais longe que outro;  
 contudo, nenhum deles é levado tão longe  
 quanto o som, quanto a voz, deixo, agora, de dizer quanto às coisas 690  
 que ferem o brilho dos olhos e incitam a vista.  
 Com efeito, errante, o odor chega devagar e desaparece de pronto,  
 pouco a pouco e facilmente se dispersando nas brisas do ar,  
 em primeiro lugar porque se solta com dificuldade do interior dos corpos  
 (pois, como parecem ter mais cheiro todas as coisas quebradas, 695  
 as esmagadas e as desfeitas ao fogo, significa  
 que os cheiros bem de dentro se emanam e se dispersam dos corpos);  
 em seguida, é possível ver que foi constituído por elementos  
 maiores que a voz, pois que não penetra pelos muros  
 de pedra por onde, em todos os lugares, a voz e o som são levados. 700  
 Por isso, ainda, verás que não é tão fácil perscrutar  
 em qual região se situa aquilo que exala cheiro.  
 Pois o impulso se resfria ao atravessar os ares,  
 e, mensageiro dos objetos, não chega quente ao sentido.  
 Frequentemente, desse modo os cães vagam e buscam as pegadas. 705  
 Nem, contudo, isso se dá apenas com os cheiros e o gênero  
 dos sabores, mas também o aspecto e as cores dos objetos  
 assim não convêm a todos os sentidos de todos,  
 de modo que alguns não sejam mais chamativos a algumas pessoas.  
 Além disso, diante do galo, com as asas expulsando a noite 710  
 e acostumado a chamar a aurora com clara voz,  
 os leões raivosos não podem permanecer  
 e fitar: assim, imediatamente se lembraram de fugir,  
 sem dúvida porque há alguns elementos no corpo  
 dos galos, que, quando se projetaram aos olhos dos leões, 715

pupillas interfodiunt acremque dolorem  
 praebent, ut nequeant contra durare feroces;  
 cum tamen haec nostras acies nil laedere possint,  
 aut quia non penetrant aut quod penetrantibus illis  
 exitus ex oculis liber datur, in remorando 720  
 laedere ne possint ex ulla lumina parte.

Nunc age, quae moueant animum res accipe, et unde  
 quae ueniunt ueniant in mentem percipe paucis.

Principio hoc dico, rerum simulacra uagari  
 multa modis multis in cunctas undique partis 725  
 tenuia, quae facile inter se iunguntur in auris,  
 obuia cum ueniunt, ut aranea bratteaque auri.

quippe etenim multo magis haec sunt tenuia textu  
 quam quae percipiunt oculos uisumque lacessunt,  
 corporis haec quoniam penetrant per rara cientque 730  
 tenuem animi naturam intus sensumque lacessunt.

Centauros itaque et Scyllarum membra uidemus  
 Cerbereasque canum facies simulacraque eorum  
 quorum morte obita tellus amplectitur ossa,  
 omne genus quoniam passim simulacra feruntur, 735

partim sponte sua quae fiunt aere in ipso,  
 partim quae uariis ab rebus cumque recedunt  
 et quae confiunt ex horum facta figuris.

nam certe ex uiuo Centauri non fit imago,  
 nulla fuit quoniam talis natura animalis; 740

uerum ubi equi atque hominis casu conuenit imago,  
 haerescit facile extemplo, quod diximus ante,  
 propter subtilem naturam et tenuia texta.

cetera de genere hoc eadem ratione creantur.

perfuram as pupilas e produzem uma terrível  
 dor, de modo que os ferozes não possam opor resistência;  
 contudo, como estes nada podem prejudicar o brilho de nossos olhos,  
 ou porque não penetram ou porque se concede livre saída  
 dos olhos àqueles que penetram, de modo que não possam, 720  
 ao demorar-se, prejudicar os olhos em alguma parte.  
 Agora eia, ouve quais corpos movem o espírito e compreende,  
 em poucas palavras, donde vem o que vem à mente.<sup>28</sup>  
 Em primeiro lugar, digo isto: que muitos sutis simulacros  
 das coisas vagam de muitas maneiras, para todos os lados 725  
 e de todas as partes, eles que facilmente se unem entre si nos ares,  
 quando vêm de encontro, como uma teia de aranha ou folha de ouro.  
 Com efeito, estes são muito mais sutis na textura  
 do que os que se apoderam dos olhos e ferem a vista,  
 pois penetram pelos interstícios do corpo e incitam, lá dentro, 730  
 a tênue natureza do espírito, e ferem o sentido.  
 Assim, vemos os centauros, os membros das Cilas,<sup>29</sup>  
 as faces cerbéreas<sup>30</sup> de cães e os simulacros daqueles  
 cujos ossos, depois da morte, a terra abraça,  
 pois simulacros de todos os gêneros são levados em desordem, 735  
 em parte os que se fazem espontaneamente no próprio ar,  
 em parte os que se desprendem em qualquer circunstância dos vários corpos  
 e os que se fazem formados das imagens deles.  
 Na verdade, decerto não se faz a imagem de um centauro a partir de um ser vivo,  
 pois nenhuma natureza de tal animal existiu; 740  
 mas quando a imagem de um cavalo e a de um homem por acaso se encontram,  
 soldam-se fácil e imediatamente, como dissemos antes,  
 por causa da natureza sutil e das tênues texturas.  
 Outras coisas do gênero se criam por um mesmo motivo.

<sup>28</sup> A partir daqui, o poeta trata do pensamento, abordando principalmente nossas imagens mentais.

<sup>29</sup> Cila, segundo Ovídio nas *Metamorfoses*, era uma ninfa que foi transformada por Circe em um monstro marinho com um belo torso, mas com monstruosos cães a lhe rodearem a cintura. Cf. OVÍDIO, 2014, p. 340.; OVID, 1958, p. 302-304.

<sup>30</sup> Cérbero era o enorme e feroz cão, usualmente retratado como tendo três cabeças, guardava a entrada do reino dos mortos. Cf. MORFORD; LENARDON, 2003, p. 349.

quae cum mobiliter summa leuitate feruntur, 745  
 ut prius ostendi, facile uno commouet ictu  
 quaelibet una animum nobis subtilis imago;  
 tenuis enim mens est et mire mobilis ipsa.

Haec fieri ut memoro, facile hinc cognoscere possis.  
 quatenus hoc simile est illi, quod mente uidemus 750  
 atque oculis, simili fieri ratione necesse est.

Nunc igitur docui quoniam me forte leonum  
 cernere per simulacra, oculos quaecumque lacessunt,  
 scire licet mentem simili ratione moueri  
 per simulacra leonum et cetera quae uidet aequae 755  
 nec minus atque oculi, nisi quod mage tenuia cernit.

Nec ratione alia, cum somnus membra profudit,  
 mens animi uigilat, nisi quod simulacra lacessunt  
 haec eadem nostros animos quae cum uigilamus,  
 usque adeo, certe ut uideamur cernere eum quem 760  
 rellicta uita iam mors et terra potitast.

hoc ideo fieri cogit natura, quod omnes  
 corporis effecti sensus per membra quiescunt  
 nec possunt falsum ueris conuincere rebus.  
 praeterea meminisse iacet languetque sopore, 765  
 nec dissentit eum mortis letique potitum  
 iam pridem, quem mens uiuom se cernere credit.

Quod superest, non est mirum simulacra moueri  
 bracchiaque in numerum iactare et cetera membra;  
 nam fit ut in somnis facere hoc uideatur imago; 770  
 quippe ubi prima perit alioque est altera nata  
 inde statu, prior hic gestum mutasse uidetur.

scilicet id fieri celeri ratione putandumst:  
 tanta est mobilitas et rerum copia tanta,  
 tantaque sensibili quouis est tempore in uno 775  
 copia particularum, ut possit suppeditare.

Multaque in his rebus quaeruntur multaque nobis

Quando elas são levadas rápido por causa da extrema leveza, 745  
segundo antes apresentei, uma só imagem sutil, qualquer que  
seja, facilmente excita o nosso espírito com um único golpe;  
na verdade, a própria mente é tênue e admiravelmente móvel.  
Facilmente poderias reconhecer, daqui, que isto se dá como eu relato.

Pois que isto é semelhante àquilo - o que vemos com a mente 750  
e com olhos -, é necessário que se faça de maneira semelhante.  
Agora, então, como mostrei que por acaso vejo um leão  
por simulacros, todos aqueles simulacros que firam os olhos,  
é permitido saber que a mente se move de uma maneira semelhante:  
pelos simulacros dos leões e pelas outras coisas que vê, igualmente 755  
e não menos que os olhos, exceto por ver corpos mais sutis.

Nem por outro motivo o discernimento do espírito vigia, quando  
o sono relaxou os membros, exceto porque ferem nossos espíritos  
esses mesmos simulacros que o fazem quando estamos acordados,  
a tal ponto que certamente pareçamos ver aquele de quem, 760  
tendo abandonado a vida, já a morte e a terra se assenhoreiam.

A natureza obriga que isso se faça porque todos  
os sentidos embotados do corpo repousam pelos membros,  
e não podem refutar o falso com verdades.

Além disso, a memória repousa e se entorpece no sono e 765  
não objeta que já há muito obteve a morte e a destruição  
aquele que a mente julga distinguir com vida.

Quanto ao resto, não é admirável que os simulacros se movam  
e agitem os braços e as outras partes do corpo em cadência;  
na verdade, dá-se que a imagem pareça fazer isso em sonhos: 770  
com efeito, quando a primeira desaparece e, então, uma outra surgiu  
em outra posição, a primeira, agora, parece ter mudado o gesto.

Naturalmente, deve-se julgar que isso se faça de maneira rápida:  
tão grande é a mobilidade e tão grande a abundância das coisas,  
tão grande é a abundância de partículas em um só tempo 775  
qualquer, sujeito aos sentidos, que pode ser suficiente.

Muitas coisas, sobre esses assuntos, questionamos e muitas coisas

clarandumst, plane si res exponere auemus.

Quaeritur in primis quare, quod cuique libido  
uenerit, extemplo mens cogitet eius id ipsum. 780

anne uoluntatem nostram simulacra tuentur  
et simul ac uolumus nobis occurrit imago,  
si mare, si terram cordist, si denique caelum?  
conuentus hominum pompam conuiuia pugnas,  
omnia sub uerbone creat natura paratque? 785

cum praesertim aliis eadem in regione locoque  
longe dissimilis animus res cogitet omnis.

Quid porro, in numerum procedere cum simulacra  
cernimus in somnis et mollia membra mouere,  
mollia mobiliter cum alternis bracchia mittunt 790  
et repetunt oculis gestum pede conuenienti?  
scilicet arte madent simulacra et docta uagantur,  
nocturno facere ut possint in tempore ludos.

An magis illud erit uerum? quia tempore in uno,  
cum sentimus, id est, cum uox emittitur una, 795  
tempora multa latent, ratio quae comperit esse,  
propterea fit uti quouis in tempore quaeque  
praesto sint simulacra locis in quisque parata:  
tanta est mobilitas et rerum copia tanta.

hoc ubi prima perit alioque est altera nata 800  
inde statu, prior hic gestum mutasse uidetur.

et quia tenuia sunt, nisi quae contendit, acute  
cernere non potis est animus; proinde omnia quae sunt  
praeterea pereunt, nisi si ad quae se ipse parauit.

ipse parat sese porro speratque futurum 805  
ut uideat quod consequitur rem quamque; fit ergo.

nonne uides oculos etiam, cum tenuia quae sunt 807

cernere coeperunt, contendere se atque parare, 809

nec sine eo fieri posse ut cernamus acute? 810

devemos esclarecer, se desejamos expor os assuntos perfeitamente.  
 Em primeiro lugar, questiona-se por qual razão a mente logo  
 concebe aquilo mesmo que foi o desejo de cada um. 780  
 Acaso os simulacros atendem à nossa vontade  
 e, logo que queremos, uma imagem nos ocorre,  
 se o mar, se a terra, se, enfim, o céu, o coração deseja?  
 Reuniões de homens, cortejos, festins, lutas,  
 tudo, por uma só palavra, a natureza cria e prepara? 785  
 Sobretudo quando outros espíritos, na mesma região e lugar,  
 concebem todas as coisas com enorme diferença.  
 O que, além disso, quando vemos os simulacros avançarem  
 em cadência nos sonhos e moverem os membros flexíveis,  
 quando rápido impelem os braços flexíveis alternadamente 790  
 e repetem aos olhos o gesto com pé harmonioso?  
 Naturalmente, os simulacros estão cheios de habilidade e vagam treinados,  
 de modo que possam, à noite, exercitar-se.  
 Ou isto será mais verdadeiro? Porque em um só tempo,  
 quando sentimos, ou seja, quando uma única voz se emite, 795  
 escondem-se muitos tempos, que a razão descobre existir,  
 e por causa disso se dá, em qualquer tempo, que quaisquer  
 simulacros estejam à disposição e preparados em quaisquer locais:  
 tão grande é a mobilidade e tão grande a abundância das coisas.  
 Por isso, quando a primeira imagem desaparece e, então, uma outra surgiu 800  
 em outra posição, a primeira, agora, parece ter mudado o gesto.<sup>31</sup>  
 E porque são tênues, o espírito não pode ver agudamente  
 a não ser os que busca; por isso, então, tudo o que existe  
 desaparece, exceto se ele próprio para tal coisa se preparou.  
 Além disso, ele próprio se prepara e espera que veja 805  
 que futuro se segue a cada coisa; e assim acontece.  
 Acaso não vês que mesmo os olhos, quando começam 807  
 a discernir tênues corpos, esforçam-se e se preparam, 809  
 e que sem isso não se pode dar vermos agudamente? 810

<sup>31</sup> O poeta tenta transmitir a ideia de que muito acontece em um curto espaço de tempo, devido ao grande número de simulacros que existem e à sua capacidade de rápido movimento.

et tamen in rebus quoque apertis noscere possis,  
 si non aduertas animum, proinde esse quasi omni  
 tempore semotum fuerit longeque remotum.  
 cur igitur mirumst, animus si cetera perdit  
 praeterquam quibus est in rebus deditus ipse?  
 deinde adopinamur de signis maxima paruis  
 ac nos in fraudem induimus frustraminis ipsi.

815

Fit quoque ut inter dum non suppeditetur imago  
 eiusdem generis, sed femina quae fuit ante,  
 in manibus uir uti factus uideatur adesse,  
 aut alia ex alia facies aetasque sequatur.  
 quod ne miremur sopor atque obliuia curant.

820

Illud in his rebus uitium uehementer auemus  
 te fugere, errorem uitareque praemetuenter,  
 lumina ne facias oculorum clara creata,  
 prospicere ut possimus, et ut proferre queamus  
 proceros passus, ideo fastigia posse  
 surarum ac feminum pedibus fundata plicari,  
 braccia tum porro ualidis ex apta lacertis  
 esse manusque datas utraque ex parte ministras,  
 ut facere ad uitam possemus quae foret usus.

825

cetera de genere hoc inter quaecumque pretantur,  
 omnia peruersa praepostera sunt ratione,  
 nil ideo quoniam natumst in corpore ut uti  
 possemus, sed quod natumst id procreat usum.

830

nec fuit ante uidere oculorum lumina nata,  
 nec dictis orare prius quam lingua creatast,  
 sed potius longe linguae praecessit origo  
 sermonem, multoque creatae sunt prius aures  
 quam sonus est auditus, et omnia denique membra  
 ante fuere, ut opinor, eorum quam foret usus;  
 haud igitur potuere utendi crescere causa.

835

840

E, contudo, também nas coisas manifestas poderias reconhecer,  
faltando tua atenção, que é como se em todo o tempo  
tivessem sido afastadas e apartadas para longe.

Por que, então, é de admirar se o espírito perde outras coisas,  
exceto aquelas em que ele mesmo se aplicou?

815

Depois, julgamos as maiores coisas por pequenos indícios  
e nós mesmos nos levamos ao erro do engano.

Dá-se também que, às vezes, uma imagem do mesmo tipo  
não se ofereça, mas, o que foi antes mulher,

à mão pareça estar presente em forma de homem,

820

ou que uma aparência e idade provenha de outra.

O sono e o esquecimento cuidam de que não o admiremos.

Nesses assuntos, desejamos veementemente que fujas  
daquela falha, e evites com grande receio o erro:<sup>32</sup>

não suponhas que as claras luzes dos olhos foram criadas

825

a fim de que possamos ver ao longe, e que as extremidades  
das panturrilhas e das coxas, para que possamos dar passos  
largos, podem dobrar-se, bem firmes sobre os pés;

além disso, então, que os braços adaptados a fortes ombros  
e as mãos, servindo em uma e outra parte, foram dados

830

para que pudéssemos fazer o que fosse necessário à vida.

Quaisquer outras coisas deste gênero que expliquem

estão todas às avessas por viciosos raciocínios,

pois que nada surgiu no corpo para que pudéssemos

usar, mas é aquilo que nasceu que gera o uso.

835

Não houve o ver antes de as luzes dos olhos terem nascido,

nem o falar com palavras antes que a língua fosse gerada,

mas a origem da língua precedeu muito antes

a fala, e os ouvidos foram criados muito antes

que o som foi ouvido, e, por fim, todos os membros

840

existiram antes, como penso, que houvesse seu emprego.

Portanto, não puderam crescer pelo motivo do uso.

<sup>32</sup> Neste momento, o poeta inicia um ataque ao conceito teleológico dos sentidos e do corpo, refutando veementemente a ideia de que foram criados para um fim específico.

At contra conferre manu certamina pugnae  
 et lacerare artus foedareque membra cruore  
 ante fuit multo quam lucida tela uolarent, 845  
 et uolnus uitare prius natura coegit  
 quam daret obiectum parmai laeua per artem.  
 scilicet et fessum corpus mandare quieti  
 multo antiquius est quam lecti mollia strata,  
 et sedare sitim prius est quam pocula natum. 850  
 haec igitur possunt utendi cognita causa  
 credier, ex usu quae sunt uitaque reperta.  
 illa quidem seorsum sunt omnia quae prius ipsa  
 nata dedere suae post notitiam utilitatis.  
 quo genere in primis sensus et membra uidemus; 855  
 quare etiam atque etiam procul est ut credere possis  
 utilitatis ob officium potuisse creari.  
 Illud item non est mirandum, corporis ipsa  
 quod natura cibum quaerit cuiusque animantis.  
 quippe etenim fluere atque recedere corpora rebus 860  
 multa modis multis docui, sed plurima debent  
 ex animalibu'. quae quia sunt exercita motu,  
 multaque per sudorem ex alto pressa feruntur,  
 multa per os exhalantur, cum languida anhelant,  
 his igitur rebus rarescit corpus et omnis 865  
 subruitur natura; dolor quam consequitur rem.  
 propterea capitur cibus, ut suffulciat artus  
 et recreet uires interdatus, atque patentem  
 per membra ac uenas ut amorem obturet edendi.  
 umor item discedit in omnia quae loca cumque 870  
 poscunt umorem; glomerataque multa uaporis  
 corpora, quae stomacho praebent incendia nostro,  
 dissipat adueniens liquor ac restinguit ut ignem,  
 urere ne possit calor amplius aridus artus.

Mas, pelo contrário, travar com as mãos as disputas da luta  
e dilacerar os membros e manchar o corpo com o sangue  
existiu muito antes que os reluzentes dardos voassem, 845  
e a natureza obrigou a evitar feridas antes que,  
por artifício, a mão esquerda aparasse um golpe com o escudo.  
Naturalmente, tanto confiar ao descanso o corpo cansado  
é muito mais antigo que os macios forros do leito,  
quanto abrandar a sede existe antes que tenham surgido os copos. 850  
Essas coisas, então, que foram descobertas pela experiência e pela vida,  
podem-se crer inventadas por sua utilidade.  
Em verdade, estão à parte todas aquelas coisas que, nascidas  
antes, elas mesmas deram depois a noção de sua utilidade.  
Sobretudo vemos, nesse gênero, os sentidos e os membros; 855  
por isso, incessantemente, longe está que possas crer  
que puderam ser criados em função da utilidade.  
Isto ainda não é de admirar, o fato de que a própria  
natureza do corpo procure o alimento de cada animal.<sup>33</sup>  
Com efeito, ensinei que muitos corpos fluem e se retiram dos 860  
objetos de muitos modos, mas devem manar bem numerosos  
dos animais. Esses corpos, como foram agitados pelo movimento,  
em grande quantidade são trazidos do fundo pressionados pelo suor,  
em grande quantidade são exalados pela boca, quando, fatigados, arquejam,  
então o corpo se torna rarefeito por tal motivo e toda 865  
a natureza se arruína; o sofrimento segue-se a tal estado.  
Por causa disso, toma-se o alimento para que sustente os membros  
do corpo e restabeleça as forças nos interstícios, e mate, pelos  
membros e veias, o aberto desejo de comer.  
O líquido também passa para todos os locais, quaisquer que 870  
reclamem o líquido; e os muitos elementos aglomerados  
de calor, que em nosso estômago causam um braseiro,  
o líquido que chega dispersa e extingue como um fogo,  
para que o árido ardor não possa queimar por mais tempo os membros.

<sup>33</sup> Inicia-se, aqui, o tratado do autor sobre outras funções vitais: o apetite, a locomoção, o sono, os sonhos e, por fim, o sexo.

sic igitur tibi anhela sitis de corpore nostro 875  
abluitur, sic expletur ieiuna cupido.

Nunc qui fiat uti passus proferre queamus,  
cum uolumus, uarieque datum sit membra mouere,  
et quae res tantum hoc oneris protrudere nostri  
corporis insuerit, dicam; tu percipe dicta. 880

Dico animo nostro primum simulacra meandi  
accidere atque animum pulsare, ut diximus ante.  
inde uoluntas fit; neque enim facere incipit ullam  
rem quisquam, quam mens prouidit quid uelit ante;  
id quod prouidet, illius rei constat imago. 885

ergo animus cum sese ita commouet ut uelit ire  
inque gredi, ferit extemplo quae in corpore toto  
per membra atque artus animai dissita uis est;  
et facilest factu, quoniam coniuncta tenetur.  
inde ea proporro corpus ferit, atque ita tota 890

paulatim moles protruditur atque mouetur.  
praeterea tum rarescit quoque corpus, et aer,  
(scilicet ut debet qui semper mobilis extat)  
per patefacta uenit penetratque foramina largus,  
et dispargitur ad partis ita quasque minutas 895  
corporis. hic igitur rebus fit utrimque duabus,  
corpus ut, ac nauis uelis uentoque, feratur.

Nec tamen illud in his rebus mirabile constat,  
tantula quod tantum corpus corpuscula possunt  
contorquere et onus totum conuertere nostrum. 900

quippe etenim uentus subtili corpore tenuis  
trudit agens magnam magno molimine nauem,  
et manus una regit quanto uis impete euntem  
atque gubernaculum contorquet quo libet unum,  
multaque per trocleas et tympana pondere magno 905  
commouet atque leui sustollit machina nisu.

Assim, então, tua arquejante sede é estancada do  
 corpo, assim se acaba o desejo esfomeado. 875

Agora direi como se dá que possamos dar passos à frente  
 quando queremos, como nos foi dado mover os membros de  
 vários modos, e o que acostumou a impelir este tamanho  
 peso de nosso corpo; tu, ouve-me as palavras. 880

Digo, em primeiro lugar, que os simulacros do caminhar chegam  
 a nosso espírito e o atingem, como dissemos antes.

Dá se faz a vontade; nem, na verdade, alguém começa a fazer  
 alguma coisa antes que a mente tenha previsto o que quer;  
 daquilo que prevê, evidencia-se-lhe a imagem. 885

Então, quando o espírito se move de tal modo que queira seguir  
 e caminhar, imediatamente o fere a força da alma que está  
 disseminada em todo o corpo, pelos membros e pelas articulações;  
 e é fácil fazê-lo, pois que está unida estreitamente.<sup>34</sup>

Então, a alma, além disso, atinge o corpo, e assim 890  
 toda a massa, paulatinamente, é impelida e se move.

E mais, o corpo, então, também se rarefaz, e o ar  
 (como, naturalmente, deve o que sempre se mostra em movimento)  
 vem e penetra, copioso, pelos poros abertos,  
 e assim se espalha até cada diminuta parte 895  
 do corpo. Aqui, portanto, dá-se que, por ambas as coisas, atuando de duas maneiras,  
 o corpo seja levado, como um navio por velas e pelo vento.

Contudo, nesses assuntos, isto não se mostra admirável:  
 que corpúsculos diminutos possam manobrar tão grande  
 corpo e fazer voltar toda nossa carga. 900

Com efeito o vento ténue, de corpo sutil,  
 impele, conduzindo-o, um grande navio de grande massa,  
 uma só mão o comanda, ao seguir com qualquer rapidez,  
 e um único leme o vira para qualquer direção;  
 e uma máquina, com leve esforço, move e levanta 905  
 muitas coisas de grande peso por roldanas e rodas.

<sup>34</sup> No Livro III, o poeta abordou o espírito e a alma, explicando como estão interligados e como ela obedece ao espírito, também chamado pensamento. Cf. *DRN* III, v. 136-139, v. 143-144.

Nunc quibus ille modis somnus per membra quietem  
 inriget atque animi curas e pectore soluat,  
 suauidicis potius quom multis uersibus edam;  
 paruus ut est cycni melior canor, ille gruum quam 910  
 clamor in aetheriis dispersus nubibus austri.  
 tu mihi da tenuis auris animumque sagacem,  
 ne fieri negites quae dicam posse, retroque  
 uera repulsanti discedas pectore dicta,  
 tutemet in culpa cum sis neque cernere possis. 915

Principio somnus fit ubi est distracta per artus  
 uis animae partimque foras eiecta recessit  
 et partim contrusa magis concessit in altum;  
 dissoluuntur enim tum demum membra fluuntque.  
 nam dubium non est, animai quin opera sit 920  
 sensus hic in nobis, quem cum sopor inpedit esse,  
 tum nobis animam perturbatam esse putandumst  
 eiectamque foras- non omnem, namque iaceret  
 aeterno corpus perfusum frigore leti;  
 quippe ubi nulla latens animai pars remaneret 925  
 in membris, cinere ut multa latet obrutus ignis,  
 unde reconfhari sensus per membra repente  
 posset, ut ex igni caeco consurgere flamma?

Sed quibus haec rebus nouitas confiat, et unde  
 perturbari anima et corpus languescere possit, 930  
 expediam; tu fac ne uentis uerba profundam.

Principio externa corpus de parte necessum est,  
 aeriis quoniam uicinum tangitur auris,  
 tundier atque eius crebro pulsariet ictu;  
 proptereaque fere res omnes aut corio sunt 935  
 aut etiam conchis aut callo aut cortice tectae.  
 interiorem etiam partem spirantibus aer  
 uerberat hic idem, cum ducitur atque reflatur.  
 quare utrimque secus cum corpus uapulet, et cum

Agora mostrarei em versos mais harmoniosos que abundantes  
 de que modo aquele sono espalha o repouso pelos  
 membros e tira do peito os cuidados do espírito,  
 como o breve canto do cisne é melhor que aquele ruído 910  
 dos grous, disperso nas etéreas nuvens do sul.  
 Tu, dá-me ouvidos finos e um espírito sagaz,  
 para que não negues que o que digo pode acontecer, e não  
 te afastes para trás com um peito que rejeita os ditos verdadeiros,  
 embora sejas tu mesmo culpado e não possas entender. 915  
 Primeiro, ocorre o sono quando a força da alma se dividiu  
 pelos membros e em parte se afastou, lançada para fora,  
 em parte se recolheu ao fundo, mais acumulada;  
 com efeito, então enfim se soltam e fluem os membros.  
 Na verdade, não é duvidoso que seja obra da alma 920  
 este nosso sentir, e quando o sono impede que ele exista,  
 então devemos entender que a alma foi perturbada  
 e lançada para fora – não toda, pois o corpo  
 jazeria banhado pelo eterno frio da morte;  
 certamente, se nenhuma parte da alma ficasse 925  
 latente nos membros, como fica o fogo encoberto por muita cinza,  
 de onde, de repente, o sentir poderia ser restabelecido  
 pelos membros e erguer-se, como a chama de um fogo oculto?  
 Mas por quais motivos este novo estado ocorre, e com o que  
 pode a alma ser perturbada e o corpo enlanguescer-se, 930  
 explicarei; tu, cuida de que eu não atire minhas palavras aos ventos.  
 Em primeiro lugar, é necessário que o corpo, externamente,  
 pois que é tocado pelas brisas do ar circundante,  
 seja batido e com frequência vibrado pelos golpes dele;  
 e, por esta razão, quase todas as coisas são recobertas por couro, 935  
 ou ainda por conchas, ou por uma calosidade, ou por córtex.  
 Esse mesmo ar golpeia, quando entra e quando é  
 exalado, também a parte interna dos que respiram.  
 Por isso, como o corpo é atingido de ambos os lados e como,

perueniant plagae per parua foramina nobis 940  
 corporis ad primas partis elementaque prima,

fit quasi paulatim nobis per membra ruina;  
 conturbantur enim positurae principiorum  
 corporis atque animi. fit uti pars inde animai  
 eliciatur, et introrsum pars abdita cedat, 945

pars etiam distracta per artus non queat esse  
 coniuncta inter se neque motu mutua fungi;  
 inter enim saepit coetus natura uiasque;  
 ergo sensus abit mutatis motibus alte.

et quoniam non est quasi quod suffulciat artus, 950  
 debile fit corpus languescuntque omnia membra,  
 bracchia palpebraeque cadunt poplitesque cubanti  
 saepe tamen summittuntur uirisque resoluunt.

Deinde cibum sequitur somnus, quia, quae facit aer,  
 haec eadem cibus, in uenas dum diditur omnis, 955  
 efficit. et multo sopor ille grauissimus exstat  
 quem satur aut lassus capias, quia plurima tum se  
 corpora conturbant magno contusa labore.

fit ratione eadem coniectus parte animai  
 altior atque foras eiectus largior eius, 960  
 et diuisior inter se ac distractior intus.

Et quo quisque fere studio deuinctus adhaeret,  
 aut quibus in rebus multum sumus ante morati,  
 atque in ea ratione fuit contenta magis mens,  
 in somnis eadem plerumque uidemur obire: 965

causidici causas agere et componere leges,  
 induperatores pugnare ac proelia obire,  
 nautae contractum cum uentis degere bellum,  
 nos agere hoc autem et naturam quaerere rerum  
 semper et inuentam patriis exponere chartis. 970

cetera sic studia atque artes plerumque uidentur  
 in somnis animos hominum frustrata tenere.

por pequenos poros, os impulsos chegam a nós 940  
 até as primeiras partículas e os primeiros elementos do corpo,  
 dá-se aos poucos como que a ruína dos membros;  
 na verdade, perturbam-se as disposições dos elementos primordiais  
 do corpo e do espírito. Daí ocorre que uma parte da alma seja lançada  
 para fora e, para o interior, outra parte se retire oculta; 945  
 ocorre que uma parte, ainda, dispersa pelos membros, não possa estar  
 em conjunção nem realizar recíproco movimento;  
 na verdade, a natureza embarça uniões e vias;  
 então, mudando-se o movimento, retira-se o sentir às profundezas.  
 E já que não há com que se sustentem os membros, 950  
 torna-se débil o corpo e se enfraquecem todas as partes,  
 os braços e as pálpebras caem e frequentemente se dobram  
 os jarretes em repouso, perdendo suas forças.  
 Depois, o sono se segue ao alimento, pois esse,  
 enquanto se espalha todo pelas veias, faz o mesmo que 955  
 o ar. E o sono bem mais pesado é aquele do qual te  
 apoderas saciado ou cansado, pois então os muitos  
 corpos se perturbam, oprimidos pelo grande esforço.  
 Do mesmo modo, ocorre uma aglomeração mais no fundo  
 por parte da alma e ocorre seu maior lançamento para fora, 960  
 e mais se divide entre si e se dispersa internamente.  
 E o interesse a que cada um em geral se liga fortemente,  
 ou as coisas em que antes nós nos demoramos muito,  
 estando a mente, desse modo, mais concentrada,  
 isso mesmo parecemos quase sempre encontrar em sonhos: 965  
 os advogados defenderem causas e fazerem leis,  
 os generais combaterem e arrostarem batalhas,  
 os marinheiros enfrentarem uma guerra em curso contra os ventos,  
 nós fazermos isto, porém, e sempre buscarmos a natureza  
 das coisas, expondo as descobertas em livros latinos. 970  
 Assim, as demais inclinações e artes quase sempre parecem  
 ilusoriamente reter, nos sonhos, os espíritos dos homens.

Et quicumque dies multos ex ordine ludis  
 adsiduas dederunt operas, plerumque uidemus,  
 cum iam destiterunt ea sensibus usurpare, 975  
 reliquas tamen esse uias in mente patentis,  
 qua possint eadem rerum simulacra uenire.  
 per multos itaque illa dies eadem obuersantur  
 ante oculos, etiam uigilantes ut uideantur  
 cernere saltantis et mollia membra mouentis, 980  
 et citharae liquidum carmen chordasque loquentis  
 auribus accipere, et consessum cernere eundem  
 scenaique simul uarios splendere decores.

Vsque adeo magni refert studium atque uoluntas,  
 et quibus in rebus consuerint esse operati 985  
 non homines solum, sed uero animalia cuncta.  
 quippe uidebis equos fortis, cum membra iacebunt,  
 in somnis sudare tamen spirareque semper  
 et quasi de palma summas contendere uiris,  
 aut quasi carceribus patefactis rumpere sese. 990  
 uenantumque canes in molli saepe quiete  
 iactant crura tamen subito uocesque repente  
 mittunt et crebro redducunt naribus auras,  
 ut uestigia si teneant inuenta ferarum,  
 expergefactive secuntur inania saepe 995  
 ceruorum simulacra, fugae quasi dedita cernant,  
 donec discussis redeant erroribus ad se.  
 at consueta domi catulorum blanda propago  
 discutere et corpus de terra corripere instant 999  
 proinde quasi ignotas facies atque ora tuantur. 1004  
 et quo quaeque magis sunt aspera seminiorem, 1005  
 tam magis in somnis eadem saeuire necessust.  
 at uariae fugiunt uolucres pinnisque repente  
 sollicitant diuom nocturno tempore lucos,  
 accipitres somno in leni si proelia pugnas

E quaisquer que, por muitos dias a fio, deram assídua  
 atenção aos jogos, quando já deixaram de se dedicar  
 a isso os sentidos, vemos quase sempre, 975  
 contudo, ainda terem na mente caminhos abertos  
 por onde podem entrar os mesmos simulacros das coisas.  
 Assim, por muitos dias, aquelas mesmas imagens são repassadas  
 diante dos olhos, de modo que pareçam, até em vigília,  
 divisar os que dançam e os que movem os ágeis membros, 980  
 receber nos ouvidos o canto límpido da cítara e as cordas  
 que falam, ver idêntico ajuntamento  
 e, simultaneamente, brilhar os vários destaques do palco.  
 A tal ponto em muito importa a dedicação e a vontade  
 e em quais atividades costumaram não só os homens, 985  
 mas, na verdade, todos os animais estar ocupados.  
 Decerto verás corajosos cavalos, quando os membros se  
 estenderem em sonhos, contudo, suar e sempre ofegar,  
 e como que empregar todas as forças pela vitória,  
 ou ainda como que precipitar-se ao se abrirem os cárceres. 990  
 E os cães dos caçadores muitas vezes, em agradável repouso,  
 de repente agitam as pernas, subitamente emitem  
 ganidos e, muitas vezes, aspiram o ar,  
 como se retivessem os rastros encontrados de feras;  
 e, despertos, muitas vezes perseguem vãos simulacros de 995  
 cervos, como se os vissem entregues à fuga,  
 até que, dissipando-se o engano, tornam a si.  
 Mas a mansa cria dos filhotes, acostumada à casa,  
 ameaça sacudir e erguer o corpo do chão 999  
 como se visse rostos desconhecidos e vultos. 1004  
 E quanto mais rude é cada uma das raças, 1005  
 tanto mais é necessário que seja furiosa em sonhos.  
 Mas as várias aves fogem e, com as asas, de repente abalam  
 os bosques sagrados dos deuses à noite  
 se, no sono agradável, falcões, perseguindo e voando,

edere sunt persectantes uisaeque uolantes. 1010  
 Porro hominum mentes, magnis quae motibus edunt  
 magna, itidem saepe in somnis faciuntque geruntque:  
 reges expugnant, capiuntur, proelia miscent,  
 tollunt clamorem, quasi si iugulentur ibidem.  
 multi depugnant gemitusque doloribus edunt 1015  
 et, quasi pantherae morsu saeuiae leonis  
 mandantur, magnis clamoribus omnia complent.  
 multi de magnis per somnum rebu' loquuntur  
 indicioque sui facti persaepe fuere.  
 multi mortem obeunt. multi, de montibus altis 1020  
 ut qui praecipitent ad terram corpore toto,  
 exterruntur, et ex somno quasi mentibu' capti  
 uix ad se redeunt, permoti corporis aestu.  
 flumen item sitiens aut fontem propter amoenum  
 adsidet et totum prope faucibus occupat amnem. 1025  
 parui saepe lacum propter si ac dolia curta  
 somno deuincti credunt se extollere uestem,  
 totius umorem saccatum corpori' fundunt,  
 cum Babyloica magnifico splendore rigantur.  
 tum quibus aetatis freta primitus insinuatur 1030  
 semen, ubi ipsa dies membris matura creauit,  
 conueniunt simulacra foris e corpore quoque,  
 nuntia praeclari uultus pulchrique coloris,  
 qui ciet inritans loca turgida semine multo,  
 ut quasi transactis saepe omnibu' rebu' profundant 1035

pareceram produzir batalhas e lutas. 1010  
 Além disso, as mentes dos homens, que produzem grandes coisas  
 com grande movimento, muitas vezes fazem e produzem o mesmo nos sonhos:  
 os reis vencem, são capturados, travam combates,  
 levantam um clamor como se ali mesmo fossem degolados.  
 Muitos combatem e dão gemidos de dor 1015  
 e, como se fossem devorados pela mordedura de uma pantera  
 ou de um cruel leão, preenchem tudo com grandes clamores.<sup>35</sup>  
 Muitos, durante o sono, falam de importantes assuntos  
 e, frequentes vezes, denunciaram os próprios atos.  
 Muitos vão ter com a morte. Muitos, dos altos montes 1020  
 como os que se precipitam à terra com todo o corpo,  
 apavoram-se e, do sono, como que desvairados,  
 dificilmente voltam a si, muito agitados pela perturbação física.  
 Do mesmo modo, um sedento se senta perto de um rio ou de  
 uma fonte amena e sorve com a garganta quase todo o rio. 1025  
 Muitas vezes as crianças, atadas ao sono, acreditam erguer  
 as roupas junto de uma bacia ou de vasos baixos,  
 derramam o líquido filtrado de todo o corpo,  
 quando se molham os tapetes da Babilônia,<sup>36</sup> de magnífico esplendor.<sup>37</sup>  
 Então, naqueles em que há o ímpeto da juventude, a semente primeiro 1030  
 se insinua quando o próprio tempo fez amadurecer o corpo,  
 afluem simulacros de fora a partir de um corpo qualquer,  
 mensageiros de um rosto magnífico e de bela cor,<sup>38</sup>  
 que excita, irritando, os lugares túrgidos de muito sêmen,  
 de modo que, como se consumadas todas as coisas, vertem 1035

<sup>35</sup> Uma característica dos jogos de gladiadores era a “caçada”: os homens deveriam lutar contra touros, panteras, leões, leopardos e tigres. Cf. LUCRETIUS, 2008, p. 150.

<sup>36</sup> Vestuários da Babilônia eram brilhantemente coloridos e caros. Cf. LUCRETIUS, 2008, p. 151.

<sup>37</sup> A partir desse ponto, Lucrécio inicia sua exposição sobre o *amor*. Segundo Brown (1987, p. 86), o ataque ao amor representa o ápice do tema da ilusão no Livro IV. As ilusões de ótica, por exemplo, resultam em erros temporários e inofensivos. Os sonhos, por outro lado, são mais perigosos, tendo em vista que podem encorajar falsas crenças.

<sup>38</sup> Segundo Brown (1987, p. 72-37), como as imagens afetam somente os olhos ou diretamente a mente, Epicuro previu um tipo de reação em cadeia por meio da qual a influência prazerosa das imagens sobre os olhos é comunicada pela alma ao resto do corpo, desencadeando a excitação sexual demonstrada por Lucrécio nos versos 1030-1048.

fluminis ingentis fluctus uestemque cruentent.

Sollicitatur id in nobis, quod diximus ante,  
 semen, adulta aetas cum primum roborat artus.  
 namque alias aliud res commouet atque lacessit;  
 ex homine humanum semen ciet una hominis uis.

1040

quod simul atque suis eiectum sedibus exit,  
 per membra atque artus decedit corpore toto  
 in loca conueniens neruorum certa, cietque  
 continuo partis genitalis corporis ipsas.

inritata tument loca semine, fitque uoluntas

1045

eicere id quo se contendit dira libido,

1046

idque petit corpus, mens unde est saucia amore;

1048

namque omnes plerumque cadunt in uulnus, et illam

emicat in partem sanguis unde icimur ictu,

1050

et si comminus est, hostem ruber occupat umor.

sic igitur Veneris qui telis accipit ictus,

sive puer membris muliebribus hunc iaculatur

seu mulier toto iactans e corpore amorem,

unde feritur, eo tendit gestitque coire

1055

et iacere umorem in corpus de corpore ductum;

namque uoluptatem praesagit muta cupido.

ondas ingentes de líquido e mancham a roupa.<sup>39</sup>

Essa semente, como dissemos antes, é provocada em nós

logo que a idade do vigor fortalece os membros do corpo.<sup>40</sup>

Com efeito, diferentes estímulos despertam e incitam diferentes coisas;

apenas a força de um homem move, dentro de um homem, a semente humana.<sup>41</sup> 1040

Essa, logo que sai, lançada de sua morada,

é tirada do corpo todo pelas partes e membros,<sup>42</sup>

encontrando-se em certos locais dos nervos, e sem demora

excita as próprias partes genitais do corpo.

Incham-se as partes excitadas pela semente, dá-se a vontade 1045

de lançá-la aonde se direciona o duro desejo 1046

e o corpo busca aquilo com que a mente foi ferida de amor; 1048

com efeito, quase tudo em geral cai em direção à ferida, o sangue

brota naquela parte em que um golpe nos fere 1050

e, se está perto, o líquido rubro atinge o inimigo.

Desse modo, portanto, quem recebe uma ferida pelos dardos de Vênus,

quer um rapaz de membros femininos os atire,

quer uma mulher que lança amor do corpo inteiro,

aspira e anseia por unir-se ao autor da ferida 1055

e por lançar em um corpo o líquido conduzido de outro;

de fato, o desejo mudo pressagia a volúpia.<sup>43</sup>

<sup>39</sup> Brown comenta sobre: “Adornment is sparse, but effectively deployed. The bold metaphor of boiling seas (*aetatis freta*, 1030), for example, powerfully communicates the physical and emotional turbulence of adolescence, and the description of involuntary ejaculation (1035-36) is enlivened by ironic metaphors (*quasi transactis... omnibus rebus, cruentent*) and hyperbole (*seminis ingentis fluctus* [*seminis* Lambinus, mss. *Fluminis*]), which point up the embarrassingly substantial consequences of the insubstantial dream vision”. (1987, p. 64).

<sup>40</sup> Lucrécio faz uma transição suave e bem elaborada para sair do âmbito dos sonhos e adentrar o tópico sobre o sexo, falando sobre os “sonhos molhados” de um adolescente. Como esmiuçado por Brown: “Not only is there continuity of theme but the change of subject is rendered almost imperceptible by the presence of verbal echoes and repetitions that bind the two passages together”. (1987, p. 82).

<sup>41</sup> Consideramos “homem” aqui de modo genérico, referindo-se à raça humana. Logo, uma mulher pode influenciar um homem, um rapaz pode influenciar um homem (cf. v. 1053) ou um homem pode influenciar uma mulher (cf. v. 1192 e seg.). Cf. LUCRETIUS, 2008, p. 153.

<sup>42</sup> Segundo Brown (1982, p. 182-183), Lucrécio alude a uma doutrina básica de Epicuro, de que o sêmen é derivado de todo o corpo. Godwin, em seu comentário ao Livro IV, afirma que Demócrito e Hipócrates também acreditavam nisso. Cf. LUCRETIUS, 2008, p. 153.

<sup>43</sup> Os versos 1037-1057 apresentam, segundo Brown (1987, p. 108), uma explicação para a existência do desejo sexual: uma combinação de influência visual devido às emissões dos *simulacra* e acúmulo de sêmen.

Haec Venus est nobis; hinc autemst nomen amoris,  
 hinc illaec primum Veneris dulcedinis in cor  
 stillauit gutta, et successit frigida cura. 1060  
 nam si abest quod ames, praesto simulacra tamen sunt  
 illius, et nomen dulce obuersatur ad auris.  
 sed fugitare decet simulacra et pabula amoris  
 abstertere sibi atque alio conuertere mentem  
 et iacere umorem conlectum in corpora quaeque, 1065  
 nec retinere, semel conuersum unius amore,  
 et seruare sibi curam certumque dolorem;  
 ulcus enim uiuescit et inueterascit alendo,  
 inque dies gliscit furor atque aerumna grauescit,  
 si non prima nouis conturbes uolnera plagis 1070  
 uolgiuagaque uagus Venere ante recentia cures  
 aut alio possis animi traducere motus.

Nec Veneris fructu caret is qui uitat amorem,  
 sed potius quae sunt sine poena commoda sumit;  
 nam certe purast sanis magis inde uoluptas 1075  
 quam miseris. etenim potiundi tempore in ipso  
 fluctuat incertis erroribus ardor amantum,  
 nec constat quid primum oculis manibusque fruantur.  
 quod petiere, premunt arte faciuntque dolorem  
 corporis, et dentes inlidunt saepe labellis 1080  
 osculaque adfligunt, quia non est pura uoluptas  
 et stimuli subsunt qui instigant laedere id ipsum,  
 quodcumque est, rabies unde illaec germina surgunt.

Sed leuiter poenas frangit Venus inter amorem,  
 blandaque refrenat morsus admixta uoluptas; 1085

Isso é Vênus para nós;<sup>44</sup> daqui vem, além disso, o nome do amor;  
 daqui, primeiramente, aquela gota da doçura de Vênus pingou  
 no coração e seguiu-se um frígido cuidado. 1060  
 Na verdade, se está ausente o que amas, seus simulacros, contudo,  
 estão presentes, e o doce nome se oferece aos ouvidos.  
 Mas convém fugir dos simulacros, desviar de si os  
 alimentos do amor, voltar a mente a outro,  
 lançar em quaisquer corpos o líquido reunido 1065  
 e não convém retê-lo, definitivamente transformado pelo amor a um só,<sup>45</sup>  
 e reservar a si um cuidado e uma dor certa;  
 uma ferida, na verdade, agrava-se e se fortalece com o alimento,  
 todos os dias o furor se desenvolve e a inquietação piora,  
 se não perturbas as primeiras chagas com novos golpes 1070  
 e, errante, cuidas no início das recentes por meio de uma Vênus  
 inconstante,<sup>46</sup> ou mudas os movimentos do espírito para outra direção.  
 Nem aquele que evita o amor carece dos frutos de Vênus,  
 mas antes toma o que é cômodo sem tormento;  
 Pois, certamente, daí vem um prazer mais puro aosãos 1075  
 que aos infelizes. Na verdade, no próprio momento da posse  
 o ardor dos amantes oscila em desvarios incertos,  
 nem é certo do que usufruam primeiro com os olhos e com as mãos.  
 O que desejaram, apertam estreitamente e causam dor  
 física, muitas vezes cravam os dentes nos lábios 1080  
 e beijam com violência, porque não é puro o prazer,  
 e se ocultam ferrões que instigam a ferir aquilo mesmo,  
 o que quer que seja, de que nascem tais germes de frenesi.  
 Mas Vênus suspende de leve as penas em meio ao amor  
 e o agradável prazer, interpondo-se, refreia as mordidas; 1085

<sup>44</sup> Brown (1982, p. 197) considera, nesse ponto, Vênus como simplesmente um “impulso ejaculatório”, apenas um processo fisiológico.

<sup>45</sup> É também Brown que, ao analisar o uso de figuras de linguagem nessa parte do poema, repara em uma sutil brincadeira com palavras de Lucrécio nesse trecho. Em suas palavras “the physical origin of love is expressed subliminally by a pun [...] on the words *amor* and *umor*, which are repeatedly employed in alternation to draw attention to their similarity (*amore*, 1048, *umor* 1051, *iactans e corpore amore*, 1054, *iacere umorem in corpus*, 1056, *Amoris*, 1058, *amoris*, 1063, *umorem*, 1065, *amore*, 1066)”. (1987, p. 64).

<sup>46</sup> Uma metonímia para o sexo promíscuo. Cf. BROWN, 1982, p. 215.

namque in eo spes est, unde est ardoris origo,  
 restingui quoque posse ab eodem corpore flammam.  
 quod fieri contra totum natura repugnat:  
 unaque res haec est, cuius quam plurima habemus,  
 tam magis ardescit dira cuppedine pectus. 1090  
 nam cibus atque umor membris adsumitur intus;  
 quae quoniam certas possunt obsidere partis,  
 hoc facile expletur laticum frugumque cupido.  
 ex hominis uero facie pulchroque colore  
 nil datur in corpus praeter simulacra fruendum 1095  
 tenuia; quae uento spes raptast saepe misella.  
 ut bibere in somnis sitiens quom quaerit, et umor  
 non datur, ardorem qui membris stinguere possit,  
 sed laticum simulacra petit frustra laborat  
 in medioque sitit torrenti flumine potans, 1100  
 sic in amore Venus simulacris ludit amantis,  
 nec satiare queunt spectando corpora coram,  
 nec manibus quicquam teneris abradere membris  
 possunt errantes incerti corpore toto.  
 denique cum membris conlatis flore fruuntur 1105  
 aetatis, iam cum praesagit gaudia corpus  
 atque in eost Venus ut muliebria conserat arua,  
 adfigunt auide corpus iunguntque saliuas  
 oris et inspirant pressantes dentibus ora--  
 nequiquam, quoniam nihil inde abradere possunt 1110  
 nec penetrare et abire in corpus corpore toto;  
 nam facere interdum uelle et certare uidentur:  
 usque adeo cupide in Veneris compagibus haerent,  
 membra uoluptatis dum ui labefacta liquescunt.  
 tandem ubi se erupit neruis conlecta cupido, 1115  
 parua fit ardoris uiolenti pausa parumper.  
 inde redit rabies eadem et furor ille reuisit,

com efeito, aqui, no que é a origem do ardor, há a esperança  
 de que também possa a chama ser extinta pelo mesmo corpo:  
 mas a natureza rejeita, ao contrário, que isso se dê por inteiro.  
 Esta é a única coisa que, quanto mais temos,  
 tanto mais o peito se inflama com um selvagem desejo. 1090  
 Pois o alimento e a bebida são tomados no interior pelos membros;  
 e, porque podem ocupar partes determinadas,  
 o desejo de água e grãos facilmente é satisfeito.  
 Mas nada da face do homem e de uma bonita cor  
 é oferecido ao corpo para usufruir, exceto tênues 1095  
 simulacros; essa esperança infeliz muitas vezes foi levada pelo vento.  
 Como quando, em sonhos, um sedento busca beber e não se dá  
 bebida que possa extinguir o ardor dos membros,  
 mas busca simulacros de líquidos, em vão se esforça  
 e, bebendo no meio de um rio impetuoso, tem sede, 1100  
 assim Vênus, no amor, ilude os amantes com simulacros,  
 nem os corpos podem saciar, em sua presença, a quem os olha,  
 nem podem arrebatrar com as mãos algo dos tenros  
 membros, errando incertos por todo o corpo.  
 Enfim, quando, reunidos os membros, desfrutam da 1105  
 flor da idade, quando o corpo já pressagia os prazeres  
 e Vênus está no ponto em que semeia os campos femininos,  
 avidamente juntam os corpos, unem as salivas  
 da boca e inspiram, pressionando os lábios com os dentes;  
 inutilmente, pois com isso nada podem arrebatrar, 1110  
 nem penetrar e desaparecer de corpo inteiro no outro corpo;  
 na verdade, parecem às vezes querer fazê-lo, e lutar;  
 a tal ponto se prendem avidamente nos laços de Vênus,  
 enquanto os membros desfalecem abatidos pela força da volúpia.  
 Finalmente, quando o desejo<sup>47</sup> reunido dos nervos irrompeu, 1115  
 dá-se uma pequena pausa, momentaneamente, no violento ardor.  
 Daí a mesma raiva volta e aquele furor revisita

<sup>47</sup> *Cupido*, aqui, é uma metáfora para esperma. Cf. LUCRETIUS, 2008, p. 159.

cum sibi quod cupiant ipsi contingere quaerunt,  
 nec reperire malum id possunt quae machina uincat:  
 usque adeo incerti tabescunt uolnere caeco.

1120

Adde quod absumunt uiris pereuntque labore,  
 adde quod alterius sub nutu degitur aetas.  
 languent officia atque aegrotat fama uacillans.  
 labitur interea res et Babylonia fiunt

unguenta, et pulchra in pedibus Sicyonia rident;  
 scilicet et grandes uiridi cum luce zmaragdi  
 auro includuntur, teriturque thalassina uestis  
 adsidue et Veneris sudorem exercita potat;

1125

et bene parta patrum fiunt anademata, mitrae,  
 interdum in pallam atque Alidensia Ciaque uertunt;  
 eximia ueste et uictu conuiuia, ludi,

1130

pocula crebra, unguenta, coronae, sarta parantur-  
 nequiquam, quoniam medio de fonte leporum  
 surgit amari aliquid quod in ipsis floribus angat,  
 aut cum conscius ipse animus se forte remordet

1135

quando eles mesmos buscam tocar o que desejam para si,  
 e não podem descobrir que artifício vença aquele mal,  
 a tal ponto se consomem, incertos, com uma ferida cega.<sup>48</sup> 1120  
 Acrescenta a isto que consomem suas forças e perecem de sofrimento,  
 acrescenta que a vida passa sob a anuência de um outro.  
 Os deveres se negligenciam e a reputação vacilante sofre.  
 Enquanto isso, os bens oscilam e tornam-se perfumes  
 da Babilônia, e bonitos calçados de Sícion<sup>49</sup> riem nos pés; 1125  
 naturalmente, também grandes esmeraldas de brilho verde  
 encerram-se em ouro, a veste verde-mar gasta-se  
 com frequência e, agitada, bebe o suor de Vênus;  
 os bens honestamente adquiridos dos pais tornam-se faixas, mitras,  
 por vezes se mudam em mantos de Alinda<sup>50</sup> e de Ceos;<sup>51</sup> 1130  
 preparam-se banquetes com magníficos panos e alimentos,  
 jogos, bebidas abundantes, perfumes, coroas, grinaldas;  
 inutilmente, pois que do meio da fonte dos encantos  
 surge algo de amargo que aflige nas próprias flores,<sup>52</sup>  
 ou quando o próprio espírito consciente por acaso se atormenta 1135

<sup>48</sup> Brown explica que “In this paragraph, Lucretius portrays sex in a highly unflattering light. Violent and frustrating in practice (1076-85, 1105-20), it is compared unfavorably with the appetites of hunger and thirst, which are easily satisfied (1086-1104). This comparison is probably influenced by Epicurus’ hierarchical ranking of desires, according to which the natural but unnecessary, desire for sex ranks bellows desires such as hunger and thirst which are natural and necessary” (1987, p. 65).

<sup>49</sup> Como afirma Brown (1987, p. 256-257), “a high quality brand of shoe, apparently used mainly by woman and considered effeminate for men”.

<sup>50</sup> Brown (1987, p. 262) afirma que Alinda e Ceos são palavras problemáticas. Alinda pode tanto ser de Élis, Grécia, “since Pliny mentions a type of Elean byssus which is *deliciae mulierum* (Nat. 19.20), perhaps Lucretius is taking a metrical liberty in using the word with a short *a*”, ou, alternativamente, Alinda poderia ser uma referência “to the inland Carian city of Alinda (Wakefield), whose inhabitants are called *Alidienses* by Pliny [...]”. Brown acredita que sua menção tenha a ver com sua fama por lã e têxteis. Já Ceos pode ser uma referência “to the Ionian island of Chios”, também uma famosa exportadora de roupas.

<sup>51</sup> Segundo Brown (1987, p. 250), os exóticos presentes testemunham a presença de luxos gregos em Roma após a conquista da Grécia. É bem conhecido na historiografia romana que a prosperidade resultante da expansão imperial levou a um “declínio” da moral. Lucrécio parece ter explorado bem sutilmente esse aspecto em “a vida passa sob a anuência de outro” (v. 1022), que alude a uma dominação feminina e, conseqüentemente, a mulheres independentes.

<sup>52</sup> Há aqui uma ideia de insatisfação no meio da abundância e, segundo Brown (1987, p. 77) relembra a frustração do amante nas relações sexuais.

desidiose agere aetatem lustrisque perire,  
aut quod in ambiguo uerbum iaculata reliquit  
quod cupido adfixum cordi uiuescit ut ignis,  
aut nimium iactare oculos aliumue tueri  
quod putat, in uoltuque uidet uestigia risus. 1140

Atque in amore mala haec proprio summeque secundo  
inueniuntur; in aduerso uero atque inopi sunt,  
prendere quae possis oculorum lumine operto,  
innumerabilia; ut melius uigilare sit ante,  
qua docui ratione, cauereque ne inliciaris. 1145

nam uitare, plagas in amoris ne laciamur,  
non ita difficile est quam captum retibus ipsis  
exire et ualidos Veneris perrumpere nodos.  
et tamen implicitus quoque possis inque peditus  
effugere infestum, nisi tute tibi obuius obstes 1150

et praetermittas animi uitia omnia primum  
aut quae corpori' sunt eius, quam praepetis ac uis.  
nam faciunt homines plerumque cupidine caeci  
et tribuunt ea quae non sunt his commoda uere.  
multimodis igitur prauas turpisque uidemus 1155

esse in deliciis summoque in honore uigere.  
atque alios alii inrident Veneremque suädent  
ut placent, quoniam foedo adflicentur amore,

de passar a vida ociosamente e arruinar-se em orgias,<sup>53</sup>  
 ou porque, tendo lançado uma palavra ambígua, deixou para trás  
 o que se aviva como fogo, preso a cúpido coração,  
 ou porque julga que atira olhares em demasia ou observa  
 outro, e vê no rosto dela vestígios de riso.<sup>54</sup> 1140

E esses males se encontram no amor estável e no mais  
 feliz; mas, no infeliz e desafortunado, são  
 inumeráveis os males que possas surpreender de olhos  
 fechados; de modo que é melhor vigiar antes,  
 como ensinei, e cuidar para que não sejas pego em armadilhas. 1145

Na verdade, evitar que sejamos atraídos aos limites do amor  
 não é tão difícil quanto, capturados pelos mesmos laços,  
 sair e quebrar os fortes nós de Vênus.

Contudo, enlaçado e preso também poderias  
 fugir do perigo se tu mesmo, impedindo, não te pusesses obstáculo, 1150  
 começando por deixar passar todos os vícios do espírito  
 ou do corpo de quem solicitas e desejas.

Pois geralmente o fazem os homens cegos de desejo  
 e atribuem às mulheres aquelas qualidades que realmente não têm.

Assim, as de muitos modos defeituosas e feias vemos 1155  
 serem objeto de amor e prosperarem com a maior honra,  
 e uns amantes riem dos outros e aconselham que acalmem  
 Vênus, pois se afligem por um amor vergonhoso,

<sup>53</sup> Para Brown, “the dream of drinking provides a particularly apt comparison to the lover’s condition, but nearly all the dreams described by Lucretius in 962-1036 exhibit features of obsessive effort or emotion which are similar, in a general way, to those he perceives in the life of love. Dreaming racehorses, for example, pant and sweat and strain their muscles to win the palm of victory (987-90) – much like the lovers in the throes of sex (1105-14), as they race to complete the course of Venus (*spatium decurrere amoris*, 1196); and hunting dogs yelp and kick their legs in pursuit of “empty images” (*inania ... simulacra*, 995-96) like those which tantalize the lover (*simulacra ... tenuia*, 1095-96). Dreams, like love, also involve the magnification of a small stimulus into a complete fantasy. Even the moment of awakening, when error is dispelled and dogs or people return to consciousness (997, 1023), finds its parallel in the life of the lover, when he tastes the bitter drop to disillusionment (1133-34) or curses his blind stupidity (1183-84)”. Ainda que o estudioso considere tênues algumas dessas associações, explica que “in view of the more tangible connections identified above, it seems not unreasonable to suggest that ideas of error, vain pursuit, and emotional disturbance (which is especially prominent in the last group of dreams) are deliberately carried over from the one discussion to the other” (1987, p. 84).

<sup>54</sup> Segundo Godwin, em seu comentário ao Livro IV do *De Rerum Natura*, os detalhes do trecho entre os versos 1023-1040 são características da Comédia Romana: um jovem gastando a riqueza de seu pai com uma garota. Cf. LUCRETIUS, 2008, p. 160.

nec sua respiciunt miseri mala maxima saepe.  
 nigra "melichrus" est, immunda et fetida "acosmos", 1160  
 caesia "Palladium", neruosa et lignea "dorcias",  
 paruula pumilio, "chariton mia", "tota merum sal",  
 magna atque inmanis "cataplexis plenaque honoris".  
 balba loqui non quit- "traulizi"; muta "pudens" est;  
 at flagrans odiosa loquacula "lampadium" fit; 1165  
 "ischnon eromenion" tum fit, cum uiuere non quit  
 prae macie; "rhadine" uerost iam mortua tussi;  
 at tumida et mammosa "Ceres" est "ipsa ab Iaccho",  
 simula "Silena ac saturast", labeosa "philema".  
 cetera de genere hoc longum est si dicere coner. 1170  
 Sed tamen esto iam quantouis oris honore,  
 cui Veneris membris uis omnibus exoriatur:  
 nempe aliae quoque sunt; nempe hac sine uiximus ante;  
 nempe eadem facit - et scimus facere - omnia turpi,  
 et miseram taetris se suffit odoribus ipsa, 1175  
 quam famulae longe fugitant furtimque cachinnant.  
 at lacrimans exclusus amator limina saepe  
 floribus et sertis operit postisque superbos  
 unguis amaracino et foribus miser oscula figit;  
 quem si, iam ammissum, uenientem offenderit aura 1180  
 una modo, causas abeundi quaerat honestas,

e muitas vezes não reconhecem, infelizes, seus enormes males.

A negra é cor de mel, uma imunda e fétida, sem vaidade; 1160

a de olhos verdes, uma pequena Palas,<sup>55</sup> a seca e descarnada, uma gazela;

a anãzinha, uma das Graças,<sup>56</sup> um puro grão de sal;

uma grande e imensa, um estupor e cheia de dignidade;

a gaga, que não pode falar, murmura; a muda é pudica;

mas a ardente, desagradável e faladora torna-se um vulcãozinho; 1165

a que não pode viver por causa de sua magreza torna-se, então,

um delicado amorzinho; é realmente delicada a já morta pela tosse,

mas a cheia, a de grandes mamas é a própria Ceres de Baco;<sup>57</sup>

a de nariz chato, é Silena,<sup>58</sup> uma sátira; a de grandes lábios, um beijo;<sup>59</sup>

se tentasse continuar toda essa lista, eu me estenderia. 1170

Mas, agora, seja o seu rosto de quanta beleza quiseres,

nela a força de Vênus apareça em todos os membros;

decerto também há outras, decerto vivemos antes sem ela;

decerto faz – e sabemos que faz – tudo igual à feia,

e ela mesma se imbui, infeliz, de odores horríveis, 1175

dela as criadas fogem, distantes, e furtivamente riem.<sup>60</sup>

Mas o amante excluído, chorando, cobre muitas vezes as soleiras

com flores e grinaldas, unge os soberbos umbrais

com perfume de manjerona e, infeliz, dá beijos à porta;

se a ele que viesse, já admitido na casa, apenas atingisse uma 1180

única lufada, buscaria honestos motivos para ir-se embora,

<sup>55</sup> Palas Atena é frequentemente chamada de *glaukopis* (olhos cinza-esverdeados) em Homero. Cf. LUCRETIUS, 2008, p. 163. Refere-se à Minerva – ou Atena – que colocou o nome Palas antes do seu para honrar uma amiga de infância, Palas, filha de Trítón, a quem matou, ainda criança, quando brincavam de guerra juntas. Cf. MORFORD; LENARDON, 2003, p. 163-164.

<sup>56</sup> As Graças, geralmente três, são personificações de aspectos do encanto, sendo frequentemente associadas com Afrodite. Cf. MORFORD; LENARDON, 2003, p. 174.

<sup>57</sup> Referência a Ceres – ou Deméter –, deusa dos trigais (cf. MORFORD; LENARDON, 2003, p. 633). De acordo com Brown (1987, p. 292), uma tradução para a expressão seria “Ceres in consequence of the (birth/conception) of Iacchus”, visto que a deusa, jovial e alegre, “pariu Coré e o robusto Iaco fora do matrimônio”.

<sup>58</sup> De acordo com Brown (1987, 0. 293), “‘a she-Silenus’, a unique description”. Sileno era um dos sátiros que acompanhava Dioniso.

<sup>59</sup> “The most spectacular instance of literary influence is undoubtedly the list of lovers’ pet names in 1160-69 [...] This theme derives, directly or indirectly, from a passage of Plato’s *Republic* which was very well-known in antiquity”. (BROWN, 1987, p. 128)

<sup>60</sup> Segundo Brown (1987, p. 296-297), a prática de se aplicar fumos era vista como um tipo de tratamento ginecológico e foi mencionada por Lucrécio apenas para demonstrar, mais uma vez, que todas as mulheres estão sujeitas às mesmas doenças e utilizam-se dos mesmos tratamentos, mesmo que estes sejam pouco dignos.

et meditata diu cadat alte sumpta querella,  
 stultitiaque ibi se damnet, tribuisse quod illi  
 plus uideat quam mortali concedere par est.  
 nec Veneres nostras hoc fallit; quo magis ipsae  
 omnia summo opere hos uitae postscaenia celant  
 quos retinere uolunt adstrictosque esse in amore-  
 nequiquam, quoniam tu animo tamen omnia possis  
 protrahere in lucem atque omnis inquirere risus,  
 et, si bello animos et non odiosa, uicissim  
 praetermittere et humanis concedere rebus.

1185

1190

Nec mulier semper ficto suspirat amore  
 quae complexa uiri corpus cum corpore iungit  
 et tenet adsuctis umectans oscula labris;  
 nam facit ex animo saepe et, communia quaerens  
 gaudia, sollicitat spatium decurrere amoris.

1195

nec ratione alia uolucres armenta feraeque  
 et pecudes et equae maribus subsidere possent,  
 si non, ipsa quod illarum subat ardet abundans  
 natura et Venerem salientum laeta retractat.

1200

nonne uides etiam quos mutua saepe uoluptas  
 uinxit, ut in uinclis communibus excrucientur?  
 in triuuis cum saepe canes, discedere auentes,  
 diuorsi cupide summis ex uiribu' tendunt,  
 quom interea ualidis Veneris compagibus haerent.  
 quod facerent numquam, nisi mutua gaudia nossent,  
 quae lacere in fraudem possent uinctosque tenere.

1205

e a queixa preparada por muito tempo e sentida no fundo decairia,  
e então se condenaria pela loucura, porque parece ter  
atribuído a ela mais do que é justo conceder a uma mortal.

Nem isso se oculta a nossas Vênus;<sup>61</sup> quanto mais elas próprias, com grande 1185  
dificuldade, escondem todos os bastidores da vida daqueles  
que desejam reter e que estejam atados no amor.

Inutilmente, pois tu com o espírito tudo poderias  
trazer à luz e buscar descobrir a causa de todas as gozações;  
e, se ela tem um belo espírito e não é odiosa, poderias, 1190  
por seu turno, esquecer e perdoar as falhas humanas.

Nem sempre com um amor fingido suspira a mulher  
que, abraçada a um corpo viril, une corpo a corpo  
e segura, umedecendo as bocas com os lábios sugadores;  
pois, muitas vezes, ela o faz de coração e, procurando 1195  
alegrias comuns, leva-o a percorrer a carreira do amor.<sup>62</sup>

Nem de outro modo as aves, os rebanhos grossos, as feras,  
o gado miúdo e as éguas poderiam submeter-se aos machos,  
se não porque sua própria natureza, transbordando, está no cio  
e se inflama e, com alegria, apropria-se da Vênus dos que cobrem. 1200

Acaso não vês, ainda, como muitas vezes os que a mútua  
volúpia uniu se atormentam nos laços comuns?

Pois que, muitas vezes, os cães nas encruzilhadas, desejosos de separar-se,  
dirigem-se empenhados para partes contrárias com a máxima força  
quando, neste ínterim, ficam presos pelos fortes nós de Vênus. 1205

Pois nunca o fariam se não experimentassem prazeres mútuos  
que pudessem atrair ao laço e manter unidos.

<sup>61</sup> Consideramos “nossas Vênus” aqui como as amantes – ou meretrizes – dos versos anteriores. Cf. BROWN, 1987, p. 303; LUCRETIUS, 2008, p. 164.

<sup>62</sup> Brown afirma ser instrutivo comparar os versos 1192-1196 com a descrição da relação sexual dos anteriores 1073-1120, elucidando que “for in almost every detail the woman’s lovemaking makes a more sensual impression than that of the obsessive man: *she* sighs (1192) while *he* breathes in through clenched teeth (1109); *she* enfolds her lover (1193) while *he* squeezes painfully (1079); *she* showers moist kisses (1194) while *he* inflicts violent bites and exchanges saliva (1080, 1108-09); *she* urges her lover towards a mutually pleasurable climax (1195-96) while *he* ineffectually scrapes the other body with his hands or seems intent on driving himself completely within it (1110-12), while his limbs collapse and melt under the force of pleasure (1114) – on the one hand, an affectionate act leading to mutual satisfaction; on the other, a one-sided and desperate act of near violence, the pleasure of which is swamped with frustration”. (1987, p. 66). Ao apontar tais distinções, o acadêmico conclui, portanto, que se o primeiro ato foi movido por puro instinto, o segundo foi corrompido por vontades fúteis.

quare etiam atque etiam, ut dico, est communi' uoluptas.

Et commiscendo quom semine forte uirilem  
 femina uim uicit subita ui corripuitque, 1210  
 tum similes matrum materno semine fiunt,  
 ut patribus patrio. sed quos utriusque figurae  
 esse uides, iuxtim miscentes uulta parentum,  
 corpore de patrio et materno sanguine crescunt,  
 semina cum Veneris stimulis excita per artus 1215  
 obuia confligit conspirans mutuus ardor,  
 et neque utrum superauit eorum nec superatumst.

Fit quoque ut interdum similes existere auorum  
 possint et referant proauorum saepe figuras,  
 propterea quia multa modis primordia multis 1220  
 mixta suo celant in corpore saepe parentes,  
 quae patribus patres tradunt a stirpe profecta;  
 inde Venus uaria producit sorte figuras  
 maiorumque refert uoltus uocesque comasque,  
 quandoquidem nilo magis haec de semine certo 1225  
 fiunt quam facies et corpora membraque nobis.

Et muliebre oritur patrio de semine saeclum,  
 maternoque mares existunt corpore creti;  
 semper enim partus duplici de semine constat,  
 atque utri similest magis id quodcumque creatur, 1230  
 eius habet plus parte aequa; quod cernere possis,  
 siue uirum suboles siuest muliebris origo.

Nec diuina satum genitalem numina cuiquam  
 absterrent, pater a gnatis ne dulcibus umquam  
 appelletur et ut sterili Venere exigat aeuom; 1235  
 quod plerumque putant, et multo sanguine maesti  
 conspergunt aras adolentque altaria donis,  
 ut grauidas reddant uxores semine largo.  
 nequiquam diuom numen sortisque fatigant;  
 nam steriles nimium crasso sunt semine partim, 1240

Por isso, continuamente, como digo, é comum o prazer.  
 E, misturando-se a semente, quando por acaso a mulher  
 venceu a força viril com súbita influência e dela se apoderou, 1210  
 então semelhantes às mães se fazem pela semente materna;  
 como os pais, pela paterna. Mas os que vêm tendo  
 as duas aparências, igualmente misturados os rostos dos pais,  
 crescem do corpo paterno e do sangue materno,  
 quando as sementes, excitadas pelos estímulos de Vênus e vindo de encontro 1215  
 pelos membros, mútuo ardor uniu em concordância  
 e nenhuma delas venceu, nem foi vencida.  
 Dá-se também que algumas vezes possam ser semelhantes  
 aos avós e reproduzam, muitas vezes, as feições dos bisavós,  
 porque os elementos iniciais, em grande número e de muitas formas 1220  
 misturados, ocultam em seu corpo muitas vezes os pais,  
 e esses elementos pais a filhos transmitem advindos da linhagem;  
 deles Vênus apresenta figuras com variável êxito  
 e reproduz rostos, vozes e cabelos dos antepassados,  
 visto que tudo se dá de uma semente determinada 1225  
 não menos que nossas faces, corpos e membros.  
 Também o sexo feminino nasce da semente paterna,  
 e surgem homens gerados do corpo materno;  
 pois sempre o nascimento consiste em dupla semente  
 e qualquer filho que é gerado mais semelhante a um dos dois 1230  
 tem desse mais que a metade; o que podes ver  
 quer seja a criança menino, quer menina.  
 E os poderes divinos não afastam a semente geradora  
 de alguém, de modo que nunca seja chamado pai pelos  
 filhos queridos e atravesse a vida sob uma Vênus estéril; 1235  
 em geral acreditam nisso e, tristes, molham as aras  
 com muito sangue e carregam os altares de oferendas,  
 para que, com abundante semente, engravidem as esposas.  
 Em vão fatigam o poder dos deuses e da sorte;  
 pois em parte são estéreis pela semente demasiadamente espessa 1240

et liquido praeter iustum tenuique uicissim.  
 tenue locis quia non potis est adfigere adhaesum,  
 liquitur extemplo et reuocatum cedit abortu.  
 crassius hinc porro quoniam concretius aequo  
 mittitur, aut non tam prolixo prouolat ictu 1245  
 aut penetrare locos aequae nequit aut penetratum  
 aegre admiscetur muliebri semine semen.  
 nam multum harmoniae Veneris differre uidentur.  
 atque alias alii complent magis, ex aliisque  
 succipiunt aliae pondus magis inque grauescunt. 1250  
 et multae steriles Hymenaeis ante fuerunt  
 pluribus, et nactae post sunt tamen unde puellos  
 suscipere et partu possent ditescere dulci.  
 et quibus ante domi fecundae saepe nequissent  
 uxoris parere, inuentast illis quoque compar 1255  
 natura, ut possent gnatis munire senectam.  
 usque adeo magni refert, ut semina possint  
 seminibus commisceri genitaliter apta,  
 crassaque conueniant liquidis et liquida crassis.  
 atque in eo refert quo uictu uita colatur; 1260  
 namque aliis rebus concresecunt semina membris  
 atque aliis extenuantur tabentque uicissim.  
 Et quibus ipsa modis tractetur blanda uoluptas,  
 id quoque permagni refert; nam more ferarum  
 quadrupedumque magis ritu plerumque putantur 1265  
 concipere uxores, quia sic loca sumere possunt,  
 pectoribus positis, sublatis semina lumbis.  
 nec molles opu' sunt motus uxoribus hilum;  
 nam mulier prohibet se concipere atque repugnat,  
 clunibus ipsa uiri Venerem si laeta retractat 1270  
 atque exossato ciet omni pectore fluctus;  
 eicit enim sulcum recta regione uiaque  
 uomeris atque locis auertit seminis ictum.

e, por seu turno, por uma fluida e tênue em excesso.

A tênue, porque não pode fixar-se fortemente nos lugares,

logo se esvai e volta atrás com um aborto.

Além disso, a mais espessa, porque é lançada deles mais condensada

do que o conveniente, ou não voa com um jato tão longo 1245

ou não pode bem penetrar nos lugares ou, tendo penetrado,

difícilmente se mistura a semente com a semente feminina.

Pois as harmonias de Vênus parecem diferir muito.

E uns engravidam mais outras, de outros

umas recebem mais o peso e engravidam. 1250

E muitas antes foram estéreis por muitos

Himeneus, e depois, contudo, encontraram de quem

gerar filhos e poder se enriquecer com doce prole.

E, para aqueles cujas esposas férteis não puderam, muitas vezes,

conceber em casa, uma companheira natural para eles também foi 1255

encontrada, de modo que pudessem proteger com filhos a velhice.

A tal ponto muito importa que sementes apropriadas

possam misturar-se a sementes por via fértil,

e as espessas se combinem às fluidas e as fluidas às espessas.

E neste ponto importa com que alimento a vida se mantém;

pois com uns alimentos crescem as sementes pelos membros 1260

e com outros se enfraquecem e, por sua vez, consomem-se.

E por qual modo o próprio e agradável prazer é obtido

também muitíssimo importa; pois, à maneira das feras

e dos quadrúpedes, pela posição, em geral se julga que as esposas 1265

concebem mais porque assim as sementes podem apropriar-se

dos lugares, estando os peitos inclinados e os lombos elevados.

E as esposas não têm necessidade de movimentos lascivos;

pois a mulher impede e resiste a que conceba,

se ela, em seu prazer, traz a si a Vênus do homem com as ancas 1270

e, com o corpo todo flexível, agita os humores;

com efeito, lança fora o sulco do lugar certo e da via

do arado e afasta dos lugares o golpe da semente.

idque sua causa consuerunt scorta moueri,  
ne complerentur crebro grauidaeque iacerent,  
et simul ipsa uiris Venus ut concinnior esset;  
coniugibus quod nil nostris opus esse uidetur.

1275

Nec diuinitus interdum Venerisque sagittis  
deteriore fit ut forma muliercula ametur;  
nam facit ipsa suis interdum femina factis  
morigerisque modis et munde corpore culto,  
ut facile insuescat te secum degere uitam.

1280

quod superest, consuetudo concinnat amorem;  
nam leuiter quamuis quod crebro tunditur ictu,  
uincitur in longo spatio tamen atque labascit.  
nonne uides etiam guttas in saxa cadentis  
umoris longo in spatio pertundere saxa?

1285

Assim, no seu próprio interesse, as meretrizes costumaram se mover,  
para não conceberem com frequência e ficarem grávidas 1275  
e, ao mesmo tempo, para que fosse mais agradável aos homens a própria Vênus;  
nada que pareça ser necessário a nossas esposas.  
Nem por vontade divina e pelas flechas de Vênus às vezes  
se dá que uma mulherzinha feia seja amada;  
pois às vezes a própria mulher faz, com seus atos, 1280  
com os modos dóceis e com o corpo em alinhado e limpeza,  
que facilmente te acostume a conviver consigo.  
Ainda, o hábito produz o amor;  
pois o que é atingido repetidas vezes, mesmo de leve,  
a longo prazo, contudo, é vencido e deixa-se abater. 1285  
Acaso não vês que as gotas de água que caem  
nas pedras, a longo prazo, perfuram-nas?

### Referências bibliográficas

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A Poética Clássica*. Introdução por Roberto de Oliveira Brandão; trad. direta do grego e do latim por Jaime Bruna. 12<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

ARISTOTLE; LONGINUS; DEMETRIUS. *Poetics; On the sublime; On style*. Edited and translated by Stephen Halliwell; edited and translated by W. Hamilton Fyfe, revised by Donald Russell; edited and translated by Doreen C. Innes, based on the translation by W. Rhys Roberts. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1995.

ASMIS, E. Lucretius' Venus and Stoic Zeus. In: GALE, M. R. (org.). *Oxford Readings in Classical Studies: Lucretius*. New York: Oxford University Press Inc., 2007, p. 88-103.

BOYANCÉ, P. *Lucrece et l'épicurisme romain*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.

BRITTO, P. H. *A Tradução Literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BROWN, R. D. *Lucretius on love and sex: A Commentary on "De Rerum Natura" IV, 1030-1287, with Prolegomena, text, and translation*. New York: Brill, 1987.

CONTE, G. B. Aristaeus, Orpheus, and the "Georgics". In: CONTE, G. B. *The Rhetoric of Imitation: Genre and Poetic Memory in Virgil and Other Latin Poets*. Translated from the Italian, edited and with a foreword by Charles Segal. New York: Cornell University Press, 1996, p. 130-140.

CONTE, G. B. Introduzione. In: VIRGILIO. *Georgiche*. A cura di A. Barchiesi. Milano: Mondadori, 1983, p. VI-XXXI.

DICIONÁRIO de latim-português. 3<sup>a</sup> ed. Porto: Porto Ed., 2008. (Dicionarios Editora)

DIOGENES LAERTIUS. *Lives of eminent philosophers*. With an English translation by R. D. Hicks. London/New York: William Heinemann/G. P. Putnam's Sons, 1925. (The Loeb Classical Library, v. 185)

DIÓGENES LAÊRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução do grego, introdução e notas Mário da Gama Kury. 2ª ed., reimpressão. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

EPICURO. *Carta sobre a felicidade: (a Meneceu)*. Tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

EPICURO, *et alii*. *Antologia de textos; Da Natureza; Da república; Consolação à minha mãe Hélvia; Da tranquilidade da alma; Medeia; Apocoloquintose do Divino Cláudio; Meditações*. Tradução e notas de Agostinho da Silva *et alii*; estudos introdutórios de E. Joyau e G. Ribbeck. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

FABRE-SERRIS, J. La notion de “uoluptas” chez Lucrèce et sa réception dans la poésie érotique romaine. In. BOULÈGUE, L.; LÉVY, C. (org.) *Hédonismes: penser et dire le plaisir dans l'Antiquité et à la Renaissance*. Lille: Presses Universitaires du Septentrion, 2007, p. 141-159.

FARIA, E. *Dicionário Latino-Português*. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2003.

FLORIO, R. *Poesía didáctica y oratoria en Roma*. Bahía Blanca: Universidad Nacional del Sur, 1997.

GALE, M. R. *Myth and poetry in Lucretius*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

GALE, M. R. Man and beast in Lucretius and the “Georgics”. *The Classical Quarterly*, Cambridge, v. 41, n. 02, p. 414-426, 1991.

GALE, M. R. *Lucretius*. New York: Oxford University Press Inc., 2007.

GALE, M. R. *Virgil on the nature of things: the “Georgics”, Lucretius and the didactic tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

GALE, M. R. (org.). *Oxford Readings in Classical Studies: Lucretius*. New York: Oxford University Press Inc., 2007.

GLARE, P. G. W. (org.). *Oxford Latin dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1968.

GOLDSTEIN, N. *Versos, sons, ritmos*. 9ª ed. São Paulo: Ática, 1995. (Princípios).

GOULET-CAZÉ, M.-O.; BRANHAM, R. B. (org.). *Os cínicos: o movimento cínico na Antiguidade e o seu legado*. Trad. Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GRILLI, A. Lettura del III libro delle “Georgiche”. In: GIGANTE, M. (org.). *Lecturae Vergilianae: volume secondo – Le “Georgiche”*. Napoli: Giannini, 1982, p. 87-120.

GRIMAL, P. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.

HADOT, P. *O que é a filosofia antiga?* Trad. Dion Davi Macedo. 3ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HESÍODO. *Teogonia*. Trad. e introd. Christian Werner. São Paulo: Hedra, 2013a.

HESÍODO. *Trabalhos e dias*. Trad. e introd. Christian Werner. São Paulo: Hedra, 2013b.

HOMER. *The Iliad*. Edited by T. E. Page, E. Capps, W.H.D. Rouse. With an English translation by A. T. Murray. London: William Heinemann LTD, 1928.

HOMER. *The Odyssey*. With an English translation by A. T. Murray. London: William Heinemann LTD, 1945.

HOMERO. *Iliada*. Trad. e prefácio de Frederico Lourenço; introdução e apêndices de Peter Jones; introdução à edição de 1950 E. V. Rieu. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

HOMERO. *Odisseia*. Trad. e prefácio de Frederico Lourenço; introdução e notas de Bernard Knox. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

LUCRÈCE. *De la nature*. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1955. Vol. I.

LUCRÈCE. *De la nature*. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1956. Vol. II.

LUCRÉCIO. *De Rerum Natura*. With an English translation by W. H. D. Rouse. 3ª ed. London: W. Heinemann, 1937. (The Loeb Classical Library)

LUCRETIUS. *De Rerum Natura IV*. With an introduction, translation and commentary by John Godwin. Eastbourne, Great Britain: Aris & Phillips, 2008.

MARTINDALE, C. *The Cambridge Companion do Virgil*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

MORFORD, M. P. O.; LENARDON, R. J. *Classical Mythology*. 7th edition. New York/Oxford: Oxford University Press, 2003.

NELSON, S. *God and the land: the metaphysics of farming in Hesiod and Vergil*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1998.

NOVAK, M. G. O Lucreciano “De Rerum Natura” e o hino a Vênus. *Clássica: Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, Belo Horizonte, vol. 2, p. 109-121, 1989.

OVID. *Heroides and Amores*. Edited by T. E. Page and W. H. D. Rouse. With an English translation by Grant Showerman. New York: The Machmillan CO, 1914.

OVID. *Metamorphoses*. Edited by T. E. Page, E. Capps, W. H. D. Rouse, L. A. Post, E. H. Warmington. With an English translation by Frank Justus Miller. London: William Heinemann LTD, 1958. Vol II.

OVIDE. *L'art d'aimer*. Texte établi et traduit par Henri Bornecque. Paris: Belles Lettres, 1951.

OVÍDIO. *Amores & Arte de amar*. Tradução, introduções e notas Carlos Ascenso André; prefácio e apêndices Peter Green. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Trad. Paulo Farmhouse Alberto. 3ª Ed. Lisboa: Livros Cotovia, 2014.

PAPAVERO, N; VIARO, M. E. *O “zebro”*: Considerações históricas, sua identificação e distribuição geográfica, origem da palavra “zebra” e considerações sobre etimologia. São Paulo: NEHiLP/FFLCH/USP, 2014.  
<[http://www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp/NEHiLP\\_6.pdf](http://www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp/NEHiLP_6.pdf)> data de acesso: 02 de novembro de 2015.

PUTNAM, M. *Virgil's poem of the earth: studies in the “Georgics”*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1979.

REZENDE, A. M. *Rompendo o silêncio: a construção do discurso oratório em Quintiliano*. 1. ed. Belo Horizonte: Crisálida, 2010.

SANTOS, M. J. dos. *Os pré-socráticos*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011.

SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo dicionário latino-português*. 12ª ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006.

SELLAR, W. Y. *The Roman Poets of the Augustan Age: Virgil*. 3<sup>rd</sup>. edition. Oxford: Clarendon Press, 1908.

SHARROCK, A. *Seduction and repetition in Ovid's "Ars amatoria" 2*. Oxford: Clarendon Press, 1994.

SOZIM, R. J. P VERGILII MARONIS GEORGICON - LIBER III. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 26, n. 1, p. 217-250, 2004.

SOZIM, R. J. P VERGILII MARONIS GEORGICON - LIBER IV. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 29, n. 1, p. 193-228, 2007.

SPINELLI, M. Lucrécio e Virgílio – as várias faces de Vênus: musa, genitora e vulgívaga. *Hypnos*, São Paulo, número 23, 2º semestre 2009, p. 258-277.

TOOHEY, P. *Epic lessons: an introduction to ancient didactic poetry*. Londres/New York: Routledge, 1996.

TREVIZAM, M. Mal e violência nas “Geórgicas” de Virgílio. In: de OLIVEIRA, F.; SILVA, M. F.; BARBOSA, T. V. R. (org.). *Violência e transgressão: uma trajetória da humanidade*. 1ª. edição. Coimbra/São Paulo: Universidade de Coimbra/Annablume, 2014a, p. 189-229.

TREVIZAM, M. *Poesia didática: Virgílio, Ovídio e Lucrécio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014b.

TREVIZAM, M. Relatos da peste em Virgílio, “Geórgicas” III, e Lucrécio, “De Rerum Natura” VI. *Humanitas*, Coimbra, vol. 66, p. 167-188, 2014c.

TREVIZAM, M. Virgílio leitor de Varrão: a apropriação crítica do legado varroniano nas “Geórgicas”. *Phaos*, Campinas, vol. IX, p. 81-96, 2009.

TREVIZAM, M. Semelhanças e diferenças no tratamento do tema amoroso por Lucrécio (“De Rerum Natura”) e Ovídio (“Ars amatoria”). *Ágora*, Aveiro, v. 17, p. 229-261, 2015.

VIRGIL. *Georgics*. Edited by Richard F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. Vol. II.

VIRGÍLIO. *Geórgicas I*. Trad. Matheus Trevizam e António Feliciano de Castilho. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

VIRGÍLIO. *Géorgiques*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1956.

VIRGÍLIO. *The Georgics*. Translated by L. P. Wilkinson. London/New York: Penguin Books, 1982.

VOLK, K. *The poetics of Latin didactic: Lucretius, Vergil, Ovid, Manilius*. New York: Oxford University Press, 2002.

WILKINSON, L. P. Pindar and the proem to the third “Georgic”. In: VOLK, K. (ed.). *Vergil’s Georgics*. Oxford: Oxford University Press, 2008, p. 182-188. (Oxford Readings in Classical Studies.

WILKINSON, L. P. *The Georgics of Virgil: a critical survey*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

WOOLF, R. Pleasure and desire. In: WARREN, J (org.) *The Cambridge Companion to Epicureanism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.